

Retábulos na Arquidiocese de Braga



Francisco Lameira
Raúl Sampaio Lopes
José João Loureiro

PROMONTORIA MONOGRÁFICA HISTÓRIA DA ARTE

01 O retábulo em Portugal. Das origens ao declínio (impresso).
2005
Francisco Lameira

02 O retábulo da Companhia de Jesus em Portugal: 1619 - 1759
(impresso).
2006
Francisco Lameira

03 O retábulo no Algarve (impresso).
2007
Francisco Lameira

04 Retábulos nas Misericórdias Portuguesas (impresso).
2009
Francisco Lameira

05 Retábulos na Diocese de Beja (impresso).
2013
Francisco Lameira e José António Falcão

06 Retábulos nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
(impresso).
2014
Francisco Lameira e João Canha e Sá

07 Retábulos na Diocese de Setúbal (impresso).
2014
Francisco Lameira e Hélder Rodrigues

08 Retábulos na Diocese do Funchal (impresso).
2014
Francisco Lameira, Paulo Ladeira e Renato Freitas

09 Retábulos na Arquidiocese de Évora (impresso).
2015
Francisco Lameira e Artur Goulart

10 Retábulos na Diocese de Viana do Castelo (impresso).
2015
Francisco Lameira e Paulo Ladeira

11 Retábulos da Ordem dos Carmelitas Descalços (impresso).
2015
Francisco Lameira, José João Loureiro e
frei José Carlos Vechina

12 Retábulos no Estado de Goa (impresso).
2016
Francisco Lameira e Mónica Esteves Reis

13 Retábulos Relicários (impresso).
2016
Francisco Lameira, Carlos Evaristo e José João Loureiro

14 Retábulos na Diocese de Lamego (impresso).
2017
Francisco Lameira, Pedro Vasconcelos Cardoso e
José João Loureiro

15 Retábulos na Diocese de Leiria - Fátima (impresso).
2017
Francisco Lameira, José João Loureiro e
Virgolino Ferreira Jorge

PROMONTORIA MONOGRÁFICA HISTÓRIA DA ARTE

16 Retábulos em Minas Gerais (impresso).
2017
Francisco Lameira, Aziz José de Oliveira Pedrosa,
Alex Fernandes Bohrer e José João Loureiro

17 Retábulos no patriarcado de Lisboa (impresso).
2018
Francisco Lameira e José João Loureiro

18 Retábulos na Província do Norte. Baçaim, Damão e Diu
(impresso).
2019
Francisco Lameira e Mónica Esteves Reis

19 Retábulos nos Açores (impresso).
2020
Francisco Lameira, José Meco, José João Loureiro e
Marta Bretão

20 Retábulos no Mundo Português (impresso e em formato
eletrónico).
2020
Francisco Lameira

21 Retábulos no Pará e no Maranhão (em formato eletrónico).
2020
Francisco Lameira, Isabel Mayer Godinho Mendonça e
Renata Malcher de Araujo

22 Retábulos no Brasil Colonial (em formato eletrónico).
2020
Francisco Lameira, Mozart Bonazzi da Costa e
Martina del Rio João

23 Retábulos na Arquidiocese de Braga (em formato eletrónico).
2020
Francisco Lameira, Raúl Sampaio Lopes e
José João Loureiro

Retábulos na Arquidiocese de Braga

Francisco Lameira
Raúl Sampaio Lopes
José João Loureiro



EDIÇÃO

Departamento de Artes e Humanidades da Universidade do Algarve

DESIGN GRÁFICO

Martina del Rio João

EDIÇÃO DAS IMAGENS

Martina del Rio João

FOTOGRAFIA (Exceto as sinalizadas nas legendas).

Raúl Sampaio Lopes.

REVISÃO DE TEXTO

Martina del Rio João

TIRAGEM

Suporte eletrónico

ISBN: 978-989-9023-35-2

LOCALE ANO

Faro | 2020

APOIOS

Cabido da Sé, Câmara Municipal de Braga, Direção Regional de Cultura do Norte – Museu Alberto Sampaio, Confraria do Bom Jesus, Irmandade de Santa Cruz, Paróquia de Santo Adrião de Vizela, Santa Casa da Misericórdia de Braga.

CAPA: Braga. Retábulo da capela dos monges, no antigo convento dos Congregados. Foto José João Loureiro

CONTRACAPA: Braga. Igreja de São Paulo. Poremenor do retábulo de Nossa Senhora da Conceição. Foto Hélio Ramos

Índice

Editorial.....	7
Introdução.....	9
Caracterização socio-religiosa da arquidiocese de Braga.....	11
Retábulos na Arquidiocese de Braga	
Localização.....	26
Usos e funções.....	31
Iconografia.....	34
Encomenda.....	38
Tipologias e modelos compositivos.....	40
Periodização.....	44
Filiação.....	57
Materiais e técnicas.....	63
Produção artística.....	68
Catálogo de projetos de retábulos.....	149
Mapa de localização dos retábulos selecionados.....	154
Catálogo dos retábulos selecionados.....	155
Bibliografia.....	216



Mapa da cidade de Braga nos finais do século XVI
 Fonte Domínio público, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=879004>



Vizela. Igreja paroquial de São Miguel. Pormenor do retábulo das Almas.
Foto José Bernardo Carvalho.

Editorial

O Departamento de Artes e Humanidades da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve assume a publicação, em suporte eletrónico, do volume 23 da coleção Promontoria Monográfica História da Arte, que se dedica exclusivamente ao estudo dos retábulos no Mundo português.

O presente volume, com o título *Retábulos na Arquidiocese de Braga*, debruça-se sobre o vasto e valioso património retabular ainda subsistente nesta arquidiocese, onde se incluem alguns exemplares da maior relevância a nível nacional.

Para além da região em análise integrar um dos principais centros produtivos nacionais (a então Província de Entre Douro e Minho), é de realçar que durante pouco mais de duas décadas, concretamente a partir de cerca de 1750, evidencia-se nesta arquidiocese e nalgumas localidades vizinhas a obra dos dois melhores intérpretes do Rococó em Portugal: André Soares da Silva e o beneditino frei José de Santo António Vilaça.

Ao editar mais este número da coleção, a Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve pretende dar o seu contributo, não só no estudo e na preservação dos valores patrimoniais em análise, mas também na sua divulgação.

Por fim, felicitamos os três investigadores que prepararam a presente publicação: Francisco Lameira, docente na Universidade do Algarve e coordenador desta coleção; José João Loureiro, investigador e Raúl Sampaio Lopes, natural de Fafe, professor e investigador, doutorado na Universidade de Paris com uma tese sobre o Rococó Minhoto.

Prof. Doutor Nuno Ferreira Bicho

Diretor da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve



Braga. Igreja de São Paulo. Retábulo de Nossa Senhora dos Prazeres.
Foto Hélio Ramos

Introdução

Tendo em conta que os retábulos enquadravam a mesa do altar, eram entendidos pelos responsáveis religiosos como um local sagrado, como se verifica com alguma regularidade na documentação da época, nomeadamente num edital de 25 de janeiro de 1785, em que o bispo do Pará e mais tarde arcebispo de Braga, D. frei Caetano Brandão refere: *nós podemos dizer com segurança que a Divindade habita corporalmente sobre os nossos altares*¹. Durante séculos decorreram nos retábulos os principais eventos litúrgicos promovidos nos espaços onde se localizavam.

Na fase de maior esplendor, isto é, no Antigo Regime, assistimos com alguma frequência à substituição de um retábulo por um outro, não tanto pelo seu estado de conservação, mas sobretudo por motivações de ordem estética, pretendendo-se um exemplar mais atualizado, isto é, *ao moderno*. Assim, se compreende a constante renovação ocorrida na maioria dos retábulos desta arquidiocese, sacrificando-se ainda em finais do século XVIII muitos exemplares de épocas anteriores. Aponta-se como exemplo paradigmático a destruição do grandioso retábulo quinhentista, de pedra de Ançã, da capela-mor da sé de Braga, por ordem do arcebispo D. Gaspar de Bragança.

O património retabular remanescente no território correspondente à atual arquidiocese de Braga é constituído por um significativo acervo, subsistindo ainda muitos espécimes de grande relevância artística, executados maioritariamente por profissionais sedeados na região de Entre Douro e Minho.

À semelhança da maioria dos volumes anteriores, este estudo compõe-se fundamentalmente de duas partes. Na primeira, depois de um capítulo inicial onde se caracteriza em termos socio-religiosos a arquidiocese de Braga, apresenta-se uma abordagem específica aos retábulos subsistentes na região em análise. Os pressupostos utilizados correspondem aos que normalmente utilizamos, a saber: localização, usos e funções, iconografia, encomenda, tipologias e modelos compositivos, periodização, filiação artística, materiais e técnicas e produção. Na segunda parte surge um catálogo ilustrado com fotografias, maioritariamente a cores, de sessenta retábulos acompanhados da respetiva abordagem crítica. A seleção dos exemplares recenseados neste catálogo teve em conta diversos critérios. Em termos geográficos abordam-se exemplares

¹ E. OLIVEIRA, 2012, p. 38.

de praticamente todas as vigararias, privilegiando-se os principais centros urbanos. Em relação à cronologia houve a preocupação de testemunhar as diversas conjunturas artísticas, dando maior relevo aos séculos XVII e XVIII, época em que subsiste o maior número de retábulos. No respeitante à sua qualidade, foi dada preferência não só aos exemplares mais representativos da diversidade funcional e morfológica, mas também aos que denotam algumas especificidades. Finalmente, atendeu-se ao estado de conservação, preferindo-se, sempre que possível, os retábulos íntegros, isto é, os que não foram remodelados em intervenções posteriores ou adulterados por restauros recentes.

Resta, por fim, agradecer o empenhamento e a colaboração dos responsáveis dos diversos templos, públicos ou privados, que nos facultaram material de apoio e o levantamento fotográfico de retábulos, nomeadamente o Cabido da Sé, a Câmara Municipal de Braga, a Confraria do Bom Jesus, a Irmandade de Santa Cruz, a Santa Casa da Misericórdia de Braga, a Direção Regional de Cultura do Norte - Museu Alberto Sampaio, etc.

Registamos ainda o importante contributo de todos aqueles que gentilmente nos cederam diversas informações ao longo de vários anos, a seguir referenciadas por ordem alfabética: Ana Paula Figueiredo, António Pereira, António José Oliveira, Armando Palavras, Carla Queirós, Carlos Moura, Catarina Machado, Daniel Meireles, Eduardo Pires de Oliveira, Ernesto Português, Fausto Martins, padre Filipe Ferreira, Gerardo Esteves, Isabel Fernandes, Isabel Mendonça, José Bernardo Carvalho, José Bernardo Távora, José Carlos Vechina, José Carlos Meneses Rodrigues, Joaquim Inácio Caetano, José Manuel Tedim, Leonardo Rodrigues, Luís Alexandre Rodrigues, Manuel Brito, Manuel Joaquim Moreira da Rocha, Maria de Fátima Eusébio, Maria de Lurdes Rufino, Mariana Jacob, Martina del Rio João, Miguel Portela, Natália Marinho Ferreira Alves, Nelson Correia Borges, Nuno Falcão, Paula Cardona, Paulo Ladeira, Pedro Barbosa, Pedro Vasconcelos Cardoso, Rafael Moreira, Rui Mesquita Mendes, Virgolino Jorge e Vítor Serrão.

Caracterização socio-religiosa da arquidiocese de Braga

Evolução dos limites da diocese: da desmesura à atualidade

A crer nos dados que a sua administração fornece, a arquidiocese de Braga é hoje constituída por quinhentas e cinquenta e uma paróquias agrupadas em catorze arceprestados (Amares, Barcelos, Braga, Cabeceiras de Basto, Celorico de Basto, Esposende, Fafe, Guimarães e Vizela, Póvoa de Lanhoso, Terras de Bouro, Vieira do Minho, Vila do Conde/Póvoa de Varzim, Vila Nova de Famalicão, Vila Verde), servindo aproximadamente 850 000 habitantes². Tem por sufragâneas as dioceses de Aveiro, Bragança-Miranda, Coimbra, Lamego, Porto, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu.

Mas a realidade atual está longe de refletir o peso que a arquidiocese teve geográfica e historicamente no Norte do país, tanto em termos religiosos como artísticos. E a história da arquidiocese de Braga tem muito da famosa pele de onagro do romance de Balzac porque é de facto a história de um território, com uma existência muito anterior à formação do país, que chegou a abranger a certo momento da sua história grande parte da atual Região Norte. Progressivamente foi perdendo o protagonismo histórico, a centralidade política e a aura cultural, acabando por ser geograficamente reduzida ao tamanho do atual distrito de Braga, em consequência de decisões políticas que, de maneira acelerada nos tempos modernos e sobretudo a partir dos fins do século XVIII, procuraram diminuir a influência do poder religioso que estava na base do poder político dos seus arcebispos, também senhores de Braga até à morte de D. Gaspar de Bragança em 1789 e à extinção daquele senhorio em 1790.

Assim, a última redução que sofreu a arquidiocese tem pouco mais de meio século, tendo-lhe sido amputado o território do atual distrito de Viana em consequência da criação, em 1977, da diocese homónima e pouco mais de outro meio século tinha então passado desde a criação da diocese de Vila Real em 1922, subtraindo-lhe o território do distrito de Vila Real³. Mas já em 1545 tinha sido reduzido o território da arquidiocese com a criação da diocese de Miranda do Douro pelo Papa Paulo III a pedido do Rei D. João III, constituída pelos arceprestados de Miranda do Douro, Bragança, Lampaças, Mirandela e Monforte. Já com o nome de di-

² Ver <http://www.diocese-braga.pt/paroquias> e <http://www.diocese-braga.pt/arciprestados>, consulta 09-07-2019.

³ Ver os artigos “Arcebispo de Braga (território)” e “Arcebispo de Braga (organização)” in CAPELA, 2003, p. 574, corrigindo a data de 1987 por 1977 (ver <http://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dvdcp.html> ou <http://www.diocesedeviana.pt/diocese/historia/nascimento/>, consulta 09-07-2019, para a data exata).

ocese de Bragança-Miranda e com sede em Bragança, recuperaria também, mas muito mais tarde, em 1881, o vicariato de Moncorvo no âmbito do reajustamento territorial das dioceses portuguesas⁴.

Ao longo da sua história, algumas, embora raras, alterações ocorreram também em sentido contrário e foi assim que, em 1472, o *Arceidiago de Olivença* (incluindo as vilas de Olivença, de Campo Maior e Ouguela) foi desanexado do Bispado de Ceuta e integrado na arquidiocese de Braga, sendo trocado poucos anos depois, em 1512, pela região de Entre Minho e Lima, que correspondia à comarca de Valença e dependera, até ao século XVI, sucessivamente de Tui (até cerca de 1381-1386), Valença e Ceuta⁵.

Antiguidade e prestígio, arquidiocese e senhorio

No entanto, é necessário recuar muito mais para perceber completamente a aura de prestígio que reclamaram constantemente os arcebispos que se sucederam ao longo dos séculos e não hesitaram nunca em proclamar a primazia da Igreja bracarense na Península ibérica⁶. Assim, já Estrabão e Ptolomeu referem a presença de povos de presumível origem Galo-Céltica que eles denominam de *Bracaros* no território em volta da atual cidade de Braga; a vila de Bracara Augusta já terá sido fundado em 27 A. C., sob o reino do imperador Augusto (63 A. C.-14 D. C.), ao crer na epigrafia mais remota, latinizando provavelmente um topónimo já existente que deverá ter descrito uma rede de castros disseminada pelas pequenas elevações circundantes; e já terá sido elevada a capital da província da *Gallaecia* por Caracala (188-217), depois de ter sido inicialmente sede de um dos *conventus Terraconensis*⁷.

A própria diocese de Braga terá sido presumivelmente criada no século III. Incumbido pela Academia Real de História, da qual foi um dos fundadores, de compor em português a História do Arcebispado de Braga, D. Jerónimo Contador de Argote (1676-1749)⁸, transmite ainda a tradição segundo a qual o primeiro bispo de Braga foi S. Pedro de Rates, suposto companheiro de S. Tiago na evangelização da Península, mas du-

4 Ver <http://www.diocesebm.pt/historiadiocese>, consulta 09-07-2019. Ver também SARAIVA, 1872, 1, p. 43.

5 Ver os artigos “Arcebispado de Braga (território)” in CAPELA, 2003, p. 574 e BESSA, 2011, p. 67, nota 32. Ver também Saraiva 1872, pp. 56-59.

6 Proclamação que valeu a D. Maurício Burdino (†1137), futuro Antipapa Gregório VIII, ser repreendido pelo Papa Pascoal II (1055-1118).

7 BANDEIRA, 1993, p. 133.

8 Para uma síntese crítica sobre a obra de D. Jerónimo Contador de Argote, ver o artigo “Argote, D. Jerónimo Contador de (1676-1749)” in CAPELA, 2003, pp. 578-579.

vida da data da sua morte, pensando poder situá-la no tempo das perseguições de Nero, por volta de 64, assim como da sua origem, supostamente francesa, da cidade de Limoges⁹. Tal tradição fora também propagada por D. Rodrigo da Cunha¹⁰ e está na base do controverso título de “Primaz das Espanhas”. Mas não existem na verdade documentos coevos para confirmar a existência de S. Pedro de Rates e o primeiro bispo de Braga, de que se tem notícia em documentos do seu tempo, é Paterno, eleito pelos Priscilianistas em 388 ou 389 e confirmado em 400 pelo Primeiro concílio de Toledo, precisamente por ter abjurado livremente o Priscilianismo¹¹.

O mesmo D. Rodrigo da Cunha lembra, com algum otimismo, que *enquanto durou a Coroa e Reino dos Suevos em Portugal e Galiza, conservou Braga a grandeza que tinha, servindo de Corte aos Reis Suevos*¹². Os Suevos mantiveram um reino no noroeste da Península Ibérica entre 411 e 585, mas os historiadores atuais pensam pelo contrário que a corte sueva era *avessa aos ambientes citadinos* e permanecia em Dume grande parte do seu tempo, pelo menos nos meados do século VI, o que explica a importância da basílica de Dume, fundada por São Martinho de Dume (†580) e que parece ter servido como capela palatina¹³. D. Rodrigo da Cunha recorda que o rei Requiário (rei de 448 a 456, ano da sua morte), neto do primeiro rei suevo da Galiza, se converteu¹⁴ mas admite que *durou pouco nos vassallos o espirito e fervor católico porque com a morte e mudança do príncipe a fizeram também na fé e os Reis que depois sucederam no estado dos Suevos, assim aborreceram e perseguiram a Religião Católica e ministros dela*¹⁵. Contador de Argote supõe que, nos tempos dos Romanos, a *Província de Galiza e Metrópole Bracarense tinha ao menos treze ou quatorze cidades sufragâneas, das quais só sabemos os nomes das seguintes: Astorga, Lugo, Lemica, Celenas, Leão*¹⁶, mas que *depois da entrada dos Suevos e demais nações bárbaras e inteira expulsão dos Romanos, se não ficou com menos extensão, recuperando no lado do meio dia o que perdera a Leste, contudo parece ficou com muito menos sufragâneos do que tinha antes, em razão sem*

⁹ ARGOTE, 1747, I, pp. 11-16 e 30-64.

¹⁰ CUNHA, 1634, pp. 67-97.

¹¹ COSTA, 1999, p. 353. Estas datas atualizam as de 392 ou 393, dadas por Contador de Argote, que diz Paterno falecido em 407 (Argote, 1747, Tomo primeiro, pp. 79-80, 164-169 e sobretudo pp. 168-169).

¹² CUNHA, 1634, p. 23.

¹³ MACIEL, 1995, pp. 128-131.

¹⁴ Segundo Contador de Argote, que escreve “Recciaro” o seu nome e o diz degolado em 456, já era católico antes de ser rei e foi o primeiro rei bárbaro a tornar-se católico e a permanecer tal (ARGOTE, 1747, pp. 368-373).

¹⁵ CUNHA, 1634, p. 24.

¹⁶ ARGOTE, 1734, pp. 660-661.

duvida da grande destruição que fizeram os Bárbaros no país, deduzindo das atas do primeiro concílio bracarense que só restavam seis dioceses sufragâneas (omitindo o mosteiro de Dume, que era um bispado em si), com quatro apenas conhecidas pelo nome: Coimbra, Lugo, Astorga e Iria Flávia (Padrón)¹⁷. De facto, os primeiros concílios de Braga têm lugar em 561-563 e 572, sendo São Martinho de Dume (†579) ainda bispo de Dume no primeiro (era o desde 556), já bispo de Braga no segundo, e as atas deste nos ensinando, pela presença dos respetivos bispos, que eram então sufragâneas da diocese de Braga, além das quatro já citadas no primeiro concílio, as dioceses de Viseu, Idanha, Lamego, Magalona, Tui e Britonia (Mondoñedo)¹⁸.

O reino suevo cai perante os Visigodos em 585¹⁹ mas guarda uma certa autonomia, Braga e Tui alternando para acolher os poderosos e não deixa a diocese de ter bispos consagrados pela história, como São Frutuoso (†665), que se torna bispo de Braga em 656 e funda numerosos mosteiros e conventos em Portugal e na Galiza, ao ponto de receber, segundo D. Rodrigo da Cunha, a alcunha de *Príncipe da vida monástica* entre as igrejas de Espanha²⁰. Ainda hoje, Justino Maciel não hesita em qualificá-lo de *personagem mais marcante na Galécia e na Lusitânia do século VII*²¹. E é a este bispo que está ligada a fundação de um dos raros monumentos daquele tempo na região a chegar até aos nossos dias: a igreja/mausoléu cruciforme de São Frutuoso de Montélios, sobrevivente do que terá sido *o esplendor de uma arquitetura desaparecida*²², mesmo se, como adverte Justino Maciel, *devemos olhar estes monumentos de modo dinâmico e não estático, como organismos vivos que foram crescendo e se transformando de acordo com os gostos e as possibilidades das épocas às quais sobreviveram, mas mantendo sempre uma certa identidade com as suas origens, mesmo considerando estas num sentido lato*²³.

À luz desta observação, mas também tendo em conta as influências ravenaico-bizantinas e toledano-hispânicas (Toledo pode ser considerada

17 ARGOTE, 1734, p. 661.

18 Para uma longa análise do primeiro concílio, ver ARGOTE, 1747, p. 456-642, mais crítico que CUNHA, 1634, pp. 39-49, que pensa ele ser o segundo e não o primeiro. Este último autor dá uma descrição do segundo concílio (que pensa ser o terceiro) in CUNHA, 1634, pp. 49-56, assim como narra uma vida de S. Martinho de Dume in ibidem, p. 303-328. A data da morte de São Martinho era tradicionalmente tida por 580, mas os autores contemporâneos apontam para 579 (MACIEL 1995, p. 131).

19 SARAIVA, 1872, p. 13, confirmado por MACIEL, 1995, p. 131.

20 CUNHA, 1634, p. 392. Não podia deixar este autor de se alongar sobre este bispo santo, consagrando-lhe quase quarenta páginas (CUNHA, 1634, pp. 357-394). São Frutuoso foi bispo de Dume desde 653 (COSTA 1999, p. 354).

21 MACIEL, 1995, p. 132.

22 A expressão é de MACIEL, 1995, p. 136. Sobre a igreja/mausoléu de Montélios ver MACIEL, 1995, p. 135.

23 MACIEL, 1995, p. 144.

a capital do reino visigótico desde meados do século VI) que o mesmo historiador atribui ao monumento²⁴, pode-se desde já identificar uma constante da arte da arquidiocese de Braga e constatar que ela está presente desde um tempo muito antigo: impulsionada pela inscrição necessariamente internacional dos seus senhores católicos, há na arte da arquidiocese uma capacidade de captação, de adoção ou por vezes de assimilação de correntes exteriores num tempo relativamente breve que é ao mesmo tempo a sua força e a sua fraqueza. De facto, por exemplo e para ficar pela área que aqui nos interessa, a sua capacidade constante para renovar o mobiliário artístico segundo critérios de atualidade de gosto, aproximando-se dos paradigmas dominantes da Europa ocidental, implicou durante séculos a destruição de tudo aquilo que se pudera substituir. Esta situação ocorreu, por exemplo, quando o retábulo-mor da sé de Braga, de pedra de Ançã, mandado construir nos princípios do século XVI por D. Diogo de Sousa (1505-1532), foi voluntariamente destruído nos finais de Setecentos, quando os retábulos mandados executar por D. Rodrigo de Moura Teles (1703-1728) foram quase todos substituídos pela ação de D. Gaspar de Bragança (1758-1789) e quando as transformações que este mandara fazer foram apagadas pelos restauros da DGEMN a partir de 1925²⁵!

Com a chegada dos muçulmanos, a partir de 715, segue-se um longo período de instabilidade, conquistas e reconquistas, que só acaba no século XI, com a vitória definitiva dos cristãos²⁶. O Bispo Odoário (†786), exilado em Lugo, reapropria então o seu domínio espiritual e converte as terras em propriedade da Igreja, reconhecida mais tarde por D. Henrique (1066-1112), fundador do *Condado Portucalense*, ao doar o senhorio de Braga ao seu Arcebispo D. Maurício (†1137) e confirmada pelo seu filho D. Afonso Henriques (†1185)²⁷. Alguns anos antes, em 1089, o Bispo D. Pedro (1070 a 1091) consagrara a Catedral, dando nascimento à Braga medieval²⁸.

Graças à ação de São Geraldo (†1108), monge beneditino de origem francesa que fora chantre da Sé de Toledo antes de se tornar arcebispo de Braga em 1099, o Papa Pascoal II devolve a Braga a dignidade metropolí-

²⁴ MACIEL, 1995, pp. 135-136.

²⁵ Ver E. OLIVEIRA, 2004, pp. 13-114. Se é importante notar que os restauros da DGEMN foram da vontade do Estado e não da administração religiosa (que até se tentou opor a certas modificações), foi o carácter de “edifício mítico” da catedral de Braga que os motivou (E. OLIVEIRA, 2004, p. 27).

²⁶ No tempo da invasão muçulmana os prelados de Braga foram puramente titulares, sem governo nem administração da Igreja (ver CÔRREIA, 1830, p. 15).

²⁷ BANDEIRA, 1993, p. 135.

²⁸ BANDEIRA, 1993, p. 135.

tica, em 1100, e, em 1103, confirma como sufragâneas as dioceses de Porto, Coimbra, Lamego e Viseu, atualmente em território português e as dioceses de Astorga, Lugo, Mondonhede, Ourense e Tui²⁹, hoje em território espanhol, que deixaram de prestar obediência a Braga nos fins do século XIII, pertencendo então aos reinos de Leão e Castela³⁰.

O Senhorio de Braga pode desde logo ser descrito como *uma entidade territorial cuja história se confunde com [a] origem de Portugal e cuja criação faz parte do processo de independência encetado pela Igreja Bracarense fundamentado nos seus direitos ancestrais de primazia das Hespanhas e que remontam ao longínquo período de cristianização da Península romana*³¹. Como senhorio eclesiástico, o de Braga não estava sujeito à correição régia e constituía *um caso impar quanto ao âmbito dos poderes senhoriais, pois os bispos tinham aí todos os direitos reais de jurisdição*³², direitos que lhes seriam particularmente contestados nos anos 1402-1473 em que a Coroa se assenhoreou do arcebispado, antes de ser reposta a ordem tradicional³³ e que explicam também que o senhorio de Braga corresponda cada vez menos com o tempo aos limites da arquidiocese.

Assim, do ponto de vista jurídico ou mais precisamente da jurisdição civil, a arquidiocese de Braga passou a ser uma entidade bastante complexa. Por exemplo, em 1758, a província de Entre-Douro-e-Minho, que correspondia mais ou menos à sua extensão, era constituída pelas comarcas régias de Viana, Guimarães, Penafiel e Porto e pelas ouvidorias donatárias ou senhoriais de Valença (Casa do Infantado), Barcelos (Casa de Bragança) e, claro, Braga (Igreja e Arcebispo de Braga), transformadas em comarcas em 1790/1792³⁴. Do ponto de vista da jurisdição religiosa, a arquidiocese estava dividida nas comarcas eclesiásticas de Braga, de Chaves, de Torre de Moncorvo, de Valença e de Vila Real³⁵. É de fácil perceção que a administração religiosa oferecia uma unidade maior e de mais fácil identificação ao conjunto das populações que tinha sob a sua dependência nos atuais territórios do distrito e da arquidiocese de Braga, hoje (quase) confundidos. E foi essa vantagem que o Liberalismo aboliu quando sagazmente definiu em 1835 como distrito de Braga aquilo que cor-

29 D. Rodrigo da Cunha enaltece a ação de São Giraldo, dedicando-lhe umas vinte páginas da segunda parte do seu livro (CUNHA, 1635, pp. 2-28, mais precisamente pp. 8-10 quanto às idas a Roma de São Giraldo).

30 BANDEIRA, 1993, p. 171.

31 BANDEIRA, 1993, p. 171.

32 BANDEIRA, 1993, p. 172, citando A. M. Hespanha.

33 BANDEIRA, 1993, p. 173.

34 CAPELA, 2003, p. 591.

35 CAPELA, 2003, p. 592.

responde praticamente à atual arquidiocese de Braga, integrando todo ou em parte as comarcas de Barcelos, Braga, Viana e Guimarães³⁶.

Sobre alguma correlação entre os limites da arquidiocese e as expressões artísticas na mesma

A época que segue a ação de São Geraldo, a do românico (em termos de história da arte), fornece um interessante exemplo das consequências que podem ter estes aspetos territoriais e administrativos para a arte local, sublinhando a relação por vezes direta entre a pertença administrativa de um dado território e a arte que nele nasce. Assim, a zona delimitada pelos rios Minho e Lima, a que hoje continuamos de chamar Alto Minho, esteve integrada até c. 1381-1386 no bispado de Tui e torna-se oportuno lembrar, como faz Paula Bessa, quanto *as diferentes fases de obras românicas na catedral de Tui exerceram relevante influência nas construções que por então se fizeram no Alto Minho*³⁷ ou recordar como, nos tempos do românico português, *a Ribeira Lima apresenta-se frequentemente como zona de influências quer do românico do Alto Minho, quer do românico de Braga-Rates*³⁸, tendo este irradiado fortemente por todo o vastíssimo território da arquidiocese de Braga (muito mais amplo que hoje, porque incluía ainda completamente Trás-os-Montes) a partir dos estaleiros da igreja de São Pedro de Rates e da igreja catedral de Braga³⁹. Não restam vestígios de retábulos anteriores ao século XV, mas pode-se conjecturar que a distribuição das influências artísticas nestas zonas teria sido semelhante nesse domínio. Verifica-se assim pelo menos desde a Idade Média tardia a existência de inflexões locais no modo de fazer arquitetura (e certamente no modo de praticar outras artes) ligadas a diferentes arquidioceses, com alguma influência a extravasar dos limites territoriais.

Os arcebispos tinham o poder suficiente para impor diretamente os seus gostos em termos artísticos e temos algumas notícias de tais procedimentos. Se não parece muito anormal o arcebispo intervir na sacristia da sé, como fez D. Gaspar em 1779 (ver p. 210), já é mais significativo vê-lo exigir novas *plantas e apontamentos* para uma igreja de Guimarães, como fez D. José de Bragança em 1746 no antigo convento do Carmo (ver p.189). Mas as coisas aconteciam também muitas vezes de maneira mais difusa com patrocinadores a tentar imitar o que viam mandar fazer o Arcebispo. Como exemplo particularmente explícito, po-



Guimarães. Igreja do Carmo.
Pormenor do retábulo colateral.
Foto Raúl Sampaio Lopes

36 CAPELA, 2003, p. 592.

37 BESSA, 2011, pp. 57-94, p. 59.

38 BESSA, 2011, p. 63.

39 BESSA, 2011, pp. 65-66.

demos dar este do pároco da igreja de Gondar (Guimarães) que, em 1751, descreve da seguinte maneira o retábulo colateral que mandou fazer, com o objetivo de agradar ao Arcebispo: *tudo feito com grande perfeição por bom risco e imaginário perito que é hum José Alvares de Araújo, dessa cidade, de quem ouvi dizer que fazia algumas obras para Vossa Alteza Sereníssima*⁴⁰. Mas nem todos os administrados seguiam os gostos do seu arcebispo com tanta consciência de o fazer, pedindo por vezes apenas retábulos *feito[s] do modo que se agora costuma entalb[ar]*⁴¹. Tais efeitos de moda talvez bastem para explicar, por exemplo, que o apreço pelo estilo de André Soares se tenha prolongado para lá da morte de D. José de Bragança (†1756), que até parece ter deixado de o apoiar nos derradeiros anos⁴². Mas não devemos também descartar a hipótese dos seus patrocinadores terem sido capazes de um apreço genuíno e independente pelas suas obras, nem minimizar a carga de desejo(s) que elas são capazes de suscitar por si só, como o são geralmente as grandes obras de arte. Aliás, não nos podemos esquecer que os próprios arcebispos não estavam assim tão livres dos seus gostos e que tinham uma espécie de dever em se mostrar mais modernos que qualquer dos seus administrados e em acaparar o que de melhor se fazia à sua volta, condição intrínseca do seu próprio prestígio cultural, que parece ter escapado a alguém tão notável sobre muitos outros aspetos como D. frei Caetano Brandão (1740-1805). A irónica descrição que faz José Inácio Peixoto dos novos retábulos da sé de Braga após as obras mandadas fazer por D. José de Bragança parece espelhar este aspeto, como sublinha, ao mesmo tempo, a independência de quem faz tal juízo: *No corpo [da Sé] se mudou toda a composição e altares com novos retábulos e pinturas, menos ricos que os antigos dourados e mais pobres, mas modernos*⁴³.

Mas nem sempre esta correlação entre limites administrativos e modos de fazer arte se verifica completamente e, no momento de maior independência e criatividade dos artistas da arquidiocese de Braga (entende-se nos limites atuais), o século XVIII, pelo menos com base nos vestígios que nos restam, constata-se ao mesmo tempo a existência de numerosos “produtos importados”, pelo menos ao nível da conceção, que mostram a influência dos artistas de Viana, do Porto, de Coimbra ou de Lis-

40 E. OLIVEIRA, 2011, 2, p. 554.

41 E. OLIVEIRA, 2001, p. 48.

42 Não só não temos provas documentais do apoio de D. José de Bragança a André Soares, que apenas podemos deduzir de algumas obras, por vezes atribuídas, mas Pires de Oliveira descobriu que o Arcebispo tinha como arquiteto ao seu serviço em 1755 não André Soares mas Frei Luís de São José (E. OLIVEIRA, 2011, 1, pp. 69-70, 113-114, 140, 364 e 3, pp. 335-336)!

43 PEIXOTO, 1992, p. 74.

boa (ver o item 7. *Filiação* para exemplos concretos) e uma expansão da influência da arte da arquidiocese fora dos seus limites geográficos, nas dioceses do Porto, de Lamego ou de Vila Real, que lhe são certo sufragâneas, mas também em algumas partes do Brasil ou na diocese espanhola de Tui, administrativamente independentes da arquidiocese de Braga. Passamos a dar alguns exemplos.

Assim, são numerosos os retábulos que se podem aproximar da provável maneira de compor do jovem Carlos Amarante na diocese de Vila Real⁴⁴, mas esta era então parte integrante da de Braga e alguns podem ser diretamente relacionados com o arcebispo D. Gaspar de Bragança, como os do santuário do Senhor de Perafita (Vila Real, Alijó, Vila Verde) de 1777-1779, cuja igreja ostenta o seu brasão⁴⁵. O retábulo principal de Nossa Senhora dos Remédios de Lamego transporta a influência artística de Braga para aquela diocese, porque foi desenhado pelo monge beneditino Frei José Vilaça⁴⁶, então ativo em Tibães, mas parecem ser contactos individuais que estão na origem da encomenda⁴⁷, se não foi inspirada pela própria rede beneditina, obviamente independente dos limites administrativos das várias dioceses, como aconteceu em inúmeros casos da diocese do Porto. O mesmo se poderá conjecturar sobre o desaparecido retábulo de Vila Nova de Gaia, concebido por André Soares e executado por André António da Cunha⁴⁸, que também deve ter alguma explicação nas próprias redes de amizade dos irmãos Soares e que talvez teve alguma contrapartida em encomenda a algum riscador do Porto para certo retábulo hoje desaparecido da igreja de São Domingos de Guimarães⁴⁹.

Mais curiosos são os exemplos de Tui e do Brasil. O cordão umbilical que liga o Minho a certas regiões da colónia sul-americana, com uma emigração importante e prolongada, já foi estudado e sublinhado por vários historiadores. Laços familiares ou a origem geográfica explicam muitas vezes a presença de algumas obras com características muito próxi-

44 Ver LOPES, 2014, pp. 384-472.

45 Ver LOPES, 2014, p. 397 para a ligação com a obra de Carlos Amarante. Os dados sobre a construção do santuário encontram-se em FERREIRA ALVES, 1987.

46 LAMEIRA, CARDOSO e LOUREIRO, 2017, pp. 130-131.

47 Ver LOPES, 2014, vol. II, pp. 87-88.

48 E. OLIVEIRA, 1996, p. 73. Smith já referira este retábulo (SMITH, 1973, pp. 46 e 62, nota 107), baseando-se em António Moutinho Mourão, «Uma Obra Perdida de André Soares Que Existiu no Porto», *Museu*, n.º 15, Janeiro-Dezembro, 1972. O retábulo foi destruído em 1830 (E. OLIVEIRA, 2011, 1, p. 407).

49 Baseando-se nomeadamente em algumas relações formais entre um dos retábulos desaparecidos de São Domingos e os retábulos colaterais da igreja de Vila Nova de Gaia, Sampaio Lopes conjectura uma possível autoria conceptual de Frei Manuel de Jesus Maria (act. 1760-1773), que se sabe ter desenhado o retábulo principal da igreja de São Nicolau no Porto em 1760 e talvez o da igreja de Santa Marinha, precisamente em Vila Nova de Gaia, onde supervisava as obras por volta de 1766 (ver LOPES, 2014, 1, pp. 516-517 e 2, p. 258).

mas das dos artistas da arquidiocese de Braga, com uma influência das dependências administrativas já muito diluída, senão inexistente. Um exemplo importante é o de D. António Malheiro Reimão, que patrocina pouco antes de 1769 o retábulo da capela das relíquias, no antigo mosteiro de São Bento de Rio de Janeiro, cuja conceção tem muita probabilidade de ser de André Soares⁵⁰, como o parece ser a do retábulo encomendado para a capela privativa da Casa Malheiro Reimão de Viana do Castelo⁵¹. Se eventualmente se pode considerar que o prestígio alcançado por André Soares em Braga sob a égide de D. José de Bragança explica esta última encomenda e logo a relaciona de certa maneira mas já bastante indiretamente com o poder do arcebispo, já a segunda encomenda terá mais a ver com a satisfação dada pelo artista em Viana ou seja com a relação estabelecida entre o encomendador (ou os seus representantes) e o artista. Da mesma maneira, a presença de um retábulo muito soaresco na igreja matriz de La Guardia (Galícia)⁵² não se pode explicar pelas dependências administrativas, mas devem entrar em conta contactos humanos que por ora não sabemos muito bem descrever precisamente.

A prosperidade, o dinheiro e o reinvestimento nas artes

Uma análise detalhada das Memórias paroquiais de 1758 permite descrever nas suas grandes tendências a economia agrária do atual distrito de Braga, formando uma imagem que deve ser válida desde a introdução do milho americano no século XV até pelo menos ao século XIX. Se, comparada com a de tempos mais recentes, ela se distinguiu pela grande diversidade dos recursos e dos produtos cultivados pelas comunidades rurais (diversidade que não preenchia todas as necessidades, mas permitia compensar em parte os baixos níveis de rendimentos ou as frequentes crises que afetavam a produção agrícola), era no entanto largamente dominada pela cultura cerealífera, sendo o milho grosso ou mais o mais divulgado por três razões principais: pela grande adaptação ao clima atlântico, pelos importantes recursos em água da região, permitindo altas taxas de produtividade ultrapassando largamente as dos cereais mais tradicionais, como já constatara Manuel Severim de Faria (1583-1655); pela possibilidade de integração na rotação das culturas de inverno e de verão e de inserção no seu interior de outras culturas, como a do feijão ou

50 LAMEIRA, EVARISTO e LOUREIRO, 2016, pp. 226-227.

51 LAMEIRA e LADEIRA, 2015, pp. 120 e 121, que remete para a bibliografia específica.

52 FOLGAR DE LA CALLE, 2003, p. 488 e FOLGAR DE LA CALLE, 2006, pp. 381-382. Para uma discussão da atribuição, que deixa aliás a pergunta em aberto, ver LOPES, 2014, 1, pp. 339-341.

a da abóbora⁵³. A cultura da vinha de enforcado, que contribuía com a do milho a criar aquela imagem tão característica da região (que um dos párocos de Vila Nova de Famalicão qualifica significativamente de *muito alegre*), assume também nalgumas terras grande relevo, com uma produção abundante e de qualidade suficiente por vezes para a exportação exterior e regional, nomeadamente em Terras de Basto e nos melhores sítios de Barcelos, Famalicão, Vila Verde e Amares⁵⁴. Mas pode ser também interessante notar que a região de Amares se distinguiu particularmente pela importância económica do azeite e pela sua qualidade, assim como pela qualidade dos seus citrinos, podendo-se notar aqui a ação dos cistercienses em Bouro ou dos beneditinos em Rendufe⁵⁵, já que ambas as igrejas daqueles lugares se avantajam com notáveis decorações retabulares (ver p. 199).

Os registos alfandegários dão uma imagem que confirma a das *Memórias paroquiais*, descrevendo os principais produtos de exportação da região minhota no século XVIII, que são *os produtos agrícolas, os cereais, os vinhos e as aguardentes, os tabuados, alguns frutos, os produtos de economia doméstica e a reexportação dos produtos nacionais e coloniais*⁵⁶.

Ora, desde o século XIII, *o décimo de todos os rendimentos e ganhos de propriedades e atividades de cristãos e até judeus e mouros” (ou seja, os dízimos eclesiásticos) eram revertidos à Igreja*⁵⁷, para a qual constituíam no caso de certos grupos (Mitra e Cabido da sé de Braga) por volta de 90 % dos rendimentos⁵⁸. Compreende-se assim o importante rendimento de que esta gozava, mas também como as bases económicas de sustentação do clero foram cortadas pela lei de Mouzinho da Silveira de 1832, extinguindo os dízimos⁵⁹.

Mas, se é verdade que estes dízimos eclesiásticos eram também muitas vezes o que permitira grande parte da ostentação da Igreja, o seu corte não explica por si só porque é que este catálogo de retábulos se mostra tão rico em exemplos anteriores a essa lei e tão pobre em exemplos posteriores, com um só exemplar de 1941 (ver catálogo 60). De facto, mui-



Rendufe. Igreja de Santo André.
Retábulo-mor.
Foto Joselolgon
URL: <https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt>

53 CAPELA, 2003, p. 601.

54 CAPELA, 2003, pp. 601-602.

55 CAPELA, 2003, p. 602.

56 CAPELA, 2005, p. 567.

57 CAPELA, 2005, p. 600.

58 CAPELA, 2005, p. 646.

59 ver José Viriato Capela, *A Revolução do Minho de 1846, os difíceis anos de implantação do Liberalismo*, Braga, Governo Civil de Braga, 1997, nomeadamente o capítulo As reformas política e a questão religiosa, pp. 135-164.

tos dos retábulos construídos não o foram diretamente com o rendimento da igreja, que afinal só correspondia (e muito teoricamente) a 10 % de todos os rendimentos e ganhos da população no seu todo, cuja faixa mais abastada não hesitou durante séculos a investir no prestígio que podia recair sobre ela ao patrocinar tais obras. Por outro lado, constatamos que os rendimentos da Igreja bracarense continuaram a crescer até pelo menos até aos anos 1820⁶⁰, mas isso não se repercute em nada no investimento artístico, que muito diminuía já com as próprias opções ideológicas de D. Frei Caetano Brandão, entre 1790 e 1805⁶¹. Considere-se, portanto o desaparecimento do exemplo incitativo da Igreja, mas também as crescentes autonomizações do sistema religioso e do sistema artístico a partir do século XIX, para falar em termos luhmanianos e alargar assim a análise ao nível cultural e não só socioeconómico.

Não é fácil avaliar os rendimentos da Igreja bracarense e é *ainda mais arriscado avaliar a sua distribuição e redistribuição pelos diferentes beneficiários da renda eclesiástica que ultrapassa de longe a sociedade eclesiástica e dela faz beneficiários uma parte importante da Sociedade Civil e Estado*, mas a própria Igreja tentava fazê-lo nos seus relatórios anuais ao Papa e o Estado o fizera durante a grande desamortização liberal dos bens da Igreja em 1836⁶².

Nos meados do século XVIII, as rendas eclesiásticas de todo o arcebispado de Braga rondavam os 600 contos, fazendo dele um dos mais ricos de Portugal, com uma distribuição média de 450\$000 réis para cada uma das 1.296 paróquias ou de 133\$000 réis para cada um dos 4500 eclesiásticos, médias que escondem a profunda desigualdade da distribuição⁶³. Temos felizmente alguns dados que nos permitem medir esta desigualdade.

Assim o Cabido da sé de Braga e a Mitra eram dois dos corpos mais ricos do arcebispado, o primeiro com uma renda que arrancara de 14 contos em 1750 para atingir 46 contos em 1806, continuando a crescer até 1820, a segunda, com rendimentos oscilando entre 24 e 30 contos entre 1822 e 1829, mas caindo para 22 contos em 1830, rendimentos superiores a muitas outras mitras portuguesas mas não as de Évora, Coimbra ou da Pa-

60 Ver o artigo "Renda da Igreja bracarense", in CAPELA, 2003, p. 646.

61 Sobre esta figura de Arcebispo reformador, cuja imagem de prelado mais levado ao exercício da caridade e à reforma da Igreja se tem contrastado com o fausto, o aparato e o gosto pela festa dos seus antecessores da Casa de Bragança, D. José e D. Gaspar de Bragança, ver J. ÁBREU, 1997.

62 CAPELA, 2003, p. 645.

63 CAPELA, 2003, p. 645.

triarcal (sendo esta aliás, desde 1736, uma das mais importantes beneficiárias das rendas eclesiásticas bracarenses, em detrimento da mitra bracarense)⁶⁴.

Graças às muitas igrejas e senhorios fundiários que possuíam, algumas instituições religiosas podiam realizar boas rendas, como o mosteiro beneditino de Tibães, casa-mãe da ordem, que auferia por finais do século XVIII uns 27 contos, ou Salvador de Vilar de Frades, com 12 contos (São Vicente de Fora, em Lisboa tinha então os maiores rendimentos com 53 contos)⁶⁵. Na cidade de Braga, a mais rica confraria, a de São Vicente, é administradora por volta de 1758 de uma renda que passa os 32 contos, mas constitui uma exceção. As de Santa Cruz, da Misericórdia ou do Hospital, as seguintes mais ricas da cidade, não ultrapassam, em 1764, os 5 contos de réis, quatro outras relativamente privilegiadas administram por volta dos dois ou três contos e as restantes todas têm rendimentos diminutos⁶⁶. A verdade é que estas confrarias e irmandades viviam essencialmente de esmolas e peditórios, das cotas dos irmãos, das receitas da igreja ou capela em que estão instaladas, de legados e de juros do dinheiro colocado⁶⁷.

Existiu na diocese de Braga, como no resto do país, outra fonte de rendimento, evocada por Pires de Oliveira, que lembra *a fundamental injeção de dinheiro e outros metais preciosos na economia portuguesa feito através das remessas de emigrantes, se é que podemos dar este nome aos que demandaram [o Brasil] nos séculos XVII e XVIII*⁶⁸. O mesmo historiador dá como exemplos da aplicação artística desse *dinheiro extra que viera do Brasil*, o retábulo da Igreja de São Vicente, em Braga, de 1721, e o retábulo-mor da igreja do Bom Jesus da Cruz, em Barcelos, *curiosamente também saído das mãos do mesmo entalhador, Miguel Coelho*⁶⁹, exemplares algo retardatários. Esta fonte brasileira sublinha uma vez mais a necessidade de um olhar cultural para compreender a redistribuição de todo este dinheiro: com o advento da burguesia liberal, não deixaram os “Brasileiros” de investir na região, mas dos retábulos, estes passaram às famosas “casas de Brasileiros”!

Os retábulos escolhidos para este catálogo dão exemplos do equivalente artístico dos valores apresentados como rendimentos (ver pp.

64 CAPELA, 2003, p. 646.

65 CAPELA, 2003, p. 646.

66 CAPELA, 2003, p. 646.

67 CAPELA, 2003, p. 646.

68 E. OLIVEIRA, 1996, pp. 217-218.

69 E. OLIVEIRA, 2004, pp. 130-131.

167, 168, 186, 199, 200, 206, 208, 209, 213, e 214) mas podemos relembrar mais outros dois, precisamente porque são exemplos extremos: os seis contos e cinquenta mil réis pelos quais estavam contratados os entalhadores José Álvares de Araújo e José Ferreira Vilaça para fazerem o retábulo principal (ver p. 00), dois retábulos colaterais (ver p. 00), o retábulo da sacristia e mais obra de talha para o mosteiro de Tibães em 1756 (mosteiro que teve nesse ano uma renda de oito contos!), fazendo deste sem dúvida o *mais volumoso contrato de obra de talha que até hoje sob os olhos passou*⁷⁰; e os muito mais modestos 80\$000 réis que custaram dois retábulos realizados por José Pereira Veloso em 1765, sendo um para uma capela em Aborim (Barcelos)⁷¹.

A densidade e a dispersão da população

Duas outras características do território da atual diocese podem servir de explicação externa para a própria densidade e dispersão dos retábulos da região: as mesmas que descrevem a sua população desde há longo tempo, podendo-se remontar pelo menos até ao século XV⁷².

Acreditando nos dados das visitas *ad Limina* do arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles, entre 1709 e 1723, a população da arquidiocese de Braga (que se estendia então mais ou menos pelos atuais distritos de Braga e de Vila Real) caberia toda nas duas cidades de Braga e de Vila Real se estas tivessem a dimensão da Lisboa de então⁷³! Mas, na realidade, a própria cidade de Braga, a mais populosa da arquidiocese, só abrigava naquela época cerca de 14 000 habitantes, (talvez mais três mil pelo meio do século), quando a sua comarca contaria com uma densidade populacional de mais de 86 hab./km², a mais elevada do país⁷⁴. Ao tempo das *Memórias paroquiais* de 1758, o território do atual distrito de Braga contava com três grandes aglomerados: Barcelos com 742 fogos, Guimarães com 1758 fogos intramuros e 2293 fogos no total e Braga com 3324 fogos (ou seja, pouco menos que o Porto intramuros)⁷⁵. Só mais onze aglomerados contam com um número de fogos entre os 300 e os 450, os outros todos muito menos: 57,1 % têm menos de cem fogos e 89,1 % menos de duzentos fogos, quando a média da diocese de Coimbra é de

70 A. OLIVEIRA, 2000, p. 223.

71 E. OLIVEIRA, 2003, p. 170.

72 Estas características já foram analisadas em LOPES, 2014, pp. 113-118, donde retomamos as conclusões.

73 LOPES, 2014, p. 114.

74 BANDEIRA, 1993, pp. 199-200.

75 LOPES, 2014, p. 114 (somando os números dados por paróquias nas Memórias paroquiais).

221 fogos por paróquia⁷⁶. Estas estatísticas permitem a José Viriato Capela falar de uma *civilização rural, fortemente retalhada e enquadrada pela administração paroquial onde a ação e domínio do pároco e os equipamentos religiosos, multiplicados terra a terra, dão o tom à vida destas comunidades e lhe dão autossuficiência e autonomia institucional*⁷⁷. Com já 483 paróquias no século XVIII (e hoje 551), isto é, com meio milhar de igrejas paroquiais, sem esquecer as capelas sem conta e os numerosos santuários, para não falar das igrejas dos antigos mosteiros, não é difícil imaginar o sem número de retábulos que abriga a arquidiocese, como não é difícil compreender a relativamente modesta dimensão física (que não artística!) de tais obras na maioria dos casos, imposta em parte pela dispersão dos meios.

76 CAPELA, 2003, p. 638.

77 CAPELA, 2003, p. 638.

Retábulos na Arquidiocese de Braga

Dando continuidade aos nossos estudos anteriores, a presente abordagem assenta em diversos pressupostos, que serão apresentados de seguida, um a um, de forma objetiva e simples, de modo a permitir a todos os leitores um entendimento fácil.

Localização

A localização dos retábulos estava diretamente relacionada com a realização dos eventos litúrgicos promovidos pela entidade responsável pela sua gestão. Se, em certos casos, havia alguma liberdade de escolha do local para se construir o retábulo, noutros era obrigatória a sua colocação em determinados lugares. Por exemplo, as comunidades monástico-conventuais, as paróquias e as irmandades ou confrarias que administravam templos autónomos necessitavam de construir obrigatoriamente o retábulo principal na capela-mor, local destinado à celebração dos exercícios espirituais da sua responsabilidade. Já os instituidores particulares e as irmandades ou confrarias, sediadas em templos que não eram da sua administração, tinham a possibilidade de escolher a capela onde desejavam implantar-se, incluindo mandar executar uma nova.

Convém referir que a existência de dois ou mais retábulos na mesma igreja permitia a celebração simultânea de diversas missas. Nos templos com maior afluência de fiéis justificava-se a existência de múltiplos retábulos. Na região em estudo, o templo com maior número de altares/retábulos era a sé, em Braga, indicando, em 1747, o padre Jorge Cardoso a existência de trinta e dois retábulos distribuídos pela igreja, sacristia, claustros e cemitério⁷⁸.

Em determinadas situações, os sacerdotes tinham que esperar pela sua vez para celebrar a missa, conforme se constata na proposta apresentada, em 1775, pelo provedor da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães aos restantes irmãos da mesa para resolver os casos de delonga: *como antigamente sempre houve cinco altares na dita igreja para cumprimento dos legados de missas na Casa e hoje só se achavam três, resultando disto os padres estarem esperando que uns digam missas para outros também o fazer, que se acrescentarem mais dois altares no corpo da igreja*⁷⁹.

Vejamos os diversos locais disponíveis para a localização dos retá-



Braga. Sé. Retábulo de São Martinho de Dume.
Foto Daniel VILLAFRUELA
URL: <https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.en>



Guimarães. Misericórdia.
Retábulo Lateral.

⁷⁸ CARDOSO, 1747, pp. 249 a 255.

⁷⁹ SMITH, 1972, p. 450.

bulos, de acordo com os exemplos encontrados.

-Capela-mor:

Era o local obrigatório onde se situava o retábulo principal, sendo a sua encomenda e posterior gestão da responsabilidade da entidade que administrava o templo. Tratava-se de um espaço nobre e de grande relevância, que possibilitava que aí estivesse o retábulo de maiores dimensões de todo o edifício.

A partir da segunda metade do século XV, quando os retábulos começaram a ser utilizados sistematicamente como equipamentos monumentais, passaram a ficar encostados à parede testeira, como ocorreu na sé de Braga com o grandioso retábulo, de pedra de Ançã, mandado construir, em 1509, pelo arcebispo D. Diogo de Sousa. Retirado nos finais de Setecentos, só subsiste o frontal da mesa do altar e amputado de uma edícula.

Braga. Sé. Frontal da mesa do altar-mor, único elemento subsistente do grandioso retábulo mandado executar por D. Diogo de Sousa..

Foto Manuelvbotelho
URL: <https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt>



De meados do século XVII em diante, passou a situar-se, maioritariamente nos retábulos principais, o camarim ou a tribuna preenchida por um trono escalonado, local destinado à exposição solene do Santíssimo Sacramento. Um dos exemplos pioneiros, ainda subsistente, pode ter sido o da capela-mor da igreja matriz de São Vítor, na cidade de Braga (ver p. 167).

Em situações pouco frequentes, a parede testeira da capela-mor era preenchida por retábulos triplos, tipologia promovida exclusivamente pelas irmandades das Misericórdias. Testemunho de grande relevância é o da igreja da Santa Casa da Misericórdia, em Braga (ver p. 183).

Pode ainda haver retábulos nas paredes laterais da capela-mor de alguns templos, como ocorre no santuário de Nossa Senhora do Porto de Ave, em Taíde, concelho da Póvoa de Lanhoso. Assim se constata nas Me-



Braga. Igreja de São Salvador. Retábulo-mor com a exposição do Santíssimo Sacramento. Foto Diogo Adalberto



Caldelas. Igreja. Retábulo colateral.

mórias Paroquiais de 1758: *é a capela maior tão grande e espaçosa, que dentro dela há dois altares, um da parte do Evangelho, em que se venera uma devota imagem do Senhor da Agonia (...) outro da parte da Epístola, chamado do Espírito Santo.*⁸⁰

-Arco triunfal:

Em muitas igrejas com nave única, no seu interior, a parede do frontispício era preenchida por dois retábulos colaterais. Estes resultavam quase sempre da intervenção direta da entidade responsável pela administração do templo, pretendendo-se assim dignificar esse espaço. Como tal, era frequente utilizarem o mesmo projeto ou risco. Os ditos retábulos localizavam-se nas ilhargas do arco triunfal, quer assentando na parede testeira, quer de forma enviesada quando a nave era demasiado estreita.

Em determinadas situações, estes dois retábulos colaterais ao arco triunfal interligavam-se entre si, maioritariamente por talha dourada, preenchendo muitas vezes a totalidade do frontispício da nave. Um exemplar muito interessante encontra-se no santuário de Nossa Senhora do Bom Despacho, em Cervães, no concelho de Vila Verde, pois apresenta uma solução ímpar, resultante do facto de ter um camarim no tramo central do corpo superior (ver p. 171).

-Transepto:

Nos templos com transepto, as paredes testeiras dispunham de grandes dimensões, as maiores logo a seguir à capela-mor. Deste modo, eram locais de grande prestígio, preferidos pelas ordens terceiras e irmandades mais proeminentes para aí sediar os seus retábulos. A título de exemplo apontamos os altares de Nossa Senhora da Luz (ver p. 190) e o de Nossa Senhora dos Prazeres (ver p. 8), na igreja de São Paulo, do extinto colégio da Companhia de Jesus, em Braga. Se, na maioria das situações, o retábulo ocupava a totalidade da parede dianteira, em casos pontuais podia situar-se na parede lateral, próxima do frontispício da nave, conforme se verifica na igreja do extinto mosteiro de São Martinho, em Tibães (ver p. 165).

-Outras capelas na cabeceira:

Nos templos com capelas na cabeceira, encontramos também retábulos nas paredes fundeiras. A título de exemplo referimos a de Nossa Senhora das Neves, na igreja do extinto convento de religiosos de São Domingos, em Guimarães (ver p. 191).



Braga. Igreja de São Paulo.
Pormenor do retábulo de Nossa
Senhora dos Prazeres.
Foto Hélio Ramos.

⁸⁰ E. OLIVEIRA, 2011, 2, p. 458.

-Nave(s):

Os diversos retábulos secundários passaram a situar-se preferencialmente nas paredes laterais ou então nas capelas localizadas no corpo da igreja. Os eventuais interessados podiam escolher o local mais conveniente enquanto houvesse espaços disponíveis. Os retábulos colocavam-se nas paredes testeiras, ficando numa posição fronteira ao olhar dos fiéis, servindo de amostra os diversos retábulos laterais da igreja paroquial de São Paio, em Pico de Regalados – concelho de Vila Verde (ver p. 40). Em casos pontuais a entidade que aí adquiria um espaço podia promover a re(construção) de uma capela com as dimensões necessárias para as suas necessidades, conforme ocorreu com a do Senhor dos Mareantes na igreja da Misericórdia, em Esposende (ver p. 163).

-Sacristia:

A sacristia principal era da responsabilidade da entidade que administrava o templo. Nela estavam os móveis onde se guardavam as alfaias religiosas, sendo também o local onde os sacerdotes se vestiam para celebrar os diversos ofícios religiosos. Normalmente havia um retábulo ou um oratório, consoante assentasse na mesa de um altar ou sobre a parte central do arcaz. Exemplifica-se com o retábulo da sacristia da igreja do extinto mosteiro de Refojos, em Cabeceiras de Basto. Em casos pontuais, também era possível haver dois retábulos, como ocorre na sé de Braga, *onde os capitulares dizem missa todos os dias* (ver p. 210).

-Consistórios ou Casas do Despacho:

Certas igrejas, nomeadamente as que eram administradas por irmandades e ordens terceiras, dispunham de uma sala para a reunião dos irmãos da Mesa, na qual havia normalmente um retábulo. Para testemunhar apontamos o que foi ajustado pelo mestre entalhador Jacinto da Silva, em 1745, com risco do doutor Jerónimo Coelho da Costa Maia, para a Casa da Mesa da Misericórdia de Braga⁸¹.

-Sala do Cabido:

Nas catedrais e nos edifícios monástico-conventuais também a sala capitular era provida de um retábulo. Veja-se o que foi construído, em 1785, para a sala do capítulo das Culpas, no mosteiro de Tibães⁸².

-Coro alto:

Os templos anexos a edifícios monástico-conventuais tinham um ou mais retábulos no coro alto, de modo a que os membros dessa comuni-



Braga. Pópolo.
Retábulo lateral, da invocação de Nossa Senhora da Conceição.



Cabeceiras de Basto. Mosteiro de Refojos. Retábulo da sacristia.
Foto Virgolino Jorge.

81 SMITH, 1973, p. 42.

82 SMITH, 1972, pp. 69 e 461.



Braga. Sé. Retábulo de Santo António.



Bouro. Santuário de Nossa Senhora da Abadia. Fachada principal com o seu retábulo.

Foto lufer2000 - Domínio público, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=4823191>

dade pudessem daí assistir à celebração de alguns ofícios, como ocorre com o do Senhor Crucificado, na igreja do extinto mosteiro de Santa Marinha da Costa, em Guimarães (ver p. 211).

-Claustro:

Na igreja da sé, nas colegiadas e nos edifícios monástico-conventuais existiam vários retábulos no(s) claustro(s), normalmente em pequenas capelas. São exemplos o de Nossa Senhora da Piedade (ver p. 170) e o de Santo António na sé de Braga.

-Pequenas capelas ou ermidas em cercas conventuais:

As pequenas ermidas ou capelas existentes nas cercas conventuais também eram dotadas de retábulos, como o que existiu na capela de São Bento, na cerca do mosteiro beneditino de São Martinho, em Tibães.

-Enfermarias:

Os hospitais, maioritariamente administrados pelas irmandades da Santa Casa da Misericórdia, dispunham para além de uma igreja autónoma, de enfermarias para os doentes, uma para as mulheres e outra para os homens. Ambas eram equipadas com retábulos destinados à celebração de ofícios religiosos para os enfermos, como ocorreu no Hospital de São João Marcos, em Braga. Por exemplo, a 17 de janeiro de 1747, Vicente Duarte, através de uma doação, estabelece a celebração de uma missa quotidiana *em um dos altares das enfermarias, havendo privilegiado e naquele que estiver à vista de maior número de enfermos*⁸³.

-No exterior de igrejas de peregrinação:

É possível colocar retábulos em capelas existentes no exterior de um templo. O único testemunho que conhecemos situa-se no santuário de Nossa Senhora da Abadia, no Bouro, concelho de Amares, que *tem o frontispício à moderna, com duas torres, no meio destas uma capela para se dizer missas na ocasião da romagem*⁸⁴.

-Passos processionais:

Alguns passos processionais podiam ter retábulos no seu interior, que eram expostos ao culto no dia da procissão do Senhor dos Passos. Assim atestam os que ainda subsistem na Póvoa do Lanhoso, incluindo o da capela do Senhor no Horto (ver p. 206).

-Pequenos oratórios públicos:

Apesar de serem pouco usuais, apontamos o de São Vítor, em Braga, outrora existente junto à ponte do rio que atravessa esta cidade. O

⁸³ CASTRO, 2001, pp. 314 e 315.

⁸⁴ CARDOSO, 1751, p. 242.

pequeno retábulo, que ocupava a parede testeira desse diminuto oratório, entretanto demolido, encontra-se hoje na ermida de São Vítor-o-velho (ver p. 181).

-Capelas privativas de habitações senhoriais:

Determinados setores da população, de elevado estatuto social (nobres, mercadores ou clérigos), tinham capelas privativas incorporadas nas suas habitações. Nessa capela havia obrigatoriamente um retábulo na parede fundeira do presbitério, apontando-se como um interessante testemunho o que existia na capela da casa do cónego Rui Gomes Golias, designada a partir de 1820 por Navarro de Andrade, em Guimarães, hoje no Museu Alberto Sampaio (ver p.164).

-Retábulos portáteis ou amovíveis:

Resta-nos, por fim, referir alguns exemplares de pequenas dimensões, característicos da Idade Média e do século XVI, que normalmente estavam guardados nas sacristias e que somente eram expostos sobre o altar quando se celebravam os officios religiosos. De grande valor patrimonial é o tríptico da Natividade, outrora existente na colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, que era colocado no altar-mor desde a véspera da Natividade até à Epifania, isto é, entre 24 de dezembro e 6 de janeiro e nos dias solenes (ver p. 156).

Excluímos deste estudo os oratórios privativos, equipamentos existentes normalmente na casa de particulares e que eram restritos às orações familiares.

Usos e funções

Apartir do património retabular remanescente, é possível proceder a uma análise tendo em conta os diversos usos ou funções litúrgicas que foram desempenhando. Convém referir que diversos exemplares tiveram mais que uma função, sendo uma delas preponderante.

Narrativos ou didáticos

A sua função principal era proporcionar aos fiéis, predominantemente iletrados, a amostragem de ciclos figurativos. Esta tipologia foi muito frequente nos séculos XV e XVI, deixando praticamente de ser utilizada a partir do segundo quartel do século XVII. Na maior parte das vezes recorreu-se à pintura de temática religiosa. Menos frequente foi a utilização de painéis em relevo escultórico. Um exemplo desta última opção é o já referido tríptico da Natividade da antiga colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães (ver p. 156).



Braga. Ponte das Goladas e primitivo oratório de São Vítor.
Fonte João Baptista Vieira Gomes, *Memória (...) de Braga*, 1834, p. 383.



Cavês (Cabeceiras de Basto). Igreja.
Retábulo devocional a um só tema.



Guimaraes. Igreja do extinto
mosteiro de Santa Rosa de Lima.
Retábulo devocional a três temas.

Devocionais a um só tema

Possibilitavam a concentração dos fiéis num único acontecimento, evitando deste modo a sua dispersão na observação dos ciclos figurativos. Foram sempre usados, passando a partir do Protobarroco, isto é, do segundo quartel do século XVII, a ser da preferência da maior parte da clientela. São testemunhos os retábulos colaterais das igrejas paroquiais de Antime, no concelho de Fafe (ver p. 162) e de Cavês, em Cabeceiras de Basto.

Devocionais a três temas

Surgiram como alternativa à devoção a um só tema iconográfico. Para além do orago do retábulo, havia mais duas representações figurativas secundárias, colocadas nos tramos laterais. Consequentemente, na maioria das situações, estes retábulos tinham corpo único e três tramos. Se a representação do orago era quase sempre em escultura, nos tramos laterais tanto podiam ser em pintura, como em escultura. Para exemplificar apontamos o retábulo principal da igreja de São Dâmaso, em Guimaraes (ver p. 168) e os laterais da igreja do antigo mosteiro de Santa Rosa de Lima, na mesma localidade, onde para além da imagem existente no nicho central, avultam mais duas pequenas esculturas nas suas ilhargas.

Eucarísticos

Os *sepulcros*, como vulgarmente eram conhecidos, principiaram por ser equipamentos amovíveis, destinados à exposição solene da urna com o Santíssimo Sacramento na quinta-feira santa ou de *Endoenças*, montando-se e desmontando-se anualmente. Ainda em 1691, as religiosas beneditinas do mosteiro do Salvador, em Braga, ajustam a feitura de *um sepulcro que fique capaz para se poder armar e desarmar e também subir o sacerdote para expor o Senhor (...) na forma do antigo que se queimou*⁸⁵.

O aparecimento do *Jubileu das Quarenta Horas*, nos princípios do século XVII⁸⁶, levou a que a larga maioria dos *sepulcros* passassem a ser permanentes ou *perpétuos*. Como tal serviam para expor, na quinta-feira san-

85 E. OLIVEIRA, 1994, p. 249.

86 O primeiro ocorreu em 1608, tendo sido realizado pelos Carmelitas Descalços em Lisboa, nomeadamente pelo Padre Provincial Frei Pedro da Anunciação: *armaram a igreja às mil maravilhas, prepararam excelente música, fizeram um trono majestoso para ali aparecer em público o rei dos céus e da terra e adornaram os altares com muita variedade de cbeiros e perfumes (...). E os muito reverendos padres da Companhia foram os que mais se alegraram nos louvores da obra e se adiantaram na sua imitação pois no ano seguinte de 1609 imitaram-na em São Roque, sendo prepósito o muito reverendo padre Jerónimo Dias* (Frei Belchior de Santa Ana, *Crónica de Carmelitas Descalços, particular do Reino de Portugal e Província de S. Filipe*, Tomo I, Lisboa, 1657, pp. 460 a 463).

ta, uma urna com a reserva eucarística para o dia seguinte, e nas restantes solenidades uma custódia com uma hóstia consagrada. O local escolhido para montar permanentemente os *sepulcros*, também designados na documentação por *tronos*, *peanbas* ou *pirâmides*, foram os camarins ou *tribunas*, incorporados no centro da composição retabular, a partir da década de 1630, já vigorando o Protobarroco.

Os retábulos eucarísticos, isto é, destinados à exposição solene do Santíssimo Sacramento, *nas ocasiões das Endoenças e em todas as mais em que se expõem o Santíssimo Sacramento*, tanto podiam ter corpo único e um só tramo, como apresentar uma composição tripartida. Na maior parte do ano, a boca do camarim era ocupada por cortinas de tecido ou então por uma tela pintada, amovível, com a representação do orago. Nas ocasiões solenes as cortinas ou a tela com a pintura figurativa eram retiradas e no trono colocava-se uma custódia ou uma urna com a hóstia consagrada e procedia-se à exposição solene do Santíssimo Sacramento. Nas exposições de menor relevância, a custódia era somente colocada à boca do sacrário.

Nas igrejas matrizes ou paroquiais o culto ao Santíssimo era da responsabilidade das confrarias ou irmandades do Santíssimo, onde estavam inscritos os fregueses de maior prestígio.

Já nas igrejas monástico-conventuais o culto solene ao Santíssimo era promovido pelos responsáveis de cada comunidade religiosa.

Algumas irmandades e ordens terceiras conseguiram obter dos responsáveis religiosos de cada diocese autorização para expor o Santíssimo, tendo mandado construir retábulos eucarísticos na capela-mor do templo que administravam. Referimo-nos às irmandades da Misericórdia e às ordens terceiras de Nossa Senhora do Carmo, São Francisco e São Domingos e, pontualmente, a outras irmandades, conforme ocorreu no santuário de Nossa Senhora do Porto de Ave, em Taíde, no concelho da Póvoa de Lanhoso (ver p. 195).

O aparecimento das tribunas levou a que alguns retábulos localizados em capelas-mores e que não dispunham deste equipamento se adaptassem a esta nova necessidade, promovendo mais tarde a abertura de um camarim no tramo central. Assim sucedeu, em 1704, no retábulo principal da igreja do mosteiro beneditino de São Martinho, em Tibães (ver p. 165).



Antime (Fafe). Igreja paroquial. Retábulo-mor em cujo trono se expunha o Santíssimo Sacramento.



Refojos de Basto. Igreja de São Miguel. Retábulo da capela do Santíssimo.

Relicários

Como referimos num estudo anterior⁸⁷, a posse de relíquias estava reservada a algumas elites, sendo reduzido o número de retábulos destinados a expor estes equipamentos. Lembramos que as relíquias eram adquiridas maioritariamente por membros da nobreza e por altos dignitários religiosos, encontrando-se a maior parte dos retábulos e de oratórios relicários nas igrejas de maior relevância religiosa, nomeadamente nas monástico-conventuais e nas sés.

Se alguns relicários estavam guardados em armários, como acontece nas paredes laterais da capela-mor da igreja da irmandade de Santa Cruz, em Braga, na situação mais frequente eram inseridos no interior de retábulos, dentro de lóculos ou nichos, muitas vezes dotados de portas ou tapados por uma tela pintada. Foi também usual dispor-se os relicários em oratórios de sacristias, assentes no arcaz. Assistimos ainda à colocação de relicários em santuários anexos ao retábulo. Mais rara era a existência de capelas integralmente revestidas por relicários.

Em relação à existência das relíquias no próprio retábulo deparamos com diferentes situações. Na mais frequente os lóculos ou nichos expõem-se nos tramos laterais, sendo o tramo central ocupado por um nicho com a imagem de vulto perfeito do orago do altar. Era menos usual guardarem-se as relíquias num sacrário existente no centro do banco ou da predela. Atípica era a possibilidade de se expor um corpo inteiro de um mártir ou de um santo, quer no interior da mesa do altar, quer no centro da composição retabular.

Dos múltiplos retábulos relicários ainda subsistentes na região abordada neste estudo, salientamos o da capela das Chagas, na igreja paroquial de São Tiago da Cidade (ver p. 175) e os da sacristia da igreja da sé (ver p. 210), todos na sede do arcebispado.



Braga. Igreja da Cidade. Sacrário do retábulo da capela das Chagas. Foto José João Loureiro.



Braga. Bom Jesus. Retábulo relicário. Foto Paulo Ladeira.

Iconografia

O carácter predominantemente religioso dos retábulos determinou o emprego de múltiplas representações, não só alusivas a conceitos morais associados ao Catolicismo, mas também de divisas relacionadas com a entidade promotora da sua feitura e posterior administração.

A própria estrutura arquitetónica usada na composição retabular e os respetivos campos decorativos dignificavam e nobilitavam os conteúdos iconográficos que se pretendiam proporcionar aos fiéis, registando-se para

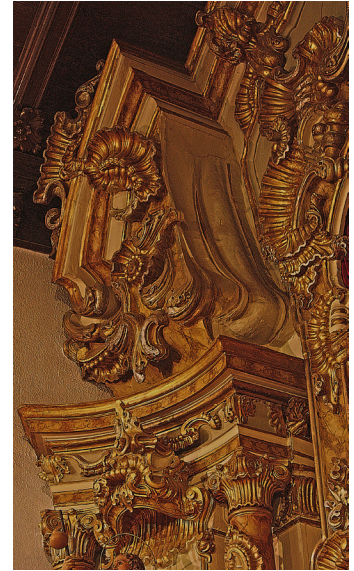
⁸⁷ LAMEIRA, EVARISTO e LOUREIRO, 2016.

cada época uma intencionalidade específica. Assim, podemos detetar familiaridade, alegoria do poder, utopia do mundo antigo, transgressão e rutura com o mundo pagão, contenção e decoro, desequilíbrio e complexidade, envolvimento e acolhimento, magnificência e luxo, graciosidade e delicadeza, imponência e seriedade, saudosismo e fascinação, etc...

Os temas iconográficos encontram-se hierarquizados: os de maior importância localizam-se no retábulo da capela-mor, por exemplo a exposição do Santíssimo Sacramento ou o orago do templo; os menos relevantes, nos restantes retábulos. Por sua vez, no mesmo exemplar os tramos laterais são secundários relativamente ao tramo central, prevalecendo o do lado do Evangelho sobre o lado da Epístola.

Não só nos elementos arquitetónicos, mas também em determinados espaços da composição retabular, a saber, no embasamento, nos intercolúnios e no ático, encontramos alguns temas mais genéricos, designadamente símbolos eucarísticos (cachos de uvas, espigas de trigo, fénix, etc.), os quatro Evangelistas, figuras de Virtudes (Fé, Esperança, Caridade, etc.), invocações naturalistas, sendo as mais frequentes: a folhagem de *cardo* (tormentos), as flores (esperanças), os frutos (obras), as folhas (palavras), as romãs (conformidade), as rocalhas ou concheados (interioridade, domínio íntimo feminino), grotescos (alusões ao mundo antigo), figuras híbridas, seres fantásticos, medalhões, efigies, animais diversos (ratos, lebres, serpentes, peixes, mochos), personagens com expressões particulares e adereços locais, etc.

Em relação às divisas das entidades promotoras da feitura e posterior administração dos retábulos, verificamos que em muitos espécimes houve a preocupação de as mandar colocar numa cartela ou numa tarja, normalmente em locais bem visíveis, por exemplo no frontal da mesa do altar, nos pedestais do sotobanco, no ático da composição retabular, no frontispício do arco triunfal, etc. Deste modo, é frequente encontrar os escudos das diversas Ordens religiosas, dos bispos, de algumas confrarias ou irmandades e ainda as armas reais e dos instituidores da nobreza. Como exemplos apontamos o tríptico da Natividade da antiga colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, em que há dois brasões com o escudo português nos cantos superiores do painel central, o retábulo da capela-mor da igreja matriz de São Vítor, em Braga, em que na cartela do ático figuram as armas do arcebispo D. Luís de Sousa e no topo do frontispício (ver p. 167) do arco triunfal da igreja do extinto mosteiro de São Martinho, em Tibães, onde avulta um escudo com as in-



Caldelas. Igreja. Pormenor do retábulo-mor, onde são visíveis diversos concheados, de forma túrgida e graciososa.



Guimarães. Pormenor do tríptico da colegiada de Nossa Senhora da Oliveira.
Foto DRCN - MAS.



Braga. Igreja da Penha.
Retábulo-mor.
Foto Diogo Adalberto.



Refojos. Igreja de São Miguel.
Retábulo-mor.

sígnias da Ordem de São Bento.

É, no entanto, na representação do orago dos retábulos que mais se investe, indicando-se, de seguida, os temas mais frequentes.

Santíssimo Sacramento

Representa a apoteose eucarística. Como elementos fundamentais destacamos o sacrário, por vezes de grandes dimensões e os troncos escalonados, na maioria dos casos, colocados no interior dos camarins ou tribunas, onde se expunha uma custódia ou uma urna com o Santíssimo Sacramento. Nos degraus colocavam-se várias velas, normalmente em grande número, que se acendiam nos *Lausperene*.

Fora destes eventos, a boca da tribuna podia estar preenchida com cortinas de tecido ou com uma tela pintada, alusiva ao orago. Por exemplo, no retábulo principal da igreja do extinto mosteiro beneditino de São Miguel de Refojos de Basto a tela pintada com a representação do Arcanjo São Miguel foi reposta na boca da tribuna há poucos anos (ver p. 202).

Cristíferos

O tema mais frequente é o Senhor Crucificado, sendo plausível encontrar outras representações ligadas à Paixão, nomeadamente nos retábulos narrativos ou didáticos. Em determinados exemplares pode-se colocar no interior da mesa do altar a representação escultórica do Senhor Morto. São testemunhos de grande relevância a capela seiscentista do Senhor dos Mareantes na igreja da Santa Casa da Misericórdia, em Esposende (ver p. 163) e a capela das Chagas, na igreja de São Tiago da Cidade, em Braga (ver p. 175).

Marianos

Foram muito frequentes as representações da Virgem Maria, podendo encontrar-se no mesmo templo mais do que uma capela dedicada a Nossa Senhora. Das inúmeras invocações, destacamos a de Nossa Senhora da Conceição, da Assunção, do Rosário, da Piedade, da Boa Morte, das Dores, etc. Nos retábulos narrativos é usual encontrar várias passagens da Natividade, como ocorre no já referido tríptico da Natividade da antiga colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães (ver p. 156).

Entre os temas marianos individualizamos as árvores de Jessé, na maioria dos casos, tratadas em relevo escultórico. Indicamos alguns exem-

plos: na igreja do antigo convento de São Francisco, em Guimarães; na igreja paroquial de Painzela, no concelho de Cabeceiras de Basto (ver p. 207) e na igreja do extinto colégio de São Paulo, em Braga.

Hagiográficos

Nos retábulos das igrejas monástico-conventuais predominam os santos de cada Ordem religiosa. Nos outros templos é grande a variedade, tendo maior aceitação alguns Apóstolos, São Sebastião, São José, Santo António, São Luís, Santo Elias, etc. Entre múltiplos testemunhos indicamos o retábulo, de pedraria, do antigo oratório de São Vítor, em que o santo se mostra de joelhos a ser degolado (ver p. 181).

As árvores de martírio surgem como variantes das árvores de Jessé. Dos poucos espécimes que conhecemos apontamos a que se encontra no retábulo de Santa Quitéria, na igreja do antigo colégio de São Paulo, da Companhia de Jesus, em Braga (ver p. 176).

Almas do Purgatório

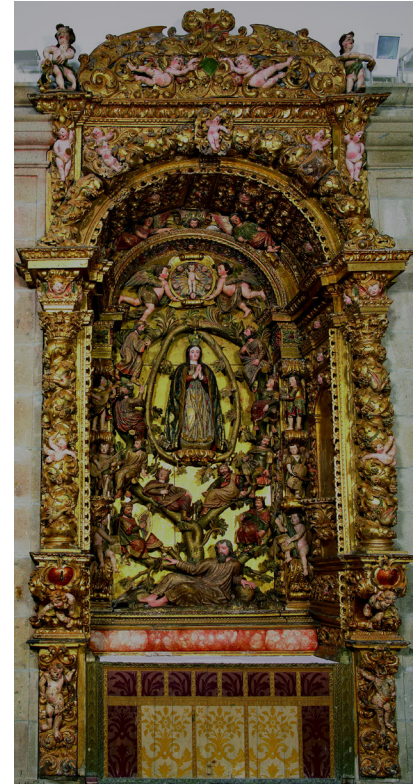
Em cada paróquia era muito provável a existência de um retábulo dedicado às Almas do Purgatório, tendo em conta a possibilidade, divulgada pelos responsáveis religiosos, de se salvarem do Purgatório as almas dos defuntos. Para que isto acontecesse era necessário celebrar algumas missas, quantas mais melhor. De acordo com o trintário gregoriano a celebração de trinta missas consecutivas por alma de um defunto permitia uma mais rápida libertação do purgatório.

Em casos pontuais, surgem as representações figurativas do inferno, do purgatório e do paraíso, quer em pintura, quer em relevo escultórico. Mais frequente é a colocação das figuras do Senhor Crucificado, do Arcanjo São Miguel, do anjo da Guarda e, por vezes, de Nossa Senhora do Livramento, de Nossa Senhora da Boa Morte, etc.

De seguida mencionamos dois exemplos de altares das Almas, ambos em igrejas paroquiais: um na de Santo Adrião, em Vizela (ver p. 159) e o outro na de São Baptista, em Mosteiro, Vieira do Minho (ver p. 178).

Outros temas

Entre outros temas, indicamos as representações alusivas às Obras de Misericórdia, nomeadamente nos retábulos narrativos; à Santíssima Trindade, ao Espírito Santo, à Divina Providência, à Madre de Deus, à Sagrada Família, a Todos-os-Santos, à Santa Cruz, ao Santo Lenho, etc.



Braga. Igreja de São Paulo.
Retábulo de Nossa Senhora da
Conceição.
Foto Hélio Ramos..



Braga. Igreja do Souto. Pormenor do
retábulo das Almas.
Foto José João Loureiro.

Encomenda

Referimos em primeiro lugar o clero regular, desempenhando um papel da maior proeminência determinadas Ordens religiosas, designadamente beneditinos, cistercienses, jesuítas, cónegos regrantes de Santo Agostinho, franciscanos, etc.

Com frequência verificamos que muitos retábulos existentes em edifícios monástico-conventuais contaram, quer com o patrocínio régio, quer de instituidores particulares, nomeadamente membros da nobreza, do clero e mercadores enriquecidos.

Algumas Ordens religiosas assumiram também a encomenda do retábulo principal de igrejas matrizes ou paroquiais das Comendas que possuíam.

Foi elevado o número de casas religiosas (conventos, hospícios, colégios, mosteiros e recolhimentos) existentes na região em estudo. Daqui se depreende a quantidade de retábulos mandada executar por estas instituições.

Apesar de grande parte deste património retabular ter desaparecido na sequência da implantação do Liberalismo e da decorrente extinção das Ordens religiosas, subsistem importantes exemplos, nomeadamente na capela-mor da igreja do antigo colégio de São Paulo, da Companhia de Jesus, em Braga (ver p. 172), na igreja do extinto convento dos Capuchos, em Barcelos e na igreja do antigo mosteiro de São Martinho, em Tibães (ver p. 196 e 197).

Segue-se o clero secular, responsável pela administração das igrejas matrizes ou paroquiais. Lembramos que as capelas-mores destes templos eram custeadas pelos detentores dos seus benefícios.

Destacamos pela sua importância os membros da Mitra e do Cabido de cada bispado, responsáveis pela gestão da igreja da sé, o templo mais proeminente de cada diocese. A testemunhar indicamos o grandioso retábulo, de pedra de Ançã, mandado construir, em 1509, pelo arcebispo D. Diogo de Sousa, na sé de Braga, infelizmente destruído nos finais de Setecentos e os dois retábulos relicários da sacristia da sé, *onde os capitulares dizem missa todos os dias* (ver p. 210).

Referimos ainda as confrarias ou irmandades, beneficiando algumas da proteção régia, designadamente as que administravam capelas de instituições militares, de certas igrejas de peregrinação muito frequentadas, os Compromissos Marítimos, as Misericórdias, etc. Variantes destas agremiações eram as ordens terceiras, sendo mais frequentes a de Nossa Senhora do Carmo, a de São Francisco e a de São



Barcelos. Igreja dos Capuchos.
Retábulo-mor.

Domingos.

Em cada confraria ou irmandade, os mesários, isto é, os membros que ocupavam os cargos diretivos eram escolhidos anualmente, desempenhando essas funções os irmãos ou confrades de maior prestígio social e financeiro.

Estas entidades tanto podiam administrar capelas sediadas em igrejas monástico-conventuais, em catedrais, em matrizes ou paroquiais, como templos da sua exclusiva gestão.

Cabe relembrar que as elites se inscreviam maioritariamente nas congregações de maior prestígio, a saber, a confraria do Santíssimo Sacramento, existente em quase todas as freguesias; a irmandade da Santa Casa da Misericórdia, associada às sedes dos concelhos, a ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo e a de São Francisco e, por fim, as confrarias que geriam igrejas de peregrinação, responsáveis pela gestão de muitas e contínuas escolas dos romeiros.

Entre vários testemunhos de retábulos da responsabilidade de irmandades ou confrarias realçamos o arco triunfal retabular do santuário de peregrinação de Nossa Senhora do Bom Despacho, em Cervães, Vila Verde (ver p. 171), o da capela-mor da igreja da Santa Casa da Misericórdia de Braga (ver p. 183), o da ousia da poderosa irmandade de Santa Cruz, também em Braga (ver p. 209) e os da ordem terceira de São Francisco, em Guimarães.

Os instituidores particulares exerceram de igual modo um papel importante, sobretudo os mais abastados e esclarecidos, desempenhando os membros da Mitra um papel preponderante. Para além do apoio mecénico a diversas instituições religiosas, principalmente às de maior prestígio social, os instituidores particulares construíram capelas, não só nas suas habitações permanentes e de veraneio, mas também nos locais escolhidos para sepultura do seu corpo e, por vezes, da sua família, optando nestas circunstâncias por templos de grande prestígio público. Recordamos que todas estas capelas eram dotadas de retábulos executados pelos artistas mais afamados da região.

Dos diversos exemplos de retábulos custeados por instituidores particulares, salientamos o já referido tríptico da Natividade da antiga colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, doado pelo rei D. João I, após a batalha de Aljubarrota (ver p. 156), o retábulo principal da ermida de Nossa Senhora da Oliveira, Basto, concelho de Celorico de Basto, pago pelos instituidores deste pequeno templo (ver p. 140), o retábulo da capela de São Geraldo, na igreja da sé, em Braga, custeado pe-



Bouro (Amares). Santuário de peregrinação de Nossa Senhora da Abadia. Retábulo-mor.



Guimarães. Igreja da ordem terceira de São Francisco. Retábulo lateral.



Braga. Recolhimento de Santa Maria Madalena.
 Pormenor do retábulo-mor.
 Brasão de D. Rodrigo de Moura Teles.
 Foto José João Loureiro.



Pico de Regalados. Igreja paroquial.
 Retábulo-mor, cujo trono se destinava à exposição solene do Santíssimo Sacramento..

lo arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles (ver p. 136) e o da capela da Casa da Torre, em Soutelo, concelho de Vila Verde.

Tipologias e modelos compositivos.

Os retábulos são compostos horizontalmente pelo embasamento, pelo(s) corpo(s) e pelo ático. A existência de dois ou mais corpos deve-se ao número de faixas horizontais sobrepostas, de idênticas dimensões, cada uma delas definida, maioritariamente, por elementos arquitetónicos comuns. Já a estruturação vertical é marcada pelos intercolúnios, com um, três ou mais tramos, valorizando-se o central, destinado ao orago do retábulo ou então à exposição solene do Santíssimo Sacramento. Por sua vez os tramos laterais são marcados preponderantemente pela existência de representações figurativas (tábuas ou telas pintadas, painéis em relevo escultórico, imagens de vulto perfeito). Em casos pontuais, são preenchidos por lóculos ou nichos com relíquias ou então simples revestimentos decorativos.

Por tipologias entendemos o agrupamento de retábulos de acordo com algumas características morfológicas, a seguir referenciadas:

- A sua estruturação ou composição arquitetónica, através da relação corpo(s)/tramo(s), surgindo desta conjugação várias soluções possíveis.
- O seu prolongamento por áreas afins: no primeiro caso a parede testeira da capela-mor é preenchida por três retábulos, apresentando o principal, estreitas relações com os dois retábulos colaterais; na segunda situação, os dois retábulos fronteiros ao arco triunfal estão unidos entre si através do revestimento parcial ou total do frontispício e na terceira situação, através da criação de um *arco* ou enquadramento arquitetónico que complementa o retábulo propriamente dito, preenchendo estruturas próximas, a maioria das vezes o intradorso e parte do frontispício da capela onde está inserido.
- A sua restrição a determinados elementos compositivos, nomeadamente os tronos escalonados, que então adquirem um carácter monumental.
- A sua autonomia da parede, passando a ter duas ou mais faces e uma ou mais mesas de altar.

Por suavez, os modelos compositivos correspondem à estruturação dos intercolúnios, isto é, à identificação do número de elementos arquitetónicos que delimita cada tramo e à forma como se interligam. As diferentes opções são definidas independentemente da planta usada (reta ou plana, em perspetiva côncava, convexa ou mista), dos componentes arquitetónicos empregues (colunas, pilastras, quartelões, estípite, etc.);

de haver ou não outros elementos relevantes na estruturação retabular, nomeadamente os camarins ou tribunas e de estes últimos apresentarem uma composição arquitetónica individualizada.

Se na maioria das situações, cada um dos intercolúnios é delimitado por igual número de colunas ou de pilastras, menos usuais, mas bastante interessantes, são os casos em que se aplica desigual número de elementos arquitetónicos nos vários tramos, ainda que de forma simétrica em cada um dos lados.

Devemos também ter em conta que muitos exemplares, apesar de se inserirem nas tipologias e nos modelos compositivos referidos, apresentam algumas especificidades. Em muito menor número são os retábulos que não se integram em qualquer tipologia, constituindo espécimes ímpares.

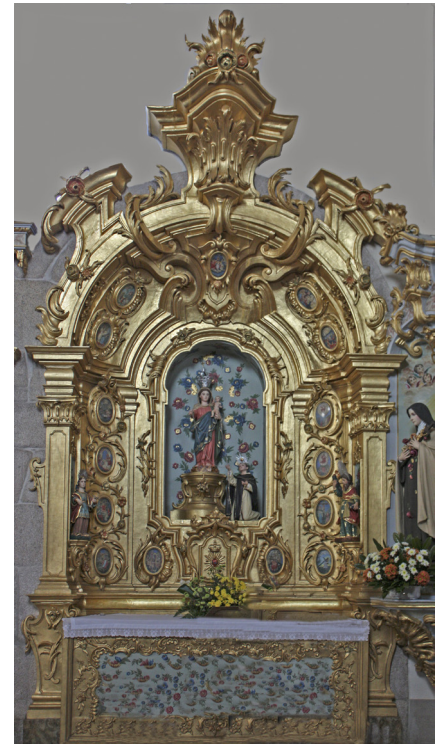
A utilização de determinadas especificidades, assim como a conceção de exemplares ímpares estão associados, quer a profissionais de limitados recursos, predominantemente sediados em pequenas localidades rurais, quer a artistas de grande mestria. Foi sobretudo na segunda metade do século XVIII, designadamente nos retábulos que adotaram o rococó, que se verificou o maior número de transgressões às normas da *boa arquitetura, com seu ornato decente*, defendidas em Lisboa pelos arquitetos régios.

Apresentamos, de seguida, as diferentes tipologias identificadas e os modelos compositivos usados em cada uma delas.

Corpo único e um só tramo

Esta tipologia foi desde sempre utilizada nos exemplares devocionais a um só tema e a partir do Protobarroco noutros retábulos, a saber, nos eucarísticos e nos devocionais a três temas. O intercolúnio era delimitado por duas colunas ou pilastras, uma de cada lado; por elementos arquitetónicos duplos e pontualmente triplos ou quádruplos. Para exemplificar referimos os retábulos colaterais da igreja paroquial de São Romão, em Arões, no concelho de Fafe, devocionais a um só tema (ver p. 169), o da capela-mor da igreja do extinto colégio de São Paulo, em Braga (ver p. 172), em cujo trono se expunha o Santíssimo e nos laterais da igreja de São João do souto, em Braga (ver p. 85), onde surgem várias imagens de vulto perfeito.

Pouco usual são os retábulos que não possuem qualquer estrutura arquitetónica, como ocorre na capela dos Monges ou de Nossa Senhora da Aparecida, no antigo convento da Congregação do Oratório, na cidade



Rossas (Vieira do Minho). Retábulo lateral, com arco, cuja composição não segue os modelos compositivos usuais, denotando uma grande criatividade do autor do risco.



Táide (Póvoa de Lanhoso). Santuário de Nossa Senhora do Porto de Ave. Retábulo com corpo único e um só tramo.

de Braga (ver p. 203).



Fafe. Igreja paroquial.
Retábulo-mor. Realça-se a ausência de colunas ou pilastras a delimitar o camarim havendo, contudo, elementos arquitetónicos triplos nas extremidades dos tramos laterais.



Molares (Celorico de Basto). Capela da Casa do Campo.
Retábulo de corpo único e cinco tramos.
Desenho Carlos Louçã.

Corpo único e três tramos

O seu uso generalizou-se também a partir dos princípios de Seiscentos, constituindo, juntamente com a tipologia composta por corpo único e um só tramo, a larga maioria do património retabular subsistente.

Foi geralmente empregue nos retábulos devocionais a três temas e nalguns retábulos eucarísticos e relicários, sendo menos frequente em retábulos devocionais, quer a um, quer a vários temas.

Atendendo a que apresentam uma composição tripartida, maioritariamente os intercolúnios estão inseridos entre dois elementos arquitetónicos, um de cada lado. Como exemplo apontamos o retábulo da capela-mor da igreja de São Dâmaso, em Guimarães (ver p. 168).

Ocasionalmente são empregues diversas alternativas, variando o número de elementos arquitetónicos a delimitar cada um dos tramos, podendo até verificar-se a ausência dos mesmos. O retábulo-mor da igreja paroquial de Fafe é um testemunho bastante interessante desta realidade.

Corpo único e cinco tramos

Esta tipologia só raramente foi usada, inscrevendo-se a maior parte dos intercolúnios entre dois elementos arquitetónicos, um de cada lado, conforme se verifica no retábulo da Casa do Campo, em Molares, no concelho de Celorico de Basto.

Dois corpos e um só tramo

Só conhecemos um exemplar que recorreu a esta solução: o da capela de Nossa Senhora dos Prazeres, na igreja de São Paulo, em Braga, inicialmente destinado à capela do paço episcopal, cujo intercolúnio se inscreve entre elementos arquitetónicos triplos (ver p. 8).

Dois corpos e três tramos

Foi muito habitual no século XVI, passando a ser menos utilizada a partir do século XVII com o aparecimento das *tribunas* ou camarins, preenchidos com tronos escalonados dedicados à exposição solene do Santíssimo Sacramento, e com a generalização dos retábulos devocionais a um só tema.

No século XVI, os intercolúnios são preenchidos maioritariamente por ciclos de pintura figurativa, sendo menos frequente o uso de painéis em relevo escultórico. Já nos séculos seguintes, os diversos nichos são ocu-

pados quase sempre por representações escultóricas de vulto perfeito.

Na maior parte dos retábulos os intercolúnios inscrevem-se entre duas colunas, uma de cada lado, apontando-se como exemplo o primitivo retábulo da capela-mor da igreja do mosteiro de Santo Martinho, em Tibães, transferido para a igreja de São Romão de Neiva, em 1755 (ver p. 165).

Retábulos triplos⁸⁸

Esta tipologia parece ser exclusivamente portuguesa e restrita às Misericórdias, ainda que seja pouco vulgar. Os retábulos triplos são utilizados, maioritariamente, em templos de nave única e sem cabeceira e em casos excecionais em igrejas de nave única e capela-mor.

Caracteriza-se pelo preenchimento da totalidade da parede testeira da capela-mor, sendo aí aplicados três retábulos anexos uns aos outros, cada um deles com a sua mesa de altar: *de modo que, em tudo quanto for possível, concordem os dois retábulos (colaterais) na perfeição e feitio com o retábulo do altar-maior*. Na generalidade das situações, os intercolúnios inscrevem-se entre dois elementos arquitetónicos, um de cada lado, conforme se atesta nos retábulos da frontaria da igreja da Santa Casa da Misericórdia, em Braga (ver p. 183).

Não deve confundir-se esta tipologia com a existência de três retábulos diferenciados, empregues na parede testeira de capelas-mores, quer em igrejas de Misericórdias, quer em igrejas paroquiais.

Arcos triunfais retabulares⁸⁹

Esta tipologia teve alguma aceitação, sendo composta por dois retábulos colaterais ao arco triunfal que se interligam entre si pelo revestimento ornamental de parte ou da totalidade do frontispício da nave. Entre vários exemplos destacamos o santuário de Nossa Senhora do Pilar, na Póvoa de Lanhoso, integralmente revestido por azulejos azuis e brancos e o santuário de Nossa Senhora do Bom Despacho, em Cervães. Este último utiliza uma composição ímpar, com dois corpos e três tramos. O corpo inferior acolhe um altar existente entre dois penedos e o superior uma tribuna com um trono (ver p. 171).



Braga. Igreja do Pópulo. Retábulo lateral, com dois corpos e três tramos, denunciando duas campanhas de obras.



Póvoa de Lanhoso. Santuário de Nossa Senhora do Pilar. Arco triunfal retabular. Foto Carlos Leite.

88 Convém referir que, em 1981, Flávio Gonçalves é o primeiro historiador da arte a se aperceber desta realidade: *a existência de três altares na mesma máquina retabular preconizava o costume, frequente em Portugal (...) de se levantarem três retábulos e respetivos altares nas capelas-mores das igrejas das confrarias das Misericórdias* (GONÇALVES, 1981, p. 339).

89 Deve-se a José Meco esta designação.



Guimarães. Convento de São Domingos. Sacristia.
Foto SIPA 49070

Retábulos com *arco*⁹⁰

Trata-se de uma tipologia com bastante aceitação, que maioritariamente era usada em capelas ligeiramente reentradas. O *arco* corresponde a uma estrutura autónoma que complementa o retábulo propriamente e se prolonga pelo intradorso e por parte do frontispício da capela onde está inserido. A título de exemplo referimos o de Santa Quitéria na igreja do antigo colégio da Companhia de Jesus, em Braga (ver p. 176).

De realçar ainda que na maior parte dos casos o retábulo e o respetivo *arco* são de madeira predominantemente entalhada. São raras as situações em que o retábulo é de madeira e o arco de pedraria, como ocorre na sacristia da igreja do extinto convento de São Domingos, em Guimarães.

Retábulos *em ilba*⁹¹

Contrariamente à larga maioria dos retábulos, que têm uma só face e que estão encostados a uma parede, nesta tipologia autonomizam-se da parede, apresentando duas ou mais frentes e uma ou mais mesas de altar. Se em determinados retábulos os fiéis só visualizam uma das faces, noutros é possível circular por todos os lados.

Com uma mesa de altar sinalizamos o retábulo da capela-mor do santuário do Bom Jesus, nos arredores de Braga (ver p. 214).

Formato retangular

Foram frequentes na Idade Média e no século XVI, quer nos retábulos fixos, quer nos exemplares portáteis ou amovíveis.

Em relação aos espécimes portáteis predomina a categoria dos trípticos com portas ou volantes, da qual é ilustrativo o já citado tríptico da Natividade da antiga colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães (ver p. 156).

Periodização

De seguida apresentamos, por ordem cronológica, cada uma das conjunturas de que subsistem retábulos na região em estudo.

⁹⁰ Apesar de atualmente não haver nenhuma designação para o termo *arco*, foi muito frequente nos séculos XVII e XVIII.

⁹¹ Designação empregue, em 1710, pelo clérigo teatino Manuel Caetano de Sousa no seu manuscrito *Peregrino Instruído* em que a respeito da localização do altar contrapõe duas hipóteses: *encostado ao retábulo ou em ilba*.

Gótico

No Museu Alberto Sampaio, em Guimarães, encontra-se um dos poucos exemplares quatrocentistas existentes em Portugal: o tríptico da Natividade, proveniente da igreja de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães (ver p. 00). Este extraordinário exemplar, de prata dourada, foi provavelmente executado em Portugal, tendo sido doado à colegiada pelo rei português D. João I, após a batalha de Aljubarrota.



Guimarães. Pormenor do tríptico da colegiada de Nossa Senhora da Oliveira.

Foto DRCN - MAS.

Tardogótico

Nos países europeus, os retábulos monumentais começam a ser usados sistematicamente a partir da segunda metade do século XV.

É, no entanto, no reinado de D. Manuel I (1495 - 1521) que se vulgarizam entre nós, sendo então assumidos como um importante equipamento arquitetónico e litúrgico, não só detentor de um discurso figurativo, mas também como representação alegórica do poder. A partir desse momento passam a ficar encostados à parede testeira da capela onde se localizam. Exemplificamos lembrando o melhor retábulo de pedraria então construído em Portugal, na capela-mor da igreja da sé, em Braga, encomendado em 1509 pelo arcebispo D. Diogo de Sousa. Infelizmente foi destruído nos finais de Setecentos pelo arcebispo D. Gaspar de Bragança, subsistindo somente a mesa do altar (ver p. 27).

Simultaneamente continuam a ser empregues os trípticos com portas ou volantes, com pintura figurativa, quer no verso, quer no reverso dos mesmos. O painel central tanto podia ter uma pintura como apresentar um nicho onde se expunha a representação escultórica do orago. Mencionamos como exemplo o tríptico do *mestre pretensioso*, também proveniente da colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães.



Guimarães. Museu Alberto Sampaio. Tríptico do *mestre pretensioso*.

Foto DRCN - MAS.

Renascimento

Período que corresponde, *grosso modo*, ao reinado de D. João III (1521 - 1557). Enquanto que na fase anterior se designavam as obras inovadoras pela expressão *ao moderno*, no Renascimento, por oposição estilística, prefere-se a expressão *ao romano* ou *ao modo antigo, romano*, denunciando *uma crescente consciência do valor exemplar do antigo*⁹².

Entre os materiais utilizados, a maior parte da clientela preferiu a madeira. Menos frequentemente se recorreu à pedraria, conforme se veri-

⁹² MOREIRA, 1995, 2, p. 315.

fica na capela dos Coimbras, em Braga, de pedra de Ançã (ver p. 157).
Esporádicos foram os retábulos fingidos, como o que subsiste, relativamente em bom estado de conservação, na capela-mor da igreja de São Paio, em Vila Verde (ver p. 158).

Em termos funcionais, os dois retábulos anteriormente referidos são devocionais a três temas. Formalmente utilizam uma tipologia muito frequente (a de corpo único e três tramos) e um modelo compositivo igualmente bastante usual (os intercolúnios inscrevem-se entre dois elementos arquitetónicos, um de cada lado).

Apresentamos, de seguida, algumas das características formais dos retábulos em questão:

- Predomínio da planta reta ou plana.
- Os tramos, preenchidos por nichos com representações figurativas, são delimitados por pilastras ou colunas.
- O vocabulário decorativo então vigente baseia-se em motivos inspirados na época greco-romana: os grutescos.



Vila Verde. Igreja de São Paio.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto Manuel Brito - Município de Vila Verde.

Atitude anticlássica e decoro tridentino

Período correspondente à primeira fase do Maneirismo. Principia, no final do reinado de D. João III, prolongando-se até ao domínio filipino. A atitude anticlássica e o decoro tridentino vão coexistir, dependendo da vontade e da cultura artística de cada cliente.

O único retábulo que temos conhecimento desta conjuntura, o da capela das Almas do Purgatório, na igreja paroquial de Santo Adrião, em Vizela (ver p. 159) integra-se no decoro tridentino.

À semelhança da maioria dos retábulos deste período, é de madeira entalhada e predominantemente dourada.

Atendendo a que se trata de um modesto exemplar de uma confraria rural, adota a tipologia mais comum em retábulos devocionais a um só tema (a de corpo único e um só tramo) e um modelo compositivo igualmente bastante usual (o intercolúnio inscreve-se entre duas colunas, uma de cada lado).

Apresentamos, de seguida, algumas das características formais do retábulo em questão:

- Tem planta reta ou plana, a solução mais usual neste período.
- Os elementos arquitetónicos utilizados são duas modestas colunas jónicas, diferenciadas no terço inferior e com o fuste canelado. O intercolúnio é preenchido por um único painel pintado, alusivo ao orago, que domina toda a composição.



Vizela. Igreja paroquial de Santo Adrião.
Pormenor do retábulo das Almas.
Foto Padre Filipe Ferreira.

-Os reduzidos ornatos utilizados, de caráter geométrico, restringem-se ao friso do entablamento.

Prenúncios do Triunfalismo Católico

Período correspondente à segunda fase do Maneirismo. Vigorou, *grosso modo*, no reinado dos dois primeiros monarcas espanhóis, respetivamente D. Filipe I (1580 – 1598) e D. Filipe II (1598 – 1621). À postura de contenção e de decoro que os responsáveis religiosos romanos tinham adotado na sequência do Concílio de Trento, quer os austeros papas, quer os grandes santos contrarreformistas, sucedem os primeiros sinais de um movimento de renovação, pautado por uma postura triunfalista da Igreja Católica. Neste contexto, assiste-se à intensificação do uso de retábulos, tornando-se a obra de Sebastião Serlio o ponto de partida para uma série de ensaios e experiências que, apesar de pontuais e por vezes divergentes, estão na origem de algumas soluções de rutura, tensão, desequilíbrio e, por vezes, complexidade na composição arquitetónica retabular.

Tal como ocorreu nas fases anteriores, predomina a utilização de madeira, complementada, na maioria das situações, por painéis de pintura figurativa.

Se na generalidade dos retábulos prevalece o caráter narrativo ou didático, valorizam-se também os devocionais a um ou a três temas. Relevante testemunho desta última tipologia é o retábulo da antiga capela de São João Baptista da colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães (ver p. 160).

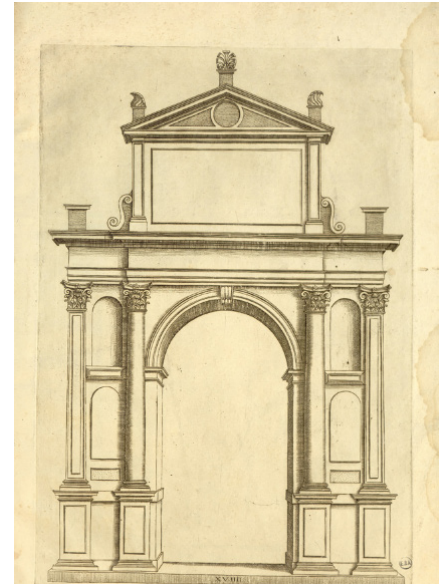
Apresentamos, de seguida, algumas das características formais dos retábulos desta conjuntura:

-Predominam as plantas retas ou planas. Em determinados exemplares é criada alguma dinamização mediante a colocação das colunas das extremidades ligeiramente salientes em relação aos restantes elementos arquitetónicos.

-As ordens arquitetónicas preferidas são as clássicas, desenvolvendo-se a tendência para apresentar o terço inferior diferenciado e ornamentado. Começam a ser usados outros elementos arquitetónicos, nomeadamente consolos.

-Regista-se uma grande diversidade de soluções no ático, quer nos exemplares com uma composição única, quer nos tripartidos, através de painéis retangulares, rematados por segmentos de frontões, volutas, ornatos diversos, etc.

-Assiste-se a uma ampla valorização da escultura, tornando-se frequente



Serlio. *Libro extraordinario*.
IL. XVIII.

a preferência por imagens de vulto perfeito, que passam a coexistir, em diversos espécimes, com os painéis de pintura figurativa ou em relevo escultórico.

-O vocabulário decorativo preenche, não só os elementos arquitetónicos: pedestais, colunas, pilastras e entablamentos, mas também outros espaços disponíveis. Na maioria das situações mantém-se o vocabulário ornamental inspirado nas gravuras ítalo-flamengas, então designado por *ornato de brutesco* ou *à maneira de brutesco*. Como inovação surgem os ornatos vegetalistas de expressão naturalista.



Painzela (Cabeceiras de Basto).
Igreja paroquial.
retábulo protobarroco, remodelado
algumas décadas depois.

Protobarroco⁹³

Período que principia por volta de 1620 e que se prolonga no segundo e terceiro quartéis do século XVII. A partir do reinado de D. Filipe III, evidenciam-se de forma sistemática novos princípios normativos, quer litúrgicos, quer artísticos, que não serão postos em causa pelos monarcas da Restauração, nem tão pouco na sequência do abrandamento de relações diplomáticas de Portugal com a Santa Sé, ocorrido pouco depois.

Observa-se o incremento de práticas até então usadas de forma pontual, nomeadamente o culto a um só tema e a devoção às relíquias sagradas. Despontam também novos procedimentos, como sejam a exposição solene do Santíssimo Sacramento e a valorização da linguagem escultórica, quer em imagens de vulto perfeito, quer no entalhe em médio relevo. Consequentemente os retábulos devocionais a um só tema começam a ser os de maior aceitação da clientela. Por sua vez, os retábulos relicários principiam a incorporar na sua composição diversos nichos ou lóculos destinados à exposição das relíquias, nomeadamente nos intercolúnios dos tramos laterais. Por fim, surgem os retábulos eucarísticos, em que no centro da composição surge um camarim preenchido por um trono escalonado, onde se procedia à exposição solene do Santíssimo Sacramento. Em certas circunstâncias adaptam-se os retábulos principais às novas necessidades, apontando-se como exemplo a abertura, em 1704, de uma tribuna com um trono no retábulo da capela-mor da igreja do mosteiro de São Martinho, em Tibães (ver p. 165). Os novos retábulos já integram no eixo da estrutura um camarim preenchido com um trono es-

⁹³ Convém referir que, em 1981, Flávio Gonçalves é o primeiro historiador da arte a utilizar esta expressão, ainda que pontualmente: *entrara-se num período da talba que, pela riqueza das decorações, se poderá chamar protobarroco* (GONÇALVES, 1981, pp. 341 e 342).

escalonado. Em determinadas situações, continuou-se anualmente a montar e desmontar os tronos amovíveis.

Convém salientar o facto de os elementos em talha passarem a ter uma enorme aceitação. A partir de então, observa-se um processo em que os retábulos de madeira (independentemente das tipologias formais e funcionais) são na sua totalidade revestidos por ornatos em relevo escultórico dourados e policromados. Estas inovações são acompanhadas pelo progressivo desaparecimento dos retábulos narrativos e, conseqüentemente, a pintura figurativa é cada vez menos utilizada.

Apresentamos, de seguida, algumas das características formais dos retábulos desta conjuntura:

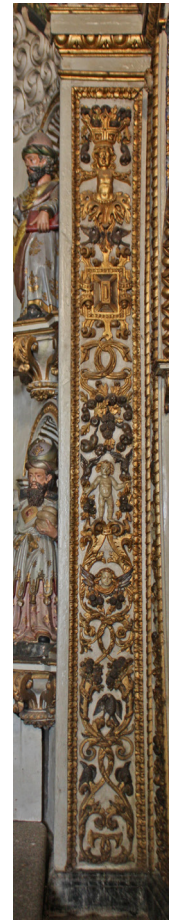
- Prevalecem as plantas retas ou planas, surgindo os primeiros exemplares com plantas mais dinâmicas, nomeadamente em perspetiva côncava.
- A preferência por composições retabulares com corpo único e com um ou três tramos.
- Nos retábulos eucarísticos avulta no centro da composição retabular um camarim preenchido com um trono escalonado destinado à exposição solene do Santíssimo Sacramento e no centro do banco um sacrário monumental.
- Predominam as colunas com brutescos no terço inferior e caneluras no resto do fuste ou então com o fuste integralmente revestido com ornatos vegetalistas. São ainda usados consolas e quartelões.
- O vocabulário decorativo adquire cada vez mais um carácter naturalista, onde se evidencia a folhagem de acanto, em médio relevo, complementada por cabecinhas de serafins.

Barroco Pleno

Período que corresponde *grosso modo* à época de D. Pedro II, primeiro como regente (1669 – 1683), depois como monarca (1683 – 1706). De realçar o ambiente de paz e de prosperidade decorrente do fim do conflito militar com a Espanha, do conseqüente reatamento das relações diplomáticas com a Santa Sé e da descoberta de importantes jazidas de ouro e de diamantes na região de Minas Gerais, no Brasil.

Atendendo ao ambiente de prosperidade então existente, os retábulos desta fase, predominantemente entalhados e dourados, tiveram uma aceitação jamais ocorrida, nem em épocas anteriores nem posteriores, encontrando-se exemplares nos principais centros urbanos e até em pequenas localidades rurais.

Se tivermos em conta os dados documentais remanescentes, os pri-



Esposende. Igreja da Misericórdia.
Pormenor do retábulo da capela do Senhor dos Mareantes.



Esposende. Igreja da Misericórdia.
Pormenor da cobertura da capela do Senhor dos Mareantes.



Braga. Pormenor do retábulo da capela da Casa das Infias.
Foto Leonardo Rodrigues.



Guimarães. Igreja de São Dâmaso.
Pormenor do retábulo-mor.

meiros espécimes desta conjuntura estão associados a Damião da Costa e Figueiredo, *natural de Braga (...) esteve anos no mosteiro da Batalha e lá aprendeu a fazer retábulos de talha e depois (...) fez muitos nesta Província* (Entre Douro e Minho)⁹⁴. A sua primeira obra conhecida, depois de já estar residindo em Braga, refere-se a um retábulo que ajustou, em 1691, para a modesta ermida de Santa Ana, em Braga⁹⁵, obra que já não subsiste. Do acervo ainda existente, o altar mais remoto parece ser o da capela-mor da igreja matriz de São Vítor, em Braga (ver p. 167). Digno de referência, por utilizar uma solução ímpar em todo o mundo português, é o arco triunfal retabular do santuário de Nossa Senhora do Bom Despacho, em Cervães, Vila Verde. Para além de ser composto por dois corpos e três tramos, apresenta no tramo central do segundo corpo uma tribuna preenchida com um trono piramidal em degraus (ver p. 171).

Apresentamos, de seguida, algumas das principais características formais dos retábulos desta fase:

- Predomínio de plantas dinâmicas, nomeadamente em perspetiva côncava.
- Preferência por composições com corpo único e um ou três tramos.
- Os camarins ou tribunas deixam de estar associados aos retábulos eucarísticos e tendem a ser utilizados também nos retábulos relicários e nos devocionais a um ou mais temas.
- As colunas torsas com seis ou sete espiras, cujo fuste é totalmente revestido por cachos de uvas, parras, fénix e meninos são as prediletas. Também se utilizam pilastras revestidas de ornatos e pilastras compósitas ou quartelões, então designadas por *quartelas*.
- No ático dos retábulos adquire maior aceitação uma solução exclusivamente portuguesa, em que se usam dois ou mais arcos salomónicos, plenos e concêntricos, cortados transversalmente por aduelas. Como alternativas menos frequentes referimos o uso de revestimentos integrais de folhagem ou então composições tripartidas, preenchidas nalguns casos com um nicho ou uma edícula central.
- São empregues diversos elementos figurativos em relevo escultórico, quer nas mísulas e nos pedestais do embasamento, quer nos consolos do ático.
- A ornamentação expande-se por todos os espaços, numa atitude de *horror vacui*, pervertendo toda a composição. O entalhe crespo e relevado, em

94 BRANDÃO, 1984, p. 434.

95 E. OLIVEIRA, 1994, p. 99.

médio ou alto-relevo, é do agrado da maioria da clientela.

-O vocabulário decorativo tem um caráter naturalista, sobressaindo a folhagem de acanto ou de *cardo*. São também aplicados flores diversas, frutos, etc.

-O revestimento dourado é colocado na totalidade do retábulo, acrescido de alguma policromia no fundo dos ornatos, na carnção das figuras e no estofado das vestes.

-Assiste-se à tendência generalizada para os retábulos serem complementados por outras modalidades artísticas, a saber, a talha dourada, o azulejo figurativo azul e branco, a pintura de brutesco acântico, sendo menos frequente os mármore com embutidos, o estuque, etc. Nos exemplares em que mais se investiu no envolvimento dos fiéis, assiste-se ao preenchimento total do espaço disponível, as chamadas obras de arte total, quer em capelas mores ou laterais, quer na totalidade dos templos, compensando desta forma a manutenção de esquemas planimétricos retardatários.



Braga. Pormenor do retábulo da capela da Casa das Infias. Foto Leonardo Rodrigues.

Barroco Final

Período de ostentação e de esplendor, que corresponde *grosso modo* ao reinado de D. João V. A partir de 1713, com o fim da participação portuguesa na Guerra da Sucessão de Espanha, inicia-se um período de paz e de grande prosperidade, impulsionada pelo ouro e pelos diamantes originários do Brasil.

Em relação à encomenda de retábulos assistimos então a duas realidades distintas, uma mais elitista e outra mais comum. Por um lado, copiam-se os modelos vigentes na corte papal. Deste modo, o rei, alguns altos dignitários e mercadores mais esclarecidos, preferem os retábulos *à romana* ou *à maneira de Roma*, isto é, de pedraria policroma, com um corpo e um só tramo, sendo o intercolúnio preferencialmente preenchido com uma tela pintada representando o orago. Só em casos pontuais é empregue um relevo escultórico, conforme se verifica nos retábulos laterais da basílica de Mafra (ver p. 63). Por outro lado, a restante clientela, é admiradora dos retábulos predominantemente entalhados e dourados. Quer nos retábulos de pedraria policroma, quer nos entalhados e dourados, surge como inovação estética o seu caráter faustoso e ilusionista.

Na região em estudo, o exemplar pioneiro deve ter sido o da capela do Santíssimo Sacramento, na igreja da sé, em Braga, ajustado em 1718 pelo mestre Miguel Coelho, mas com um risco originário da cidade do Porto, da autoria de João Pereira dos Santos. Deste retábulo só subsiste o



Real (Braga). Convento de São Francisco.
Retábulo-mor.
Foto Joseolgon

URL: <https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.en>



Cavês (Cabeceiras de Basto). Igreja paroquial.
Retábulo das Almas, cujas colunas, revestidas por ornatos vegetalistas e flores diversas, denunciam a adesão a uma nova conjuntura artística.

frontal da mesa do altar (ver p. 155). Interessantes testemunhos desta conjuntura são os retábulos-mores das igrejas monástico-conventuais de Santa Maria do Bouro (ver p. 187), de São Francisco (ver p. 188), de Santa Clara (ver p. 193) e de Santa Rosa do Lima, em Guimarães (ver p. 87) e de São Francisco, em Real – Braga, etc.

Apresentamos, de seguida, as principais características formais, nomeadamente as que foram mais inovadoras:

-As plantas tendem a ser cada vez mais dinâmicas, maioritariamente em perspetiva côncava, passando a usar-se também a perspetiva convexa.

-Em relação às ordens arquitetónicas, numa fase inicial as colunas são muito idênticas às da fase anterior, apresentando como inovação o facto de o fuste ser revestido principalmente por ornatos vegetalistas e flores diversas. Só a partir de 1727, por influência do tratado do padre Andrea Pozzo, é que se generaliza a utilização de colunas torsas com o terço inferior diferenciado, sendo a restante parte da garganta do fuste percorrida por uma grinalda de flores. São ainda aplicadas diversas variantes desta última solução, assim como colunas lisas, quartelões, etc.

-A *frons scenae* deixa de estar no interior do camarim e passa para a face do retábulo. Consequentemente, são aplicados dosséis com sanefas, algumas com cortinas repuxadas por meninos ou anjinhos, quer no remate do camarim ou do nicho central, quer nas ilhargas ou nos tramos laterais.

-O ático desempenha um papel compositivo fundamental. Em certos exemplares surge como o principal elemento inovador. Para além dos dosséis são empregues segmentos de frontões curvos, alguns sustentando figuras de anjos em alto-relevo; volutas, festões, elementos vegetalistas, etc.

-Recorre-se com frequência a elementos figurativos em alto-relevo, não só no embasamento e no ático, mas também nas ordens arquitetónicas, chegando por vezes a substituí-las.

-A ornamentação continua a ser tratada preferencialmente em relevo (em alto, médio ou pequeno relevo ou *baiximba*) e a invadir todos os espaços disponíveis.

-O predomínio da aplicação do douramento, complementado por alguma policromia, pela carnação e pelo estofado.

-O vocabulário decorativo apresenta duas facetas diferentes: uma, de origem italiana, em grande parte já aclimatizada no nosso país na fase anterior; a outra, mais inovadora e próxima da Regência francesa. Em relação a esta última, destacamos as cabeças coroadas com plumas, as palmetas, faixas de arabescos, elementos de expressão gráfica, ornatos si-

nuosos e leves, etc.

-Mantém-se a tendência generalizada para a conjugação dos retábulos com outras modalidades artísticas, originando cativantes obras de arte total quando o espaço disponível é integralmente revestido.

Tardobarroco e Rococó

Período que principia na cidade de Lisboa, na década de 1740, no qual coexistem duas opções estéticas diferentes: o Tardobarroco e o Rococó, que acabam por se influenciar mutuamente.

O Tardobarroco deu continuidade aos retábulos *à romana* ou *à maneira de Roma*, opção minoritária na fase anterior, assumida pelo rei D. João V e por alguma clientela mais próxima dos valores vigentes na corte papal. Atendendo a que os retábulos *à romana* eram de pedraria policroma e como tal de elevado custo, os novos espécimes eram, na sua maioria, de madeira *tão liso de ornamentos como pede a boa arquitetura (...) para se poder imitar pedraria, mas levando sempre seus ornatos de talha dourada*. Esta opção foi implementada pelos arquitetos régios como uma solução erudita, mas pouco dispendiosa, que solucionava alguns dos enormes encargos financeiros da Coroa portuguesa, incluindo custear os inúmeros retábulos paroquiais das possessões ultramarinas.

O Rococó, de origem francesa, mas com forte presença nas gravuras alemãs, deu continuidade à Regência, também originária da França e que, desde a década de 1720, tinha sido usada por alguns entalhadores, inicialmente ligados a obras promovidas pela corte. Neste caso, os retábulos continuavam a ser predominantemente entalhados e dourados e como tal mais dispendiosos.

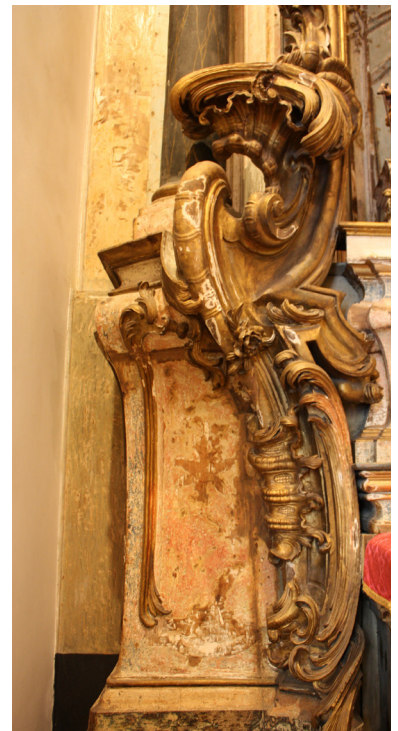
Enquanto que o Tardobarroco adota *as medidas e regras da arquitetura sólida, ficando assim livre da multiplicidade de ornatos*, o Rococó permite diferentes interpretações, mais ou menos fantasistas dos tratados e gravuras francesas e alemãs, concebidas por cada mestre.

Apresentamos, de seguida, algumas referências documentais da época que ilustram a consciência dos novos valores, quer estejam associados a uma ou a outra opção:

-Em 1766, os mesários da confraria de Nossa Senhora da Boa Memória, na igreja da sé, em Braga, pretendem fazer *um retábulo novo, feito ao moderno e de sorte que nele se possam fazer as funções da sua festa*⁹⁶.



Bouro. Igreja de Santa Maria.
Pormenor do retábulo-mor.



Braga. Sé.
Pormenor do retábulo de
Nossa Senhora da Boa
Memória.



Braga. Sé. Retábulo lateral que toma por modelo os da basílica de Mafra.
Foto SIPA 50900

-No *Livro de Razão*, frei Vilaça descreve a sua intervenção no mosteiro beneditino de Pombeiro, afirmando: *toda a capela-mor, que é das obras que tenho feito, a melhor*. Já no relatório das obras que se fizeram neste mosteiro, no triénio de 1770 a 1773, o escrivão afirma a este respeito: *fizeram-se na capela maior a tribuna e retábulo, vestidos até o teto de ornato francês*⁹⁷.

-Em 1781, numa descrição da igreja da sé de Braga, é referido: *em 15 de agosto deste ano, aparecerem todos os altares colaterais do corpo da sé, acabados e pintados à moderna e à imitação dos que estão em Mafra*⁹⁸ (ver p. 63). Por sua vez, sobre os mesmos retábulos, diz Inácio Peixoto: *menos ricos que os antigos dourados e mais pobres, mas modernos*⁹⁹.

Em relação aos materiais empregues verificamos uma diversidade muito grande de soluções:

-A utilização de madeira com largas superfícies lisas decoradas com pintura a fingir pedraria policroma e, como alternativa, branco de cor de pérola, em que os ornatos em relevo escultórico eram dourados.

-O uso de madeira predominantemente entalhada e dourada e, nalguns casos, com alguns elementos, incluindo as colunas, pintadas a fingir pedraria policroma.

-O recurso pontual à madeira com fundos lisos e ornatos em relevo escultórico, mas integralmente dourados e policromados.

Apresentamos, de seguida, as principais características formais, designadamente as que foram mais inovadoras:

-As plantas denotam grande dinamismo, como nunca até então tinha ocorrido. Em diversos casos, utilizam-se linhas sinuosas, alternando superfícies côncavas e convexas. Noutros prefere-se acentuar a angulosidade dos elementos arquitetónicos, que são colocados de viés.

-A tendência para desrespeitar ou mesmo destruir princípios compositivos de tradição secular, nomeadamente a ausência de alguns elementos arquitetónicos, a deformação dos embasamentos ou dos áticos, a difícil distinção entre elementos arquitetónicos e ornamentação.

-A existência de grande diversidade de elementos arquitetónicos: colunas de fuste torso ornamentadas por uma grinalda de flores na garganta do fuste, com ou sem o terço inferior diferenciado; colunas clássicas de fuste liso, por vezes adossadas com diferentes ornatos, incluindo concheados; colunas e pilastras compósitas, quartelões, pilares-estípites, etc.



Braga. Congregados. Pormenor de retábulo.

97 SMITH, 1972, p. 406.

98 E. OLIVEIRA, 2004, p. 46.

99 PEIXOTO, 1992, p. 74.

-Assiste-se a uma crescente diminuição do uso de camarins, nomeadamente nos retábulos devocionais a um ou mais temas.

-Desenvolve-se a tendência para recorrer à pintura figurativa de painéis, que tanto é empregue nos exemplares de pedraria como nos de madeira entalhada.

-O uso de soluções diversificadas no ático, desde composições definidas por elementos arquitetónicos clássicos a outras bastante mais elaboradas.

-Os elementos figurativos são pouco empregues, restringindo-se a figuras de anjos, a virtudes e a cabecinhas de serafins.

-Se em muitos exemplares, os ornatos em talha são desvalorizados, nos que adotam mais fielmente o Rococó, o vocabulário ornamental assenta sobretudo nos concheados ou rocalhas fantasistas e assimétricas. Recorre-se também a linhas sinuosas e formas auriculares, ornatos vegetalistas estilizados, flores diversas, etc.

-O douramento continua a ser usado, restringindo-se, por vezes, a utilização do ouro a alguns ornatos em relevo escultórico. Em muitos retábulos é aplicada pintura a fingir pedraria, nomeadamente o lápis-lazúli, o *verde antico*, etc. Por influência dos ambientes cortesãos começa a aplicar-se o branco de pérola e o branco de leite com ligeiras aplicações de ouro.

-Mantém-se a tendência generalizada para a interdependência entre os retábulos e outras modalidades artísticas.

Neoclassicismo e romantismo

O neoclassicismo vigora a partir da última década do século XVIII, prolongando-se nos decénios seguintes. Surge associado a setores eruditos e elitistas, que se apoiam inicialmente em artistas italianos, nomeadamente Luís Chiari, que se fixa na cidade do Porto. De referir que, em 1799, este prestigiado arquiteto e entalhador italiano aprova o projeto elaborado por Carlos Amarante, para o baldaquino do santuário do Bom Jesus, em Braga¹⁰⁰ (ver p. 214).

A designação *ao moderno* foi empregue pela clientela mais esclarecida que pretendia mostrar-se atualizada, como atesta a situação ocorrida na sé de Braga, no dia 1 de janeiro de 1790, na qual os membros da confraria de Nossa Senhora do Rosário, apesar de terem mandado fazer, poucos anos antes, concretamente em agosto de 1786, um retábulo



Braga. Congregados.
Pormenor de retábulo.

¹⁰⁰ MASSARA, 1988, p. 147.



Braga. Sé.
Retábulo de Nossa Senhora do Rosário, mandado executar em 1790, à moderna.
Foto Daniel VILLAFRUELA
URL: <https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.en>



Braga. Igreja de São Paulo.
Retábulo lateral executado nos finais do século XX.
Foto Hélio Ramos.

para a sua capela conforme o risco que Sua Alteza (o arcebispo) havia determinado, decidiram que por se achar o retábulo da capela com indecência e menos agradável para acomodação da nova imagem (entretanto mandada vir de Itália) se assentou que mandasse fazer outro de novo, bem feito, à moderna, o qual se tinha mandado fazer, cujo (risco) apareceu nesta Junta e por se achar à satisfação desta Junta e outras pessoas inteligentes (...) se venceu¹⁰¹.

A maioria da clientela adotou somente alguns elementos do Neoclassicismo, que foram aplicados em conjunto com as diferentes opções até então vigentes, daí resultando uma perda de autenticidade e de qualidade. Um testemunho desta realidade é o modesto retábulo da capela de Nossa Senhora da Torre, em Braga.

Após a queda do Antigo Regime e a decorrente perda das fontes de financiamento da Igreja acentua-se o período de declínio, que se prolonga até ao Concílio Vaticano II e pontualmente até aos nossos dias. Os retábulos surgem como um sinal de apego ao passado de uma sociedade empobrecida e conservadora, que tem dificuldade em adaptar-se aos novos tempos.

A partir de então predominam os retábulos de reduzido mérito, delineados e executados, na sua maioria, por artífices de modestas qualificações, diminuindo drasticamente o número de entalhadores. Só, em casos pontuais, surgem obras com algum merecimento que, um pouco ao acaso e sem obedecer a nenhuma cronologia específica, adotam soluções saudosistas e de fascínio por um passado, mais ou menos distante.

A madeira continuou a ter grande aceitação, recorrendo-se pontualmente a outros materiais.

Apresentamos algumas das características principais deste período:

- As plantas retas ou planas são as de maior aceitação.
- O predomínio de estruturas lineares e de grande contenção e sobriedade, mantendo-se, por vezes, alguns elementos compositivos das épocas anteriores, nomeadamente os camarins preenchidos com troncos escalonados, destinados à exposição solene do Santíssimo Sacramento.
- Para além da pintura a fingir pedraria policroma, prevalece o branco de leite com ligeiras aplicações de ouro.
- O vocabulário ornamental, de desenho fino e leve, é usado pontualmente,

¹⁰¹ E. OLIVEIRA, 2004, p. 26.

restringindo-se a alguns ornatos vegetalistas, grinaldas, vasos de flores, urnas, etc.

-Nos retábulos historicistas, os elementos arquitetónicos usados obedecem ao formulário que lhes serve de referência. Nos restantes predominam as ordens clássicas.

- O vocabulário ornamental, de desenho fino e leve, é usado pontualmente, restringindo-se a alguns ornatos vegetalistas, grinaldas, vasos de flores, urnas, etc.

- Para além da pintura a fingir pedraria policroma, prevalece o branco de leite com ligeiras aplicações de ouro.

Filiação

Apesar de a região de Entre Douro e Minho ser um dos grandes centros produtivos em Portugal, senão o maior, o certo é que em termos artísticos dependeu das normas emanadas da corte. Ainda que as relações artísticas entre Braga e Lisboa fossem diminutas, é através da cidade do Porto, na maioria das situações e de Coimbra, nos restantes casos, que os principais agentes envolvidos na encomenda e na execução dos retábulos conhecem as inovações estéticas definidas na corte pelos arquitetos régios.

Entre múltiplos exemplos, apresentamos alguns, uns fundamentados na documentação remanescente, outros em analogias formais, que testemunham a estreita relação artística da região em estudo com outras localidades exteriores:

1-Entre 1509 e 1513, o já desaparecido retábulo, de pedra de Ancã, da capela-mor da igreja da sé, em Braga, é executado pelo mestre pedreiro Machim, originário da Alemanha, encontrando-se este profissional integrado numa equipa liderada pelo arquiteto régio João de Castilho¹⁰².

2-Por volta de 1525, o retábulo da capela dos Coimbras, em Braga, é executado pelo mestre escultor João de Ruão, com oficina aberta na cidade de Coimbra (ver p. 157).

3-Em 1572, Pedro Anes, mestre marceneiro com oficina aberta na cidade do Porto, ajusta a feitura do retábulo da capela do padre João Lopes de Goios, na igreja do mosteiro de Landim, da Ordem dos Cónegos Regulares de Santo Agostinho¹⁰³.

4-Ainda em 1572, Fernão Carvalho, mestre imaginário e debuxador de re-



Braga. Igreja do convento do Salvador.
Retábulo de Nossa Senhora da Abadia.
Foto José João Loureiro.



Braga. Bom Jesus.
Pormenor de um retábulo.
Foto Paulo Ladeira.

102 DIAS, 1997, pp. 117 e 118; MOREIRA, 2003, p. 66.

103 BRANDÃO, 1984, pp. 83 a 87.

tábulos, também sediado na cidade do Porto, assume a feitura do retábulo da capela-mor da colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães¹⁰⁴.

5-Nos finais do século XVI, princípios do XVII, o retábulo da capela das Almas, na igreja paroquial de Santo Adrião, em Vizela (ver p. 159) denota grande proximidade com o retábulo da mesma invocação da igreja paroquial de Vila Nova de Baronia, então na diocese de Évora, sendo ambos riscos seguramente originários de Lisboa.

6-Em 1617, o retábulo da antiga capela de São João Baptista do claustro da colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães (ver p. 160), segue com alguma fidelidade o risco de um retábulo concebido para a capela da Porciúncula, na igreja do convento de São Francisco, no Porto, da autoria do mestre portuense Francisco Moreira (ver p. 102).

7-Antes de 1681, Damião da Costa e Figueiredo, mestre entalhador e *debuxador* de retábulos, *natural de Braga*, (...) esteve anos no mosteiro da Batalha e lá aprendeu a fazer retábulos de talha e depois (...) fez muitos nesta *Província* (Minho)¹⁰⁵, fixando a sua oficina na cidade de Braga.

8-Em 1689, o prestigiado mestre entalhador Domingos Lopes, sediado no Porto, ajusta o retábulo da capela-mor da igreja matriz de São Vítor, em Braga (ver p. 167), o mais antigo exemplar do Barroco Pleno na região em estudo.

9-Em 1696, o retábulo principal da igreja do extinto convento de Vilar de Frades, no termo de Barcelos, é ajustado por dois dos mais conceituados mestres entalhadores portuenses, António Gomes e Domingos Nunes¹⁰⁶.

10-Em 1698, o arquiteto régio João Antunes projeta uma nova sacristia para a igreja da sé, em Braga¹⁰⁷, sendo as duas paredes do topo preenchidas por um arco retabular, de pedraria.

11-Em 1709, o arquiteto régio João Antunes faz o risco de um retábulo para a igreja do Senhor da Cruz, em Barcelos¹⁰⁸, eventualmente o da capela-mor.

12-Em 1718, o monge cisterciense frei Luís de São José, residente no mosteiro de Alcobaça, faz o risco do retábulo da capela-mor da igreja do mosteiro do Salvador, em Braga¹⁰⁹ (ver p. 27).



Vila Nova de Baronia. Matriz.
Retábulo das Almas.
Foto Hélio Ramos.



Vilar de Frades (Barcelos). Igreja do mosteiro.
Retábulo-mor.
Foto Joana Bogas
URL: <https://creativecommons.org/licenses/by/2.5/>

104 GONÇALVES, 1981, p. 338; A. J. OLIVEIRA, 2005, p. 70.

105 BRANDÃO, 1984, p. 434.

106 BRANDÃO, 1984, pp. 832 a 835.

107 SMITH, 1972, p. 318.

108 ALMEIDA, 1990, p. 82.

109 SMITH, 1969, p. 41.

13-Em 1718, João Pereira dos Santos, debuxador de arquitetura e de retábulos com residência na cidade do Porto, faz o risco do retábulo da capela do Santíssimo na igreja da sé, em Braga¹¹⁰. De salientar que este projeto esteve, muito provavelmente, na origem do primeiro retábulo do Barroco Final na diocese de Braga.

14-Em 1722, o já referido frei Luís de São José faz o risco de um trono para o retábulo da capela do Santíssimo, na igreja da sé, em Braga, que será replicado no retábulo principal da igreja do Bom Jesus, em Barcelos¹¹¹.

15-Em 1734, António Pereira, mestre pedreiro e debuxador de arquitetura e de retábulos, originário de Lisboa, reside na cidade do Porto. Neste ano, veio a Barcelos *tomar as medidas dos retábulos e idear a forma das plantas* para as duas capelas laterais do santuário do Senhor da Cruz (ver p. 184), cujo entalhe é assumido pelo mestre Luís Pereira da Costa, também residente no Porto¹¹². De referir que durante a intervenção de António Pereira nesta obra, o representante da irmandade deslocou-se à cidade do Porto à sua procura e não o encontrou, pois tinha ido a Lisboa, num sinal evidente da mobilidade de alguns artistas.

16-Em 1740 - 1741, Manuel Coelho da Costa Noronha, mestre entalhador com oficina aberta na cidade do Porto, executa o retábulo principal da igreja matriz de Vila do Conde¹¹³.

17-Em 1741, José da Fonseca Lima, mestre entalhador e debuxador de retábulos com oficina aberta na cidade do Porto, faz o risco do retábulo da capela-mor da igreja do convento de Santa Rosa de Lima, atual igreja de São Sebastião, em Guimarães¹¹⁴ (ver p. 87).

18-Em 1743, Miguel Francisco da Silva, prestigiado mestre entalhador e debuxador de retábulos, originário da cidade de Lisboa, mas com oficina aberta na cidade do Porto, faz o risco do retábulo-mor da igreja do convento de São Francisco, em Guimarães, cujo entalhe é ajustado pelo mestre Manuel da Costa Andrade, também sediado na cidade do Porto (ver p. 188).

19-Em 1743, Nicolau Nasoni, arquiteto e pintor de origem italiana, mas residente na cidade do Porto, faz o risco do retábulo-mor da igreja da Misericórdia de Vila do Conde, cujo entalhe é assumido pelo mestre Manuel da Rocha, com oficina na freguesia de Santo Tirso, termo da cidade do Por-

110 BRANDÃO, 1985, pp. 537 a 541.

111 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 333.

112 ALMEIDA, 1990, pp. 67 a 69; VINHAS, 2004, p. 98.

113 GONÇALVES, 1978, p. 12.

114 GONÇALVES, 1981, pp. 349 e 350; BRANDÃO, 1986, pp. 401 a 406.

to (ver p. 137)¹¹⁵.

20-Em 1748, frei Luís de São José faz o risco para o retábulo da capela da prestigiada confraria de São Tomás de Aquino, na igreja da sé, em Braga¹¹⁶.

21-Em 1750, o mestre entalhador Custódio de Araújo Leite contrata o retábulo colateral de Nossa Senhora das Dores, na igreja do Bom Jesus, de Fão, termo de Esposende, de acordo com um risco mandado vir da cidade de Coimbra (ver p. 194).

22-Na década de 1750, o retábulo da capela-mor da igreja do extinto mosteiro, de Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, em São Simão da Junqueira, termo de Vila do Conde, é muito idêntico ao retábulo principal do colégio da Sapiência ou de Santo Agostinho, em Coimbra.

23-Em 1775, os mesários da irmandade de Santa Cruz, em Braga, escolhem o risco para a remodelação do retábulo da capela-mor da sua igreja. De entre as propostas recebidas há um projeto concebido por um arquiteto de Lisboa¹¹⁷, eventualmente Mateus Vicente ou Manuel Caetano de Sousa.

24-Em 1775, para o mesmo efeito, Francisco Pereira Campanhã, prestigiado mestre entalhador e debuxador de retábulos com oficina aberta na cidade do Porto, concorre com um risco, que não foi escolhido¹¹⁸.

25-Em 1775, José Calheiros de Magalhães Andrade recebe dos mesários da irmandade de Santa Cruz, em Braga, a importância de 4\$800 réis, *pela cópia que extraiu do retábulo da capela-mor da igreja de Santa Cruz de Coimbra, por esta Mesa se informar e certificar ter boa aceitação tal retábulo*¹¹⁹.

26-Em 1780 - 1781, Manuel Teixeira de Guimarães, mestre entalhador com oficina aberta na cidade do Porto, executa o retábulo colateral, do lado da Epístola, da igreja da Santa Casa da Misericórdia, em Vila do Conde¹²⁰.

27-Em 1781, numa descrição da igreja da sé de Braga, é referido: *em 15 de agosto deste ano, em que festeja Nossa Senhora da Abadia na sé, apareceram todos os altares colaterais do corpo da sé, acabados e pintados à moderna e à imitação dos que estão em Maфра, os quais foram pintados por um pintor que veio de Lisboa para isso para dar as cores dos mármorees mais próprios que os dos pintores desta cidade*¹²¹(ver p. 63).



Coimbra. Mosteiro de Santa Cruz.
Retábulo-mor.
Foto Nelson Correia Borges.

115 BRANDÃO, 1986, pp. 436 a 444.

116 SMITH, 1972, p. 317.

117 SMITH, 1972, p. 447.

118 SMITH, 1972, p. 431.

119 SMITH, 1970, p. 64; SMITH, 1972, pp. 430, 431 e 435.

120 GONÇALVES, 1978, p. 15.

121 E. OLIVEIRA, 2004, p. 46.

28-Na década de 1790, Carlos Amarante reside em Lisboa, fixando-se depois na cidade do Porto.

29-O retábulo principal da igreja da irmandade de Nossa Senhora da Consolação e dos Santos Passos, em Guimarães, ajustado em 1792 (ver p. 213), denota muitas afinidades compositivas com o retábulo da capela-

mor da igreja de Nossa Senhora do Loreto, em Lisboa, de 1785, cujo risco é da autoria do arquiteto régio José da Costa e Silva, sendo possível que o projeto deste retábulo lisboeta tenha servido de modelo ao de Guimarães. 30-Em 1799, Luís Chiari, prestigiado arquiteto e entalhador italiano, mas com oficina aberta na cidade do Porto, aprova o projeto elaborado por Carlos Amarante, para o baldaquino do santuário do Bom Jesus, em Braga¹²². De referir que Amarante também residia no Porto, tendo antes estagiado na cidade de Lisboa.

Convém ainda salientar a influência exercida por certos retábulos mais inovadores, localizados nos templos de maior relevância religiosa, nos restantes exemplares. De entre as inúmeras referências documentais que indicam o nome do retábulo que deveria servir de modelo ao que se pretendia construir, individualizamos a seguinte, pela minúcia da sua informação: em 1728, os mesários da irmandade das Almas da igreja paroquial de Creixomil, no concelho de Guimarães, solicitam a Miguel Correia, um dos mais prestigiados mestres entalhadores de Guimarães, com oficina aberta no termo desta vila, que execute um retábulo para a sua capela *feito com as mesmas figuras, galbardias e mimo, como se acha o altar das Almas da santa sé da cidade de Braga que ele, dito mestre, bem entendia e muitas vezes tinha visto e nele, curiosamente por ser coisa da sua arte e tocante à nossa religião cristã, tinha reparado e muito bem examinado*¹²³.

A existência pontual de soluções ímpares e, com maior frequência, de algumas especificidades compositivas e decorativas resulta, no nosso entender, da intervenção de alguns clientes e profissionais mais esclarecidos e consequentemente com conhecimento de retábulos ou de projetos mais inovadores. Tal ocorre, quer com artistas estrangeiros aqui chegados recentemente, quer com profissionais portugueses que tinham acesso a outros centros urbanos nacionais (Lisboa, Porto e Coimbra) e a tratados e gravuras editados noutros países europeus, ainda que adquiridos nos livreiros da cidade de Lisboa. Esta última situação foi mais usual na segunda metade de Setecentos, época de maior liberdade em que os i-



Lisboa. Igreja de Nossa Senhora do Loreto.
Foto SIPA 533982

122 MASSARA, 1988, p. 147.

123 A. J. OLIVEIRA, 2011, p. 476.

deais iluministas se afirmavam gradualmente no nosso país. Algumas especificidades compositivas resultaram também da intervenção de profissionais menos esclarecidos, que tinham feito a sua aprendizagem umas décadas antes e manifestavam dificuldades em se adaptar às inovações entretanto surgidas. Como exemplos de ambas os cenários mencionamos o, então inovador, retábulo da capela do Descimento da Cruz, localizada na igreja do mosteiro beneditino de São Martinho, em Tibães, ainda ajustado nos finais de 1738 (ver p. 186). Utiliza soluções compositivas ímpares na região, próximas das normas vigentes em Itália e que nós atribuímos ao pintor florentino Carlos Leoni, então morador em Braga e que concebe algumas obras nesta cidade. Também o retábulo principal do santuário do Bom Jesus do Monte, em Braga, concebido por Carlos Amarante nos finais do século XVIII, depois de ter residido uma década na cidade de Lisboa, denota o conhecimento de uma tipologia muito pouco usual, a dos baldaquinos, usada pontualmente, quer em retábulos em ilha¹²⁴, quer em catafalcos. Já o retardatário e modesto retábulo da ousia da capela ou ermida de Nossa Senhora da Oliveira, na freguesia de Basto, concelho de Celorico de Basto, é executado por um entalhador local. Este último deixa escrito no frontal da mesa do altar que foi entalhado por ele *sem aprender nem tomar lição* (ver p. 174). Igualmente retardatário é o retábulo, ainda subsistente, na capela-mor da ermida de Nossa Senhora dos Remédios, em Eira Vedra, no concelho de Vieira do Minho, ajustado em 1745 por um simples mestre da região¹²⁵ e que ainda recorre a soluções vigentes algumas décadas antes.

Houve, no entanto, um período em que a arquidiocese de Braga ganhou maior notoriedade. Durante pouco mais de duas décadas, entre cerca 1750 e cerca de 1775, predomina nesta região o Rococó, fortemente influenciado pela intervenção de dois grandes artistas bracarenses (André Soares da Silva e o religioso beneditino, frei José de Santo António Ferreira Vilaça), que executam diversos riscos de retábulos¹²⁶, incluindo para clientes das regiões vizinhas.

Para um melhor entendimento desta realidade, convém reiterar que, nos meados da década de 1740, ainda no reinado de D. João V, passam a coexistir, em Lisboa e depois no resto do país, duas opções estéticas diferentes, ainda que se influenciem mutuamente: o Tardobarroco, que dá

¹²⁴ Ver o item das tipologias e modelos compositivos.

¹²⁵ E. OLIVEIRA, 2003, p. 144.

¹²⁶ Nestes anos, na região estudo, identificámos duas dezenas de debuxadores de retábulos.

continuidade às normas usadas na corte nas décadas anteriores por artistas italianos ou com formação italianizante, e o Rococó, de origem franco-alemã, cujos tratados chegam aos livreiros de Lisboa, sendo aqui adquiridos pelos principais agentes artísticos de todo o país, incluindo os da região em estudo. Em todo o Mundo português, nos diversos centros produtivos vamos assistir à coexistência destas duas opções estéticas, acentuando-se mais uma ou outra em cada região, conforme a opinião dos principais agentes envolvidos na encomenda e na produção artística.

Esse ciclo de predomínio do rococó em Braga foi interrompido a partir da década de 1770, quando o arcebispo D. Gaspar de Bragança resolve assumir claramente os valores do Tardobarroco, incluindo na igreja da sé, onde mandou substituir os anteriores retábulos laterais, da época barroca, por outros novos, *acabados e pintados à moderna e à imitação dos que estão em Mafra*, como já foi mencionado.

Materiais e técnicas

Até um retábulo ficar totalmente concluído são diversos os materiais e as técnicas empregues. Vejamos as diferentes situações, em três momentos sucessivos: o projeto, a execução e os acabamentos.

Projeto

Como já referimos, o projeto de um retábulo era então designado por *risco, traça, debuxo, rascunho, amostra, borrão*, etc. Os projetos eram feitos em folhas de papel e utilizava-se normalmente tinta preta. Em casos muito restritos, recorria-se também a outras cores, nomeadamente o amarelo. Como exemplo, refere-se a intervenção de André Soares da Silva ao projetar algumas remodelações no retábulo que a confraria de Nossa Senhora dos Prazeres, em Braga, adquirira em segunda mão e pretendia colocar na capela que administrava, na igreja do colégio de São Paulo, da Companhia de Jesus. Para tal elaborou *um risco (...) no qual está debuxado o mesmo retábulo que está feito e os acréscimos divididos com tinta amarela*¹²⁷. Os projetos eram acompanhados, muitas vezes, por apontamentos escritos que especificavam as exigências do cliente.

A execução de moldes em barro teve alguma aceitação, como ocorreu, no dia 11 de fevereiro de 1768, data em que se lançou na casa da mesa da irmandade o *termo da aceitação do remate do retábulo* principal da i-



Mafra. Basílica.
Retábulo lateral.
Foto Pedro Melo Tavares.

¹²⁷ SMITH, 1970 (a), p. 75.

greja de Santa Cruz, em Braga: *aonde se costumam fazer as mesas para o bom regime da mesma irmandade a golpes de sino grande, segundo o seu antigo e louvável costume (...), apareceu nesta mesa o remate do retábulo, feito em barro e juntamente os riscos, que vistos nesta mesa, a que estavam presentes os entalhadores e juntamente frei José de Santo António, monge de São Bento, mestre do risco, o que vistos e examinados se aprovaram*¹²⁸.

Execução

Em relação à feitura de retábulos, a madeira foi a opção mais vulgar ao longo dos séculos. A preferência por este material justifica-se por vários fatores: a existência de matéria-prima a custos acessíveis, a formação de mão-de-obra experiente desde os meados do século XVI, a eficácia e o baixo preço dos profissionais e finalmente por opções estéticas.

Depois da aquisição, a madeira era conduzida para a oficina ou tenda do mestre ou então para as instalações cedidas pelo cliente, normalmente nas imediações do templo para onde se destinava o retábulo. Aí era cortada e preparada de acordo com o tipo de entalhe previamente definido pelo cliente. Realçamos, de seguida, alguns exemplos retirados da documentação:



Guimarães. Igreja de São Domingos.
Frontal de altar integralmente
revestido com *talha baixinha*.
Foto SIPA 49066

-Na escritura do ajuste do retábulo principal para a ermida de Santa Luzia, em Vila do Conde, em 1637, é referido que o *banco (...) entalhado de meio relevo e as quatro colunas, primeiras e segundas do meio, todas revestidas também de talha de meio relevo*¹²⁹.

-Em 1753, na obrigação da obra do retábulo de Nossa Senhora da Conceição na igreja matriz de Vila do Conde refere-se que será *com talha alta*¹³⁰.

-Em 1781, *apareceram todos os altares colaterais do corpo da sé, acabados e pintados à moderna e à imitação dos que estão em Mafra, os quais foram pintados por um pintor, que veio de Lisboa, para isso para dar as cores dos mármoreis mais próprios que os dos pintores desta cidade*¹³¹.

Nalgumas situações, exigia-se o recurso a profissionais especializados na escultura de imagens, como ocorreu, por exemplo, em 1743, no ajuste do retábulo da capela-mor da igreja do extinto convento de São Francisco, em Guimarães, em que se declara que *todas as figuras se*

128 SMITH, 1972, pp. 446 e 447.

129 BRANDÃO, 1984, p. 257.

130 BRANDÃO, 1987, p. 77.

131 E. OLIVEIRA, 2004, p. 46.

*farão pelo tamanho que se mostra e por escultor de profissão, imaginário*¹³².

Depois de entalhadas as várias peças que compunham o retábulo, este era transportado para o local de destino, recorrendo-se, em determinadas circunstâncias ao seu transporte por via marítima. Aí, os diversos membros da oficina trabalhavam no encaixe ou ensablagem das peças e na montagem final.

Por vezes, no mesmo retábulo utilizavam-se madeiras diferentes, reservando-se as de menor qualidade para os lugares de menos visibilidade. Preferencialmente recorria-se às madeiras com maior abundância em cada região, predominando a de castanho (*castanea sativa*), conforme se constata em inúmeros contratos notariais. Restrito foi o recurso a madeiras importadas, por exemplo, a de bordo (*acer pseudoplatanus*), originária da Flandres, como ocorre, em 1614, no retábulo da capela-mor da igreja da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, em que se emprega simultaneamente madeira de castanho e de bordo¹³³. Já a aplicação de madeiras oriundas do Brasil ficou restrita à feitura de cadeirais, arcazes, grades, etc.

A partir do segundo quartel do século XVII, com o Protobarroco, começa um longo período que se prolonga até meados do século XVIII, em que os retábulos são predominantemente entalhados, dourados e policromados.

A utilização de pedraria na feitura de retábulos foi sempre muito menor, atendendo à inexistência de materiais apropriados e ao reduzido número de profissionais competentes. Maioritariamente, esta opção esteve associada a clientelas mais esclarecidas e com maiores recursos financeiros, que recorria à importação de mão-de-obra e de materiais de outras regiões. Como exemplos apontamos dois retábulos, de pedra de Ançã ou calcário oolítico: o da capela-mor da igreja da sé de Braga, o mais grandioso retábulo de pedraria da época manuelina em Portugal, infelizmente destruído nos finais do século XVIII e o da capela dos Coimbras, também nesta cidade (ver p. 157). Valendo-se de mão-de-obra e pedraria local somente temos conhecimento de um retábulo, o do antigo oratório de São Vítor, atualmente colocado na nave da ermida de São Vítor, o velho, em Braga (ver p. 181). Lembramos que este último exemplar surgiu da necessidade de substituir, de forma permanente, uma tela pintada com a representação do santo a ser degolado, que se tinha cor-

¹³² BRANDÃO, 1986, pp. 455 e 456.

¹³³ BRANDÃO, 1984, p. 219.

rompido por estar junto ao rio Aleste, num local de grande humidade.

Menos usual foi a utilização de pintura em *trompe l'oeil*, fingindo composições retabulares, podendo ser aplicada em diferentes suportes, nomeadamente no reboco de alvenaria, como sucede no retábulo principal da igreja matriz de São Paio, em Vila Verde, descoberto numa campanha de obras promovidas há alguns anos (ver p. 158).

Se em determinadas situações, os retábulos fingidos eram provisórios, designadamente quando não havia disponibilidades financeiras, noutros casos eram definitivos sendo, por vezes, recomendados por alguns responsáveis religiosos.

Na época medieval era relativamente frequente a existência de retábulos de prata, sendo a sua encomenda restrita a clientelas com maiores disponibilidades financeiras. No nosso país só subsiste um exemplar desse período, no Museu Alberto Sampaio, em Guimarães: o tríptico da Natividade, oriundo da colegiada de Nossa Senhora da Oliveira (ver p. 156).

Nos séculos XVII e XVIII, a utilização da prata em certos elementos dos retábulos foi pouco usual. Como exemplo referimos o sacrário e o frontal da mesa do altar que ainda subsistem na capela do Santíssimo Sacramento na colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães.

Acabamento

Após o assentamento do retábulo no local destinado, tornava-se necessário complementá-lo com outras intervenções, a maior parte das quais executadas por diferentes profissionais. Por vezes, havia necessidade de esperar algumas décadas e só então as disponibilidades financeiras permitiam a sua conclusão. Por vicissitudes diversas, há retábulos em que nunca chegaram a ser aplicados esses complementos e que ainda hoje se encontram incompletos, conforme se constata na capela-mor da ermida de Nossa Senhora da Oliveira, em Basto, concelho de Celorico de Basto (ver p. 174).

Excetuando os exemplares de pedraria, cujo polimento estava a cargo dos mesmos oficiais que os executavam e assentavam, nos restantes recorria-se aos pintores e douradores. Estes assumiam com o cliente um novo contrato, onde se especificavam os materiais, o preço, as modalidades de pagamento, os prazos a cumprir e as tarefas a realizar. De entre estas últimas salientamos o douramento, a policromia, a carnação e o estofado, aplicados sobretudo a partir dos finais do século XVI e durante o século



Guimarães. Pormenor do tríptico da colegiada de Nossa Senhora da Oliveira.
Foto DRCN - MAS



Basto (Celorico de Basto). Frontal do retábulo-mor da ermida de Nossa Senhora da Oliveira.
Foto Comissão de festas de Nossa Senhora da Oliveira.

XVII e a primeira metade do XVIII.

Em relação à feitura dos cadernos de ouro, estes eram fabricados pelos bate-folhas, na maioria dos casos sediados nos grandes centros urbanos, incluindo a cidade de Braga. Esses cadernos, com mais ou menos quilates, eram depois vendidos aos interessados. Se nos séculos XVI e XVII o ouro era obtido em São Jorge da Mina, a partir dos finais de Seiscentos o grande fornecedor passa a ser a região brasileira de Minas Gerais.

Em relação aos fingimentos de pedraria, a partir da segunda metade do século XVIII, surgem, pontualmente, os primeiros retábulos de madeira que tomavam por modelo os exemplares de mármore concebidos e executados no reinado de D. João V. Foram exemplares pioneiros os altares de Nossa Senhora das Dores, no santuário do Bom Jesus, em Fão (ver p. 194) e o da capela-mor da igreja do extinto mosteiro, de Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, em São Simão da Junqueira, no concelho de Vila do Conde. Como já referimos anteriormente, só a partir da década de 1770 é que esta opção começa a ser dominante na região em estudo.

Por fim, a aplicação de pintura de branco de pérola e de branco de leite principia nos meados de Setecentos, acentuando-se o seu uso nos finais desse século, em paralelo com a pintura a fingir pedraria policroma.

Nos templos de maior prestígio verificamos que a maioria dos retábulos eram adornados e protegidos do pó por cortinados e sanefas de tecidos dispendiosos. Vejamos, por exemplo, uma descrição, referente a 1779, das obras ocorridas na sé de Braga no tempo do arcebispo D. Gaspar de Bragança: *além de todas estas obras de pedraria e de carpintaria também se mandou fazer cortinados novos de damasco da Itália para todos os altares do corpo da sé e para a capela-mor, este com sanefa de veludo lavrado, também carmesim*¹³⁴.

Merece ainda uma referência particular o facto de ser frequente a utilização de ramalhetes de flores nas banquetas dos retábulos, quer artificiais, quer naturais.

Realçamos ainda que muitos retábulos foram complementados nos espaços contíguos por outras modalidades artísticas, a saber, a talha dourada, a azulejaria, a pintura de cavalete, a pintura ornamental, revestimentos pétreos, etc., contribuindo nos casos de maior empenhamento da clientela para a criação de obras de grande efeito ceno-



Junqueira (Vila do Conde).
Pormenor do retábulo-mor
da ermida de Nossa Senhora
da Graça.
Foto José Bernardo Carvalho.

¹³⁴ E. OLIVEIRA, 2004, p. 46.

gráfico. Estas obras de arte total tiveram maior aceitação a partir do Protobarroco, ocasião em que se começam a preencher de forma sistemática todos os espaços disponíveis, numa atitude de *horror vacui*, em que se pretendia estimular a adesão da população aos valores do Catolicismo: *tanto para a grandeza da (...) capela, quanto para incitar os ânimos dos fiéis a maior devoção*. Entre múltiplos testemunhos de grande relevância artística referimos a capela-mor da ermida de Nossa Senhora da Conceição de Azurém, em Guimarães (ver p. 166), a capela principal da igreja do recolhimento das Convertidas ou de Santa Maria Madalena, em Braga (ver p. 177), a capela do Descimento da Cruz, na igreja do antigo mosteiro beneditino de São Martinho de Tibães (ver p. 186), a ousia do santuário de São Bento da Porta Aberta, em Terras do Bouro, etc.

Produção artística

Entre os procedimentos subjacentes à feitura de um retábulo, referimos os seguintes:

Obtenção do projeto e dos apontamentos

Os responsáveis pela encomenda de um retábulo iniciavam a sua intervenção, obtendo um ou mais projetos, para poder seleccionar o que mais lhes agradasse. Em diversas situações, tomavam por modelo um retábulo preexistente, exemplificado na justificação de uma verba paga, em 1774, pelos mesários da poderosa irmandade de Santa Cruz, em Braga: *a José de Magalhães Calheiros e Andrade se desse uma moeda de ouro pela cópia que extraiu do retábulo da capela-mor da igreja de Santa Cruz de Coimbra, por esta mesa se informar e certificar ter boa aceitação o tal retábulo e por conta disso se lhe haver recomendado a extração da sobredita cópia*¹³⁵(ver p. 60). Menos frequente era escolher-se para o mesmo retábulo as propostas de dois profissionais diferentes, como ocorreu, em 1709, na capela da Santíssima Trindade, na igreja da sé, em Braga, cujo risco, *do friso para baixo*, tinha sido feito pelo mestre entalhador Luís Vieira da Cruz e do friso para cima *conforme a planta que para isso deu Bento Alvarenga*, também mestre do mesmo ofício¹³⁶.

Em relação ao perfil dos artistas que concebiam os projetos dos retábulos, verificamos três situações diferentes:

-Os que tinham uma formação erudita (arquitetos e engenheiros militares), na sua maioria de nacionalidade portuguesa. Se alguns estavam ao serviço

¹³⁵ SMITH, 1972, p. 435.

¹³⁶ ROCHA, 1994, p. 40.

da corte, nomeadamente o arquiteto régio João Antunes, morador em Lisboa e o coronel e engenheiro Manuel Pinto de Vilalobos, residente em Viana do Castelo, outros vieram para Portugal chamados por um mecenas, conforme sucedeu com o pintor e arquiteto italiano Nicolau Nasoni, sediado na cidade do Porto.

-Os *curiosos*, isto é, todos aqueles que tinham alguma formação académica, sobressaindo os clérigos e alguns nobres. Por exemplo, em Braga, no século XVIII, destacaram-se frei Luís de São José, *eminente na arquitetura* e André Soares da Silva, reconhecido no seu tempo por ser *famoso, curioso na arte da arquitetura*.

-Os mesteiros ou *mecânicos*, que adquiriam conhecimentos através do sistema corporativo, nomeadamente os mestres mais conceituados de algumas oficinas de pedraria, de talha, de escultura, de pintura, de ourivesaria, etc., conseguindo alguns atingir grande notoriedade. À maior parte destes profissionais coube a tarefa de seguir com mais ou menos fidelidade as normas compositivas e o vocabulário ornamental adotado pelos artistas mais prestigiados.

O preço médio pela feitura do risco de um retábulo era de uma moeda de ouro, no valor de 4\$800 réis. Foi quanto pagaram, em 1740, os religiosos beneditinos do mosteiro de Tibães pelo risco do retábulo da capela do Senhor do Descimento da Cruz¹³⁷ ou então os responsáveis da irmandade de Santa Cruz, em Braga, a José Calheiros de Magalhães Andrade *pela cópia que extraiu do retábulo da capela-mor da igreja de Santa Cruz de Coimbra, por esta Mesa se informar e certificar ter boa aceitação tal retábulo*¹³⁸. Houve, no entanto, riscos mais baratos, como sucedeu, em 1747, com o mestre entalhador José Pereira Veloso que, ao ajustar a feitura do retábulo da capela de Santo Amaro, na igreja da sé, em Braga, ficou com a obrigação de pagar 3\$200 réis ao profissional que fez o risco¹³⁹. Já pelo risco do retábulo da capela de Nossa Senhora da Torre, em Braga, foi pago a frei José Vilaça a quantia de 9\$800 réis, achando, no entanto, este profissional que merecia 12\$800 réis¹⁴⁰.

Apesar de os projetos ou riscos dos retábulos serem concebidos por profissionais com diferente formação, convém referir o estatuto desigual que tinham. Enquanto que os dois primeiros grupos, os arquitetos e os en-

137 SMITH, 1972, p. 292.

138 SMITH, 1970, p. 64; SMITH, 1972, pp. 430, 431 e 435.

139 SMITH, 1968, p. 42; A. OLIVEIRA, 1997, pp. 452 e 453.

140 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 423.

genheiros militares e os *curiosos*, usufruíam de regalias sociais e dispunham de meios suficientes para a sua subsistência, os mesteirais ou mecânicos viviam do seu trabalho temporário, muitas vezes com dificuldades, mais acentuadas nos últimos anos da sua vida. Apontamos, de seguida, dois testemunhos, bem diferenciados, de profissionais responsáveis pela feitura de riscos de retábulos, ambos com prestígio na época:

- Carlos Amarante, em junho de 1776, pede para ficar isento da Ordenança *por exercer uma arte tão nobre como a arquitetura em que ele nesta cidade e talvez em toda a província e nas vizinhas é o único que da mesma faz um louvável emprego, mostrando nas suas obras um talento muito distinto e tendo nisto mesmo no serviço de Vossa Alteza um testemunho irrecusável e não só por este princípio, mas também porque em todo o tempo da sua vida nunca se ocupou em função alguma mecânica e já pela pessoa de seu pai, que sempre professou uma arte igualmente liberal, não podia o suplicante ser descrito na Lista da Ordenança, nem adscrito a ela, portanto pede a Vossa Alteza se digne decretar ao sargento mor que faça riscar daquelas listas o suplicante e que não o incomodem mais para aquele fim*¹⁴¹.

- José Álvares de Araújo executa, em 1751, um retábulo para o altar de São Sebastião, na igreja paroquial de São João de Gondar, termo de Guimarães. Diz o pároco a respeito desta intervenção: *tudo feito com grande perfeição, por bom risco e imaginário perito que é José Álvares de Araújo, dessa cidade (de Braga) de quem ouvi dizer que fazia algumas obras para Vossa Alteza Sereníssima*¹⁴². Já no seu testamento, datado de 1762, este mestre afirma: *se me dirão trinta missas pela minha alma, de esmola de 120 réis cada uma, por uma vez somente e não podendo ser nos mais dias seguintes e não deixo mais gastos pela minha alma por estar pobre e ao reverendo pároco se lhe pagará o meu direito paroquial e não se me fará reza anual por ser pobre, como também não deixo ofício algum*¹⁴³.

Escolha do projeto

Nos casos em que os responsáveis solicitavam mais de um projeto para um retábulo, a etapa seguinte era a sua seleção, escolhendo-se o de maior agrado. Vejamos concretamente como decorreu a reunião ocorrida, no dia 13 de abril de 1767, na sacristia da confraria de Nossa Senhora da Boa Memória da sé de Braga: *andando o escrutínio se venceu por favas brancas nemine discrepante que se fizesse o dito retábulo pelo risco que tinha feito André*

141 E. OLIVEIRA, 2011, 2, p. 507.

142 E. OLIVEIRA, 2011, 2, p. 554.

143 E. OLIVEIRA, 2011, 2, p. 562.

*Soares da Silva e andando o escrutínio sobre o risco do doutor Jerónimo José Dias se venceu por maior número de favas pretas que por ele se não fizesse, em atenção principalmente à falta de comodidade e medições da capela e andando o escrutínio sobre ter ou não, uma urna ou frontal no dito altar, se venceu por maior número de favas que se fizesse de urna, sem atenção a gastos*¹⁴⁴.

Em diversas circunstâncias, os responsáveis solicitavam o parecer a um ou mais peritos, que os aconselhavam, como ocorreu, designadamente, em 1775, com os mesários da referida irmandade de Santa Cruz, em Braga, quando procuravam escolher a melhor das várias propostas requisitadas, respeitantes à remodelação do recém construído retábulo da capela-mor da sua igreja: *testificaram também algumas pessoas peritas na arte a quem para isso se mostraram, além de outras, que lhe deram a mesma aprovação*¹⁴⁵.

A seleção do projeto era complementada pela elaboração de apontamentos escritos, que serviam de referência ao mestre que iria assumir a execução do retábulo. Em muitas escrituras notariais remanescentes, respeitante ao ajuste do entalhe de retábulos, deparamos com a descrição estes elementos.

Escolha da oficina

Depois do projeto aprovado, procurava-se uma oficina para executar o retábulo. Normalmente marcava-se uma data e um local para a arrematação das propostas. Para mais fácil conhecimento dos eventuais interessados colocavam-se editais à porta dos templos mais concorridos e, por vezes, apregoava-se em determinados locais mais frequentados. Após a consulta do projeto e, muitas vezes dos respetivos apontamentos, cada mestre ou o seu representante comparecia no dia afixado e apresentava o melhor preço, num ou mais lances, ganhando normalmente quem lançasse a melhor proposta.

Em certos casos, não havia qualquer concurso ou realizando-se, não se optava pela proposta mais barata, prevalecendo a boa reputação do mestre eleito, que dava garantia de melhor qualidade.

Depois de ajustadas oralmente as várias cláusulas, escolhia-se frequentemente um notário para escrever o contrato no *Livro de Notas*. Após a presença de todos os interessados, incluindo normalmente um ou mais fiadores do mestre que contratava a execução do retábulo e de várias testemunhas, lia-se a escritura, assinando todos no fim. Também o proje-

¹⁴⁴ E. OLIVEIRA, 2011, 2, p. 175.

¹⁴⁵ SMITH, 1972, p. 447.

to era assinado pelo cliente e pelo mestre que assumia a execução da obra, para no fim servir de orientação aos profissionais encarregues da sua vistoria. As cláusulas estipuladas definiam sempre o preço, as modalidades de pagamento, os prazos de execução, as medidas a tomar no caso de incumprimento de cada uma das partes, incluindo os fiadores, etc.

Como alternativa menos frequente, referimos o ajuste do retábulo, pagando-se o trabalho à semana ou todos os quinze dias. Para exemplificar mencionamos a situação ocorrida, em 1751, na igreja administrada pela confraria de Nossa Senhora, a Branca, em Braga: *pareceu ser mais conveniente a esta confraria, não só para menor gasto, mas também para a perfeição da obra, dar-se esta a jornal e andando sobre esta matéria a caixa se venceu por favas brancas se desse a dita obra a jornal, para que, mandando-se chamar mestres, se ajustou com José Álvares, da Rua dos Chãos de Cima, mestre na arte, de assistir à dita obra, chamando para ela os oficiais necessários, dando-se a estes o jornal que costumam ganhar e ao dito mestre o de 320 réis por dia, com a condição que faria a dita obra na forma do dito modelo e apontamentos que se lberem¹⁴⁶.*

Obtenção dos materiais

Os diversos materiais escolhidos para a feitura de um retábulo tanto podiam ser obtidos pelo cliente da obra como pelos profissionais que assumiam a sua execução. Na documentação remanescente encontramos diversos testemunhos, quer de fornecedores que colocavam os materiais no local pretendido, quer da deslocação do mestre ao local de origem da matéria-prima.

A execução

Após a obtenção dos materiais destinados à feitura de um retábulo, o mestre e os diversos membros da sua oficina principiavam a sua elaboração (corte da madeira, entalhe, etc.). Conforme as cláusulas ajustadas, iam recebendo o pagamento, cada um de acordo com o estipulado pelo mestre da oficina. Depois de concluída a obra, procedia-se ao transporte das diversas peças do retábulo para o local destinado.

Finalmente, durante vários dias, as diversas peças do retábulo eram colocadas ou ensambladas, no caso dos exemplares de madeira, no local previamente definido.

¹⁴⁶ E. OLIVEIRA, 2011, 2, pp. 202 e 203.

A vistoria e a quitação

Assente o retábulo, procedia-se à sua vistoria, normalmente realizada por dois profissionais, os juízes do ofício eleitos nesse ano ou então dois mestres de grande reputação, um escolhido pelo cliente e outro pelo executante. Ambos consultavam o projeto, assinado inicialmente pelo cliente e pelo executante, para que cada um *dissesse na sua consciência se estava a dita obra bem executada na forma dos riscos e seus apontamentos*. Em situações normais, este processo terminava com um termo de quitação em que ambas as partes assinavam um documento, desobrigando-os de um contrato que os ligou durante um certo tempo.

Em caso de o retábulo ser rejeitado por não estar conforme o previsto, definia-se um novo acordo, normalmente com o mesmo mestre. Por vezes, a nova intervenção também não agradava, acabando os responsáveis pela encomenda por encontrar um novo profissional. Foi o que ocorreu, por exemplo, em 1691, com a abadessa e mais religiosas do convento de Santa Clara, em Vila do Conde: *elas e o dito seu real convento tinham dado a reformação do retábulo-mor de sua igreja ao dito Cristóvão de Sampaio pelo preço de 200\$000 réis, com a obrigação de lho dar reformado pelo Natal daquele ano e porque foi vista a obra que ele fez e não estar conforme a traça e apontamentos inclusos na mesma escritura, estavam contratados entre si de ele, dito Cristóvão de Sampaio ficar com 177\$320 réis e deixar a obra no estado em que estava e logo para esse efeito lhe davam pura e irrevogável quitação*¹⁴⁷.

Atividades complementares

Os retábulos que utilizavam materiais pétreos, após o assentamento, eram complementados pelo polimento e pelo lustre, tarefas normalmente incluídas nas obrigações previstas no ajuste da execução da obra. Só intervinham outros profissionais se porventura esses retábulos fossem dourados ou pintados, situação bastante frequente no século XVI.

Nos retábulos de madeira era necessária a intervenção de uma oficina de pintura para realizar as modalidades artísticas requeridas pelo cliente, o douramento ou a policromia, particularmente nos séculos XVI, XVII e na primeira metade do século XVIII, a pintura a fingir pedraria policroma ou o branco de pérola a partir dos meados de Setecentos ou então a pintura de branco de leite, nos finais deste mesmo século. Iniciava-

¹⁴⁷ BRANDÃO, 1984, pp. 719 e 720.

-se então um processo idêntico ao da feitura do retábulo.

Retábulos em segunda mão

Alguns clientes com menos recursos financeiros, ao invés de mandar executar um retábulo novo, mais dispendioso, adquiriam-no em segunda mão, por vezes, já com muitas décadas. Procuravam-no junto de entidades com muitos rendimentos, que recentemente tinham substituído o anterior por outro mais atualizado, isto é, *ao moderno*, como se dizia na época. Apontamos dois exemplos:

-No primeiro, a confraria de Nossa Senhora da Boa Memória, sita num dos claustros da igreja da sé, em Braga, regista no termo de 5 de abril de 1767: *se estava arruinando o retábulo de Nossa Senhora por estar ao tempo e haver quem o compre, dando-se-lhe, logo se resolveu esta mesa a pedir licença as Sua Alteza Real para a extração e venda do mesmo e tendo-se feito todas as diligências para averiguação do seu justo valor por mestres entalhadores como também por André Ribeiro Soares, assentaram que o mesmo retábulo valia só de 12\$000 réis até três moedas de ouro e apareceu a esta mesa Manuel José Antunes, estudante, morador na Rua do Souto desta cidade, dizendo que tinha procuração do reverendo abade da Graça para haver de comprar um retábulo já usado e que se esta mesa lhe queria vender o dito retábulo, visto estar avaliado, que dava por ele 19\$200 réis e por não haver quem mais lançasse no dito, nem por ele desse mais, andando o escrutínio, se venceu por todas as favas brancas que haviam vendido o dito retábulo na referida quantia de 19\$200 réis, o qual achando-se presente, entregou ao tesoureiro da confraria a referida quantia que ele recebeu e também assinou no fim deste termo e se lhe vendeu com a cláusula de que o retábulo não seria para usos profanos conforme o decreto de Sua Alteza Real, não obstante ter esta mesa a certeza de que o retábulo era para a igreja de Pousa¹⁴⁸.*

O segundo exemplo sucedeu, no dia 4 de abril de 1775, quando o secretário e os mesários da irmandade de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, decidem dar de esmola o retábulo velho de Nossa Senhora (executado em 1687) à irmandade do Campo da Feira, *que pretendiam colocar na sua capela, que andavam fazendo de novo e que tudo seria em honra e louvor do Senhor dos Santos Passos¹⁴⁹.*

Obtenção de licença para se tirar o retábulo velho e colocar o novo

Após a conclusão do entalhe, era necessário solicitar autorização

148 E. OLIVEIRA, 2011, 2, pp. 173.

149 A. J. OLIVEIRA, 2005, p. 82.

para se tirar o retábulo velho e colocar o novo. Como exemplo referimos a situação ocorrida em Braga, em 1762: *dizem o juiz da mesa da irmandade de Nossa Senhora do Ó e São Miguel, sita na sua própria capela da freguesia da sé desta cidade, que para maior culto da mesma Senhora mandaram fazer retábulo ao moderno e para se tirar o altar e colocar o novo necessita de licença, portanto pedem a Vossa Alteza faça mercê conceder licença para o referido na forma costumada*¹⁵⁰.

Provisão de licença para se benzer o novo altar

Findo o assentamento do retábulo no lugar ajustado, solicitava-se autorização para se benzer o novo altar. Para ilustrar esta ocorrência, referimos o pedido feito ao arcebispo de Braga, no dia 13 de setembro de 1747, pelos mordomos da capela de Nossa Senhora dos Remédios, na freguesia de São Paio, de Eira Vedra, no concelho de Vieira do Minho, para se benzer o altar da capela na forma do ritual romano: *e como está composto de novo o dito altar, credências e retábulo, com toda a decência e capacidade para neles se celebrar o sacrificio da missa, para o que necessita primeiro de se benzer, pedem a Vossa Alteza Real se digne mandar que o seu reverendíssimo pároco benza o dito altar-mor da dita capela*¹⁵¹.

Ofícios mecânicos

Convém referir que a mão-de-obra que executava os retábulos e as diversas atividades complementares, era exclusivamente proveniente dos ofícios mecânicos, sobressaindo algumas profissões: os pedreiros ou escultores nos retábulos de pedraria ou de alvenaria estucada, os marceneiros ou entalhadores nos de madeira, os pintores ou douradores no douramento, na policromia, na pintura a fingir pedraria policroma, na pintura em *trompe l'oeil* fingindo composições retabulares, etc.

Se excetuarmos alguns artistas mais credenciados oriundos dos principais centros urbanos, responsáveis pela execução de retábulos para clientes mais eruditos e endinheirados ou então modestos artistas viandantes que apareciam pontualmente numa localidade à procura de trabalho, na larga maioria das situações foram os mestres estabelecidos em cada localidade os principais executantes da maioria dos retábulos. Esta situação possibilitou o aparecimento de algumas especificidades, não só no entalhe, mas também na interpretação mais ou menos fiel do formulário vigente. É interessante frisar que estas especificidades se restrin-

150 E. OLIVEIRA, 2011, 2, pp. 224 e 225.

151 E. OLIVEIRA, 2003, p. 149.

giam a uma ou outra oficina, nunca tendo sido comuns a uma região.

Em Portugal continental, os mesteres ou mesterais estavam estruturados em corporações de ofícios ou artes mecânicas. Cada ofício era regulamentado por regimentos aprovados pelos municípios, servindo o de Lisboa de referência aos restantes¹⁵². Deste modo, ninguém podia trabalhar numa profissão mecânica sem ser previamente examinado, obtendo, em caso de aprovação, uma carta passada por um município.

No Antigo Regime, a oficina constituía a principal unidade produtiva, sendo formada por um mestre, vários oficiais e normalmente um ou dois aprendizes. A dimensão das oficinas variava conforme houvesse falta ou excesso de mão-de-obra. Neste último caso, assistimos à diáspora de inúmeros entalhadores da região em estudo por quase todo o país e também para o Brasil, nomeadamente para a região de Minas Gerais, onde era maior a procura de profissionais habilitados. De referir que *em a América os jornais dos operários eram mais vantajosos que os de Lisboa*¹⁵³, atraindo muitos entalhadores da região em estudo.

O mestre assumia os trabalhos e as respetivas responsabilidades, dirigia as tarefas de cada elemento, pagava aos oficiais e ensinava os aprendizes. Em caso de incumprimento dos prazos chegava a ser preso.

Os oficiais eram os profissionais encartados, que já tinham feito o exame e ficado aprovados. Quando quisessem podiam abrir a sua oficina, no entanto, na maioria das situações continuavam a trabalhar na tenda onde fizeram a sua aprendizagem. Com alguma frequência eram cedidos aos mestres de oficinas vizinhas, com as quais mantinham relações familiares ou de amizade, sendo pagos por estes últimos.

Os aprendizes eram os principiantes e, durante quatro ou cinco anos, pagavam para aprender. Passado este tempo começam a receber semanalmente pequenos honorários. Quando se submetiam a exame e eram aprovados, passavam a oficiais.

As oficinas competiam entre si para obter trabalho e, algumas vezes, as matérias-primas necessárias para a sua atividade. Tinham, contudo, regras comuns. Anualmente, entre todos os mestres residentes num determinado município escolhiam dois deles, os juizes do ofício, para fazer cumprir os regulamentos, competindo-lhes examinar os aprendizes quando queriam passar a oficiais, vistoriar os trabalhos dos seus colegas

152 De referir que o primeiro *Regimento dos sambladores, entalhadores e imaginários de Lisboa* remonta a 1549, tendo sido sucessivamente reformulado ao longo dos séculos seguintes.

153 Arquivo Histórico Ultramarino – Minas Gerais, Cx.128, doc. 50.

quando solicitados por alguma instituição, participar na governação concelhia, designadamente no acompanhamento das posturas camarárias relativas aos mesteiros, etc.

Estrutura produtiva

Atendendo aos conhecimentos atuais sobre o número e a localização das oficinas que executaram retábulos, maioritariamente de madeira e em muito menor número de pedraria e outros materiais, é possível identificar os diversos centros produtivos em Portugal. Convém mencionar que entendemos por centro produtivo uma região, mais ou menos abrangente, que dispunha de um conjunto de oficinas que disputavam entre si a execução da maioria dos retábulos dessa zona.

Em Portugal continental a província de Entre Douro e Minho, que abrangia os bispados de Braga e do Porto, correspondia a um centro produtivo, de grande dinâmica, idêntico ou mesmo superior à Estremadura, onde a cidade de Lisboa ocupava um papel hegemónico. Na região em estudo assistimos a uma maior dispersão das oficinas, concentrando-se as de maior prestígio nos dois principais centros urbanos e religiosos (Porto e Braga).

Apresentamos, de seguida, uma listagem, por ordem alfabética, dos profissionais residentes no território analisado. Em determinadas circunstâncias, somente se conhece a atividade que exerceram temporária ou definitivamente noutras áreas geográficas, quer na metrópole, quer no Ultramar. Referimos também os artistas e mestres forasteiros que conceberam riscos ou projetos de retábulos ou os interpretaram e executaram para templos da jurisdição correspondente à atual arquidiocese de Braga. Excluimos, contudo, os profissionais intervenientes em atividades artísticas complementares aos retábulos. Referimo-nos concretamente a outras obras de talha, à pintura de cavalete, à escultura de vulto perfeito e a diversas modalidades ditas mecânicas, a saber, o douramento, a carnação, o estofado e a policromia, que não importam na atual abordagem¹⁵⁴.

Adão Francisco (1598)

Mestre entalhador com oficina aberta em Guimarães, na Rua do

¹⁵⁴ As datas apontadas entre parênteses curvos, à frente do nome de cada artista, correspondem à primeira e à última obra do referido profissional, mas somente na região em estudo, indicando-se o ano do falecimento, quando temos conhecimento.

Gado. Em 1598, executa algumas obras para o mosteiro de Santa Marinha da Costa, em Guimarães¹⁵⁵, eventualmente algum retábulo.

Alexandre Pinto Ribeiro (1734)

Mestre ensamblador com oficina aberta no lugar de Santinho, freguesia de Santo Estêvão de Penso, termo de Braga.

A 6 de dezembro de 1734, assume com o prior do mosteiro de Santa Marinha da Costa, nos arredores de Guimarães, entre outras obras, a feitura de um retábulo para a sacristia¹⁵⁶, obra que não realiza, pois, um novo contrato é assumido dias depois com os mestres António Fernandes e António Fernandes Palmeira.

Álvaro José Pereira Faria (1764 - 1801)

Mestre entalhador e debuxador de retábulos, *perito neste officio de arquiteto ou entalhador*, com oficina aberta na cidade de Braga, na Rua de São Vicente. Em 1764, é referenciado na lista da Ordenança de Braga com 28 anos e casado. Pertenceu à ordem terceira de São Francisco e às confrarias de São Vicente e de Nossa Senhora de Guadalupe.

Em 1772, no dia 13 de julho, ajusta a feitura do retábulo principal da ermida do Senhor do Horto, na Póvoa de Lanhoso (ver p. 206).

A 19 de junho de 1774, arremata a obra de três peanhas para o retábulo da capela-mor da igreja de São Vicente, em Braga¹⁵⁷. Desconhecemos se subsistem.

No dia 7 de fevereiro de 1775, assume o entalhe da tribuna do santuário de Nossa Senhora das Necessidades, em Barqueiros, no termo de Barcelos, cujo risco tinha sido concebido por Carlos Amarante (ver p. 208).

A 6 de julho de 1778, ajusta a remodelação do retábulo da confraria de São Crispim, na igreja da sé¹⁵⁸. Este exemplar já não subsiste.

No dia 17 de setembro de 1779, contrata a feitura do retábulo da capela-mor da igreja matriz de Quintiães, termo de Barcelos¹⁵⁹. Desconhecemos se subsiste.

Em julho de 1781, lança na obra do retábulo-mor da igreja dos Terceiros, em Braga, ganha pelo seu colega João Bernardes da Silva¹⁶⁰.

No dia 16 de novembro de 1784, de parceria com Manuel José Cor-

155 GONÇALVES, 1981, p. 338.

156 A. J. OLIVEIRA, 2011, p. 232.

157 E. OLIVEIRA, 2005, p. 14.

158 E. OLIVEIRA, 2011, 2, p. 589.

159 E. OLIVEIRA, 2005, p. 14.

160 SMITH, 1970, pp. 64 e 65.

reia, ajusta a feitura de seis retábulos laterais e respetivas sanefas para a igreja do convento de Santa Maria de Bouro¹⁶¹, exemplares ainda subsistentes.

Em 1791, trabalha na obra do retábulo da confraria de Nossa Senhora do Rosário na sé de Braga¹⁶². Este exemplar ainda subsiste.

No dia 27 de abril de 1791, ajusta a feitura do retábulo da capela-mor da igreja da Lapa, em Braga¹⁶³. Este exemplar ainda subsiste.

A 10 de abril de 1794, compromete-se a executar o retábulo principal da igreja matriz de Nogueira, termo de Braga¹⁶⁴. Este exemplar ainda subsiste.

No dia 20 de setembro de 1794, é fiador na escritura de ajuste do retábulo-mor da igreja matriz de Brufe, termo de Vila Nova de Famalicão, obra assumida por Luís da Cunha Correia do Vale¹⁶⁵.

A 2 de dezembro de 1794, contrata a feitura do retábulo lateral, de Nossa Senhora da Conceição, na igreja matriz de Nogueira, termo de Braga¹⁶⁶. Este exemplar ainda subsiste.

No dia 2 de julho de 1799, é fiador de José Francisco Moreira da Silva no ajuste do retábulo da capela-mor da igreja do hospital de São Marcos, em Braga¹⁶⁷.

A 4 de janeiro de 1800, ajusta a feitura do retábulo principal da igreja matriz de Esqueiros, termo de Vila Verde¹⁶⁸. Este exemplar ainda subsiste.

No dia 26 de fevereiro de 1801, trespassa a sua oficina a Domingos José da Mota, oficial de entalhador, da freguesia de São Paio de Pico de Regalados¹⁶⁹.

Por fim, a 3 de maio de 1802, compromete-se a executar o retábulo da capela-mor, ainda subsistente, da igreja matriz de São Cristóvão de Pico, termo de Vila Verde¹⁷⁰.

Ambrósio Coelho (1730 – f. 1747)

Mestre entalhador e debuxador de retábulos com oficina aberta no



Braga. Igreja da Lapa.
Retábulo-mor.
Foto Joseolgon URL: <https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.en>

161 E. OLIVEIRA, 2005, p. 14.

162 E. OLIVEIRA, 2005, p. 15.

163 E. OLIVEIRA, 2005, p. 15.

164 E. OLIVEIRA, 2005, p. 15.

165 E. OLIVEIRA, 2005, p. 15.

166 E. OLIVEIRA, 2005, p. 15.

167 E. OLIVEIRA, 2005, p. 15.

168 E. OLIVEIRA, 2005, pp. 22 e 23.

169 E. OLIVEIRA, 2005, p. 15.

170 E. OLIVEIRA, 2005, p. 12, 22 e 23.



Guimarães. Convento de Santa Clara.
Retábulo-mor.
Foto DRCN - MAS.

lugar de Eirinhães, freguesia de Serzedelo, então termo de Barcelos. Pertenceu à irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Riba de Ave e à de Nossa Senhora do Rosário, em São Romão do Mesão Frio, no concelho de Guimarães¹⁷¹.

A 17 de fevereiro de 1730, obriga-se a entalhar um retábulo para a capela da confraria do Senhor da Agonia, sita na colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, pela quantia de 115\$200 réis¹⁷². Este exemplar já não subsiste.

No dia 8 de fevereiro de 1731, ajusta com as religiosas do convento de Santa Clara, em Guimarães, a execução do retábulo da capela-mor da igreja, de acordo com um risco da sua autoria. Este exemplar foi vitimado num incêndio, já no século XX¹⁷³. Eventualmente, os dois retábulos colaterais, ainda subsistentes na igreja do antigo convento da Madre de Deus, em Guimarães, podem ter sido executados por este mestre, antes de 1739¹⁷⁴.

Ambrósio Pereira (1624 - 1630)

Mestre entalhador e eventual debuxador de retábulos com oficina aberta em Ruivães, então no termo de Barcelos.

A primeira informação remonta a 1624, quando assume a execução do sacrário para o retábulo principal da igreja do mosteiro do Salvador, em Braga, de acordo com a traça dada pelo padre Geraldo Álvares¹⁷⁵. Este exemplar já não subsiste.

No dia 21 de junho de 1629, ajusta a feitura do retábulo da capela-mor da igreja do colégio de São Paulo, em Braga¹⁷⁶. Este exemplar já não subsiste.

No ano seguinte, a 24 de dezembro, assume a execução do retábulo da capela de São Nicolau, na igreja do convento de Nossa Senhora do Pópulo, em Braga¹⁷⁷. Este exemplar já não subsiste.

André António Cunha (1764 - 1788)

Entalhador e debuxador de arquitetura com oficina aberta na cidade de Braga, no largo dos Penedos, *um dos mais famigerados mestres desta Província*. Em 1764, é referenciado na lista da Ordenança de Braga com 23

171 SANTOS, 1995, p. 152.

172 A. J. OLIVEIRA, 2011, p. 466.

173 GONÇALVES, 1981, p. 347; A. J. OLIVEIRA, 2011, pp. 275 e 276.

174 A. J. OLIVEIRA, 2011, pp. 125 e 131.

175 SERRÃO, 1998, p. 281.

176 SERRÃO, 1998, p. 281.

177 SERRÃO, 1998, p. 281

anos. Pertenceu à irmandade de São Vicente.

A 25 de maio de 1767, lança na arrematação do retábulo de Nossa Senhora da Boa Memória, na igreja da sé, em Braga, tendo a sua proposta sido preterida¹⁷⁸.

No dia 5 de maio de 1781, faz o risco e supervisiona o entalhe do retábulo da capela-mor, ainda subsistente, da igreja do convento dos Congregados, em Braga, cuja escritura é assumida por Custódio Francisco da Silva¹⁷⁹. p.74a

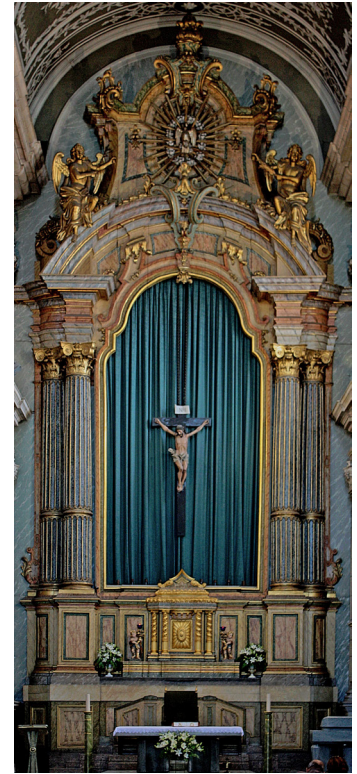
Finalmente, em 1788, faz o risco e assume o entalhe, juntamente com o seu filho Luís António da Cunha, do retábulo principal da ermida de Santo António do Campo dos Touros, em Braga¹⁸⁰. Este exemplar já não subsiste.

André Lopes da Cunha (antes de 1730 - f. 1779)

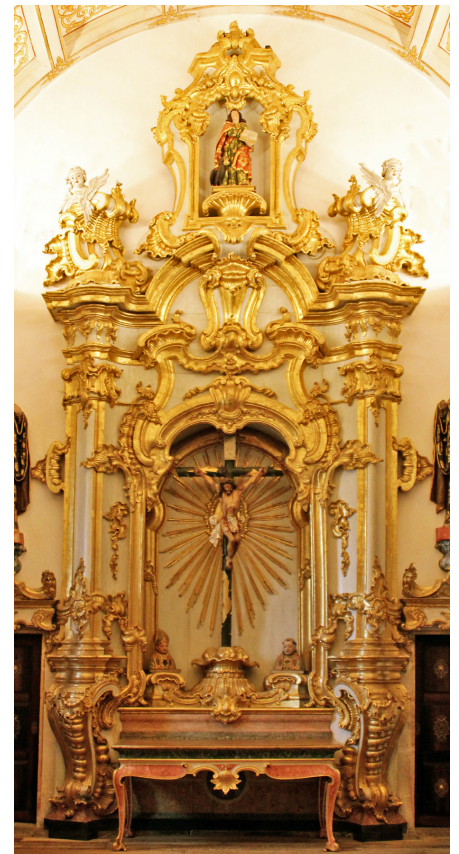
Mestre entalhador natural da freguesia de São João do Souto, em Braga. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo. A partir de 1730 transfere-se para a cidade de Coimbra, onde casa e estabelece a sua oficina¹⁸¹.

André Ribeiro Soares da Silva (1751 - f. 1769)

Clérigo *in minoribus* desde 1738, deve ter frequentado o colégio de São Paulo, da Companhia de Jesus, em Braga. Evidencia-se como um conceituado debuxador de arquitetura, chegando a executar modelos tridimensionais de alguns retábulos. Resida nesta cidade, primeiro na Rua do Souto e depois na de São Miguel-o-Anjo. Pertenceu às seguintes confrarias: São Tomás de Aquino, Nossa Senhora da Boa Memória, Santíssimo Sacramento e Santo Amaro, na igreja da sé; Nossa Senhora do Ó e São Miguel-o-Anjo e ainda Santa Maria Madalena do Monte ou da Falperra, também em Braga. Desconhecemos as relações que manteve com o monge beneditino frei Luís de São José, *eminente na arquitetura*, então ao serviço do arcebispo D. José de Bragança (lembramos que frei Luís concebeu, em 1748, o risco para o retábulo da capela de São Tomás, localizada na igreja da sé e administrada pela irmandade de estudantes a que pertencia André Soares¹⁸² e seu irmão, o padre António Soares da Silva). Juntamente com José Álvares de Araújo, é um dos artistas responsáveis



Braga. Congregados.
Retábulo-mor.



Tibães. Mosteiro. Retábulo da sacristia, concebido por André Soares.
Foto José Bernardo Carvalho.

178 E. OLIVEIRA, 2011, 2, p. 176.

179 E. OLIVEIRA, 1996, p. 73.

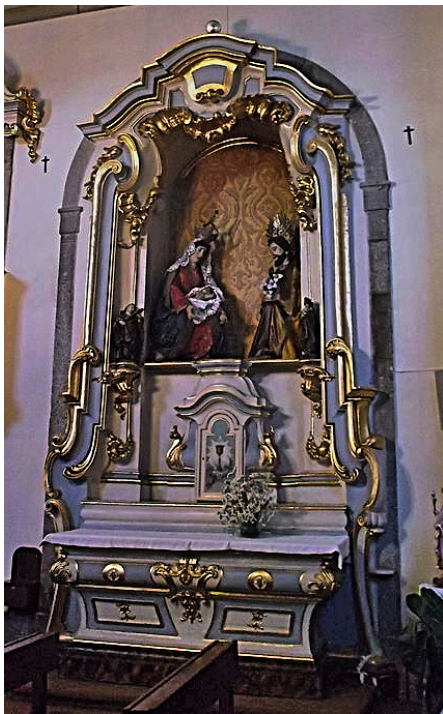
180 SMITH, 1972, p. 332.

181 Informação inédita cedida por Miguel Portela, a quem agradecemos.

182 SMITH, 1968, p. 6.



Braga. Igreja de Nossa Senhora a Branca.
Pormenor do sacrário.
Foto Leonardo Rodrigues.



Braga. Capela de São Miguel.
Retábulo lateral.
Foto Leonardo Rodrigues.

pela implementação do Rococó nos retábulos bracarenses.

No ano de 1751, a 17 de janeiro, é escolhido o modelo que fez para se remodelar o retábulo principal da igreja da Senhora-a-Branca, em Braga¹⁸³, em a qual está situada a venerável irmandade dos clérigos. De salientar que este retábulo tinha sido ajustado em agosto de 1745. Em 1782, foi novamente remodelado, subsistindo somente o sacrário.

Em 1754, concebe os acréscimos necessários para que o retábulo adquirido a Marceliano de Araújo pelos responsáveis da confraria de Nossa Senhora dos Prazeres fosse adaptado à capela que administravam no transepto da igreja do colégio de São Paulo, em Braga¹⁸⁴. Este exemplar que ainda subsiste, apesar das remodelações feitas posteriormente, incluindo um novo *arco* em talha, destinava-se inicialmente à capela do paço arquiepiscopal (ver p. 8).

No dia 26 de abril de 1756, é aceite na irmandade de São Miguel-o-Anjo, em Braga, como recompensa por ter feito *as plantas desta capela e tribuna com a ideia singular do seu engenho*¹⁸⁵. O retábulo principal e os dois colaterais deste pequeno templo, ajustados por Jacinto da Silva, em 1761, ainda subsistem apesar de algumas remodelações efetuadas em 1782 e de ambos terem sido colocados numa nova capela reconstruída em 1884¹⁸⁶.

Ainda em 1756, concebe o risco para várias obras de talha, ainda existentes, incluindo o retábulo da capela-mor, o de Nossa Senhora do Rosário, o de São João Baptista e o da sacristia da igreja do mosteiro de Tibães, cujo entalhe é assumido por José Álvares de Araújo e José António Ferreira Vilaça¹⁸⁷.

Em 1763, faz a planta do retábulo principal da ermida de Santa Maria Madalena do Monte ou da Falperra, em Braga, cuja feitura é assumida, no dia 16 de agosto, pelo mestre entalhador Jacinto da Silva, pela quantia de 320\$000 réis (ver p. 200).

Na reunião da Mesa da irmandade de Santa Cruz, em Braga, realizada no dia 29 de dezembro de 1766, é referido que *o irmão tesoureiro Manuel Antunes, por comissão desta Mesa, falou com André Soares para tomar as medidas para fazer também um risco para o novo retábulo, se determinou que o mesmo nosso irmão tesoureiro falasse com o dito André Soares para que este desse o risco,*

183 SMITH, 1972, p.332.

184 SMITH, 1968, pp. 7 e 38; SMITH, 1972, p.225.

185 E. OLIVEIRA, 2011, 2, p.222.

186 E. OLIVEIRA, 2006, p. 44.

187 SMITH, 1968, p. 38; SMITH, 1972, p. 227.

para que juntos se escolhesse o que melhor parecesse e se pagasse o que fosse de razão pelo trabalho.¹⁸⁸ Desconhecemos se o risco chegou a ser entregue e, caso tenha sido, não foi escolhido.

A 13 de abril de 1767, é escolhido o risco que fez para o retábulo de Nossa Senhora da Boa Memória, na igreja da sé de Braga. No entanto, só no mês de julho, *por causa de moléstias que traz*, é que entrega o modelo para por ele se fazer a dita obra¹⁸⁹, mostrando que aquele também era modelador e não só riscador.

Em 1768, faz a planta para o retábulo principal da ermida de Nossa Senhora de Guadalupe, em Braga, cujo entalhe é assumido, no dia 4 de dezembro, pelo mestre Manuel Carneiro da Costa¹⁹⁰. Este retábulo ainda subsiste (ver p. 132).

Robert Smith atribui-lhe o risco das seguintes obras, em Braga¹⁹¹:

- O de Nossa Senhora das Dores e o da capela de Nossa Senhora da Aparecida ou Monges no extinto convento dos Congregados (ver p. 203).
- O arco do retábulo de Nossa Senhora dos Prazeres na igreja de São Paulo, de 1756 (ver p. 8).
- Dois retábulos laterais na igreja da Falperra, de 1776 (ver p. 110).

Por sua vez, Eduardo Pires de Oliveira atribui-lhe o risco dos seguintes retábulos¹⁹²:

- O da capela-mor da igreja de Nossa Senhora da Lapa, em Fão.
- O da capela-mor da igreja paroquial de São Paio, em Pico de Regalados, no termo de Vila Verde (ver p. 40).
- O da capela da Casa Barbosa, em Arcozelo.

Finalmente, Raul Lopes atribui-lhe o risco das seguintes obras¹⁹³:

- O arco do retábulo da sacristia do antigo convento do Pópulo, em Braga.
- Dois retábulos colaterais da igreja paroquial de Cavês, termo de Cabeceiras de Basto.
- O retábulo principal da igreja paroquial de Vilar de Cunhas, concelho de Cabeceira de Basto.
- O retábulo de Santo António e os dois colaterais na igreja do antigo convento de São Francisco, em Guimarães (ver p. 193).



Braga. Sé.
Retábulo de Nossa Senhora
da Boa Memória.



Guimarães.
Igreja de São Francisco.
Retábulo de Santo António.

188 SMITH, 1972, p. 437.

189 E. OLIVEIRA, 2011, 2, pp. 175 e 179.

190 E. OLIVEIRA, 2011, 2, pp. 231 e 232.

191 SMITH, 1972, pp. 225, 226 e 232.

192 E. OLIVEIRA, 2011, 1, pp. 401, 417 e 424.

193 LOPES, 2014, 2, pp. 119 a 122, com um quadro comparativo das atribuições de Smith e Oliveira.



Fafe, Igreja paroquial de Santa Eulália.
Retábulo de Nossa Senhora do Rosário.



Tibães. Mosteiro.
retábulo de Santa Gertrudes.
Foto José Bernardo Carvalho.

-O retábulo principal e os dois colaterais da igreja paroquial de São Mamede, em Escariz, termo de Vila Verde.

-Os retábulos da igreja do antigo convento do Carmo, em Guimarães, de 1746-1748 (ver p. 189), assim como o da sacristia, este último hoje no museu Alberto Sampaio.

-O retábulo da Senhora do Rosário na igreja paroquial de Santa Eulália, em Fafe.

-O retábulo de Nossa Senhora das Neves na igreja de São Domingos de Guimarães (ver p. 191).

António de Andrade (1665 – f. 1712)

Mestre entalhador e eventual debuxador de retábulos com oficina aberta em Guimarães, *detrás de São Sebastião*. Era filho do mestre imaginário Mateus de Andrade e irmão de Torquato de Andrade, do mesmo ofício.

No ano de 1659, faz o retábulo de São Cosme, na colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães¹⁹⁴. Este exemplar já não subsiste.

Entre 1662 e 1665, é possível ter executado o primitivo retábulo da capela-mor da igreja do mosteiro de Tibães. Este exemplar ainda subsiste, mas na igreja de São Romão de Neiva (ver p. 165).

Em 1665, assume a feitura do retábulo principal da colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães¹⁹⁵. Não subsiste.

A 17 de abril de 1669, ajusta com o Geral de São Bento a feitura de um retábulo *para o altar que fica defronte do altar de Santa Gertrudes (...)* semelhante ao que ele fez para o altar de Santa Gertrudes, na igreja do mosteiro de Tibães¹⁹⁶. O retábulo ajustado, substituído em 1740 por um novo, da invocação do *Descimento do Senhor*, já não subsiste. Já o de Santa Gertrudes ainda sobrevive, apesar de parcialmente remodelado.

Finalmente, em novembro de 1689, lança na arrematação do retábulo de Nossa Senhora do Rosário, na igreja de São Domingos, em Guimarães. Perde, no entanto, para o seu colega bracarense Damião de Costa¹⁹⁷.

António Batalha (1745)

Mestre de obras de Sua Alteza Real, o arcebispo de Braga, com oficina aberta nesta cidade. Em 1745, faz o projeto para o retábulo da confraria de

194 SERRÃO, 1996, p. 96.

195 SERRÃO, 1992, 2, p. 392.

196 A. OLIVEIRA, 1973, p. 252.

197 SERRÃO, 1992, 2, p. 392.

São João Baptista, na igreja de São João do Souto, cujo entalhe é assumido por um dos mais prestigiados entalhadores bracarenses, Marceliano de Araújo¹⁹⁸.

António da Cunha Correia Vale (1745 - 1772)

Prestigiado mestre entalhador e debuxador de retábulos com oficina aberta no lugar de Loureiro, freguesia de São Salvador de Delães, atual termo de Famalicão.

No ano de 1745, a 3 de fevereiro, de parceria com o seu irmão Manuel, contrata pela quantia de 500\$000 réis os dois retábulos laterais da igreja do convento de Santa Rosa de Lima, em Guimarães, atual igreja paroquial de São Sebastião, exemplares ainda existentes (ver p. 32).

A 17 de maio de 1747, novamente de parceria com o seu irmão Manuel, assume a feitura do retábulo da capela-mor da igreja do convento de São Domingos, em Guimarães¹⁹⁹. Já não subsiste.

Em 1748, ajusta o acréscimo do retábulo de Nossa Senhora do Rosário, na igreja do convento de São Domingos, em Guimarães²⁰⁰. Já não subsiste.

No dia 16 de junho de 1759, também de parceria com o seu irmão Manuel, contrata a feitura do grandioso retábulo-mor da igreja da Misericórdia desta cidade, obra que só começa a executar três anos depois. A 30 de março de 1764, após a conclusão, passa a quitação (ver p. 198).

Em 1765, no mês de junho, ainda de parceria com o seu irmão Manuel, arremata a feitura de um novo retábulo de Nossa Senhora do Rosário, na igreja do convento de São Domingos, em Guimarães²⁰¹. Deste exemplar, que se localizava provavelmente no transepto, só subsiste uma foto (ver p. 134).

Em setembro de 1770, de parceria com Teodósio Álvares de Araújo, aprova a obra do retábulo-mor da igreja de Santa Cruz, em Braga²⁰². Este exemplar ainda subsiste, ainda que bastante remodelado pouco tempo depois.

Por fim, a 13 de maio de 1772, de parceria com o seu sobrinho, José António da Cunha, assume a feitura do retábulo principal, ainda subsisten-



Braga. Igreja de São João do Souto.
Retábulo de São João Batista.

198 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 56.

199 A. J. OLIVEIRA, 2011, 1, p. 210.

200 GONÇALVES, 1981, p. 360.

201 GONÇALVES, 1981, p. 360.

202 SMITH, 1972, p. 430.



Guimarães. Igreja de Nossa Senhora da Oliveira.
Retábulo-mor.



Fonte Arcada (Póvoa de Lanhoso).
Igreja do Salvador.
retábulo colateral.
Foto SIPA 56219

te, da colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, sendo o risco da sua autoria²⁰³.

António Fernandes (1575)

Mestre entalhador morador em Barcelos. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, encontrando-se em 1575 a trabalhar em Caminha²⁰⁴.

António Fernandes (1637)

Mestre entalhador morador em Barcelos. Deve ser filho do anteriormente referido António Fernandes. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, encontrando-se, em 1637, a trabalhar em Viana do Castelo²⁰⁵.

António Fernandes, o Tenente (1703)

Mestre entalhador morador em Landim. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, encontrando-se em 1703 a trabalhar em Aveiro²⁰⁶.

António Fernandes Palmeira (1735 - 1741)

Mestre entalhador com oficina aberta no lugar de Outeiro, freguesia de Palmeira, termo de Braga.

Em 1735, a 6 de janeiro, de parceria com António Francisco, ajusta o retábulo da sacristia da igreja do convento da Costa, em Guimarães²⁰⁷, exemplar ainda subsistente.

A 8 de abril de 1737, contrata a obra da tribuna e os retábulos colaterais da igreja do Salvador de Fonte Arcada, termo da Póvoa de Lanhoso. De anotar que tomava por modelo a tribuna da igreja de São Bento de Águas Santas, do concelho de Lanhoso²⁰⁸. Enquanto que o retábulo principal foi substituído posteriormente, os dois colaterais subsistiram até que a DGEMN os retirou, restando, contudo, um registo fotográfico. Já o retábulo de Águas Santas ainda subsiste.

Neste mesmo ano, a 29 de outubro, assume o retábulo, ainda subsistente, da capela-mor da igreja do convento de São Francisco, em Real, termo de Braga²⁰⁹ (ver p.52).

A 10 de novembro de 1738, contrata *a obra do retábulo e compostura*

203 E. OLIVEIRA, 1995, p. 81.

204 CARDONA, 2004, 2, p. 96.

205 CARDONA, 2004, 2, p. 96.

206 BRANDÃO, 1985, p. 196.

207 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 264.

208 SMITH, 1972, p. 177.

209 SMITH, 1968, p. 40; GONÇALVES, 1981, p. 350.

dos lados da capela do Descimento na igreja do mosteiro de Tibães, recebendo em 1740 a quantia de 450\$000 réis (ver p. 186).

Por fim, no dia 14 de outubro de 1741, ajusta o retábulo-mor da igreja do convento de Santa Rosa de Lima, atual igreja de São Sebastião, em Guimarães, pela quantia de 650\$000 réis, de acordo com o risco feito por José da Fonseca Lima, da cidade do Porto²¹⁰. Este exemplar ainda subsiste.

António Francisco (1735 - 1764)

Mestre entalhador com oficina aberta em Braga, na Rua de Santo André, onde surge referenciado, em 1764, na lista da Ordenança. Em 1735, a 6 de janeiro, de parceria com António Fernandes Palmeira, contrata o entalhe do retábulo da sacristia da igreja do convento de Santa Marinha da Costa, em Guimarães, exemplar ainda subsistente.

António Gomes (1696 - 1719)

Prestigiado mestre entalhador e debuxador de retábulos com oficina aberta na cidade do Porto, na Rua Nova do Bonjardim.

A 7 de agosto de 1696, de parceria com Domingos Nunes, ajusta a feitura do retábulo da capela-mor da igreja do convento de Vilar de Frades²¹¹, exemplar ainda subsistente (ver p.58).

No dia 23 de março de 1698, novamente de parceria com Domingos Nunes, assume a execução dos retábulos colaterais da igreja do convento de Vilar de Frades²¹². Um destes retábulos é transferido no século XX para a igreja matriz de Almacave, em Lamego²¹³.

A 29 de maio de 1719, de parceria com Filipe da Silva, compromete-se a executar o retábulo da irmandade de Santo António, na igreja do convento de São Francisco, em Guimarães, pela quantia de 270\$000 réis²¹⁴. Este exemplar já não subsiste.

António Pacheco (1664)

Mestre imaginário com oficina aberta em Braga, na Rua da Cruz da Pedra. No dia 10 de outubro de 1664, ajusta com o reitor do colégio de São Paulo desta cidade a feitura de um retábulo relicário pelo preço de 22\$000 réis. Este exemplar já não subsiste.

António Pereira (antes de 1586)

Mestre entalhador com oficina aberta em Lamego. Antes de 1586,



Guimarães. Igreja de Santa Rosa de Lima. Retábulo-mor. Foto SIPA 873916



Almacave (Lamego). Retábulo proveniente da igreja do convento de Vilar de Frades (Barcelos). Foto Pedro Cardoso Vasconcelos

210 GONÇALVES, 1981, p. 349; BRANDÃO, 1986, pp. 401 a 406.

211 BRANDÃO, 1984, pp. 832 a 835.

212 VINHAS, 1996, p. 197.

213 VINHAS, 1996, pp. 198 e 199.

214 A. J. OLIVEIRA, 2011, 2, p. 268.

executa o retábulo da capela-mor e os dois colaterais da igreja do mosteiro de Vilar de Frades, no termo de Barcelos²¹⁵. Já não subsistem.

António Pereira (1729)

Mestre entalhador com oficina aberta na freguesia de Ruivães, concelho de Famalicão. Desconhecemos a sua atividade na região correspondente à atual diocese de Braga, encontrando-se, em 1729, a trabalhar na cidade do Porto²¹⁶.

António Pereira (1734)

Mestre pedreiro e debuxador de arquitetura e de retábulos. Era originário de Lisboa, fixando-se depois na cidade do Porto.

No ano de 1734, já residindo na cidade do Porto, veio a Barcelos *tomar as medidas dos retábulos e idear a forma das plantas* para as duas capelas laterais do santuário do Senhor da Cruz²¹⁷. De referir que durante a sua intervenção nesta obra, o representante da irmandade deslocou-se à cidade do Porto à sua procura e não o encontrou, pois tinha ido a Lisboa, num sinal evidente da mobilidade de alguns artistas. O entalhe destes retábulos é assumido pelo mestre Luís Pereira da Costa.

António Pereira Costa (1728)

Mestre entalhador com oficina aberta em Landim, termo de Vila Nova de Famalicão. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, encontrando-se, em 1728, a trabalhar no termo de Caminha²¹⁸.

António Pereira Machado (antes de 1747)

Mestre entalhador natural de São João das Caldas, em Guimarães. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, tendo emigrado para Minas Gerais, no Brasil, onde se torna num dos mais prestigiados profissionais²¹⁹.

António Pereira de Sousa Calheiros (antes de 1736)

Debuxador de arquitetura e de retábulos, originário de Braga, tendo-se formado em Cânones, na Universidade de Coimbra. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, tendo emigrado para Minas Gerais, no Brasil²²⁰.

António Rodrigues (1731 – f. 1741)

Mestre canteiro e executante de retábulos, com oficina aberta em

215 SERRÃO, 1998, p. 230.

216 BRANDÃO, 1986, p. 126.

217 ALMEIDA, 1990, pp. 67 a 69; VINHAS, 2004, p. 98.

218 M. MOREIRA, 2006, pp. 393 e 394.

219 LAMEIRA, PEDROSA, BOHRER e LOUREIRO, 2017, p. 51.

220 LAMEIRA PEDROSA, BOHRER e LOUREIRO, 2017, p. 47.

Minhotães, termo de Barcelos. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, encontrando-se, em 1731, a executar um retábulo na Amieira do Tejo, concelho de Nisa²²¹.

António Soares da Silva, padre (1760 - f. 1770)

Era irmão mais velho de André Soares, residindo com ele nos últimos anos da vida. Pároco em Santiago de Lousada e depois em São Bartolomeu de São Gens, concelho de Fafe, ocupou também as funções de secretário da Casa do Despacho do Concelho Episcopal. Pertenceu às confrarias de Santa Maria Madalena da Falperra, de São Tomás de Aquino e do Santíssimo, estas últimas na sé de Braga. Dedicou-se também ao debuxo de retábulos.

Em 1760, concebe o projeto para o retábulo da capela-mor da igreja paroquial de São Tiago, em Caldelas, no termo de Amares, cujo entalhe é assumido pelo mestre Teodósio Álvares de Araújo (ver p. 199).

Raul Lopes atribui-lhe a autoria de riscos para vários retábulos²²²: o da capela da Santíssima Trindade e o de Santo António na igreja da sé, o da capela da Santa Família na igreja do extinto convento de Real, nos arredores de Braga; o da capela-mor da igreja paroquial de Outeiro, Cabeceiras de Basto; o de Nossa Senhora da Lapa, em Fão; o da capela-mor da igreja paroquial de São Paio, em Pico de Regalados, concelho de Vila Verde e finalmente o da capela da Casa Barbosa de Arcozelo, em Vila Verde.

Baltazar Moreira (1601 - 1602)

Mestre imaginário com oficina aberta em Viana do Castelo. A 4 de março de 1601, compromete-se a executar um retábulo para a capela-mor da igreja da Misericórdia de Esposende, obra que conclui no ano seguinte²²³. Este exemplar já não subsiste.

Belchior Fernandes de Araújo (1680 - 1711)

Mestre ensamblador com oficina aberta em Braga, no Campo das Hortas. Entre 1680 e 1682, recebe vários pagamentos relativos à execução dos retábulos colaterais da igreja da Misericórdia de Braga²²⁴. Já não subsistem estes exemplares.

No ano de 1707, de parceria com Simão Vieira, avalia o acrescentamento executado pelo mestre Bento de Alvarenga no retábulo



Outeiro (Cabeceiras de Basto).
Igreja paroquial.
Retábulo-mor.



Braga. Sé.
Retábulo da Santíssima Trindade.

221 MONTEIRO, 2013, pp. 111 e 112.

222 LOPES, no prelo.

223 AFONSO, 2013, pp. 79, 80 e 94.

224 CASTRO, 2001, pp. 22, 23, 42 e 43.

de Nossa Senhora da Boa Morte, na igreja da Misericórdia de Braga²²⁵.

Em 1711, é chamado para verificar se o retábulo da Santíssima Trindade na igreja do colégio do Pópulo, em Braga, está entalhado conforme a planta²²⁶.

Bento de Alvarenga (1693 - 1710)

Mestre entalhador e debuxador de retábulos com oficina aberta na cidade de Braga, no Campo da Vinha.

Em 1693, executa o retábulo do Santo Nome de Deus na igreja paroquial de São Pedro de Maximinos, em Braga²²⁷. Já não subsiste.

No ano de 1700, entalha o retábulo principal da capela de Santo António do Campo dos Touros, em Braga²²⁸. Já não subsiste.

No ano de 1704, executa o retábulo de São Pedro de Rates na igreja da sé, em Braga²²⁹. Já não subsiste.

Entre 1704 e 1707, faz um retábulo para a capela de Nossa Senhora da Boa Morte, na igreja da Misericórdia de Braga, incluindo um acréscimo que foi avaliado neste último ano por Simão Vieira e Belchior Fernandes²³⁰. Já não subsiste.

Em 1709, concebe um risco para o retábulo da Santíssima Trindade, na igreja da sé, em Braga, tendo sido escolhida somente a sua proposta para o ático²³¹.

Em 1709, executa, pela modesta quantia de 69\$000 réis, um retábulo para a sacristia da igreja do colégio de Nossa Senhora do Pópulo, em Braga²³². Este exemplar ainda subsiste, tendo sido acrescentado na segunda metade do século XVIII um novo *arco* ou enquadramento arquitetónico, em talha.

No dia 17 de janeiro de 1710, ajusta com o juiz da confraria de Nossa Senhora do Rosário, na sé de Braga, a feitura do retábulo²³³. Este exemplar já não subsiste.

Bento Ferreira de Sousa (1738 - 1745)

Mestre entalhador com a oficina aberta em Braga, na Rua de Santo André. No dia 4 de julho de 1738, assume a feitura de um retábulo para a



Braga. Convento do Pópulo.
Retábulo da Sacristia.
Foto Paulo Ladeira.

225 CASTRO, 2001, p. 46.

226 Informação inédita cedida por Eduardo Pires de Oliveira, a quem agradecemos.

227 SMITH, 1968, p. 39; SMITH, 1972, p. 316.

228 SMITH, 1968, p. 39; SMITH, 1972, pp. 316 e 332.

229 SMITH, 1968, p. 39.

230 CASTRO, 2001, p. 46.

231 ROCHA, 1994, p. 40.

232 SMITH, 1968, p. 39; SMITH, 1974, p. 45.

233 ROCHA, 1994, p. 41; A. OLIVEIRA, 1997, pp. 421 e 422.

confraria de São João na igreja matriz de São João de Souto²³⁴. Este exemplar não deve ter sido executado, pois um novo contrato é ajustado por Marceliano de Araújo, nove anos depois.

A 30 de julho de 1739, contrata o retábulo da capela-mor da igreja dos Terceiros, em Braga²³⁵. Este exemplar já não subsiste

Em 1744, recebe 11\$800 réis por ter feito um sacrário para a confraria de Santo António, na igreja da sé, em Braga²³⁶. Este exemplar já não subsiste.

Por fim, em 1745, são-lhe pagos 26\$330 réis pela reforma do retábulo da confraria de São Francisco, na igreja da sé, em Braga²³⁷. Este exemplar já não subsiste.

Bento de Freitas (1651 – f. 1689)

Mestre escultor que, em 1651, de parceria com Gonçalo Pacheco, encarrega-se da escultura do retábulo da ermida de Nossa Senhora da Ajuda, em Braga²³⁸. Este exemplar já não subsiste.

Bento Lourenço de Sousa (1566)

Mestre marceneiro com oficina aberta nas imediações de Barcelos. Em 1566, executa os retábulos colaterais da igreja de Vilar de Frades, no termo de Barcelos²³⁹. Estes exemplares já não subsistem.

Carlos António Leoni (1738)

Pintor originário de Florença. Na década de 1730, está sediado em Braga. Em 1738, é possível ter concebido o risco do retábulo da capela do Descimento da Cruz, na igreja do mosteiro beneditino de Tibães, pois utiliza diversos elementos compositivos, de origem italiana, que não eram frequentes em Portugal nessa época (ver p. 186).

Carlos Luís Ferreira Amarante (1774 – f. 1815)

Engenheiro e debuxador de arquitetura e de retábulos. Residiu em Braga, em Lisboa e posteriormente na cidade do Porto. José Inácio Peixoto, nas suas *Memórias particulares de Braga*, refere que *na arquitetura e desenho depois de André Soares ficou com os maiores créditos Carlos Amarante*²⁴⁰.

Em 1774, faz o risco para o retábulo-mor do santuário de Nossa Senhora das Necessidades, em Barqueiros. Já o entalhe é assumido, no dia 7 de fevereiro do ano seguinte, pelo mestre Álvaro José Pereira, com



Carlos Amarante.
Foto Confraria do Bom Jesus.

234 SMITH, 1968, p. 42.

235 SMITH, 1968, p. 42.

236 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 161.

237 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 161.

238 Informação inédita cedida por Eduardo Pires de Oliveira, a quem agradecemos.

239 SMITH, 1962, p. 32.

240 <http://www2.adb.uminho.pt/NOVOInacio/index.htm>.

oficina aberta na cidade de Braga, pela quantia de 560\$000 réis (ver p. 208).

Neste mesmo ano, recebe 1\$600 réis pelo projeto do santuário das relíquias da igreja do Bom Jesus do Monte, em Braga²⁴¹ (ver p. 34).

Em abril de 1775, juntamente com José de Magalhães Calheiros, pede aos responsáveis da irmandade de Santa Cruz, em Braga, que lhe paguem os riscos que fez para o novo retábulo da capela-mor deste templo²⁴². Dão-lhe 14\$400 réis, acusando-o que o planta que apresentou *não é própria dele, nem nova, mas antes sim extraída da do retábulo que nesta cidade se acha na igreja de São Paulo em o altar de Nossa Senhora da Luz e como assim de muito menos estimação e valor.*

Em junho de 1776, pede para ficar isento da Ordenança *por exercer uma arte tão nobre como a arquitetura em que ele nesta cidade e talvez em toda a província e nas vizinbas é o único que da mesma faz um louvável emprego, mostrando nas suas obras um talento muito distinto e tendo nisto mesmo no serviço de Vossa Alteza um testemunho irrecusável e não só por este princípio, mas também porque em todo o tempo da sua vida nunca se ocupou em função alguma mecânica*²⁴³.

Em 1781, concebe um risco para o retábulo da capela-mor da igreja dos Terceiros, em Braga, que não é escolhido. No entanto, são seus os projetos dos retábulos laterais deste templo²⁴⁴. Estes retábulos ainda subsistem.

Entre 1799 e 1803, executa vários projetos para todos os retábulos do santuário do Bom Jesus do Monte, nos arredores de Braga, quer para a capela-mor, quer para os altares secundários²⁴⁵. Dos três riscos subsistentes (ver p. 151 e 152), dois estão assinados.

Têm-lhe sido atribuídos os projetos dos seguintes retábulos:

- O da capela-mor da igreja do extinto colégio do Pópulo, em Braga²⁴⁶
- Três retábulos laterais da igreja dos Congregados, em Braga: o de São Joaquim, o de Santa Maria Madalena e o de São Bento²⁴⁷.
- Os colaterais da igreja do antigo convento de Santa Teresa, em Braga²⁴⁸.
- Os da igreja do hospital de São João Marcos, em Braga²⁴⁹.



Braga. Igreja do Terceiros.
retábulo lateral.



Braga. Congregados.
Retábulo lateral, de São Bento.

241 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 17.

242 SMITH, 1970, p. 64; SMITH, 1972, pp. 430, 431 e 435.

243 E. OLIVEIRA, 2011, 2, p. 507.

244 SMITH, 1970, p. 65; SMITH, 1972, p. 332.

245 MASSARA, 1988, p. 61.

246 SMITH, 1970, p. 67.

247 LOPES, 2014, 2, p. 180.

248 LOPES, 2014, 1, p. 468.

249 SMITH, 1973(a), p. 67.

- As capelas do transepto, altares laterais e baldaquino da capela-mor, da igreja da sé, em Braga, realizadas durante a reforma de D. Gaspar de Bragança, em 1780²⁵⁰. A DGEMN retirou o baldaquino da capela-mor e os retábulos laterais, subsistindo os das quatro capelas do transepto.
- O de Nossa Senhora ao Pé da Cruz, na igreja do extinto convento de Real, nos arredores de Braga²⁵¹.
- Os laterais da igreja da ordem terceira de São Francisco, em Guimarães²⁵².
- O do coro alto da igreja do extinto convento de Santa Marinha da Costa, em Guimarães (ver p. 211).
- O da capela-mor da igreja paroquial de Rossas, concelho de Vieira do Minho²⁵³.
- O da capela do Santíssimo Sacramento, na igreja de São Miguel de Refojos de Basto²⁵⁴ (ver p. 33).
- Os colaterais da igreja dos Capuchos de Guimarães, assim como os colaterais quase idênticos da antiga igreja dos Capuchos de Barcelos, hoje Misericórdia²⁵⁵.



Guimarães. Igreja do Capuchos.
Retábulo colateral.

Constantino Soares Fagundes (1728)

Mestre entalhador com oficina aberta em Vieira do Minho. No dia 29 de março de 1728, toma em trespasse a feitura do retábulo da capela-mor da igreja paroquial de Mosteiro, no termo de Vieira do Minho, que tinha sido assumida, algum tempo antes, por Pedro Monteiro de Sousa. Por sua vez, o pai de Constantino Fagundes trespasa esta obra a Filipe Vieira, em 1736²⁵⁶.

Constantino Vieira (antes de 1725)

Mestre entalhador natural da freguesia de São Paio, concelho de Vieira do Minho. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, fixando-se antes de 1725 na região de Viseu²⁵⁷.

Cristóvão Ribeiro da Silva (1745)

Mestre entalhador com oficina aberta no lugar do Assento, freguesia de Santo Estêvão de Cantelães, no termo de Vieira do Minho.

A 11 de setembro de 1745, contrata a feitura do retábulo da capela-mor da ermida de Nossa Senhora dos Remédios, em Eira Vedra, também

250 DUARTE, 2000, 187.

251 LOPES, 2014, 2, p. 213.

252 LOPES, 2014, 2, p. 261.

253 LOPES, 2014, 2, p. 272.

254 LOPES, 2014, 1, p. 469.

255 LOPES, 2014, 1, pp. 399-400 e p. 469.

256 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 137.

257 A. ALVES, 2001, 3, p. 276.

no concelho de Vieira do Minho²⁵⁸. Este exemplar, bastante retardatário, ainda subsiste.

Cristóvão de Sampaio (1688 - 1691)

Mestre entalhador com oficina aberta na freguesia de Cabeçudos, termo de Vila Nova de Famalicão.

A 17 de dezembro de 1688, ajusta a feitura do retábulo da capela de São Pedro Gonçalves Telmo, na colegiada de São João Baptista, em Vila do Conde, pela quantia de 85\$000 réis²⁵⁹. Este exemplar já não subsiste.

No dia 5 de julho de 1689, obriga-se a remodelar o retábulo-mor da igreja do convento de Santa Clara, em Vila do Conde, pela quantia de 200\$000 réis. A 2 de abril de 1691, atendendo a que as alterações que se tinha proposto realizar não estavam conforme o previsto, ficou decidido que deixaria a obra no estado em que estava. Recebeu, então, a quantia de 167\$320 réis²⁶⁰. Nada subsiste.

Cristóvão de Verdezedo (1566)

Mestre entalhador e debuxador de retábulos, que residia na cidade de Braga, em 1566. Desconhecemos a sua atividade na região correspondente à atual arquidiocese de Braga, tendo executado, em 1566, um risco para um retábulo de Viana do Castelo²⁶¹.

Custódio Álvares (1704)

Mestre ensamblador, provavelmente familiar de Manuel Álvares Pereira, sendo ambos de Barcelos. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, encontrando-se, em 1704, a trabalhar em Galaroza, no antigo reino de Sevilha²⁶².

Custódio Araújo Leite (1746 - 1750)

Mestre entalhador com oficina aberta em São Silvestre de Requião, termo de Vila Nova de Famalicão.

Em 1746, executa por 130\$000 réis o retábulo principal da igreja da Misericórdia de Fão, no concelho de Esposende, exemplar ainda subsistente. No ano seguinte faz os dois retábulos colaterais, também subsistentes, do mesmo templo²⁶³.

A 6 de fevereiro de 1750, contrata o retábulo colateral de Nossa Senhora das Dores, na igreja do Bom Jesus, de Fão, termo de Esposende, de acordo com um risco mandado vir da cidade de Coimbra (ver p. 194).



Fão (Esposende).
Igreja da Misericórdia.
Retábulo lateral.
Foto Hélio Ramos.

258 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 339.

259 BRANDÃO, 1984, pp. 665 a 667.

260 BRANDÃO, 1984, pp. 683 a 687, 719 e 720.

261 SERRÃO, 1998, p. 216.

262 SANCHÉZ, 1999, p. 185.

263 MARIZ, 2000, pp. 38 e 42.

Custódio Francisco da Silva (1781 - 1791)

Desconhece-se em que localidade este mestre entalhador estava sediado. Em 1781, ajusta a obra do retábulo da capela-mor, ainda subsistente, da igreja do convento dos Congregados, em Braga, de acordo com um risco feito por André António da Cunha, que ficou também responsável pela supervisão do entalhe²⁶⁴. (ver p.80)

Por volta de 1791, de parceria com Francisco de Freitas do Rego, executa os retábulos laterais, ainda subsistentes, na igreja da Lapa, em Braga²⁶⁵ (ver p. 101), data em que o seu colega Álvaro José Pereira Faria assume a feitura do retábulo principal.

Custódio de Mesquita (1699)

Mestre entalhador natural de Painzela, Cabeceiras de Basto que, em 1699, casa na cidade de Faro²⁶⁶, estabelecendo a sua oficina, alguns anos mais tarde, na vila de Monchique.

Damião da Costa e Figueiredo (1681 - 1697)

Mestre entalhador e *debuxador* de retábulos, *natural de Braga*, (...) *esteve anos no mosteiro da Batalha e lá aprendeu a fazer retábulos de talha e depois (...) fez muitos nesta Província (Entre Douro e Minho)*²⁶⁷. Posteriormente, fixa a sua oficina na cidade de Braga, primeiro no Campo de Santa Ana e depois em Nossa Senhora-a-Branca.

A sua primeira obra documentada, para a região em estudo, remonta a 1681, quando ajusta o retábulo principal da pequena ermida de Santa Ana, em Braga²⁶⁸. Este exemplar já não subsiste.

No ano seguinte, assume o retábulo da irmandade dos Santos Passos, na igreja do colégio do Pópulo, em Braga²⁶⁹. Este exemplar já não subsiste.

No ano de 1684, compromete-se a executar o retábulo principal da igreja da irmandade de Santa Cruz, em Braga²⁷⁰. Este exemplar já não subsiste.

Em 1685, ajusta a feitura do retábulo da capela-mor da igreja da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, pela quantia de 110\$000 réis²⁷¹. Este exemplar já não subsiste.

264 E. OLIVEIRA, 1996, p. 3.

265 E. OLIVEIRA, 1999, p. 18.

266 Informação inédita cedida pelo investigador Marco Sousa Santos, a quem agradecemos.

267 BRANDÃO, 1984, p. 434.

268 E. OLIVEIRA, 1994, p. 99.

269 E. OLIVEIRA, 1994, p. 99.

270 E. OLIVEIRA, 1994, p. 99.

271 AFONSO, 2011, pp. 95, 106 e 107.

Em novembro de 1689, arremata o entalhe do retábulo de Nossa Senhora do Rosário, na igreja de São Domingos, em Guimarães. Também participa, mas sem sucesso, o seu colega de profissão António de Andrade²⁷². A escritura com os responsáveis desta confraria realiza-se no dia 1 de fevereiro de 1690, comprometendo-se a executar esta obra pela quantia de 300\$000 réis²⁷³. Este exemplar já não subsiste.

Em 1690, executa pequenas intervenções no retábulo principal da igreja do convento da Conceição, em Braga²⁷⁴. Este exemplar já não subsiste.

A 12 de junho de 1691, pela quantia de 150\$000 réis, compromete-se com a madre abadessa do mosteiro do Salvador, em Braga, a executar *um sepulcro que fique capaz para se poder armar e desarmar e também a subir o sacerdote para expor o Senhor e mais serventias necessárias ao dito sepulcro (...)* para o que ele dito mestre fará um risco ou rascunho da obra que se acrescenta (...) e mandará fazer outros rascunhos ao Porto ou se consultará com algum arquiteto que bem o entenda²⁷⁵. Este exemplar já não subsiste.

Em 1694, executa o retábulo, ainda subsistente, na igreja da Misericórdia de Esposende²⁷⁶.

A 31 de julho de 1694, faz o risco e ajusta o retábulo da capela-mor da igreja matriz de Esposende, obra que não chega a realizar²⁷⁷.

No dia 3 de dezembro de 1694, ajusta o retábulo principal da igreja do convento dos Remédios, em Braga²⁷⁸. Este exemplar já não subsiste.

Por fim, a 24 de setembro de 1695, assume a conclusão do retábulo principal da igreja matriz de São Vítor, em Braga, obra que tinha assumida anteriormente pelo mestre Domingos Lopes (ver p. 167).

É possível atribuir-lhe o risco e o entalhe do retábulo principal da capela da Casa das Ínfias, em Braga, executado nos finais do século XVII, cujas colunas denotam bastantes afinidades com as do retábulo da capela-mor da igreja do antigo convento de Moreira da Maia, obra da sua eventual autoria.

Diogo Soares (década de 1730)

Mestre pedreiro e debuxador de arquitetura com oficina aberta em Braga, na Calçada de São Vítor.

272 SERRÃO, 1992, 2, p. 392.

273 A. J. OLIVEIRA, 2011, p. 466.

274 SMITH, 1968, p. 40.

275 SMITH, 1968, p. 40; E. OLIVEIRA, 1994, p. 99, 249, 250, 278 e 279.

276 AFONSO, 2013, p. 88.

277 AFONSO, 2013, p. 88.

278 E. OLIVEIRA, 1994, p. 99.



Braga. Retábulo da capela da Casa das Ínfias.
Foto Leonardo Rodrigues.

Na década de 1730, é possível ter concebido e executado o retábulo de pedraria para o oratório de São Vítor, nas imediações da sua oficina. Este retábulo encontra-se atualmente na ermida de São Vítor-o-Velho (ver p. 181).

Domingos António José de Almeida (1831)

Mestre entalhador com oficina aberta em Braga, na Rua de São Marçal. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, encontrando-se, em 1831, a trabalhar no concelho de Paredes de Coura²⁷⁹.

Domingos da Costa (1656 - 1659)

Mestre entalhador residente em Requião, termos de Barcelos. No dia 11 de julho de 1656 e depois numa segunda escritura, datada de 26 de agosto de 1659, ajusta com os oficiais da confraria de Nossa Senhora dos Prazeres, sita na igreja do colégio de São Paulo de Braga, a feitura de um retábulo, já inexistente²⁸⁰.

Domingos Gonçalves (1767)

Mestre entalhador natural da freguesia de São Paio de Seide, mas com oficina aberta em Braga, na Rua de Santo André.

A 25 de maio de 1767, lança na arrematação do retábulo de Nossa Senhora da Boa Memória, na igreja da sé, em Braga, tendo a sua proposta sido preterida²⁸¹.

Domingos Lopes (1689 - 1691)

Prestigiado mestre entalhador e debuxador de retábulos com oficina aberta na cidade do Porto, à Ponte Nova.

A 8 de setembro de 1689, ajusta com o arcebispo de Braga, D. Luís de Sousa, a feitura do retábulo-mor da igreja matriz de São Vítor, em Braga, pela quantia de 480\$000 réis. Três anos depois, assume realizar alguns acrescentamentos neste retábulo, pela quantia de 60\$000 réis. O retábulo só fica concluído após a intervenção do seu colega Damião de Figueiredo (ver p. 167).

A 8 de novembro de 1691, arremata a obra do retábulo da capela de São João Baptista do convento de Santa Clara, em Vila do Conde²⁸². Este exemplar já não subsiste.

Domingos Luís (1623)

Mestre escultor com oficina aberta na cidade de Braga. A 17 de abril de 1623, compromete-se a ensinar o ofício de *imaginário*, durante cin-

279 M. MOREIRA, 2006, pp. 425 e 426.

280 E. OLIVEIRA, 1999, p. 139.

281 E. OLIVEIRA, 2011, 2, p. 176.

282 BRANDÃO, 1984, pp. 731 a 735.

co anos, ao jovem Domingos Martins Peixoto²⁸³. Desconhecemos a sua atividade na área geográfica analisada.

Domingos Martins Fagundes (1731)

Mestre entalhador natural de Vilar, concelho de Vieira do Minho. Desconhecemos a sua atividade na região correspondente à atual arquidiocese de Braga, encontrando-se, em 1731, a trabalhar em Sever - Santa Marta de Penaguião²⁸⁴.

Domingos Martins Peixoto (1623 - f. 1671)

Mestre entalhador com oficina aberta em Braga, no Rossio da Praça da Hortaliça. A 17 de abril de 1623, principia a sua aprendizagem do ofício de *imaginário* com o mestre Domingos Luís, por um período de cinco anos²⁸⁵. Em 1642, é designado Familiar do Santo Ofício²⁸⁶.

Numa escritura pública notarial, realizada no dia 11 de maio de 1658, contrata com o reitor do colégio de São Paulo, em Braga, a feitura de um retábulo, já desaparecido, para uma capela da igreja, *pegado ao de Santa Úrsula*²⁸⁷.

Domingos Nunes (1696)

Prestigiado mestre entalhador com oficina aberta na cidade do Porto, com oficina aberta na Rua Nova do Bonjardim.

A 7 de agosto de 1696, de parceria com António Gomes, ajusta a feitura do retábulo da capela-mor da igreja do convento de Vilar de Frades²⁸⁸, exemplar ainda subsistente (ver p. 58).

No dia 23 de março de 1698, novamente de parceria com António Gomes, assume a execução dos retábulos colaterais da igreja do convento de Vilar de Frades²⁸⁹. Um destes retábulos é transferido no século XX para a igreja matriz de Almacave, em Lamego²⁹⁰ (ver p. 87).

Domingos Pereira (1742)

Mestre entalhador de Braga. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, encontrando-se, em 1742, a trabalhar em Buenos Aires, na Argentina²⁹¹.

Domingos Rodrigues (1699)

Mestre entalhador com oficina aberta na freguesia de Landim, ter-

283 SERRÃO, 1992, 2, p. 333.

284 PALAVRAS, 2013, p. 20.

285 SERRÃO, 1992, 2, p. 333.

286 FREITAS, 1951, p. 173; SERRÃO, 1992, 2, p. 333.

287 SERRÃO, 1992, 2, p. 333.

288 BRANDÃO, 1984, pp. 832 a 835.

289 VINHAS, 1996, p. 197.

290 VINHAS, 1996, pp. 198 e 199.

291 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 274.

mo de Vila Nova de Famalicão. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, encontrando-se, em 1699, a trabalhar na cidade do Porto²⁹².

Domingos de Sousa Braga (1905)

Mestre entalhador que, em 1905, lança na obra do baldaquino para o altar do Senhor dos Passos no santuário do Bom Jesus, em Braga. A sua proposta não foi aceite²⁹³.

Elias Gomes dos Santos (1883- finais de Oitocentos)

Mestre e hábil entalhador e debuxador de retábulos com oficina aberta em Braga, no Largo da Senhora-a-Branca.

Entre 1883 e 1886, acrescenta alguns elementos no retábulo principal da igreja da irmandade de Santa Cruz, em Braga, a saber, um novo baldaquino no remate do trono e uma cúpula com um *Agnus Dei* no sacrário²⁹⁴.

Em 1891, risca e executa um retábulo lateral, da invocação de Nossa Senhora das Angústias, ainda subsistente, na igreja de São Vítor, na cidade de Braga²⁹⁵.

Nos finais do século, acrescenta os últimos retábulos da nave da igreja de Nossa Senhora a Branca²⁹⁶. Esta intervenção ainda subsiste.

Ernesto Korrodi (1933)

Professor de desenho, de origem suíça, que se radica em Portugal, primeiro em Braga e depois em Leiria, onde contrai matrimónio e vive grande parte da sua vida.

Em 1933, concebe um projeto, que ainda subsiste (ver p. 153), para um retábulo baldaquino destinado ao santuário de Nossa Senhora da Conceição do Sameiro, em Braga e que não chegou a ser aplicado.

Estêvão Ferreira (1768)

Mestre entalhador com oficina aberta em Fermentões, termo de Guimarães. Desconhecemos a sua atividade na região correspondente à atual arquidiocese de Braga, encontrando-se em 1768 a trabalhar no bispado de Bragança²⁹⁷.

Fernão Carvalho (1572)

Mestre imaginário com oficina aberta na cidade do Porto, na Rua Nova de São Bento. A 28 de maio de 1572, assume a feitura do retábulo-

292 BRANDÃO, 1984, p. 880.

293 LIMA, 2002, p. 125.

294 E. OLIVEIRA, 1999-a, p. 106; LIMA, 2004, p. 1036.

295 LIMA, 2004, p. 1037.

296 LIMA, 2004, p. 1037.

297 RODRIGUES, 2006, p. 132.

-mor da colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães²⁹⁸. Este exemplar já não subsiste.

Filipe da Silva (1693 – 1719)

Mestre entalhador com oficina aberta na cidade do Porto, *ao Calvário extramuros*. A 28 de outubro de 1693, ajusta a feitura do retábulo da capela do Evangelista, na igreja do convento de Santa Clara, em Vila do Conde, de acordo com o risco concebido por João Pereira dos Santos²⁹⁹. Este exemplar já não subsiste.

Quatro anos mais tarde, a 13 de setembro, assume a execução do retábulo da capela de Nossa Senhora da Conceição, na igreja do convento de Santa Clara, em Vila do Conde³⁰⁰. Este exemplar também não subsiste.

A 29 de maio de 1719, de parceria com António Gomes, ajusta a feitura do retábulo da irmandade de Santo António na igreja do convento de São Francisco, em Guimarães³⁰¹, exemplar inexistente.

Filipe Vieira (1736)

Mestre entalhador com oficina aberta no termo de Guimarães. Em 1747, já estava no Brasil, em Minas Gerais, mais concretamente na freguesia de Congonhas, tornando-se num dos mais prestigiados entalhadores daquela região³⁰².

Ainda em Portugal, no dia 24 de agosto de 1736, toma em trespasse a feitura do retábulo principal da igreja paroquial de Mosteiro, no termo de Vieira do Minho, que tinha sido assumida, em 1728, por Constantino Soares Fagundes³⁰³. Este exemplar ainda subsiste, sendo possível ter entalhado também os dois retábulos laterais, pois apresentam algumas afinidades com o da capela-mor. Um destes retábulos é da invocação das Almas do Purgatório (ver p. 178).

Francisco Correia (1729)

Mestre entalhador com oficina aberta na freguesia de Requião, atual concelho de Vila Nova de Famalicão.

Desconhecemos a sua atividade na região correspondente à atual diocese de Braga, encontrando-se em 1729 a trabalhar na cidade do Porto³⁰⁴.

298 GONÇALVES, 1981, p. 338; A. J. OLIVEIRA, 2005, p. 70.

299 GONÇALVES, 1978, p. 10; BRANDÃO, 1984, pp. 783 a 790.

300 BRANDÃO, 1984, pp. 853 a 856.

301 A. J. OLIVEIRA, 2011, 2, p. 268.

302 LAMEIRA, PEDROSA, BOHRER e LOUREIRO, 2017, p. 52.

303 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 137.

304 BRANDÃO, 1986, p. 126.

Francisco Dias Araújo (1777 – 1778)

Mestre entalhador com oficina aberta em Barcelos. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, encontrando-se, em 1777 - 1778, a trabalhar no concelho de Alijó³⁰⁵.

Francisco Fernandes (1758)

Mestre entalhador com oficina aberta na freguesia de Landim, atual concelho de Vila Nova de Famalicão. Desconhecemos a sua atividade na região correspondente à atual diocese de Braga, encontrando-se em 1758 a trabalhar em Sever, atual diocese de Vila Real³⁰⁶.

Francisco Ferreira (1730)

Mestre entalhador com oficina aberta em Braga, na Rua da Cónega. A 7 de janeiro de 1730, contrata o retábulo de Nossa Senhora do Rosário, na igreja paroquial de Ferreiros, termo de Braga³⁰⁷. Desconhecemos se subsiste.

No dia 1 de fevereiro do mesmo ano, ajusta o retábulo de São Francisco Xavier, na igreja do colégio de São Paulo, em Braga³⁰⁸. De acrescentar que este retábulo tinha sido contratado alguns meses antes pelo mestre entalhador Luís Vieira da Cruz que, entretanto, não o realiza por motivos desconhecidos. Este exemplar ainda subsiste.

Francisco de Freitas Rego (c.1791)

Mestre entalhador com oficina aberta na cidade de Braga, na Rua dos Chãos de Cima. Por volta de 1791, de parceria com Custódio Francisco da Silva, executa os retábulos laterais, ainda subsistentes, na igreja da Lapa, em Braga³⁰⁹, data em que o seu colega Álvaro José Pereira Faria assume a feitura do retábulo principal.

Francisco Gonçalves Pombo (antes de 1647)

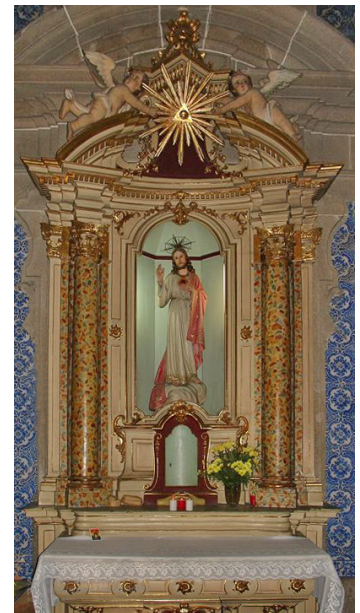
Mestre entalhador e debuxador de retábulos morador em Guimarães. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, transferindo-se a partir de 1647 para a cidade de Coimbra³¹⁰.

Francisco José de Araújo (1780)

Mestre entalhador e debuxador de retábulos com oficina aberta na freguesia de São Miguel das Aves, termo de Barcelos. Desconhecemos a sua atividade na região correspondente à atual arquidiocese de Braga.



Braga. Igreja de São Paulo.
Retábulo de São Francisco Xavier.
Foto Hélio Ramos.



Braga. Igreja da Lapa.
Retábulo lateral.
Foto SIPA 760907

305 FERREIRA ALVES, 1987, pp. 63 a 65.

306 PALAVRAS, 2013, p. 19.

307 SMITH, 1968, p. 40; SMITH, 1972, p. 317.

308 SMITH, 1968, p. 40; SMITH, 1972, p. 166.

309 E. OLIVEIRA, 1999, p. 18.

310 GONÇALVES, 1981, p. 342.

Francisco José de Sampaio (1733)

Mestre entalhador com oficina aberta no lugar de Travassos, freguesia de Santa Maria de Landim, então termo da vila de Barcelos. Era irmão de José Caetano de Sampaio e de Joaquim José de Sampaio, também mestres do mesmo ofício. Desconhecemos a sua atividade na região correspondente à atual arquidiocese de Braga, encontrando-se, em 1733, a trabalhar no mosteiro de Pombeiro³¹¹.

Francisco José da Silva (1762)

Mestre entalhador com oficina aberta em Vila Nova de Famalicão. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, encontrando-se, em 1762, a trabalhar em Viana do Castelo³¹².

Francisco Machado (1713 – f. 1733)

Mestre entalhador com oficina aberta *no termo de Barcelos*. Em 1713, faz o retábulo colateral de São Martinho, já desaparecido, na igreja da sé, em Braga³¹³.

Por fim, em 1725, executa os seis retábulos laterais, ainda subsistentes, na igreja da irmandade de Santa Cruz, em Braga. Na arrematação desta obra lançaram, mas sem sucesso, os seus colegas Miguel Coelho e Tomé de Araújo³¹⁴.

Francisco Moreira (1614-1618)

Mestre entalhador e debuxador de retábulos, sediado na cidade do Porto. No dia 12 de outubro de 1614, ajusta com os responsáveis da Misericórdia de Guimarães a feitura do retábulo-mor da igreja, comprometendo-se a dar a obra concluída dentro de um ano. Pouco tempo depois assume executá-lo de acordo com as emendas aprovadas pela Mesa³¹⁵. Este exemplar já não subsiste.

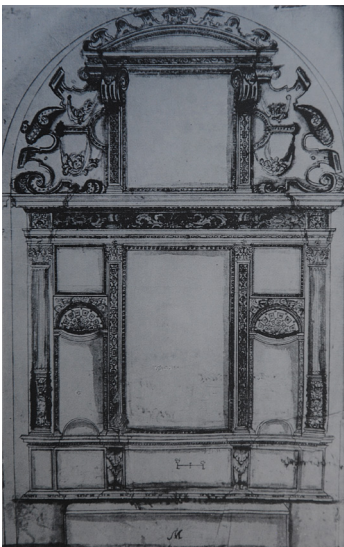
É possível atribuir-lhe, por volta de 1617 - 1618, o risco e o entalhe do retábulo da antiga capela de São João Baptista, do claustro da colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, no Museu Alberto Sampaio (ver p. 160), atendendo a algumas afinidades com o risco, da sua autoria, ainda subsistente do retábulo da capela da Porciúncula, datado de 1612, destinado à igreja do convento de São Francisco da cidade do Porto.

Francisco Nunes (antes de 1735)

Mestre entalhador natural de Avidos, então Couto de Landim. Des-



Braga. Igreja de Santa Cruz.
Retábulo lateral.
Foto SIPA 557120



Projeto do retábulo da capela da Porciúncula (igreja conventual de São Francisco, no Porto).
Fonte BRANDÃO, 1984, est. XIX

311 BRANDÃO, 1986, p. 252.

312 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 328.

313 SMITH, 1968, p. 41; SMITH, 1972, p. 316.

314 SMITH, 1968, p. 41; SMITH, 1972, p. 316.

315 GONÇALVES, 1981, p. 339; BRANDÃO, 1984, pp. 217 a 222.

conhecemos a sua atividade na região em estudo, tendo emigrado para o Brasil, onde falece na cidade de Mariana - Minas Gerais, em 1735³¹⁶.

Francisco Pacheco (1666)

Mestre entalhador com oficina aberta em Braga, na Cruz de Pedra. Aprende o ofício com o seu pai, Gonçalo Pacheco, tendo dado continuidade à sua oficina.

Em 1661, de parceria com Manuel Antunes, assume a feitura do retábulo da igreja de São Pedro de Merelim, termo de Braga³¹⁷. Este exemplar já não subsiste.

Em 1663, novamente de parceria com Manuel Antunes, ajusta a feitura do retábulo para a capela da irmandade de São Tomás na igreja da sé, em Braga³¹⁸. Também este exemplar já não subsiste.

Francisco Pereira Campanhã (1775)

Prestigiado mestre entalhador e debuxador de retábulos com oficina aberta na cidade do Porto. Em 1775, concorre com um risco, que não foi escolhido, para o retábulo-mor da igreja de Santa Cruz, em Braga³¹⁹.

Francisco Pereira de Castro (1721)

Mestre entalhador com oficina aberta em Braga, na Rua da Cónega. Em 1721, ajusta o retábulo principal da igreja de Nossa Senhora da Aparecida, em Balugães, termo de Barcelos³²⁰. Este exemplar já não subsiste.

Em data que se desconhece, executa o retábulo das Santas Chagas, na igreja de São Tiago da Cividade, em Braga (ver p. 175).

Francisco Pereira Machado (1719)

Mestre entalhador com oficina aberta em Braga. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, encontrando-se, em 1719, a trabalhar na cidade do Porto³²¹.

Francisco do Rego (1696)

Mestre entalhador com oficina aberta na freguesia de Landim, termo de Vila Nova de Famalicão. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, encontrando-se, em 1696, a trabalhar em Matosinhos³²².

316 LAMEIRA, PEDROSA, BOHRER e LOUREIRO, 2017, pp. 46 e 47.

317 E. OLIVEIRA, 1996, p. 149.

318 E. OLIVEIRA, 1996, p. 149.

319 SMITH, 1972, p. 431.

320 SMITH, 1968, p. 39.

321 BRANDÃO, 1985, p. 558.

322 BRANDÃO, 1984, p. 830.

Francisco Vieira Servas (antes de 1753)

Mestre entalhador e debuxador de retábulos, natural do concelho de Vieira do Minho. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, tendo emigrado para Minas Gerais, no Brasil, onde se torna num dos mais prestigiados profissionais³²³.

Francisco Vieira da Silva (antes de 1729)

Mestre entalhador natural da freguesia e concelho de São João de Vieira do Minho. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, encontrando-se em 1729 a trabalhar no termo de Vila Real³²⁴.

Frutuoso de Azevedo (1693)

Mestre entalhador com oficina aberta na cidade de Braga. Em 1693, de parceria com Luís Vieira da Cruz, assume a feitura do retábulo principal do santuário de Nossa Senhora do Pilar, na Póvoa do Lanhoso³²⁵. Este exemplar já não subsiste.



São João de Rei (Póvoa de Lanhoso).
Retábulo da capela de Santo António.
Foto SIPA 217159

Se porventura é da sua autoria o risco do retábulo que executa para a capela-mor da ermida de Santo António, em Ponte de Barca, é possível atribuir-lhe, não só o retábulo da capela de Nossa Senhora da Piedade na igreja da sé, em Braga (ver p. 170), mas também o da capela de Santo António em São João de Rei, no concelho de Póvoa de Lanhoso, pois todos utilizam no ático uma solução pouco usual, registando-se um arco salomónico em cada um dos três tramos.

Frutuoso Pereira de Almeida (1743)

Mestre entalhador residente em Braga. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, encontrando-se em 1743 a trabalhar em Torres Novas³²⁶.

Gabriel Ferreira (1696)

Mestre entalhador com oficina aberta na freguesia de São Miguel de Seide, no Couto de Landim, então no termo de Barcelos. Desconhecemos a sua atividade na região correspondente à atual arquidiocese de Braga, encontrando-se, em 1696, a trabalhar em Matosinhos³²⁷.

Gabriel Pereira (1730)

Mestre entalhador com oficina aberta em Vila Nova de Famalicão. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, encontrando-se, em

323 LAMEIRA, PEDROSA, BOHRER e LOUREIRO, 2017, pp. 52 e 53.

324 FERREIRA ALVES, 1983, p. 135.

325 SMITH, 1968, p. 39; A. J. OLIVEIRA, 2005, p. 71.

326 SERRÃO, 2012, p. 194.

327 BRANDÃO, 1984, p. 830.

1730 em Idanha-a-Nova, na companhia do seu colega Manuel Pereira³²⁸.

Gabriel Rodrigues Álvares (1715 – f. 1734)

Prestigiado mestre entalhador com oficina aberta no Couto de Landim, hoje concelho de Vila Nova de Famalicão.

No dia 10 de julho de 1715, anula uma escritura de obra que se tinha comprometido com o padre Luís Lopes, do colégio de São Paulo, em Braga³²⁹. A referida obra poderia eventualmente ser algum retábulo.

Em 1718, no dia 18 de janeiro, assume a execução do retábulo principal da igreja do mosteiro do Salvador, de religiosas beneditinas, em Braga, pela quantia de 450\$000 réis (ver p. 27), cujo risco tinha sido concebido por frei Luís de São José³³⁰. Este exemplar ainda subsiste.

Em 1733, executa um retábulo, já desaparecido, para a sala capitular do mosteiro de Tibães³³¹.

Gaspar Fernandes (1608 – 1611)

Mestre marceneiro com oficina aberta em Encourados, termo de Barcelos. Entre 1608 e 1611, entalha o retábulo-mor da igreja da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos³³². Este exemplar já não subsiste.

Geraldo Álvares, padre (1624)

Natural de Braga, residia no Rossio do Castelo. Além de sacerdote, era debuxador de arquitetura e de retábulos.

Em 1624, faz a traça para o sacrário do retábulo principal da igreja do mosteiro do Salvador em Braga, cujo entalhe é assumido pelo mestre Ambrósio Pereira³³³.

A 8 de dezembro de 1631, faz o risco do retábulo do Santíssimo Sacramento da igreja da sé, em Braga³³⁴.

Por fim, a 14 de outubro de 1634, executa o projeto do retábulo-mor da igreja de Santa Cruz, em Braga, cujo entalhe é assumido por Gonçalo Pacheco³³⁵.

Geraldo Machado (1741)

Mestre entalhador com oficina aberta no lugar de Selho, freguesia de Santa Eulália de Fermentões, termo de Guimarães.

A 28 de abril de 1741, ajusta o retábulo da irmandade de Santo Ho-

328 HORMIGO, 1998, p. 11.

329 E. OLIVEIRA, 1994, p. 110.

330 SMITH, 1968, p. 41; SMITH, 1972, p. 166.

331 SMITH, 1968, p. 41; SMITH, 1972, p. 292.

332 AFONSO, 2011, p. 85.

333 SERRÃO, 1988, p. 281.

334 E. OLIVEIRA, 1994, p. 88.

335 E. OLIVEIRA, 1994, p. 88.

mem Bom, na igreja de São Paio, em Guimarães³³⁶, templo demolido em 1912.

Geraldo Soares (1715 - 1716)

Mestre entalhador e debuxador de retábulos com oficina aberta na cidade de Braga, na Rua Verde.

Em 1715, faz um risco para o retábulo da irmandade de Santo António, na igreja de São Vicente, em Braga³³⁷.

No ano seguinte, concebe um risco para um retábulo da igreja da ordem terceira de São Francisco, em Braga³³⁸.

Gonçalo Francisco (1637)

Mestre imaginário com oficina aberta na freguesia de Santiago de Rebordões, Santo Tirso.

A 26 de julho de 1637, compromete-se a entalhar o retábulo da ermida de Santa Luzia, em Vila do Conde³³⁹. Este exemplar já não subsiste.

Em 1642, encontra-se envolvido numa demanda com os responsáveis da irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Esposende *sobre haver de fazer e acabar a obra do Santo Cristo*,³⁴⁰ podendo deduzir-se a sua participação no entalhe da capela do Senhor dos Mareantes (ver p. 163).

Gonçalo Pacheco (1632 - 1657)

Prestigiado mestre escultor e ensamblador com oficina aberta em Braga, na Cruz da Pedra.

A 25 de janeiro de 1632, ajusta a feitura do retábulo da irmandade de São Francisco na sé, em Braga, na forma do que este mestre fizera na igreja de São Jordão, nos arredores de Braga³⁴¹. Estes exemplares já não subsistem.

No dia 16 de agosto de 1633, assume a feitura do retábulo-mor da ermida de Santo António, em Braga, pela quantia de 55\$000 réis³⁴², exemplar inexistente.

A 6 de março de 1634, compromete-se a executar o retábulo de Nossa Senhora do Rosário da igreja de São Pedro de Lomar, no termo de Braga, na forma do de São Homem Bom, na igreja da sé de Braga³⁴³. Estes

336 A. J. OLIVEIRA, 2011, p. 469.

337 Informação inédita cedida por Eduardo Pires de Oliveira, a quem agradecemos.

338 Informação inédita cedida por Eduardo Pires de Oliveira, a quem agradecemos.

339 BRANDÃO, 1984, pp. 256 a 359.

340 AFONSO, 2013, p. 83.

341 SERRÃO, 1992, 2, p. 336.

342 SERRÃO, 1992, 2, p. 336.

343 SERRÃO, 1992, 2, p. 336.

exemplares já não subsistem.

No dia 14 de outubro de 1634, assume a feitura do retábulo da capela-mor da igreja de Santa Cruz, em Braga, cujo risco tinha sido concebido pelo padre Geraldo Álvares³⁴⁴. Este exemplar já não subsiste.

Em 1644 - 1645, executa o retábulo da confraria de Santiago na igreja da Cividade, em Braga³⁴⁵. Este exemplar já não subsiste.

Em 1651, de parceria com Bento de Freitas (responsável pela escultura) encarrega-se do entalhe do retábulo da ermida de Nossa Senhora da Ajuda, em Braga³⁴⁶. Este exemplar também já não subsiste.

A 10 de novembro de 1652, ajusta a feitura do retábulo colateral, da invocação de Santo António, da igreja de São Pedro de Lomar, no termo de Braga, na forma do de Nossa Senhora do Rosário, da mesma igreja³⁴⁷. Estes exemplares já não subsistem.

Em 29 de setembro de 1653, assume a execução do retábulo principal da igreja de Santa Maria de Adaúfe, no termo de Braga³⁴⁸, exemplar inexistente.

Em 1654 e nos dois anos seguintes, entalha o retábulo principal da igreja da irmandade de São Vicente, em Braga³⁴⁹. Este exemplar já não subsiste.

Por fim, a 28 de novembro de 1657, ajusta a feitura do retábulo principal da igreja de Nossa Senhora-a-Branca, em Braga³⁵⁰, exemplar que já não existe.

Gregório de Magalhães, frei (1662 - 1665)

Monge beneditino que, entre 1662 e 1665, desempenha o cargo de geral no mosteiro de São Martinho de Tibães. Era também debuxador de arquitetura, andando sempre *ocupado no desenho de muitas obras* neste mosteiro.

Em 1662, deve ter feito o risco do retábulo da capela-mor da igreja deste cenóbio³⁵¹ (ver p. 165) e muito provavelmente dos exemplares gémeos de duas capelas laterais, um deles da invocação de Santa Gertrudes (ver p. 84), sendo estes dois exemplares entalhados pelo mestre António de Andrade.

344 SERRÃO, 1992, 2, pp. 336 e 337.

345 Informação inédita cedida por Eduardo Pires de Oliveira, a quem agradecemos.

346 Informação inédita cedida por Eduardo Pires de Oliveira, a quem agradecemos.

347 SERRÃO, 1992, 2, p. 337.

348 Informação inédita cedida por Eduardo Pires de Oliveira, a quem agradecemos.

349 Informação inédita cedida por Eduardo Pires de Oliveira, a quem agradecemos.

350 SERRÃO, 1992, 2, p. 337.

351 SILVA-NIGRA, 1950, p. 43; A. OLIVEIRA, 1973, p. 230.

Inácio José de Sampaio (1760)

Mestre entalhador com oficina aberta na freguesia de Landim. Desconhecemos a sua atividade na região correspondente à atual arquidiocese de Braga, encontrando-se, em 1760, a trabalhar em Azurara³⁵².

Jacinto da Silva (1715)

Mestre entalhador natural de Guimarães. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, encontrando-se em 1715 a trabalhar em Moncorvo³⁵³.

Jacinto da Silva (1736 - 1778)

Prestigiado mestre entalhador com oficina aberta na cidade de Braga, no Largo dos Penedos, onde surge registado, em 1764, na lista da Ordenança, com 55 anos e casado. Pertenceu à da confraria de São Vicente. A sua oficina teve continuidade com o seu filho Luís Manuel da Silva.

No ano de 1736, a 1 de janeiro, contrata o retábulo da capela do cônego Inácio de Araújo, na freguesia de Santa Lucrécia de Algeriz, termo de Braga³⁵⁴. Desconhecemos se subsiste.

A 15 de dezembro de 1737, assume a feitura dos dois retábulos colaterais da igreja de São Jerónimo de Real, em Braga³⁵⁵ (ver p. 185), sendo testemunha o seu colega de profissão João de Araújo.

Em 1741, no dia 22 de abril, ajusta o entalhe do retábulo da Casa da Mesa da Santa Casa da Misericórdia, em Braga, pela quantia de 74\$000 réis, cujo risco tinha sido concebido por Jerónimo Coelho da Costa Maia³⁵⁶. É provável que este exemplar corresponda ao que subsiste na sacristia.

Neste mesmo ano, a 7 de agosto, contrata a feitura do retábulo da capela-mor da igreja do mosteiro cisterciense de Santa Maria do Bouro (ver p. 187).

No dia 2 de junho de 1745, ajusta a feitura do retábulo para a igreja de Nossa Senhora da Graça, *sita no Couto de Tibães*, pela modesta quantia de 85\$000 réis³⁵⁷. Desconhecemos se subsiste.

No ano de 1745, a 12 de agosto, assume a feitura do retábulo principal da igreja da Senhora-a-Branca, em Braga, cujo risco tinha sido

352 FREITAS, 1999, p. 96.

353 RODRIGUES, 2006, p. 166.

354 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 343.

355 E. OLIVEIRA, 2011, 3, pp. 27 e 343.

356 SMITH, 1968, p. 41; SMITH, 1972, p. 326.

357 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 345.

concebido por Jerónimo Coelho da Costa Maia ³⁵⁸. Este exemplar é remodelado em 1751 e posteriormente em 1782.

A 19 de fevereiro de 1746, contrata o retábulo de São Sebastião, na igreja paroquial de Padim da Graça, no termo de Braga³⁵⁹. Desconhecemos se subsiste.

No dia 13 de janeiro de 1747, serve de fiador no contrato do retábulo de Santo Amaro, na igreja da sé, arrematado pelo mestre José Pereira³⁶⁰.

A 20 de maio de 1759, recebe a modesta quantia de 80\$000 réis pela feitura do retábulo de Santo António, na igreja dos Terceiros, em Braga, trabalhando ainda neste templo no ano seguinte³⁶¹.

No dia 22 de novembro de 1761, ajusta com os responsáveis da irmandade de São Miguel-o-Anjo, em Braga, o entalhe de três retábulos, pela quantia de 203\$000 réis³⁶². Estes exemplares, o mor e dois colaterais (ver p. 110), concebidos por André Soares, ainda subsistem.

Em 1763, a 14 de agosto, assume a feitura do retábulo principal da ermida de Santa Maria Madalena da Falperra, pela quantia de 320\$000, de acordo com um risco feito por André Soares (ver p. 200).

A 26 de janeiro de 1767, serve de fiador no ajuste do retábulo da capela-mor da igreja de Santa Cruz, em Braga, obra assumida pelo seu filho Luís Manuel da Silva e por Manuel Carneiro da Costa³⁶³.

No dia 15 de maio de 1767, assume a feitura de um modesto retábulo para a igreja paroquial de Arentim, termo de Braga. A 1 de fevereiro do ano seguinte, dá quitação da quantia de 45\$000 réis³⁶⁴. Desconhecemos se subsiste

Ainda neste ano, no dia 25 de maio, lança na arrematação do retábulo de Nossa Senhora da Boa Memória, na igreja da sé, em Braga, tendo a sua proposta, no valor de 160\$000 réis, sido escolhida³⁶⁵. A 13 de setembro de 1767, reclama mais tempo para poder realizar a obra, por André Soares, autor do risco, só lhe ter fornecido o modelo em julho³⁶⁶. Este exemplar ainda subsiste (ver p. 83).

358 SMITH, 1972, p. 332.

359 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 345.

360 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 346.

361 E. OLIVEIRA, 2011, 3, pp. 347 e 348.

362 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 348.

363 SMITH, 1972, 2, pp. 429, 449, 483 e 485.

364 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 351.

365 E. OLIVEIRA, 2011, 3, pp. 188 e 351.

366 E. OLIVEIRA, 2011, 2, pp. 179-180.



Braga. Igreja da Falperra.
Retábulo lateral.

Em janeiro de 1772, juntamente com Teodósio Álvares de Araújo, é nomeado revisor do retábulo de Nossa Senhora da Torre, na igreja de Santiago, em Braga³⁶⁷.

Em 1772, a 1 de julho, de parceria com o seu filho, Luís Manuel da Silva, assume a feitura do retábulo-mor da igreja de São João de Souto, pela quantia de 120\$000 réis³⁶⁸. Este exemplar ainda subsiste (ver p. 128).

No dia 17 de abril de 1776, assume a feitura dos retábulos colaterais, ainda subsistentes, da invocação de Santo António e de Nossa Senhora dos Prazeres, da ermida de Santa Maria Madalena da Falperra³⁶⁹.

Por fim, a 9 de maio de 1778, serve de fiador a seu filho, Luís Manuel da Silva, na escritura de ajuste de um retábulo colateral da confraria de São Miguel na igreja paroquial de Cabreiros, termo de Braga³⁷⁰. Este exemplar já não subsiste.

Jácume Carvalho (1547 - 1549)

Mestre de marcenaria e ensamblagem que, em 1547, principia a execução do retábulo principal da colegiada de Vila do Conde, cujas obras se prolongam, pelo menos, até 1549³⁷¹. Já não subsiste.

Jácume Pires (1576)

Mestre ensamblador com oficina aberta em Braga. A 31 de maio de 1576, de parceria com o seu colega Lucas Fernandes, assume a feitura do retábulo colateral, do lado da Epístola, da igreja da Misericórdia desta cidade, que deveria tomar por modelo o retábulo da capela-mor³⁷². Este exemplar já não subsiste.

Jerónimo Coelho da Costa Maia (1741 - 1745)

Graduado em Cânones, residia na cidade de Braga. Ministro secular do arcebispo D. José de Bragança e desembargador da Mitra, nomeado superintendente dos santuários do arcebispado em 1764, dedicando-se também ao debuxo de retábulos.

Em 1741, faz o risco para o retábulo de Santo Cristo, destinado à Casa da Mesa ou sala das sessões da Misericórdia, em Braga, cujo entalhe é assumido pelo mestre Jacinto da Silva³⁷³. É possível tratar-se do que subsiste na sacristia da igreja.

A 7 de agosto de 1741, assina como testemunha no contrato para o

367 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 354.

368 SMITH, 1972, p. 326.

369 SMITH, 1972, pp. 232, 326 e 329.

370 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 355.

371 SERRÃO, 1998, p. 232.

372 SERRÃO, 1998, p. 338.

373 SMITH, 1968, p. 41; CASTRO, 2001, p. 65.

retábulo-mor do mosteiro de Santa Maria de Bouro, que Jacinto da Silva se compromete a entalhar³⁷⁴.

No ano de 1745, concebe o projeto para o retábulo principal da igreja da Senhora-a-Branca, em Braga, cujo entalhe é assumido pelo mestre entalhador Jacinto da Silva³⁷⁵. Este exemplar é remodelado em 1751 e posteriormente em 1782.

Raúl Lopes levanta a possibilidade de lhe atribuir o risco de três retábulos laterais da igreja do extinto convento dos Congregados, do essencial do retábulo de Nossa Senhora da Luz na igreja de São Paulo, em Braga e ainda do retábulo da capela-mor do mosteiro de Santa Maria de Bouro³⁷⁶.

Jerónimo da Costa (1676)

Mestre entalhador com oficina aberta na freguesia de Santa Cristina de Cerzedelo, concelho de Guimarães. Desconhecemos a sua atividade na região correspondente à atual arquidiocese de Braga, encontrando-se, em 1676, a trabalhar no convento de Moreira da Maia³⁷⁷.

Jerónimo Fernandes (1607 - 1608)

Mestre ensamblador que, em 1607 - 1608, executa o retábulo da capela de São Lázaro, em Guimarães, exemplar ingloriamente destruído no século XIX³⁷⁸.

Jerónimo José Dias, doutor (1767)

Debuxador de retábulos que apresenta, no dia 10 de abril de 1767, um projeto para o retábulo da confraria de Nossa Senhora da Boa Memória, na igreja da sé, em Braga³⁷⁹. A sua proposta foi preterida, preferindo-se a de André Soares.

Raúl Lopes tenciona investigar este artista para tentar identificar o provável riscador de obras como os retábulos de Nossa Senhora da Lapa de Famalicão (ver p. 201), o retábulo-mor da igreja de São João do Souto ou o retábulo da capela do Senhor do Horto, na Póvoa de Lanhoso (ver p. 206), estes dois precisamente muito marcados pelo exemplo de Nossa Senhora da Boa Memória e com contratos assinados a poucos dias de intervalo, em 1772³⁸⁰.



Braga. Congregados.
Retábulo lateral.



Braga. Igreja de São Paulo.
Tabernáculo do retábulo de
Nossa Senhora da Luz.
Foto José João Loureiro.

374 LOPES, 2014, 1, pp. 75-76.

375 SMITH, 1972, p. 332.

376 LOPES, 2014, 1, pp. 73-76.

377 BRANDÃO, 1984, p. 432.

378 GONÇALVES, 1981, p. 338.

379 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 129.

380 LOPES, 2014, 1, p. 502.

João António da Silva (1731)

Mestre entalhador bracarense com oficina aberta em Vila Nova de Famalicão. Desconhecemos a sua atividade na região correspondente à atual arquidiocese de Braga, encontrando-se, em 1731, a trabalhar em Vila Real³⁸¹.

João António de Sousa Azevedo (1814)

Mestre entalhador com loja aberta em Braga. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, encontrando-se, em 1814, a trabalhar em Ponte de Lima³⁸².

João Antunes (1698 - 1709)

Arquiteto régio, morador na cidade de Lisboa. Em 1698, projeta uma nova sacristia para a igreja da sé, em Braga³⁸³, em que as duas paredes do topo são preenchidas por um arco retabular de pedraria. Esta obra ainda subsiste.

Em 1709, faz um projeto para um retábulo da igreja do Senhor da Cruz, em Barcelos, provavelmente o da capela-mor (ver p. 141), cujo entalhe é assumido pelo mestre Miguel Coelho³⁸⁴.

João de Araújo (1729 - 1737)

Mestre entalhador bracarense com oficina aberta no Campo da Vinha. Em 1729, ajusta o retábulo colateral, do lado do Evangelho, da confraria de Nossa Senhora do Vale, na igreja do convento da Conceição, em Braga³⁸⁵. Este exemplar ainda subsiste, sendo provavelmente da sua autoria o outro retábulo colateral.

A 15 de dezembro de 1737, serve de testemunha no contrato da obra dos dois retábulos colaterais da igreja de São Jerónimo de Real, em Braga, ajustados por Jacinto da Silva³⁸⁶.

João Bernardo da Silva (1775 - 1787)

Mestre entalhador e debuxador de arquitetura, originário de Areias, termo de Barcelos, mas com oficina aberta na cidade de Braga, na Rua do Anjo. Pertenceu à confraria do Bom Jesus do Monte.

A 27 de outubro de 1775, ajusta pela quantia de 500\$000 réis a remodelação do recém-construído retábulo-mor da igreja de Santa Cruz, em Braga, de acordo com um risco concebido por frei Vilaça (ver p. 209).

Braga. Igreja de Santa Cruz.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto José João Loureiro



381 FERREIRA ALVES, 1989, p. 114.

382 M. MOREIRA, 2006, pp. 307 e 308.

383 SMITH, 1972, p. 318.

384 ALMEIDA, 1990, p. 82; ALMEIDA, 1991, pp. 636 a 640.

385 E. OLIVEIRA, 1996, p. 153.

386 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 343.

Em 1781, no dia 30 de maio, assume a remodelação do retábulo da capela de Nossa Senhora da Torre, no colégio de São Paulo, em Braga, de acordo com um modelo por si realizado, algum tempo antes³⁸⁷. Este exemplar já não subsiste.

A 18 de julho de 1781, ajusta pela quantia de 335\$000 réis a feitura do retábulo, ainda subsistente, da capela-mor da igreja dos Terceiros, em Braga, de acordo com um risco concebido por José Calheiros de Magalhães³⁸⁸.

Em 1778, faz novas mesas de altar, ainda subsistentes, em forma de urna, para os retábulos laterais da igreja de Santa Cruz, em Braga³⁸⁹.

No ano de 1782, reformula o retábulo-mor da igreja da Senhora-a-Branca, em Braga, exemplar ainda subsistente e no ano seguinte executa os retábulos colaterais, que também subsistem, deste mesmo templo, inspirando-se nos que Carlos Amarante tinha concebido para a igreja dos Terceiros, em Braga³⁹⁰.

Em 1783, faz o modesto retábulo, ainda subsistente, para a capela do abade-geral do mosteiro de Tibães, com eventual risco de frei Vilaça³⁹¹.

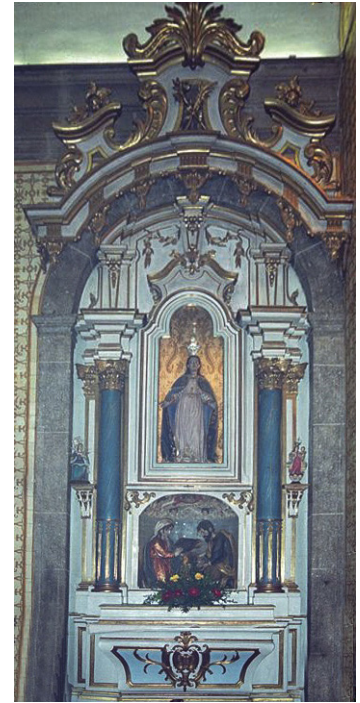
Dois anos depois, executa o retábulo-mor, ainda subsistente, da igreja do colégio do Pópulo, em Braga, com eventual risco de Carlos Amarante³⁹² (ver p. 212).

No ano de 1786, solicita aos mesários da confraria ou irmandade do Bom Jesus do Monte, em Braga, o pagamento dos acréscimos que tinha feito, algum tempo antes, no retábulo da capela-mor³⁹³. Este exemplar já não subsiste.

Por fim, em 1787, executa um retábulo para a capela de Nossa Senhora do Rosário na igreja da sé, em Braga, exemplar substituído em 1790 por um novo³⁹⁴.

João Correia Lopes (antes de 1751)

Mestre entalhador e debuxador de retábulos, natural de Landim. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, tendo-se fixado, antes de 1751, nos arredores de Lamego³⁹⁵.



Braga. Igreja da Senhora a Branca.
Retábulo colateral.
Foto SIPA 957698

387 Informação inédita cedida por Eduardo Pires de Oliveira, a quem agradecemos.

388 SMITH, 1970, pp. 64 e 65; SMITH, 1972, p. 436.

389 SMITH, 1972, p. 436.

390 SMITH, 1972, p. 332 e 436; LOPES, 2014, 2, p. 189 e 3, p. 210.

391 SMITH, 1972, pp. 436 e 459.

392 LIMA, 1998, p. 252.

393 MASSARA, 1988, pp. 56 e 138.

394 E. OLIVEIRA, 2004, p. 26.

395 A. ALVES, 2001, 2, p. 104.

João Correia Monteiro (1744)

Mestre entalhador e debuxador de retábulos, natural da comarca de Guimarães. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, encontrando-se, a partir de 1744, a trabalhar em Ferreirim, termo de Tarouca³⁹⁶.

João Correia da Silva (1760)

Mestre entalhador e debuxador de retábulos com oficina aberta em São Paio de Seide, concelho de Vila Nova de Guimarães.

A 15 de maio de 1762, assume a feitura do retábulo para a capela da Senhora da Glória e São Jerónimo, na Quinta da Lousada, freguesia de Escudeiros, termo de Braga, pela quantia de 95\$000 réis³⁹⁷. Desconhecemos se subsiste.

João Correia Vestoria (antes de 1720)

Mestre entalhador natural do termo de Barcelos. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, tendo-se fixado, por volta de 1720, na vila alentejana do Cercal, juntamente com Francisco Correia Vestoria, do mesmo ofício³⁹⁸.

João Evangelista Correia (1818)

Mestre entalhador bracarense. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, encontrando-se, em 1818, a trabalhar em Ponte de Lima³⁹⁹.

João Fernandes (1618)

Mestre imaginário com oficina aberta em Braga, na Rua do Anjo. A 4 de abril de 1618, ajusta a feitura do retábulo da confraria de Nossa Senhora do Rosário, na sé de Braga, pela quantia de 125\$000 réis⁴⁰⁰. Este exemplar já não subsiste.

João Ferreira Neto (1724)

Mestre entalhador e debuxador de retábulos, natural do termo de Guimarães. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, tendo-se fixado, antes de 1724, no concelho de Lafões⁴⁰¹.

João Francisco (1680)

Mestre entalhador com oficina aberta na freguesia de Requião, termo de Vila Nova de Famalicão. Desconhecemos a sua atividade na re-

396 A. ALVES, 2001, 2, pp. 245 a 258.

397 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 104.

398 LAMEIRA e FALCÃO, 2013, p. 38.

399 M. MOREIRA, 2006, pp. 311 e 312.

400 SERRÃO, 1998, p. 278.

401 A. ALVES, 2001, 2, pp. 307 e 308.

gião em estudo, encontrando-se, em 1680, a trabalhar em Arcos de Valdevez⁴⁰².

João Gomes de Carvalho (1734 - 1735)

Mestre entalhador com oficina aberta em Vila do Conde. Em 1734, executa seis retábulos laterais, ainda subsistentes, para a colegiada desta localidade⁴⁰³.

João Gonçalves (1573)

Mestre entalhador com oficina aberta na cidade de Braga. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, tendo executado, em 1573, um retábulo para Viana do Castelo⁴⁰⁴.

João Guedes (1704)

Mestre entalhador com oficina aberta na freguesia de Areias, termo de Vila Nova de Famalicão. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, encontrando-se, em 1704, a trabalhar na região do Porto⁴⁰⁵.

João Lopes de Amorim (1614)

Mestre pedreiro sediado em Guimarães. Era irmão da Santa Casa da Misericórdia desta localidade.

Em dezembro de 1614, *aponta a eles, provedor e irmãos, os erros que havia na traça que a esta Casa deu João Ribeiro (...) que lhes pareceu a todos notório para a obra do dito retábulo e por o dito Irmão João Lopes fazer um rascunho da obra que se ora há de fazer, emendados os erros da traça velha*⁴⁰⁶.

João Martins Coelho (1802 - 1822)

Mestre entalhador com oficina aberta em São Martinho de Sande. Em 1802, começa a executar o retábulo principal do santuário do Bom Jesus do Monte, em Braga⁴⁰⁷ (ver p. 214).

A 3 de julho de 1822, assume a feitura do retábulo das relíquias do santuário do Bom Jesus do Monte, em Braga, pela *quantia de 255\$000 réis, livre da escultura*, obra que conclui no ano seguinte⁴⁰⁸. Este exemplar ainda subsiste (ver p. 34).

João Mendes (antes de 1693)

Mestre entalhador natural do termo de Guimarães. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, encontrando-se em

402 CARDONA, 2004, 1, pp. 752 e 753.

403 GONÇALVES, 1978, p. 12.

404 SERRÃO, 1998, p. 216.

405 BRANDÃO, 1985, p. 203.

406 GONÇALVES, 1981, p. 339; BRANDÃO, 1984, pp. 217 a 222.

407 MASSARA, 1988, p. 61.

408 MASSARA, 1988, pp. 160 a 162.

1693 a trabalhar em Bragança⁴⁰⁹.

João de Oliveira (1733)

Mestre entalhador natural do termo de Guimarães. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, encontrando-se, em 1733, a trabalhar na região de Lamego⁴¹⁰.

João Peixoto, padre (1668)

Sacerdote residente na cidade de Braga e que se dedicava ao debuxo de retábulos. Em 1668, faz o risco do retábulo-mor da igreja do hospital de São Marcos, em Braga, cujo entalhe é assumido pelo mestre Leandro da Silva⁴¹¹.

João Pereira dos Santos (1693 – f. 1696)

Mestre entalhador e debuxador de retábulos com oficina aberta na freguesia do Couto de Landim, então termo de Barcelos.

A 28 de outubro de 1693, faz o risco do retábulo da capela do Evangelista, na igreja do convento de Santa Clara, em Vila do Conde, cujo entalhe é assumido pelo mestre Filipe da Silva⁴¹².

João Pereira dos Santos (1718)

Debuxador de arquitetura e de retábulos com residência na cidade do Porto. Em 1718, faz o risco do retábulo da capela do Santíssimo na igreja da sé, cujo entalhe é assumido pelo mestre Miguel Coelho⁴¹³. De salientar que este projeto esteve, muito provavelmente, na origem do primeiro retábulo do Barroco Final na arquidiocese de Braga.

João Pinto (1805)

Mestre entalhador com oficina aberta na cidade de Braga, na Rua dos Pelames. Em 1805, assume a feitura do retábulo do transepto, do lado do Evangelho, ainda subsistente, no santuário do Bom Jesus, em Braga⁴¹⁴.

João Ribeiro (1614)

Desconhecemos o perfil deste profissional. Em 1614, faz a *traça* do retábulo-mor da igreja da Misericórdia de Guimarães, obra que é emendada algum tempo depois⁴¹⁵.

João da Rocha Leite (1710)

Mestre escultor bracarense com oficina aberta no Campo de Santana. Em 1710, faz o modelo do respaldo do retábulo de Nossa Senhora



Braga. Bom Jesus.
Retábulo do transepto.
Foto SIPA 557340.

409 RODRIGUES, 2006, p. 46.

410 A. ALVES, 2001, 2, p. 323.

411 BRANDÃO, 1984, pp. 372 a 374.

412 BRANDÃO, 1984, pp. 783 a 790.

413 BRANDÃO, 1985, pp. 537 a 541.

414 MASSARA, 1988, p. 150.

415 GONÇALVES, 1981, p. 339; BRANDÃO, 1984, pp. 217 a 222.

ra da Boa Morte, exemplar ainda subsistente na igreja de São Paulo, em Braga, cujo entalhe é ajustado no dia 27 de julho do mesmo ano pelo mestre Luís Vieira da Cruz⁴¹⁶.

João de Ruão (1525 – 1528)

Mestre escultor de origem francesa, mas com oficina aberta na cidade de Coimbra. Por volta de 1525 a 1528, faz o retábulo da capela dos Coimbras, em Braga (ver p. 157).

Joaquim José de Sampaio (1779)

Mestre entalhador com oficina aberta na freguesia de Landim, termo de Vila Nova de Famalicão. Era irmão de Francisco José de Sampaio e de José Caetano de Sampaio, do mesmo ofício. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, encontrando-se, em 1779, a trabalhar no mosteiro de São João de Cabanas⁴¹⁷.

José Álvares de Araújo (1746 – f. 1762)

Prestigiado mestre entalhador e debuxador de retábulos, com oficina aberta na cidade de Braga, na Rua dos Chãos. Juntamente com André Soares, é um dos pioneiros da implementação do Rococó nos retábulos da região em estudo.

A 1 de junho de 1746, contrata por 930\$000 réis a feitura do retábulo principal e dos dois colaterais da igreja do convento do Carmo, em Guimarães. Atendendo a que as plantas não agradaram ao arcebispo D. José de Bragança, este último decide mandar fazer *novas plantas e apontamentos com mais agudeza e asseio na sua perfeição*, cujo entalhe é assumido, no dia 22 de junho, pelo mesmo José Álvares de Araújo e por igual quantia⁴¹⁸. Estes exemplares ainda subsistem, quer o da capela-mor, quer os colaterais (ver p. 189).

Em 1751, a 17 de janeiro, assume a remodelação do retábulo-mor da igreja de Nossa Senhora-a-Branca, em Braga, de acordo com as alterações propostas por André Soares, recebendo 320 réis por cada dia de trabalho⁴¹⁹. Desta intervenção eventualmente só subsiste a porta do sacrário (ver p. 82).

Neste mesmo ano, faz o projeto e entalha os dois retábulos laterais, da invocação de São Sebastião e da Sagrada Família, da igreja da freguesia de Gondar, no termo de Guimarães. De referir que um deles já se encontrava concluído a 12 junho, conforme se constata na documentação



Guimarães. Convento do Carmo.
Retábulo-mor.

416 A. OLIVEIRA, 1995 – 1996, pp. 389 a 391.

417 CARDONA, 2004, 2, pp. 77 e 78.

418 A. J. OLIVEIRA, 2005, pp. 83 e 84.

419 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 28.



Taíde (Póvoa de Lanhoso).
Santuário de Noss Senhora
de Porto de Ave.
Pormenor do retábulo-mor.



Tibães. Mosteiro.
Pormenor do retábulo-mor.



Tibães. Mosteiro.
Pormenor do retábulo-mor.

ainda remanescente: *feito com grande perfeição, por bom risco e imaginário perito que é José Álvares de Araújo dessa cidade (de Braga) de quem ouvi dizer que fazia algumas obras para Vossa Alteza Sereníssima*⁴²⁰. Estes exemplares ainda subsistem.

Em 1753, executa o retábulo principal da igreja da irmandade de Nossa Senhora do Porto de Ave, em Taíde, no concelho de Póvoa do Lanhoso⁴²¹ (ver p. 195).

No ano seguinte, lança na arrematação da obra do retábulo das Almas da igreja de São João de Souto, saindo vencedor o seu colega José Pereira Veloso⁴²².

A 16 de março de 1755 contrata o retábulo-mor da igreja do recolhimento do Menino de Deus, em Barcelos, pela quantia de 200\$000 réis⁴²³. Este exemplar ainda subsiste, sendo provavelmente da sua autoria o arco triunfal retabular deste tempo (ver p. 205).

No dia 14 de abril de 1756, ajusta a obra de talha do *arco* da capela de Nossa Senhora dos Prazeres, na igreja do colégio de São Paulo, em Braga, pela quantia de 120\$000 réis, com eventual risco de André Soares⁴²⁴. Serve de testemunha o mestre entalhador Marceliano de Araújo⁴²⁵. Esta obra ainda subsiste (ver p. 8).

Finalmente, a 9 de outubro desse mesmo ano, de parceria com José António Ferreira Vilaça, assume uma vasta obra de talha, que ainda subsiste, para a igreja do mosteiro de Tibães: o retábulo principal (ver p. 196), o de Nossa Senhora do Rosário, o de São João Baptista (ver p. 197) e o da sacristia da igreja (ver p. 81), todos com seus frontais entalhados. No dia 13 de dezembro do ano seguinte, responsabiliza-se sozinho por esta tarefa pois, entretanto, José António Ferreira Vilaça ingressa na congregação beneditina como irmão leigo⁴²⁶.

José António (1754 - 1764)

Mestre escultor com oficina aberta em Braga, no Campo de Santana. É recenseado, em 1764, na lista da Ordenança de Braga.

A 10 de agosto de 1754, lança na obra do retábulo da capela das Almas da igreja paroquial de São João do Souto, em Braga, tendo a sua

420 E. OLIVEIRA, 2011, 2, p. 254.

421 ARAÚJO, 2006, p. 88.

422 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 28.

423 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 29.

424 SMITH, 1973, pp. 42 e 66.

425 SMITH, 1968, p. 38; SMITH, 1972, p. 294.

426 SMITH, 1968, p. 38; E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 30.

proposta sido preterida⁴²⁷.

José António da Cunha Correia Vale (1772 – 1794)

Mestre entalhador e debuxador de retábulos com oficina aberta em Guimarães, na Rua dos Palheiros. Era sobrinho do prestigiado mestre António da Cunha Correia Vale. Pertenceu à ordem terceira de São Domingos, em Guimarães.

Em 1772, a 18 de janeiro, ajusta o trono do retábulo da capela-mor da colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, de acordo com o risco feito pelo seu tio⁴²⁸. Três meses depois, de parceria com este último, assume a feitura do retábulo-mor⁴²⁹. Este exemplar relicário ainda subsiste (ver p. 86).

A 9 de dezembro de 1774, recebe *a quantia de 12\$000 réis pelo risco e modelo para o retábulo da capela-mor* da igreja de Santa Cruz, em Braga⁴³⁰. De referir que a sua proposta não foi aceite.

No dia 10 de janeiro de 1780, ajusta a feitura do retábulo principal da igreja de São Tomé de Estorãos, termo de Fafe⁴³¹. Desconhecemos se subsiste.

A 15 de fevereiro de 1780, assume a feitura de um retábulo com tribuna para o convento de Santa Marinha da Costa, em Guimarães⁴³². É provável que corresponda ao que ainda subsiste na nave da igreja, no lado da Epístola.

Ainda em 1780, executa um retábulo para a igreja paroquial de Prazins, termo de Guimarães⁴³³, exemplar que ainda existe.

Em 1782, entalha o retábulo-mor da igreja da ordem terceira de São Francisco, em Guimarães⁴³⁴, exemplar ainda subsistente.

A 19 de setembro de 1783, assume a feitura do retábulo-mor da igreja da ordem terceira de São Domingos, em Guimarães⁴³⁵. Desconhecemos se teve efeito.

Por fim, de 1792 a 1794, executa o retábulo da capela-mor da igreja dos Santos Passos, em Guimarães (ver p. 213).



Guimarães. Igreja da ordem terceira de São Francisco. Retábulo-mor.

427 E. OLIVEIRA, 2011, 2, p. 556.

428 GONÇALVES, 1981, pp. 355 e 361.

429 E. OLIVEIRA, 1995, p. 81.

430 E. OLIVEIRA, 2001, p. 27.

431 BRAGA, 1948, p. 55; A. J. OLIVEIRA, 2011, 2, pp. 421 e 422.

432 A. J. OLIVEIRA, 2011, p. 233.

433 BRAGA, 1948, p. 55; GONÇALVES, 1981, p. 360.

434 BRAGA, 1948, p. 55; A. J. OLIVEIRA, 2011, pp. 454 e 459.

435 BRAGA, 1948, p. 55; GONÇALVES, 1981, p. 361.

José António Ferreira Vilaça, frei (1756 – f. 1809)

Mestre entalhador natural de Braga. Em 1758, ingressa como irmão leigo na Ordem beneditina, tomando o hábito no mosteiro de Tibães. Em 1764, vai para o mosteiro de Refojos de Basto e, em 1770, para o de Pombeiro. Em 1792, é transferido para o mosteiro de Couto de Cucujães e finalmente, em 1796, para o de Tibães. Desloca-se a Lisboa várias vezes, uma delas em 1774⁴³⁶, tendo aí adquirido alguns tratados de arquitetura. Em Braga pertencia a três irmandades: a de Santa Cruz, a de Nossa Senhora do Carmo nos Marianos e a de Nossa Senhora da Boa Morte, no colégio da Companhia de Jesus⁴³⁷.

A 9 de outubro de 1756, de parceria com José Álvares de Araújo, assume uma vasta obra de talha, ainda subsistente, para a igreja do mosteiro de Tibães: o retábulo principal (ver p. 196), o de Nossa Senhora do Rosário, o de São João Baptista (ver p. 197) e o da sacristia da igreja, todos com seus frontais entalhados, de acordo com os riscos elaborados por André Soares. No dia 13 de dezembro do ano seguinte, trespassa a obra da tribuna e mais obras que se acha por fazer pois, entretanto, entrara na congregação beneditina⁴³⁸.

Entre julho de 1764 e o Outono de 1766, risca e entalha o retábulo da capela-mor da igreja do mosteiro beneditino de Refojos de Basto (ver p. 202).

Em 1766, faz um risco para o retábulo que se pretendia construir na capela-mor da igreja de Santa Cruz, em Braga, que é apresentado numa reunião da Mesa da irmandade, ocorrida a 29 de dezembro⁴³⁹.

Em 1767, risca e entalha os dois retábulos colaterais da igreja do mosteiro beneditino de Refojos de Basto⁴⁴⁰, exemplares que ainda subsistem.

No dia 14 de março de 1771, recebe 9\$800 réis pelo risco que fez para o retábulo de Nossa Senhora da Torre, em Braga. Acha, no entanto, que merecia 12\$800 réis⁴⁴¹.

Em 1773, faz o risco para os quatro retábulos laterais da igreja do mosteiro beneditino de Refojos de Basto⁴⁴².

É-lhe atribuída a autoria do *risco* de quatro retábulos colaterais da



Refojos (Cabeceiras de Basto). Mosteiro de São Miguel.
Retábulo colateral.



Refojos (Cabeceiras de Basto). Mosteiro de São Miguel.
Retábulo lateral.

436 SMITH, 1972, pp. 63, 296 e 432.

437 SMITH, 1972, p. 81.

438 SMITH, 1973, pp. 43 e 44; E. OLIVEIRA, 2011, 3, pp. 30, 421 e 422.

439 SMITH, 1968, p. 39; SMITH, 1972, pp. 63 e 437.

440 SMITH, 1972, pp. 52, 152 e 426.

441 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 423.

442 SMITH, 1972, p. 152, 419 e 420.

igreja da Misericórdia de Guimarães, cujo entalhe é ajustado em 1775 pelos mestres Manuel de Sampaio, de Landim, e Manuel Álvares de Araújo, de Braga⁴⁴³ (ver p. 26).

A 20 de outubro de 1775, entre os diversos riscos solicitados a profissionais de Braga, Porto e Lisboa para a remodelação do recém entalhado retábulo-mor da igreja de Santa Cruz, em Braga, é escolhido o da sua autoria. De salientar que o anterior projeto também tinha sido da sua lavra. O entalhe que propôs é ajustado por João Bernardo da Silva, originário de Areias, termo de Santo Tirso⁴⁴⁴.

Em 1783, desenha o modesto retábulo, ainda subsistente, da capela dos aposentos do abade geral do mosteiro de São Martinho de Tibães, entalhado pelo mestre João Bernardo da Silva, de Braga⁴⁴⁵.

Em 1785, faz o risco de dois retábulos para o mosteiro de Tibães, um para a sala do Capítulo das Culpas, retirado posteriormente para a capela de São Bento da cerca e o da capela de Santo Amaro⁴⁴⁶. Ambos os exemplares, entalhados pelo mestre Luís José de Sousa Neves, ainda subsistem.

Tem-lhe sido atribuído o risco dos dois retábulos, já inexistentes, do transepto da igreja do convento de São Domingos, em Guimarães⁴⁴⁷ e o retábulo de Nossa Senhora do Pé da Cruz ou das Dores, na igreja de São Frutuoso, nos arredores de Braga (ver p. 204).

Finalmente, Raul Lopes atribui-lhe a autoria dos seguintes retábulos⁴⁴⁸:

- Um retábulo colateral da igreja paroquial de Painzela, concelho de Cabeceiras de Basto (ver p. 207).
- O da capela-mor da igreja paroquial de Vila Nune, concelho de Cabeceiras de Basto.
- O da capela-mor da igreja paroquial de Fareja, concelho de Fafe.
- O da capela-mor da igreja paroquial de Alvite, concelho de Cabeceiras de Basto.

José de Braga, padre frei (1679)

Religioso da Piedade, residente no convento franciscano de São Frutuoso, nos arredores de Braga.



Fareja (Fafe).
Igreja paroquial.
retábulo-mor.

443 SMITH, 1972, pp. 449 e 450; GONÇALVES, 1981, p. 356.

444 SMITH, 1972, pp. 429 e 447.

445 SMITH, 1972, pp. 68, 459 e 460.

446 SMITH, 1972, pp. 69, 460 e 461.

447 GONÇALVES, 1981, p. 355.

448 LOPES, 2014, 1, p. 195 e 2, pp. 219-220, 223, 228, 239.

Em 1679, faz um *rascunho* para se reformar o retábulo, de pedra, da igreja da Misericórdia de Braga, cuja obra é entregue ao mestre pedreiro Manuel Carvalho⁴⁴⁹.

José Caetano de Sampaio (1733)

Mestre entalhador com oficina aberta no lugar de Travassos, freguesia de Santa Maria de Landim, então no termo da vila de Barcelos. Era irmão de Francisco José de Sampaio e de Joaquim José de Sampaio, também mestres do mesmo ofício.

Desconhecemos a sua atividade na região correspondente à atual arquidiocese de Braga, encontrando-se, em 1733, a trabalhar no mosteiro de Pombeiro⁴⁵⁰.

José Calheiros de Magalhães Andrade (1775 - 1790)

Médico com residência em Braga, dedicando-se também ao debuxo de arquitetura e de retábulos.

Em abril de 1775, juntamente com Carlos Amarante, pede aos responsáveis da irmandade de Santa Cruz, em Braga, que lhe paguem os riscos que fez durante o processo de escolha do risco para o novo retábulo da capela-mor deste templo. Acaba por receber 4\$800 réis *pela cópia que extraiu do retábulo da capela-mor da igreja de Santa Cruz de Coimbra, por esta Mesa se informar e certificar ter boa aceitação tal retábulo*⁴⁵¹.

No ano de 1781, recebe 14\$400 réis pelo risco do retábulo da capela-mor da igreja dos Terceiros, em Braga, cujo entalhe é assumido pelo mestre João Bernardo Silva⁴⁵². Este retábulo ainda subsiste.

Finalmente, em 1790, faz o risco do retábulo para a confraria de Nossa Senhora do Rosário na igreja da sé, em Braga⁴⁵³. Este retábulo ainda subsiste (ver p. 56).

José da Costa Vilaça (antes de 1941)

Trabalhou na Direção das Obras Públicas de Braga, onde se evidenciou como o principal colaborador do arquiteto João de Moura Coutinho de Almeida d'Eça.

Atendendo a que fez o projeto do zimbório do santuário de Nossa Senhora do Sameiro⁴⁵⁴, é possível ter concebido, antes de 1941, o risco do retábulo da capela-mor deste templo (ver p. 215).



Braga. Terceiros.
Retábulo-mor.

449 CASTRO, 2001, p. 20.

450 BRANDÃO, 1986, p. 252.

451 SMITH, 1970, p. 64; SMITH, 1972, pp. 430, 431 e 435.

452 SMITH, 1970, pp. 64 e 65.

453 E. OLIVEIRA, 2003, p. 67.

454 MARTINS, 2010, p. 12.

José da Fonseca Lima (1741 - 1745)

Mestre entalhador e debuxador de retábulos com oficina aberta na cidade do Porto. Em 1741, faz o risco do retábulo-mor da igreja do convento de Santa Rosa de Lima, atualmente de São Sebastião, em Guimarães, cujo entalhe é assumido pelo mestre António Fernandes Palmeira⁴⁵⁵. Este exemplar ainda subsiste (ver p. 87).

José Francisco Moreira (1789 - 1808)

Mestre entalhador com oficina aberta em Braga, na Rua da Cónega. A 10 de junho de 1789, arremata a feitura dos dois retábulos colaterais da ermida de Santo António do Campo dos Touros⁴⁵⁶, exemplares que já não subsistem.

No dia 2 de julho de 1799, ajusta o entalhe do retábulo principal da igreja do hospital de São João Marcos, em Braga, sendo fiador Álvaro José Pereira de Faria⁴⁵⁷. Este exemplar ainda subsiste.

Em 1803, lança na arrematação da obra do retábulo-mor do santuário do Bom Jesus, em Braga, perdendo para o seu colega Manuel José Correia⁴⁵⁸.

A 16 de dezembro de 1806, assume a feitura de dois retábulos colaterais do santuário do Bom Jesus, em Braga, por 90\$000 réis cada um, tendo esta obra quase concluída no ano seguinte⁴⁵⁹.

Por fim, no dia 21 de outubro de 1808, ajusta por 40\$000 réis o entalhe das *pilastras que hão de servir de ornato à cúpula da imagem do Senhor Bom Jesus de Monte*⁴⁶⁰, ainda subsistente no interior do baldaquino da capela-mor do santuário bracarense.

José Luís Vieira de Sá (1822)

Mestre entalhador com oficina aberta na freguesia de Calvos, termo de Guimarães. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, encontrando-se, em 1822, a trabalhar em Vila Nova de Cerveira⁴⁶¹.

José Manuel da Costa Lopes (1880)

Mestre entalhador que, em 1880, executa um retábulo para a capela-mor do santuário de Nossa Senhora da Conceição do Sameiro, em Braga, exemplar que já não subsiste e que pode corresponder a um postal ilustrado ainda existente.



Sameiro (Braga).
Primitivo retábulo-mor.

455 GONÇALVES, 1981, pp. 349 e 350; BRANDÃO, 1986, pp. 401 a 406.

456 SMITH, 1972, p. 332.

457 E. OLIVEIRA, 2005, p. 15.

458 MASSARA, 1988, p. 149.

459 MASSARA, 1988, pp. 152 e 153.

460 MASSARA, 1988, p. 154.

461 LAMEIRA e LADEIRA, 2015, p. 41.

José Maria da Silva (antes de 1777)

Mestre entalhador natural de Braga. Era filho do prestigiado mestre Jacinto da Silva. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, tendo emigrado para o Brasil, onde se fixa em Minas Gerais, na freguesia de São João del Rei⁴⁶².

José Pereira Veloso (1746 - 1765)

Mestre entalhador com oficina aberta na cidade de Braga, na Rua dos Chãos de Baixo, onde é registado, em 1764, na lista da Ordenança com 53 anos e casado.

A 13 de janeiro de 1747, arremata o entalhe do retábulo da confraria de Santo Amaro, na igreja da sé, pela quantia de 90\$000 réis, ficando com a obrigação de pagar 3\$200 réis ao profissional que fizer o risco⁴⁶³. Este exemplar ainda subsiste, ainda que remodelado posteriormente.

Em 1754, a 3 de setembro, contrata o retábulo de Nossa Senhora da Apresentação da igreja de São João de Souto, tomando por modelo o retábulo fronteiro, mas modernizando-o. Os seus colegas de profissão, José Álvares de Araújo e José António, lançaram na arrematação desta obra, mas não ganharam⁴⁶⁴. Alguns anos mais tarde, faz pequenas intervenções neste retábulo⁴⁶⁵. Este exemplar ainda subsiste.

A 1 de maio de 1757, pede à confraria de Santa Ana e Santos Passos, sita na ermida de Santa Ana, em Braga, que lhe pague o custo do camarim que fez para a imagem do Senhor dos Passos⁴⁶⁶. Nada subsiste deste templo.

No dia 18 de junho de 1764, juntamente com Marceliano de Araújo, avalia a obra dos retábulos da ermida de São Miguel-o-Anjo, em Braga, executados por Jacinto da Silva⁴⁶⁷. Estes exemplares ainda subsistem, apesar das remodelações efetuadas em 1782.

A 27 de julho de 1765, ajusta com os religiosos de São Bento, em Tibães a feitura de dois retábulos pela modesta quantia de 80\$000 réis, um deles para a capela-mor da igreja paroquial de Aborim, no termo de Barcelos⁴⁶⁸. Este exemplar ainda subsiste.

Em data desconhecida, concerta a tribuna da igreja do mosteiro dos



Braga. Sé.
Retábulo de Santo Amaro.



Braga. Igreja de São João do Souto.
Retábulo de Nossa Senhora da
Apresentação.

462 LAMEIRA, PEDROSA, BOHRER e LOUREIRO, 2017, p. 58.

463 SMITH, 1968, p. 42; A. OLIVEIRA, 1997, pp. 452 e 453.

464 SMITH, 1968, p. 42; E. OLIVEIRA, 2011, 2, p. 556.

465 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 413.

466 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 287.

467 E. OLIVEIRA, 2011, 2, pp. 229 e 230.

468 SMITH, 1968, p. 42.

Remédios, em Braga⁴⁶⁹. Nada subsiste desta intervenção.

José Vieira (1851 - 1863)

Mestre entalhador e debuxador de retábulos com oficina aberta em Braga. Em 1851, executa o retábulo baldaquino do santuário de São Torcato, em Guimarães, cujo risco é possível atribuir ao arquiteto Luís Inácio de Barros Lima. Deste retábulo subsiste uma foto⁴⁷⁰ (ver p. 127) e as diversas peças em talha, sem qualquer policromia, aguardando a oportunidade de serem encaixadas.

Em 1863, apresenta um projeto para o retábulo principal da igreja de Nossa Senhora do Carmo, em Braga, que só foi aceite parcialmente⁴⁷¹.

Leandro da Silva (1668)

Mestre ensamblador com oficina aberta em Famalicão. A 29 de maio de 1668, ajusta a feitura do retábulo-mor da igreja do hospital de São Marcos, em Braga, cujo risco tinha sido feito pelo padre João Peixoto⁴⁷². Este exemplar já não subsiste.

Lucas Fernandes (1576)

Mestre ensamblador com oficina aberta em Braga. A 31 de maio de 1576, de parceria com o seu colega Jácome Pires, ajusta a feitura do retábulo colateral, do lado da Epístola, da igreja da Misericórdia desta cidade, que deveria tomar por modelo o da capela-mor⁴⁷³. Este exemplar já não subsiste.

Luís Carvalho (1703)

Mestre entalhador com oficina aberta na freguesia de Requião, então termo de Barcelos. A 2 de maio de 1703, compromete-se a executar o retábulo principal da igreja matriz de Esposende, exemplar ainda subsistente, de acordo com o risco que tinha feito Damião de Figueiredo algum tempo antes⁴⁷⁴.

Luís Chiari (1799)

Prestigiado arquiteto e entalhador italiano, sediado na cidade do Porto, a partir de 1795. Quatro anos depois, a 23 de junho de 1799, quando os mesários da confraria do Bom Jesus, em Braga, decidem a feitura do retábulo principal, da autoria de Carlos Amarante, dizem que o risco já tinha sido *aprovado pelo mestre italiano*⁴⁷⁵.



Esposende. Igreja matriz.
Retábulo-mor.

469 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 413.

470 LAMEIRA, EVARISTO e LOUREIRO, 2016, p. 254.

471 LIMA, 2002, p. 122.

472 BRANDÃO, 1984, pp. 372 a 374.

473 SERRÃO, 1998, p. 236; E. OLIVEIRA, 1999, p. 121.

474 AFONSO, 2013, p. 89.

475 MASSARA, 1988, p. 147.

Luís da Cunha Correia do Vale (1790 - 1802)

Mestre entalhador com oficina aberta na cidade de Braga, no Campo das Hortas e depois na Rua dos Biscainhos.

No dia 4 de novembro de 1790, assume a feitura de um retábulo lateral para a igreja paroquial de Crespos, no concelho de Braga⁴⁷⁶. Desconhecemos se subsiste.

A 3 de julho de 1792, ajusta um retábulo para a confraria de Nossa Senhora da Graça na colegiada de Santa Maria Maior, em Barcelos⁴⁷⁷. Esta escritura não teve, certamente, efeito pois o anterior retábulo ainda subsiste.

Em 1794, recebe 8\$000 réis por uma pequena intervenção que realiza no retábulo triplo da igreja da Misericórdia de Braga⁴⁷⁸.

No dia 20 de setembro de 1794, contrata a feitura do retábulo da capela-mor da igreja matriz de Brufe, termo de Vila Nova de Famalicão, sendo fiador o seu colega Álvaro José Pereira Faria⁴⁷⁹. Este exemplar ainda subsiste.

A 8 de outubro de 1798, ajusta com o prior da colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, D. Luís de Saldanha, a feitura de um retábulo, para um local não identificado, pela modesta quantia de 48\$600 réis⁴⁸⁰.

Por fim, no dia 27 de outubro de 1802, é testemunha no ajuste da feitura de quatro retábulos laterais para a igreja paroquial de Molares, termo de Celorico de Basto, assumidos pelo seu colega de profissão Manuel José Correia⁴⁸¹.

Luís da Cunha (1863)

Deste profissional somente temos conhecimento que, em 1863, elabora um projeto para o retábulo-mor da igreja de Nossa Senhora do Carmo, em Braga, que não foi aceite⁴⁸².

Luís Inácio de Barros Lima (antes de 1851)

Arquiteto natural de Guimarães, mas que exerceu a sua profissão na Câmara Municipal do Porto.

Para além de autor do projeto do santuário de São Torcato, em Guimarães, é possível atribuir-lhe o risco do retábulo baldaquino, exemplar

476 E. OLIVEIRA, 1993, p. 148.

477 E. OLIVEIRA, 2003, p. 171.

478 CASTRO, 2001, p. 70

479 E. OLIVEIRA, 2005, p. 15.

480 E. OLIVEIRA, 2003, pp. 66 e 71.

481 E. OLIVEIRA, 2004, pp. 162 e 163.

482 LIMA, 2002, pp. 121 e 122.

executado em 1851 pelo mestre entalhador bracarense José Vieira⁴⁸³.

Luís José de Sousa Neves (1785 - 1788)

Mestre entalhador com oficina aberta no lugar da Ponte Velha, termo da cidade do Porto.

Em 1785, entalha dois retábulos para o mosteiro de Tibães, concebidos por frei Vilaça, um para a sala do Capítulo das Culpas, retirado posteriormente para a capela de São Bento da cerca e o da capela de Santo Amaro⁴⁸⁴. Ambos os exemplares ainda subsistem.

Em março de 1788, ajusta a feitura do retábulo da capela-mor da igreja do convento das Capuchas, em Guimarães⁴⁸⁵. Este exemplar já não subsiste.

Luís Manuel da Silva (1761 - f. 1778)

Mestre entalhador com oficina aberta em Braga, no largo dos Penedos. Em 1764, é referenciado na lista da Ordenança de Braga com 32 anos e casado.

Em 1761, a 22 de novembro, serve de fiador a seu pai na escritura de ajuste do entalhe dos três retábulos da irmandade de São Miguel-o-Anjo⁴⁸⁶, exemplares ainda existentes.

A 16 de agosto de 1763, é fiador na escritura em que o seu pai assume a feitura do retábulo-mor da ermida de Santa Maria Madalena da Falperra, pela quantia de 320\$000, de acordo com um risco de André Soares (ver p. 200).

No dia 17 de janeiro de 1767, de parceria com Manuel Carneiro da Costa, contrata a execução do retábulo-mor da igreja de Santa Cruz, em Braga, pela elevada quantia de 1.610\$000 réis⁴⁸⁷. Em 1770, após a conclusão do entalhe, é aprovado por António da Cunha Correia Vale, escolhido pela Mesa e por Teodósio Álvares de Araújo, representando os entalhadores⁴⁸⁸. De referir que passados poucos anos, este retábulo é remodelado.

A 18 de outubro de 1770, serve de fiador na escritura do contrato assumido por Manuel Carneiro da Costa relativo à feitura do retábulo da irmandade de Nossa Senhora do Terço, na igreja do convento de São Domingos, em Guimarães, pelo montante de 390\$000 réis⁴⁸⁹. Deste exem-



Guimarães. São Torcato.
Retábulo-mor.



Braga. Igreja de Santa Cruz.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto José João Loureiro.

483 LAMEIRA, EVARISTO e LOUREIRO, 2016, p. 254.

484 SMITH, 1972, pp. 69 e 461.

485 A. J. OLIVEIRA, 2011, 1, pp. 497 e 498.

486 E. OLIVEIRA, 2011, 3, pp. 41, 348 e 361.

487 SMITH, 1968, p. 39; SMITH, 1972, pp. 63, 429, 449, 483 e 485.

488 SMITH, 1972, p. 430.

489 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 123.



Braga. Igreja de São João do Souto.
Retábulo-mor.



Barcelos. Igreja do Bom Jesus
da Cruz.
Pormenor do retábulo
colateral.
Foto Paulo Ladeira.

plar só subsiste uma foto (ver p. 133).

Em 1772, a 1 de julho, de parceria com o seu pai, Jacinto da Silva, assume a feitura do retábulo da capela-mor da igreja de São João de Souto, pela quantia de 120\$000 réis⁴⁹⁰. Este exemplar ainda subsiste.

No dia 9 de maio de 1775, compromete-se a executar o altar e o oratório da sacristia da igreja de São Vicente, em Braga, pela modesta quantia de 12\$800 réis⁴⁹¹. Nada subsiste desta intervenção.

Três anos depois, também a 9 de maio, ajusta o entalhe de um retábulo colateral, administrado pela confraria de São Miguel, na igreja paroquial de Cabreiros, termo de Braga, pela quantia de 73\$900 réis⁴⁹². Este exemplar já não subsiste.

Por fim, serve de testemunha, no dia 6 de julho de 1778, na escritura assumida por Álvaro José Pereira Faria relativa à feitura de um retábulo para a confraria de São Crispim, na igreja da sé⁴⁹³.

Luís Pereira da Costa (1734 – f. 1737)

Prestigiado mestre entalhador com oficina aberta na cidade do Porto, na Rua Direita, freguesia de Santo Ildefonso.

Entre 1735 e 1737, recebe vários pagamentos por ter entalhado os dois retábulos colaterais, incluindo os frontais, do santuário do Bom Jesus, em Barcelos, desenhados por António Pereira (ver p. 184).

Luís de São José, frei (1718 - 1755)

Inácio José Peixoto, nas suas *Memórias particulares*, em relação a frei Luís de São José, refere: monge *leigo de Cister, irmão do arcediogo de Vermoin e do monge frei Bento, beneditino. Foi eminente na arquitetura*⁴⁹⁴, desconhecendo-se, ainda hoje, o contributo deste profissional na renovação estética ocorrida em Braga, nos finais da década de 1740, quando surge o Rococó. Em 1755, no mosteiro de Arouca afirma que era *perito em pintura e arquitetura*, que trabalhara na corte de D. João V e que desde há algum tempo o estava a fazer na corte do arcebispo de Braga, D. José de Bragança⁴⁹⁵, provavelmente a partir de 1742.

Em 1718 faz o risco do retábulo-mor da igreja do mosteiro de Salvador, de religiosas beneditinas em Braga, cujo entalhe é assumido, no dia 18 de janeiro, pelo mestre Gabriel Rodrigues, com oficina sediada no

490 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 354.

491 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 366.

492 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 367.

493 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 367.

494 <http://www2.adb.uminho.pt/NOVOInacio/index.htm>.

495 ROCHA, 2003, pp. 408 e 409.

Couto de Landim, hoje concelho de Vila Nova de Famalicão⁴⁹⁶. É possível atribuir-lhe o projeto do arco triunfal retabular deste mesmo templo⁴⁹⁷.

Em 1722, concebe um trono ou *peanba* para o retábulo do Santíssimo da sé de Braga. Este desenho será usado novamente no retábulo principal do santuário do Bom Jesus, em Barcelos⁴⁹⁸.

A 12 de maio de 1748, recebe 4\$800 réis do risco que faz para o novo retábulo da irmandade de São Tomás de Aquino, na sé de Braga⁴⁹⁹. Convém referir que André Soares e o seu irmão mais velho, o padre António Soares, pertenciam a esta confraria, tendo provavelmente confraternizado com frei Luís.

A partir de junho de 1748, data em que reiniciam as obras do paço arquiépiscopal de Braga, deve ter concebido o risco do retábulo para a capela, cujo entalhe é executado por Marceliano de Araújo. Esta obra encontra-se concluída a 16 de agosto de 1751, quando se benze a capela. Pouco depois, é vendido à confraria de Nossa Senhora dos Prazeres, sediada na igreja de São Paulo.

Luís Vieira da Cruz (1693 - 1729)

Prestigiado mestre entalhador e debuxador de retábulos com oficina aberta em Braga, na Senhora-a-Branca.

Em 1693, de parceria com Frutuoso de Azevedo, assume a feitura do retábulo principal do santuário de Nossa Senhora do Pilar, na Póvoa de Lanhoso⁵⁰⁰. Este exemplar já não subsiste.

A 15 de outubro de 1698, ajusta com os responsáveis da confraria do Santíssimo a feitura do retábulo-mor da igreja paroquial de São Sebastião, em Guimarães, pela quantia de 110\$000 réis⁵⁰¹, exemplar que já não existe.

Em 1709, a 27 de julho, contrata a feitura do retábulo principal da igreja do colégio de São Paulo de Braga, reaproveitando, contudo, as quatro colunas grandes, que ficam do retábulo antigo (ver p. 172).

A 7 de abril de 1709, arremata o retábulo da Santíssima Trindade, na igreja do colégio do Pópulo, em Braga⁵⁰². Este exemplar já não subsiste.

Neste mesmo ano de 1709, a 21 de abril, ajusta o retábulo da Santís-



Braga. Igreja do mosteiro do Salvador.
Arco triunfal retabular.
Foto DGPC

496 SMITH, 1968, p. 41; E. OLIVEIRA, 1994, pp. 110 e 252.

497 ROCHA, 1999, p. 297.

498 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 333.

499 SMITH, 1972, p. 317.

500 SMITH, 1968, p. 39; A. J. OLIVEIRA, 2005, p.71.

501 A. J. OLIVEIRA, 2011, p.471.

502 Informação inédita cedida por Eduardo Pires de Oliveira, a quem agradecemos.



Braga. Igreja de São Paulo.
Retábulo de Nossa Senhora da Boa Morte.
Foto Hélio Ramos.

sima Trindade, na igreja da sé, de acordo com um risco que fez *do friso para baixo* e do friso para cima *conforme a planta que para isso deu Bento Alvarenga*⁵⁰³. Este exemplar também já não existe.

Em 1710, no dia 27 de julho, contrata o retábulo, ainda existente, de Nossa Senhora da Boa Morte, na igreja de São Paulo, em Braga⁵⁰⁴. Convém referir que o modelo do respaldo deste retábulo é da autoria do mestre escultor bracarense João da Rocha. O rascunho do resto do retábulo pode atribuir-se a Luís Vieira da Cruz.

Novamente em 1710, mas a 7 de agosto, assume com os responsáveis da irmandade dos sacerdotes do bem-aventurado Santo António, a feitura do retábulo principal da capela de Santo António da Taipa, da freguesia de São José de Caldelas, termo de Guimarães⁵⁰⁵. Nada subsiste desta intervenção.

A 25 de agosto de 1710, ajusta com os mesários da confraria do Santíssimo a feitura do retábulo-mor da igreja paroquial de Santa Lucrecia, em Aguiar, termo de Barcelos⁵⁰⁶. Desconhecemos se subsiste.

No dia 4 de novembro de 1711, contrata a feitura de um retábulo com Serafina Vaz, viúva, da porta do Souto, em Braga⁵⁰⁷. Desconhecemos se subsiste.

Em 1714, recebe 4\$480 réis por assentar o retábulo da confraria de São Crispim na igreja da sé de Braga⁵⁰⁸, eventualmente por o ter executado. Este exemplar já não subsiste.

A 20 de agosto de 1715, contrata a obra do retábulo principal da igreja do hospital de São Marcos, em Braga⁵⁰⁹. Este exemplar já não subsiste.

Em 1722, promove a abertura do camarim do retábulo da capela-mor da igreja do mosteiro de Tibães. Esta intervenção ainda subsiste no referido retábulo, transferido em 1755 para a igreja de São Romão de Neiva (ver p. 165).

A 18 de agosto de 1723, vistoria e aprova o retábulo-mor da igreja de São Vicente, em Braga, executado por Miguel Coelho⁵¹⁰.

Finalmente, no dia 21 de agosto de 1729, ajusta o retábulo de São

503 SMITH, 1968, p. 40; ROCHA, 1994, p.40.

504 SMITH, 1968, p. 40; SMITH, 1972, pp. 166 e 317.

505 A. J. OLIVEIRA, 2005, p. 72.

506 SMITH, 1968, p. 40; A. OLIVEIRA, 1973, p. 259.

507 Informação inédita cedida por Eduardo Pires de Oliveira, a quem agradecemos.

508 Informação inédita cedida por Eduardo Pires de Oliveira, a quem agradecemos.

509 A. J. OLIVEIRA, 2005, p. 71.

510 Informação inédita cedida por Eduardo Pires de Oliveira, a quem agradecemos.

Francisco Xavier na igreja do colégio de São Paulo, em Braga, obra que não chega a realizar por motivos desconhecidos, eventualmente a sua morte, tendo sido assumida, pouco depois, pelo mestre Francisco Correia.

Machim (1509 - 1513)

Mestre pedreiro e escultor oriundo da Alemanha. Entre 1509 e 1513, integrado na equipa de João de Castilho, executa o retábulo, de pedra de Ancã, da capela-mor da sé de Braga, por encomenda do arcebispo D. Diogo de Sousa⁵¹¹. Só subsiste o frontal da mesa do altar, ainda que parcialmente amputado (ver p. 27).

Manuel de Almeida (1699)

Mestre entalhador com oficina aberta em Barcelos. Desconhecemos a sua atividade na região correspondente à atual arquidiocese de Braga. É possível que tenha ensinado o ofício a Miguel Coelho⁵¹².

Manuel Álvares de Araújo (1775 - 1789)

Mestre entalhador bracarense. A 27 de junho de 1775, ajusta a feitura de quatro retábulos laterais da igreja da Misericórdia de Guimarães, de acordo com um *risco* atribuído a frei Vilaça. Foi seu fiador o mestre Manuel de Sampaio⁵¹³. Estes exemplares ainda subsistem (ver p. 26).

A 11 de julho de 1789, assume a feitura do retábulo principal da igreja paroquial de Vila Nova de Sande, concelho de Guimarães, cujo risco é da autoria do pároco desta localidade, o padre Silvestre da Silva Castro⁵¹⁴. Este exemplar ainda subsiste.

Manuel Álvares Pereira (1704)

Mestre ensamblador, provavelmente familiar de Custódio Álvares, ambos de Barcelos. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, encontrando-se, em 1704, a trabalhar em Galaroza, no antigo reino de Sevilha⁵¹⁵.

Manuel Antunes (1666)

Mestre entalhador com oficina aberta em Braga, na Cruz de Pedra. Aprende o ofício com o seu sogro, Gonçalo Pacheco, tendo assumido algumas obras com o seu cunhado Francisco Pacheco.

Em 1661, de parceria com Gonçalo Pacheco, assume a feitura do retábulo da igreja de São Pedro de Merelim, termo de Braga⁵¹⁶. Este exem-

511 DIAS, 1997, pp. 117 e 118; R. MOREIRA, 2003, p. 66.

512 ALMEIDA, 1990, p. 82.

513 SMITH, 1972, pp. 450 e 451.

514 SILVA, 2002, p. 435 (informação cedida por Catarina Machado, a quem agradecemos).

515 SANCHÉZ, 1999, p. 185.

516 E. OLIVEIRA, 1996, p. 149.

plar já não subsiste.

Em 1663, novamente de parceria com Gonçalo Pacheco, ajusta o retábulo da capela da irmandade de São Tomás na igreja da sé, em Braga⁵¹⁷, que já não subsiste.

Manuel de Azevedo (1704)

Mestre entalhador com oficina aberta em Barcelinhos, no termo de Barcelos. Desconhecemos a sua atividade na região correspondente à atual arquidiocese de Braga, encontrando-se, em 1704, a trabalhar em Caminha⁵¹⁸.

Manuel Caetano de Sousa (1775 – f. 1802)

Prestigiado arquiteto régio, residente na cidade de Lisboa. Em 1775, é possível ter enviado um risco para o retábulo principal da igreja de Santa Cruz, em Braga, por encomenda dos mesários desta irmandade, exemplar que não foi escolhido.

Manuel Carneiro da Costa (1753 – 1772)

Mestre entalhador com oficina aberta na cidade de Braga, na Rua de Santo André. É possível ter aprendido o ofício na oficina do mestre José Álvares de Araújo, com quem trabalha, em 1753, na feitura do retábulo principal do santuário de Nossa Senhora do Porto de Ave⁵¹⁹. Em 1764, é referenciado na lista da Ordenança de Braga com 38 anos.

A 17 de janeiro de 1767, de parceria com Luís Manuel da Silva, contrata o retábulo da capela-mor da igreja de Santa Cruz, em Braga, pela elevada quantia de 1.610\$000 réis⁵²⁰. Em 1770, após a conclusão do entalhe, é aprovado por António da Cunha Correia Vale, escolhido pela Mesa e por Teodósio Álvares de Araújo, representando os entalhadores⁵²¹. De referir que passados poucos anos, este retábulo é remodelado.

No ano seguinte, a 4 de dezembro de 1768, assume o entalhe do retábulo principal da ermida de Nossa Senhora de Guadalupe, em Braga, concebido por André Soares⁵²². Este exemplar ainda subsiste.

No dia 18 de outubro de 1770, contrata a feitura do retábulo da irmandade de Nossa Senhora do Terço, na igreja do convento de São Domingos, em Guimarães, pela quantia de 390\$000 réis, com eventual risco de frei Vilaça⁵²³. Deste exemplar, que se localizava provavelmente no



Braga. Ermida de Nossa Senhora de Guadalupe. Retábulo-mor.

517 E. OLIVEIRA, 1996, p. 149.

518 GONÇALVES, 1986, p. 236.

519 ARAÚJO, 2006, p. 88.

520 SMITH, 1968, p. 39; SMITH, 1972, pp. 63, 429, 449, 483 e 485.

521 SMITH, 1972, p. 430.

522 E. OLIVEIRA, 1999, p. 97.

523 GONÇALVES, 1981, p. 23.

transepto, só subsiste uma foto.

Por fim, em 1772, recebe a modesta quantia de 3\$100 réis por tirar e reformar o camarim do altar do Senhor dos Passos, na igreja de Santa Cruz, em Braga⁵²⁴.

Manuel Carvalho (1679)

Mestre pedreiro sedeado em Braga. Em 1679, ajusta por 75\$000 réis a conclusão do retábulo, de pedra, da igreja da Misericórdia de Braga, cujo *rascunho* da emenda tinha sido concebido pelo padre frei José de Braga⁵²⁵. Este exemplar já não subsiste.

Manuel Coelho da Costa Noronha (1740 - 1741)

Mestre entalhador com oficina aberta na cidade do Porto. Em 1740-1741, executa o retábulo da capela-mor da igreja matriz de Vila do Conde, subsistindo apenas o frontal da mesa do altar e o forro da tribuna⁵²⁶.

Manuel Correia (1696 - 1721)

Mestre entalhador e debuxador de retábulos, natural do Couto de Landim. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo. Em 1696, encontra-se a trabalhar em Matosinhos⁵²⁷, tendo-se fixado, antes de 1721, na cidade de Viseu⁵²⁸.

Manuel da Costa Andrade (1743 - f. 1756)

Prestigiado mestre entalhador com oficina aberta na cidade do Porto. A 20 de dezembro de 1743, ajusta, pela quantia de 500\$000 réis, a feitura do retábulo da capela-mor da igreja do convento de São Francisco, em Guimarães, de acordo com o risco feito por Miguel Francisco da Silva (ver p. 188).

Manuel da Cunha Correia Vale (1745 - 1765)

Mestre entalhador com oficina aberta no lugar de Barca do Nuno, freguesia de São Miguel de Entre as Aves.

No ano de 1745, a 3 de fevereiro, de parceria com o seu irmão António, contrata os dois retábulos laterais da igreja do convento de Santa Rosa de Lima, em Guimarães, atual igreja paroquial de São Sebastião, com eventual risco de José da Fonseca Lima⁵²⁹. Estes exemplares ainda subsistem.

A 17 de maio de 1747, de parceria com o seu irmão António, ajusta



Guimarães. Convento de São Domingos.
Retábulo lateral.
Foto SIPA 48913



Guimarães. Mosteiro de Santa Rosa do Lima.
Retábulo lateral.

524 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 124.

525 CASTRO, 2001, pp. 20 e 21.

526 GONÇALVES, 1978, p. 12.

527 BRANDÃO, 1984, p. 830.

528 A. ALVES, 2001, 1, pp. 190 a 194.

529 GONÇALVES, 1981, pp. 350 e 360; A. J. OLIVEIRA, 2011, pp. 349 e 372.



Guimarães. Convento de São Domingos.
retábulo lateral.
Fotop SIPA 48934

a feitura do retábulo da capela-mor da igreja do convento de São Domingos, em Guimarães⁵³⁰, que já não existe.

Em 1759, a 16 de junho, também de parceria com o seu irmão António, assume a feitura do grandioso retábulo da capela-mor da igreja da Santa Casa da Misericórdia desta cidade (ver p. 198).

Em 1765, no mês de junho, ainda de parceria com o seu irmão António, arremata a feitura do retábulo de Nossa Senhora do Rosário, na igreja do convento de São Domingos, em Guimarães⁵³¹. Deste exemplar, que se localizava provavelmente no transepto, só subsiste uma foto.

Manuel Dias da Silva (1746)

Mestre entalhador com oficina aberta na freguesia de Landim, termo de Vila Nova de Famalicão. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, encontrando-se, em 1746, a trabalhar em Ponte de Lima⁵³².

Manuel Fernandes Pontes (antes de 1738)

Mestre entalhador natural da vila de Barcelos. Desconhecemos a sua atividade na região correspondente à atual arquidiocese de Braga, tendo emigrado para o Brasil, onde falece em Catas Altas - Minas Gerais⁵³³.

Manuel Ferreira de Sousa (1756 - 1764)

Mestre entalhador e escultor com oficina aberta na cidade de Braga, na Rua de Santo André, onde é registado, em 1764, na lista da Ordenança, com 50 anos.

Desconhecemos a sua atividade como entalhador na região em estudo, encontrando-se, em 1756, a trabalhar em Ponte de Barca⁵³⁴.

Manuel Francisco de Araújo (antes de 1781)

Mestre de obras, debuxador de arquitetura e arrematador de retábulos, natural do termo de Barcelos. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, tendo emigrado para o Brasil, onde se fixa em Ouro Preto - Minas Gerais⁵³⁵.

Manuel Gomes da Silva (1748)

Mestre entalhador com oficina aberta em Arcos de Valdevez. A 22 de setembro de 1748, contrata a feitura do retábulo da capela-mor da igreja paroquial de Santa Leocádia de Briteiros, termo de Guimarães⁵³⁶.

530 A. J. OLIVEIRA, 2011, 1, p. 210.

531 GONÇALVES, 1981, p.360.

532 REIS, 1997, pp. 69 e 70.

533 LAMEIRA, PEDROSA, BOHRER e LOUREIRO., 2017, p. 47.

534 CARDONA, 2004, 1, p. 716.

535 LAMEIRA, PEDROSA, BOHRER e LOUREIRO, 2017, pp. 59 e 60.

536 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 186.

Desconhecemos se subsiste.

Manuel José Correia (1784 - 1802)

Mestre entalhador com oficina aberta na cidade de Braga, na Rua de São Vicente e posteriormente na Rua dos Chãos de Cima.

No dia 16 de novembro de 1784, de parceria com Álvaro José Pereira de Faria, ajusta o entalhe de seis retábulos laterais e respetivas sanefas para a igreja do convento de Santa Maria de Bouro⁵³⁷. Estes exemplares ainda subsistem.

No mês de novembro de 1790, reformula o retábulo principal da ermida de Santo António do Campo dos Touros, em Braga⁵³⁸. Este exemplar já não subsiste.

Em 1799, assume com as religiosas do convento dos Remédios de Braga a feitura do retábulo-mor da igreja paroquial de Balazar, concelho de Guimarães, pela quantia de 92\$000 réis⁵³⁹. Este exemplar ainda subsiste.

A 27 de outubro de 1802, ajusta a feitura de quatro retábulos laterais para a igreja paroquial de Molares, termo de Celorico de Basto. Serviu de testemunha o seu colega de profissão Luís da Cunha Correia Vale⁵⁴⁰. Estes exemplares ainda subsistem.

Por fim, entre 1802 e 1813, trabalha no santuário do Bom Jesus, em Braga, nomeadamente no entalhe do baldaquino da capela-mor (ver p. 214).

Manuel Lopes (1694)

Mestre entalhador com oficina aberta no lugar de Segres, freguesia e Couto de Santa Marinha de Landim, então no termo de Barcelos. Desconhecemos a sua atividade na região correspondente à atual arquidiocese de Braga, encontrando-se, em 1694, a trabalhar no concelho de Paços de Ferreira⁵⁴¹.

Manuel Machado (década de 1720)

Mestre entalhador e debuxador de retábulos com oficina aberta em Unhão, concelho de Felgueiras. Atribuímos a este profissional o risco e o entalhe, na década de 1720, de um retábulo na vizinha localidade de Molares, termo de Celorico de Basto: o da capela da Casa do Campo (ver p. 42), por afinidades compositivas de alguns elementos com o retábulo



Braga. Convento de Santa Maria de Bouro. Retábulo lateral. Foto SIPA 44543

537 E. OLIVEIRA, 2005, p. 14.

538 SMITH, 1970, pp. 78 e 332.

539 E. OLIVEIRA, 2003, pp. 67 e 169.

540 E. OLIVEIRA, 2004, pp. 162 e 163.

541 BRANDÃO, 1984, p. 797.

principal da igreja paroquial de São Tiago, em Marialva – Mêda, da sua autoria.

Manuel Moreira da Silva (1798 – 1800)

Mestre entalhador com oficina aberta na cidade do Porto. De 1798 a 1800, faz o retábulo principal e os do transepto e, anos mais tarde, os dos absidiolos, da igreja do convento de Santa Clara, em Vila do Conde. Nada subsiste desta intervenção, tendo sido tudo retirado no restauro ocorrido por volta de 1938⁵⁴².



Vila do Conde. Convento de Santa Clara.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 48043

Manuel Pereira (1730)

Mestre entalhador com oficina aberta em Famalicão. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, encontrando-se em 1730 a trabalhar em Idanha-a-Nova, na companhia do seu colega Gabriel Ferreira⁵⁴³.

Manuel Pereira Reis (1742)

Mestre entalhador com oficina aberta em Barcelinhos, no termo de Barcelos. A 2 de abril de 1742, contrata a feitura do retábulo principal da igreja de Mouquim, termo de Barcelos. Uma vez que esta escritura não teve efeito, é celebrada uma nova, logo de seguida⁵⁴⁴. Desconhecemos se este retábulo ainda subsiste.

Manuel Pinto (1699)

Mestre entalhador e debuxador de retábulos com oficina aberta em Barcelos. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, encontrando-se, em 1699, a trabalhar em Galaroza, no antigo reino de Sevilha⁵⁴⁵.

Manuel Pinto de Vilalobos (c. 1712 - 1716)

Coronel e engenheiro na Província do Minho, residente em Viana do Castelo. Era também debuxador de retábulos, tendo sido solicitado várias vezes pelo arcebispo de Braga, D. Rodrigo de Moura Teles.

Atribuímos a este profissional a feitura de três projetos: o arco triunfal retabular do santuário de Nossa Senhora do Bom Despacho, em Cervães, Vila Verde (ver p. 171); o retábulo da capela de São Geraldo na sé, em Braga⁵⁴⁶ e o retábulo da capela do recolhimento das convertidas ou de Santa Maria Madalena, também nesta cidade (ver p. 177).

Em 1716, na companhia do referido arcebispo, visita o mosteiro do



Braga. Sé.
Capela de São Geraldo.
Foto Paulo Ladeira.

542 GONÇALVES, 1978, p. 15.

543 HORMIGO, 1998, p. 11.

544 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 306.

545 SANCHÉZ, 1999, p. 183.

546 LAMEIRA, LOUREIRO e VECHINA, 2016, pp. 140 e 141.

Salvador. Entre outros objetivos, vai com a intenção de riscar a planta para o retábulo da capela-mor, *o que com efeito fez de que as freiras ficaram agradadas*⁵⁴⁷. Este projeto acabou por não ser usado, tendo sido preferido o que foi executado pelo monge cisterciense frei Luís de São José, como já referimos antes.

Manuel da Rocha (1743 - 1753)

Mestre entalhador com oficina aberta no lugar de Arco, freguesia de Santo Tirso. No dia 5 de setembro de 1743, contrata o retábulo da capela-mor da igreja da Misericórdia de Vila do Conde, de acordo com o risco feito por Nicolau Nasoni⁵⁴⁸. Este exemplar ainda existe.

A 15 de abril de 1753, ajusta a feitura do retábulo, ainda subsistente, de Nossa Senhora da Conceição na igreja matriz de Vila do Conde⁵⁴⁹.

Manuel de Sampaio (1775)

Mestre entalhador com oficina aberta na freguesia de Santa Maria de Landim, concelho de Vila Nova de Famalicão.

Em 1775, a 27 de junho, é fiador do seu colega Manuel Álvares de Araújo, de Braga, na escritura de ajuste da feitura de quatro retábulos colaterais da igreja da Misericórdia de Guimarães⁵⁵⁰ (ver p. 26).

Manuel Dias da Silva (1726 - 1727)

Mestre entalhador com oficina aberta em Landim, no concelho de Vila Nova de Famalicão. Nos anos de 1726 - 1727, é pago por ter executado os retábulos colaterais da igreja do convento dos Remédios, em Braga⁵⁵¹. Só subsiste uma foto.

Manuel de Sousa Moreira (1770)

Mestre entalhador com oficina aberta na freguesia de Santo Tirso, termo da cidade do Porto. A 17 de abril de 1770, ajusta com os responsáveis da irmandade de Nossa Senhora da Torre, sita no colégio de São Paulo, em Braga, a feitura de um retábulo⁵⁵², que já não subsiste.

Manuel Teixeira de Guimarães (1780 - 1781)

Mestre entalhador com oficina aberta na cidade do Porto. Em 1780 - 1781, executa o retábulo colateral, do lado da Epístola, da igreja da Santa Casa da Misericórdia, em Vila do Conde⁵⁵³. Este modesto exemplar



Vila do Conde. Igreja da Misericórdia.
Retábulo-mor.
Foto Hélio Ramos..



Braga. Convento dos Remédios.
Foto Arquivo das irmãs franciscanas missionárias de Maria.

547 E. OLIVEIRA, 1994, p. 263.

548 BRANDÃO, 1986, pp. 436 a 444.

549 BRANDÃO, 1987, pp. 74 a 78.

550 SMITH, 1972, pp. 450 e 451.

551 E. OLIVEIRA, 2005a, p. 139.

552 BRANDÃO, 1987, pp. 294 a 298.

553 GONÇALVES, 1978, p. 15.

ainda existe.

Manuel Vieira da Silva (1724)

Mestre entalhador natural do termo de Guimarães. Desconhecemos a sua atividade na região correspondente à atual arquidiocese de Braga, encontrando-se em 1724 a trabalhar na região de Viseu⁵⁵⁴.

Marceliano de Araújo (1726 – f. 1769)

Prestigiado mestre entalhador com oficina aberta em Braga, na Rua de São Gonçalo. Pertenceu à irmandade da Santa Casa da Misericórdia e às confrarias de São Nicolau Tolentino no colégio de Nossa Senhora do Pópulo e de Santa Maria Madalena, da Falperra, em Braga.

De julho de 1726 a novembro de 1727, executa o retábulo da capela-mor da igreja do convento dos Remédios, em Braga⁵⁵⁵. Este exemplar já não subsiste.

A 28 de outubro de 1734, ajusta com os mesários da Misericórdia de Braga a feitura do retábulo principal da igreja. No ano seguinte principia os dois retábulos colaterais. Só em 1739 é que ajusta o coroamento dos três retábulos. Este interessante conjunto retabular ainda subsiste (ver p. 183).

Ainda neste ano de 1739, assume a feitura de um frontal para o retábulo de Nossa Senhora da Boa Morte, na igreja da Misericórdia de Braga, pela quantia de 9\$600 réis⁵⁵⁶.

Em 1745, a 26 de agosto, arremata por 120\$000 réis o retábulo para a confraria de São João Baptista da igreja de São João do Souto, na forma do projeto e das medições efetuadas pelo mestre pedreiro António Batalha. Foi pago em 1746, visto estar feito conforme o contrato e melhor ainda⁵⁵⁷. Este exemplar ainda subsiste (ver p. 85), tendo servido de modelo ao retábulo fronteiro, alguns anos depois (ver p. 224).

Neste mesmo ano, a 5 de dezembro, avalia conjuntamente com o seu colega de profissão, Jacinto da Silva, o retábulo velho da capela-mor da igreja da irmandade de Nossa Senhora-a-Branca, em Braga⁵⁵⁸.

No dia 15 de abril de 1754, vende por 250\$000 réis aos responsáveis da confraria de Nossa Senhora dos Prazeres um retábulo, em segunda mão, que tinha executado pouco tempo antes para a capela do paço arquiépiscopal de Braga, com eventual risco de frei Luís de São José. Este



Braga. Igreja da Misericórdia.
retábulo lateral.
Foto SIPA 721968

554 A. ALVES, 2001, 3, pp. 179 a 193.

555 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 33.

556 CASTRO, 2001, p. 47.

557 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 39.

558 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 39.

profissional comprometia-se então a colocar o referido retábulo na capela que administravam na igreja do colégio de São Paulo de Braga, *com a obrigação de lhe fazer os acréscimos na forma do risco* concebido por André Soares da Silva⁵⁵⁹. Este exemplar ainda subsiste, tendo-se acrescentado pouco depois um *arco* em talha (ver p. 8).

Dois anos depois, serve de testemunha no contrato notarial em que José Álvares de Araújo se compromete a fazer a talha do *arco* da capela de Nossa Senhora dos Prazeres, na citada igreja do colégio de São Paulo, em Braga⁵⁶⁰.

Por fim, em 1764, a 18 de junho, juntamente com José Pereira Veloso, serve de louvado para avaliar a obra dos retábulos da irmandade de São Miguel-o-Anjo, executados por Jacinto da Silva⁵⁶¹.

Tem-lhe sido atribuído o entalhe de alguns retábulos ainda subsistentes em Braga: o da capela lateral da igreja da Misericórdia⁵⁶², os laterais, da invocação de Nossa Senhora da Conceição e de Nossa Senhora das Dores, na igreja do antigo colégio do Pópulo⁵⁶³ e o de Santo António, no extinto convento dos Congregados⁵⁶⁴.

Mateus Vicente de Oliveira (1775 – f. 1785)

Prestigiado arquiteto régio, residente na cidade de Lisboa. Em 1775, é possível ter enviado um risco para o retábulo principal da igreja de Santa Cruz, em Braga, por encomenda dos mesários desta irmandade, exemplar que não foi escolhido.

Matias Lis de Miranda (1766 - 1767)

Mestre entalhador de nacionalidade galega, mas com oficina aberta na freguesia de Landim, concelho de Vila Nova de Famalicão.

Em 1766, a 24 de novembro, ajusta por 200\$000 réis o retábulo da igreja paroquial de Santa Maria do Prado, termo de Vila Verde⁵⁶⁵. Este exemplar já não subsiste.

No dia 10 de janeiro de 1767, lança na arrematação do retábulo-mor da igreja de Santa Cruz, em Braga. Uma semana depois, desiste, por não estar disposto a executar mais trabalhos no mesmo ajuste e pela mesma quantia de 1.580\$000 réis⁵⁶⁶.



Braga. Igreja dos Congregados.
Retábulo de Nossa Senhora das Dores.
Foto Paulo Ladeira..

559 SMITH, 1968, p. 7; SMITH, 1972, p. 225.

560 SMITH, 1968, p. 38; SMITH, 1972, p. 294.

561 SMITH, 1968, p. 51.

562 E. OLIVEIRA, 1999, p. 122.

563 E. OLIVEIRA, 1999, p. 112.

564 E. OLIVEIRA, 1994, p. 5.

565 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 244.

566 SMITH, 1972, p. 437.



Ganderela de Basto (Celorico de Basto).
Ermida de Nossa Senhora da Oliveira.
Retábulo-mor.
Foto Comissão de festas de Nossa Senhora da Oliveira.



Barcelos. Santuário do Senhor da Cruz.
Retábulo colateral executado em 1709, atualmente na Casa do Fontão.
Fonte ALMEIDA, 1991, p. 636.

Matias Luís de Barros (após 1717)

Entalhador popular que *sem aprender nem tomar lição*⁵⁶⁷, entalha três retábulos: o principal e dois colaterais (ver p. 174) para a ermida de Nossa Senhora da Oliveira, na freguesia de Basto, termo de Celorico de Basto. De referir que este pequeno templo foi instituído por si e pelo seu irmão Gervásio Luís de Barros, após autorização do arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles, dada em 1717.

Miguel Coelho (1698 – f. 1743)

Mestre entalhador e debuxador de retábulos, natural de Barcelos, onde chega a presidir à comissão fabriqueira da colegiada, em 1712⁵⁶⁸. Durante alguns anos fixa a sua oficina em Braga, na Rua do Souto.

A 25 de junho de 1698, contrata a obra dos caixilhos de talha para os painéis do retábulo da capela de Nossa Senhora da Graça, na colegiada de Barcelos. Em 1708, intervém novamente neste retábulo⁵⁶⁹. Desconhecemos o que subsiste desta intervenção.

Ainda no ano de 1698, faz o risco para o retábulo da capela do Santíssimo na referida colegiada de Barcelos. Alguns anos mais tarde, faz pequenas intervenções neste retábulo, incluindo o conserto do sacrário⁵⁷⁰. Este exemplar ainda subsiste.

Em 1709, no dia 19 de novembro, ajusta o entalhe de três retábulos para o santuário do Senhor da Cruz, em Barcelos, um com o projeto de João Antunes, provavelmente o principal e os outros dois, os colaterais, gémeos, da sua autoria. O retábulo principal ainda subsiste, tendo sido remodelado algum tempo depois, em 1722, pelo mesmo Miguel Coelho. Os colaterais foram substituídos por novos exemplares, subsistindo ainda um deles, ainda que parcialmente amputado, na capela da Casa do Fontão, em Carvalhosa, Paços de Ferreira, depois de ter sido comprado por António Carneiro Leão⁵⁷¹.

Finalmente, a 15 de dezembro de 1718, ajusta a feitura do retábulo da capela do Santíssimo na igreja da sé, de acordo com o risco feito por João Pereira dos Santos, do Porto, pela quantia de 1300\$000 réis. De anotar que os painéis de meio relevo *deveriam ser feitos por um escultor, aos quais se obriga a pagar à sua custa*⁵⁷². Este exemplar, de que só subsiste o fron-

567 Conforme inscrição que deixou no frontal da mesa de um dos retábulos colaterais.

568 ALMEIDA, 1990, p. 83.

569 CARDONA, 2010 - 2012, p. 423.

570 CARDONA, 2010 - 2012, pp. 422, 427 e 428.

571 ALMEIDA, 1990, pp. 65 e 83; ALMEIDA, 1991, pp. 636 a 640.

572 BRANDÃO, 1985, pp. 537 a 541.

tal da mesa do altar (ver p. 155), deve ter sido seguramente o retábulo pioneiro do Barroco Final na diocese de Braga.

No triénio de 1719 a 1722, é possível ter executado o retábulo da capela de São José, no convento de Tibães, exemplar ainda subsistente⁵⁷³.

Em 1720, arremata o entalhe de dois retábulos na igreja da sé, em Braga: no dia 7 de dezembro o da confraria do Santo Homem Bom e, no dia 12 de dezembro, o da confraria de São Francisco⁵⁷⁴. Estes exemplares já não subsistem.

A 8 de dezembro de 1721, assume a feitura do retábulo da capela-mor da igreja de São Vicente, em Braga, de acordo com um risco que apresentou⁵⁷⁵. Este exemplar ainda subsiste.

No ano de 1722, no dia 15 de novembro, assume o concerto e acrescentamento do retábulo-mor do santuário do Senhor da Cruz, em Barcelos, de acordo com um rascunho da sua autoria⁵⁷⁶. Este exemplar ainda existe.

Ainda em 1722, assume a feitura do retábulo de Nossa Senhora do Loreto, na igreja da sé, pela quantia de 240\$000 réis⁵⁷⁷. Este exemplar já não subsiste.

A 21 de janeiro de 1723, a pedido da irmandade de São Vicente, em Braga, atribui um valor ao retábulo velho da capela-mor desse templo⁵⁷⁸.

Em 1725, executa o frontal para o referido retábulo-mor do santuário do Senhor da Cruz, em Barcelos⁵⁷⁹.

Neste mesmo ano lança na obra dos retábulos laterais da igreja de Santa Cruz, em Braga, obra que é ganha pelo seu colega Francisco Machado⁵⁸⁰.

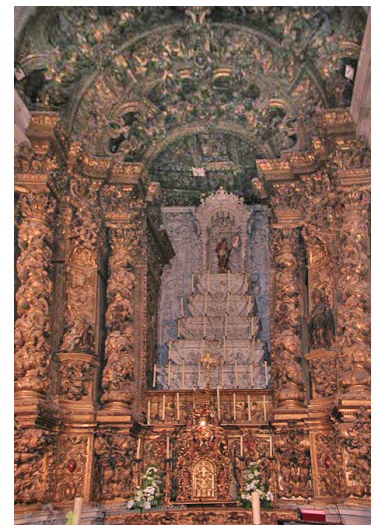
Finalmente, em 1735, dá parecer sobre a nova mesa de altar do santuário do Senhor da Cruz, em Barcelos⁵⁸¹.

Miguel Correia (1717 – f. 1735)

Mestre entalhador com oficina aberta no lugar de Cabreira, freguesia de São Jorge de Selho, termo de Guimarães. Aprende o ofício com o seu sogro, Pedro Coelho, tendo dado continuidade à sua oficina.



Braga. Igreja de São Vicente.
Retábulo-mor.



Barcelos. Igreja do Bom Jesus.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 708462.

573 LAMEIRA, EVARISTO e LOUREIRO, 2016, pp. 86, 182 e 183.

574 SMITH, 1968, p. 39; SMITH, 1972, p. 316.

575 SMITH, 1968, p. 39; SMITH, 1972, p. 317.

576 ALMEIDA, 1990, pp. 67, 68 e 83; VINHAS, 2004, p. 81.

577 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 89.

578 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 89.

579 ALMEIDA, 1990, pp. 83 e 86; VINHAS, 2004, p. 82.

580 SMITH, 1972, p. 316.

581 ALMEIDA, 1990, pp. 68, 69 e 83.

A 8 de abril de 1717, de parceria com Pedro Coelho, seu sogro, assume a feitura do retábulo das Almas na igreja paroquial de Sampaio, em Guimarães⁵⁸². Este templo foi demolido em 1912.

No dia 22 de junho de 1728, ajusta a obra do retábulo das Almas da igreja paroquial de São Miguel de Creixomil, termo de Guimarães, *feito com as mesmas figuras, galbardias e mimo, como se acha o altar das Almas da santa sé da cidade de Braga*⁵⁸³. Nada subsiste.

A 12 de março de 1731, contrata a execução do retábulo-mor da igreja paroquial de São Faustino de Vizela, no concelho de Guimarães⁵⁸⁴. Desconhecemos se este exemplar ainda subsiste.

Finalmente, a 22 de junho de 1732, assume a feitura do retábulo principal da igreja paroquial de Santa Marta, em Mogege, no termo de Vila Nova de Famalicão⁵⁸⁵. Desconhecemos se subsiste.

Miguel Francisco da Silva (1743 – f. 1750)

Prestigiado mestre entalhador e debuxador de retábulos, originário de Lisboa, mas com oficina aberta no Porto a partir de 1727.

Em 1743, faz o risco do retábulo da capela-mor da igreja do convento de São Francisco, em Guimarães, cujo entalhe é ajustado pelo mestre Manuel da Costa Andrade⁵⁸⁶ (ver p. 188).

Nicolau Nasoni (1743 – f. 1773)

Arquiteto e pintor de origem italiana, mas sediado na cidade do Porto. Em 1743, faz o risco do retábulo-mor da igreja da Misericórdia de Vila do Conde, cujo entalhe é assumido pelo mestre Manuel da Rocha⁵⁸⁷ (ver p. 137).

Pantaleão da Rocha Magalhães (1696)

Residia na cidade do Porto. Para além de sacerdote era *muito perito na arte da arquitetura*. É possível atribuir-lhe o risco do retábulo principal da igreja do extinto mosteiro de Vilar de Frades, de religiosos Loios, ajustado em 1696 pelos mestres portuenses António Gomes e Domingos Nunes. Este exemplar ainda subsiste (ver p. 58). De anotar que este retábulo foi custeado, por devoção, pelo padre João Evangelista, reitor do convento de Santo Elói no Porto que, pouco antes, tinha mandado fazer um retábulo para a ousia do cenóbio da sua congregação (Loios), tendo re-



Guimarães. Igreja de São Francisco.
Pormenor do retábulo-mor.

582 A. J. OLIVEIRA, 2005, p. 73.

583 A. J. OLIVEIRA, 2005, p. 74.

584 A. J. OLIVEIRA, 2005, p. 74 e 75.

585 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 106.

586 BRANDÃO, 1986, pp. 452 a 459.

587 BRANDÃO, 1986, pp. 436 a 444.

corrido a um risco feito pelo padre Pantaleão da Rocha Magalhães⁵⁸⁸.

Paulo José Leite (1905 - 1908)

Mestre entalhador e debuxador de retábulos com oficina aberta na cidade de Braga. Em 1905, lança na obra do baldaquino do altar do Senhor dos Passos no santuário do Bom Jesus, em Braga, sendo a sua proposta escolhida⁵⁸⁹.

Três anos depois, faz o risco e entalha o retábulo de Nossa Senhora do Rosário, na igreja da sé, em Braga⁵⁹⁰, exemplar ainda subsistente (ver p. 56).

Pedro Anes (1572 - f. 1581)

Mestre marceneiro com oficina aberta na cidade do Porto, na Rua das Taipas. A 13 de novembro de 1572, ajusta a feitura do retábulo da capela do padre João Lopes de Goios, na igreja do mosteiro de Landim, da Ordem dos Cónegos Regulares de Santo Agostinho, pela quantia de 20\$000 réis e dois carros de pão⁵⁹¹. Este exemplar já não subsiste.

Pedro Coelho (1684 - f. 1726)

Mestre entalhador e debuxador de retábulos com oficina aberta no Olival, freguesia de Gondar, termo de Guimarães. Pertenceu à irmandade de Santo António em Serzedelo, à de Nossa Senhora de Riba de Ave, à de São Roque em São Paio de Figueiredo, à de Nossa Senhora de Garfe e ainda à das Chagas na colegiada de Valença⁵⁹². Deixa como continuador o seu genro Miguel Correia.

No ano de 1684, trabalha na igreja paroquial de Santo Estêvão, de Urgezes, no termo de Guimarães⁵⁹³, provavelmente executando algum retábulo. Neste templo não subsiste nenhum exemplar que corresponda a esta intervenção.

Em 1686, executa o retábulo da ermida de Nossa Senhora da Conceição no Monte das Penas, em Braga⁵⁹⁴. Nada subsiste deste templo, adaptado na segunda metade de Setecentos a sede da paróquia de Nossa Senhora de Maximinos.

Em 1687, a 12 de maio, ajusta o retábulo-mor da colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães⁵⁹⁵, exemplar que já não existe.

588 BRANDÃO, 1984, pp. 601 a 607.

589 LIMA, 2002, p. 125.

590 LIMA, 2004, p. 1039.

591 BRANDÃO, 1984, pp. 83 a 87.

592 A. J. OLIVEIRA, 2008, p. 37.

593 SERRÃO, 2003, p. 100.

594 SERRÃO, 2003, p. 99.

595 A. J. OLIVEIRA, 2011, 1, p. 186.



Guimarães. Igreja de São Dâmaso.
Retábulo lateral.
Foto SIPA 196480.

Neste mesmo ano, faz alguns retábulos, já desaparecidos, para a igreja do convento de Santa Maria de Bouro⁵⁹⁶.

A 7 de maio de 1693, compromete-se a executar o retábulo principal da igreja do hospital de São Dâmaso, em Guimarães (ver p.168).

Em 1698, faz alguns retábulos para a, já desaparecida, igreja paroquial de São Sebastião, em Guimarães⁵⁹⁷.

Em 1702, a 20 de setembro, contrata os quatro retábulos laterais, ainda subsistentes, da igreja de São Dâmaso, em Guimarães⁵⁹⁸.

A 8 de abril de 1717, de parceria com Miguel Correia, seu genro, assume a feitura do retábulo das Almas na igreja paroquial de Sampaio, em Guimarães⁵⁹⁹. Este templo já não subsiste.

Flávio Gonçalves atribui-lhe dois retábulos ainda subsistentes, o da capela de Nossa Senhora da Guia e o dos Mártires de Marrocos da antessacristia da igreja do convento de São Francisco, ambos em Guimarães⁶⁰⁰.

Pedro Monteiro de Sousa (1721 - 1730)

Mestre entalhador e debuxador de retábulos com oficina aberta na cidade de Braga, na Rua da Cangosta da Palha. Por volta de 1730 emigra para o Brasil, fixando-se em São José del Rei, atual Tiradentes - Minas Gerais.

Ainda em Portugal, a 22 de janeiro de 1721, ajusta o acrescentamento do retábulo, já desaparecido, de Nossa Senhora do Rosário, na sé de Braga⁶⁰¹.

A 18 de agosto de 1723, assume a obra do retábulo, já inexistente, da igreja de Santo Adrião, nos arredores de Braga⁶⁰².

No dia 13 de outubro de 1726, ajusta a feitura do retábulo de Santa Úrsula na igreja do antigo colégio de São Paulo de Braga, exemplar ainda subsistente. De anotar que este retábulo deveria ser *na forma e arquitetura do que está posto na mesma igreja, na capela de São João Baptista*.⁶⁰³

Em 1726, assume a feitura do retábulo-mor da igreja paroquial de Mosteiro, no termo de Vieira do Minho, trespassando esta obra a Constan-



Braga. Igreja de São Paulo.
Retábulo de Santa Úrsula, atualmente de São José.
Foto Hélio Ramos.

596 GONÇALVES, 1981, p. 345.

597 GONÇALVES, 1981, p. 345.

598 GONÇALVES, 1981, pp. 344 e 345; A. J. OLIVEIRA, 2011, p. 464.

599 A. J. OLIVEIRA, 2005, p. 73.

600 GONÇALVES, 1981, p. 345.

601 SMITH, 1968, p. 42; ROCHA, 1994, p. 41.

602 E. OLIVEIRA, 1996, p. 222.

603 E. OLIVEIRA, 1994, p. 41.

tino Soares Fagundes, no dia 29 de março⁶⁰⁴. É possível ter feito o risco não só deste retábulo, mas também de dois retábulos laterais deste mesmo templo, um deles das Almas (ver p. 178), pois denotam algumas afinidades compositivas com os que executou na referida localidade de Tiradentes⁶⁰⁵.

Pedro Salgado (1733)

Mestre entalhador com oficina aberta em Landim, termo de Vila Nova de Famalicão. Em janeiro de 1733, assume a feitura do retábulo-mor da igreja do convento de Nossa Senhora da Conceição, em Braga, pela quantia de 520\$000 réis⁶⁰⁶ (ver p. 179).

Pêro Correia (antes de 1643)

Mestre marceneiro com oficina aberta na cidade de Braga. Antes de 1643, executou um *sepulcro* para a igreja do colégio de São Paulo, em Braga, que servirá de modelo ao que ajusta, no dia 12 de março deste ano, com os mordomos da confraria do Santíssimo da igreja paroquial de Ponte Lima⁶⁰⁷. Não subsiste nenhum destes equipamentos.

Ricardo da Rocha, padre (1739 - f. 1767)

Sacerdote residente em Braga, dedicando-se também ao debuxo de retábulos. Pertenceu à irmandade de São Tomás de Aquino, na igreja da sé.

Em 1739, recebe 14\$400 réis pelo risco que fez, mas que não foi escolhido, para o acrescentamento do retábulo triplo da igreja da Santa Casa da Misericórdia, em Braga, cujo entalhe estava a ser executado por Marceliano de Araújo. É, no entanto, possível que este sacerdote tenha desenhado anteriormente os referidos retábulos (ver p. 183).

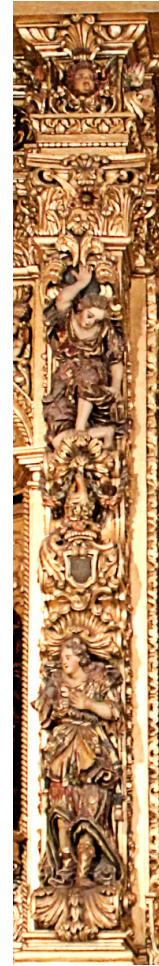
Silvestre da Silva Castro, padre (1789)

Além de pároco de Vila Nova de Sande, termo de Guimarães, dedicou-se também ao debuxo de retábulos.

Em 1789, faz o risco para o retábulo-mor da igreja paroquial onde exerce funções, cujo entalhe é assumido, a 11 de julho, pelo mestre Manuel Álvares de Araújo, da cidade de Braga⁶⁰⁸. Este retábulo ainda subsiste.

Simão Vieira (1707)

Este profissional, provavelmente sediado na cidade de Braga, no



Braga. Igreja do convento de Nossa Senhora da Conceição. Pormenor do retábulo-mor. Foto José Bernardo Carvalho..

604 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 137.

605 LAMEIRA, PEDROSA, BOHRER e LOUREIRO, 2017, p. 46.

606 SMITH, 1968, p. 41; A. OLIVEIRA, 2004, pp. 335 a 338.

607 Informação inédita cedida por Vítor Serrão, a quem agradecemos.

608 SILVA, 2002, p. 435 (informação cedida por Catarina Machado, a quem agradecemos).

ano de 1707, de parceria com o mestre entalhador Belchior Fernandes, avalia o acrescentamento executado pelo mestre Bento de Alvarenga no retábulo de Nossa Senhora da Boa Morte, na igreja da Misericórdia de Braga⁶⁰⁹.

Teodósio Álvares de Araújo (1755 - 1775)

Mestre entalhador e debuxador de retábulos com oficina aberta em Braga, na Rua da Cónega. Era irmão do prestigiado mestre José Álvares de Araújo. Pertenceu à irmandade de São Sebastião e à confraria de Nossa Senhora do Bom Despacho, na igreja de Nossa Senhora-a-Branca.

No dia 17 de setembro de 1755, contrata a feitura do retábulo principal da igreja paroquial de Santa Eulália, em Oliveira, termo de Barcelos, pela quantia de 110\$000 réis⁶¹⁰. Este exemplar já não subsiste.

A 25 de fevereiro de 1760, ajusta por 208\$000 réis a feitura do retábulo-mor da igreja de São Tiago, em Caldelas, no termo de Amares, cujo risco tinha sido concebido pelo padre António Soares da Silva (ver p. 199), irmão de André Soares.

Em setembro de 1770, representando os entalhadores e de parceria com António da Cunha Correia Vale, escolhido pela Mesa, aprova a obra do retábulo da capela-mor da igreja Santa Cruz, em Braga⁶¹¹. Este exemplar foi remodelado pouco tempo depois.

Em janeiro de 1772, juntamente com Jacinto da Silva, é nomeado revisor do retábulo de Nossa Senhora da Torre, na igreja de Santiago, em Braga⁶¹², exemplar que foi substituído algumas décadas depois.

Finalmente, a 11 de setembro de 1775, contrata a feitura do retábulo, do sacrário e da urna para uma nova capela do claustro do hospital de São Marcos, em Braga, de acordo com um desenho que apresentou⁶¹³. Desconhecemos se subsiste.

Tomé de Araújo (1725 - 1743)

Mestre entalhador bracarense com oficina aberta na Senhora-a-Branca, em Braga. Em 1725, lança na obra dos retábulos laterais da igreja de Santa Cruz, em Braga, que é ganha pelo seu colega Francisco Machado⁶¹⁴.

A 4 de setembro de 1731, arremata um retábulo lateral, da invocação

609 CASTRO, 2001, p. 46.

610 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 46.

611 SMITH, 1972, p. 430.

612 Informação inédita cedida por Eduardo Pires de Oliveira, a quem agradecemos.

613 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 48.

614 SMITH, 1972, p. 316.

de São Bento, na igreja paroquial de São Vicente, em Braga, por 90\$000 réis⁶¹⁵. Este exemplar ainda subsiste.

No ano seguinte, ajusta o entalhe do retábulo-mor da igreja paroquial de São Martinho de Dume, no termo de Braga⁶¹⁶. Este exemplar já não subsiste.

Em 1733, recebe 480 réis por assentar um retábulo na sacristia da igreja de São Vicente, em Braga⁶¹⁷. Este exemplar já não existe.

A 13 de dezembro de 1736, contrata a feitura do retábulo principal da igreja de Santo Estêvão de Penso, no termo de Braga⁶¹⁸. Desconhecemos se subsiste.

Por fim, em 1743, recebe 7\$000 réis por concertar o retábulo da irmandade de Santo Homem Bom, na igreja de São Vicente, em Braga⁶¹⁹, exemplar que ainda existe.

Torquato de Andrade (1655)

Mestre entalhador com oficina aberta em Guimarães. Era filho do mestre imaginário Mateus de Andrade e irmão do já referido António de Andrade, do mesmo ofício.

Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, encontrando-se, em 1655, a trabalhar com o seu irmão, em Penafiel⁶²⁰.

Vicente José Correia (1770 - 1773)

Mestre entalhador com oficina aberta na cidade de Braga, na Rua dos Chãos de Baixo. Em 1770, compra *madeiras para o retábulo e sacrário que faz de novo* para o santuário do Bom Jesus, em Braga⁶²¹. Este exemplar já não subsiste.

Em dezembro de 1773, faz um retábulo para o santuário da igreja dos Terceiros, em Braga⁶²². Este exemplar ainda subsiste (ver página seguinte).

Vicente da Rocha (1654)

Mestre entalhador com oficina aberta em Vila Nova de Famalicão. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo, encontrando-se, em 1654, a trabalhar na sé da cidade da Guarda⁶²³.



Braga. Igreja de São Vicente.
Retábulo lateral.
Foto SIPA 39970

615 SMITH, 1968, p. 39; SMITH, 1972, p. 317.

616 SMITH, 1968, p. 39; SMITH, 1972, p. 317.

617 A. OLIVEIRA, 1995 - 1996, pp. 407 e 408; E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 45.

618 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 45.

619 E. OLIVEIRA, 2011, 3, pp. 45 e 46.

620 BRANDÃO, 1984, p. 322.

621 MASSARA, 1988, pp. 56, 111 e 112.

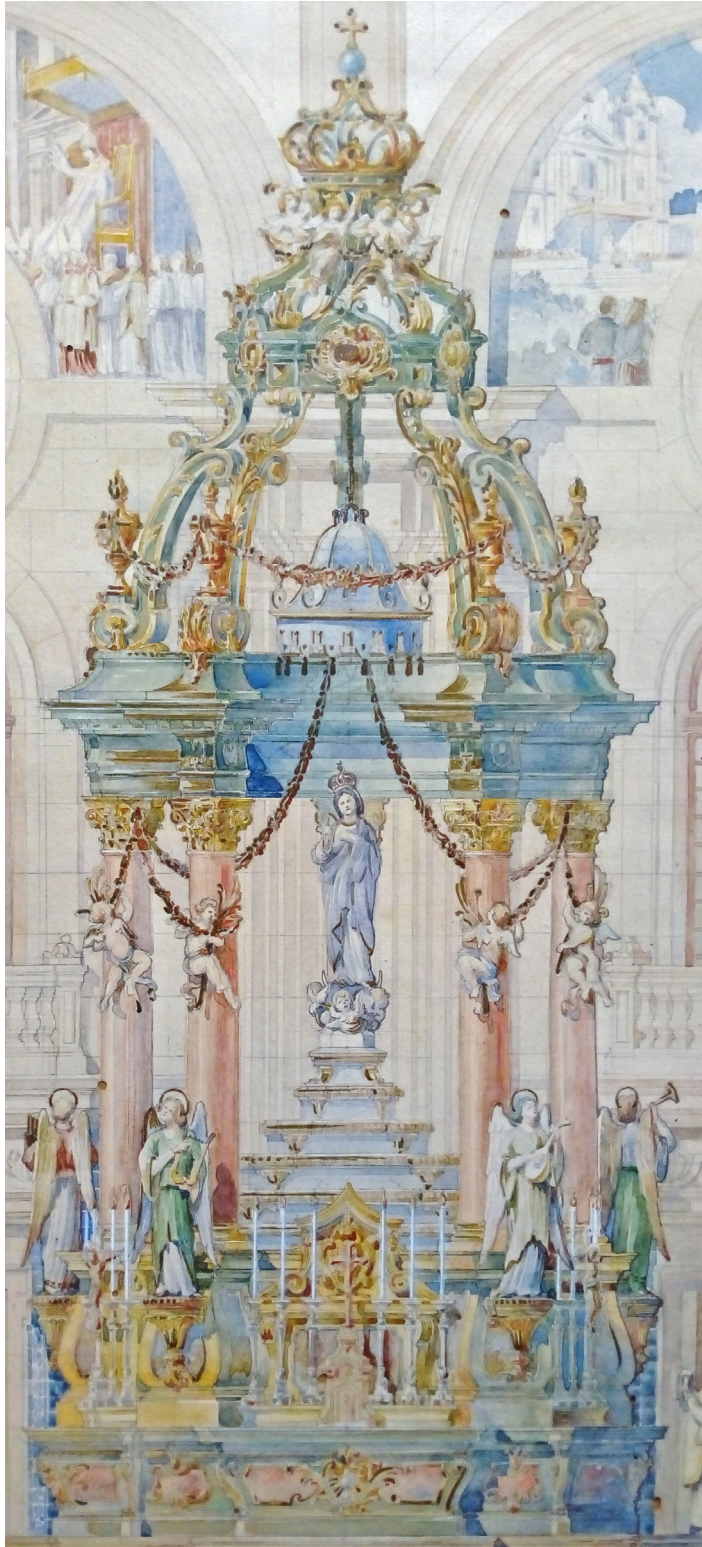
622 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 107.

623 BRANDÃO, 1984, p. 305.



Braga. Igreja do Terceiros. Retábulo da sacristia.
Foto Paulo Ladeira.

Catálogo de projetos e estudos de retábulos



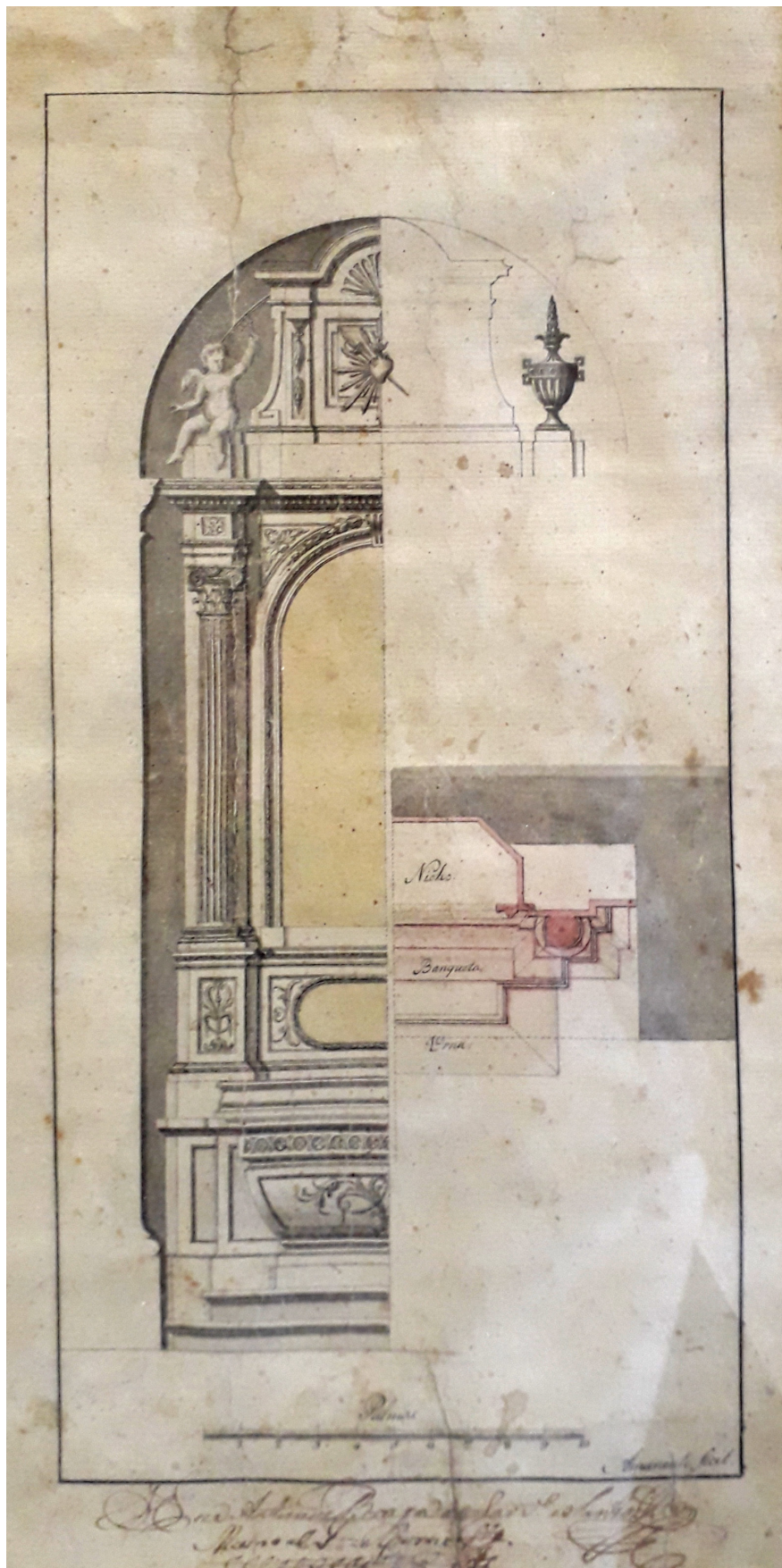
Pormenor do projeto de um altar para a imagem da Imaculada Conceição do Santuário do Sameiro.
Ernesto Korrodi arquiteto fez. 1931.
Foto Gerardo Esteves - Confraria de Nossa Senhora do Sameiro



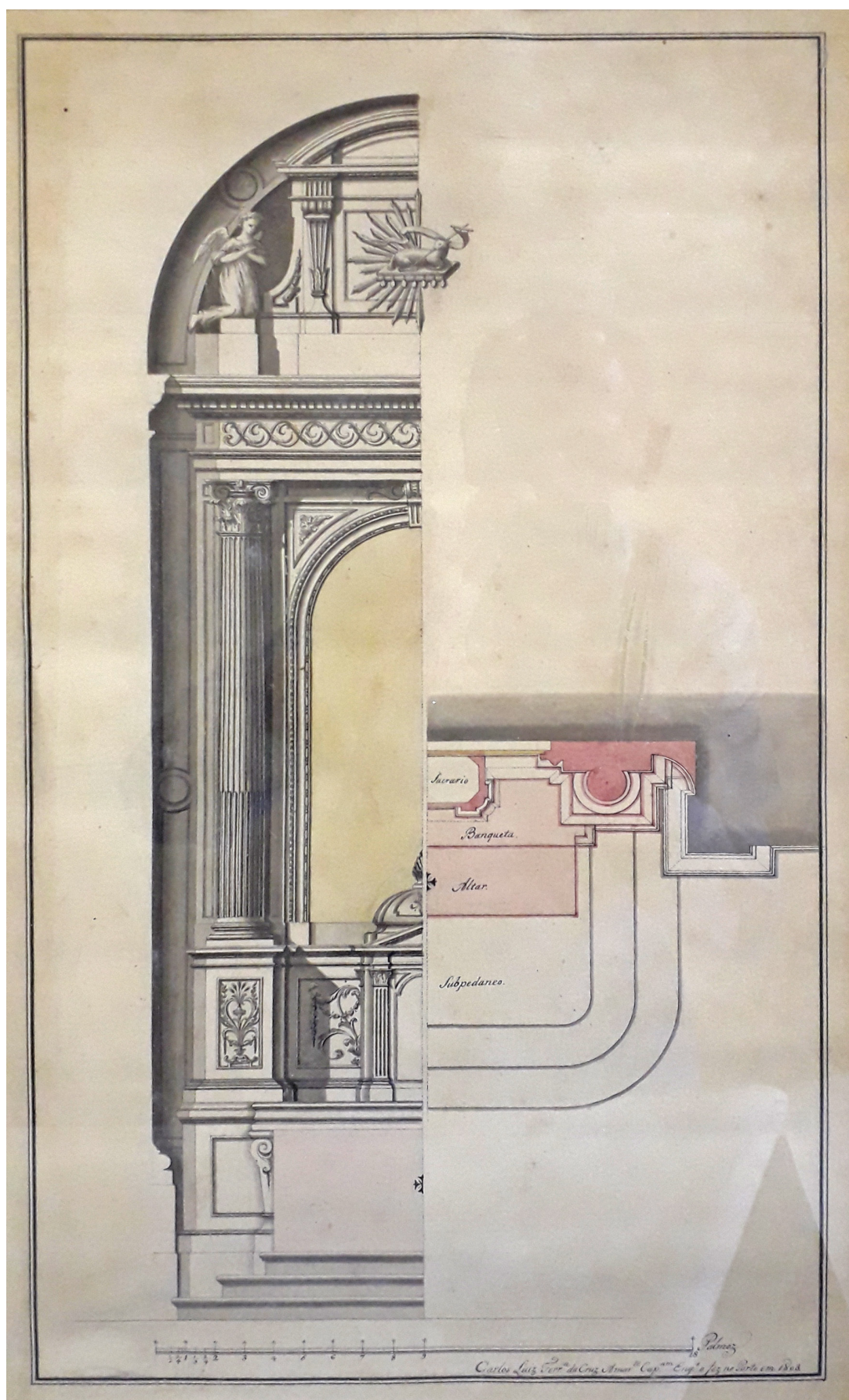
Retábulo-mor do santuário do Bom Jesus do Monte, em Braga. Seção do retábulo ou baldaquino, na qual se mostra parte do lado interior da capela-mor, feita de cantaria, até à pilastra A e em cor amarela a meia laranja que se deve fazer fingindo a mesma cantaria, como se explicará.

Carlos Amarante, 1803.

Foto Confraria do Bom Jesus



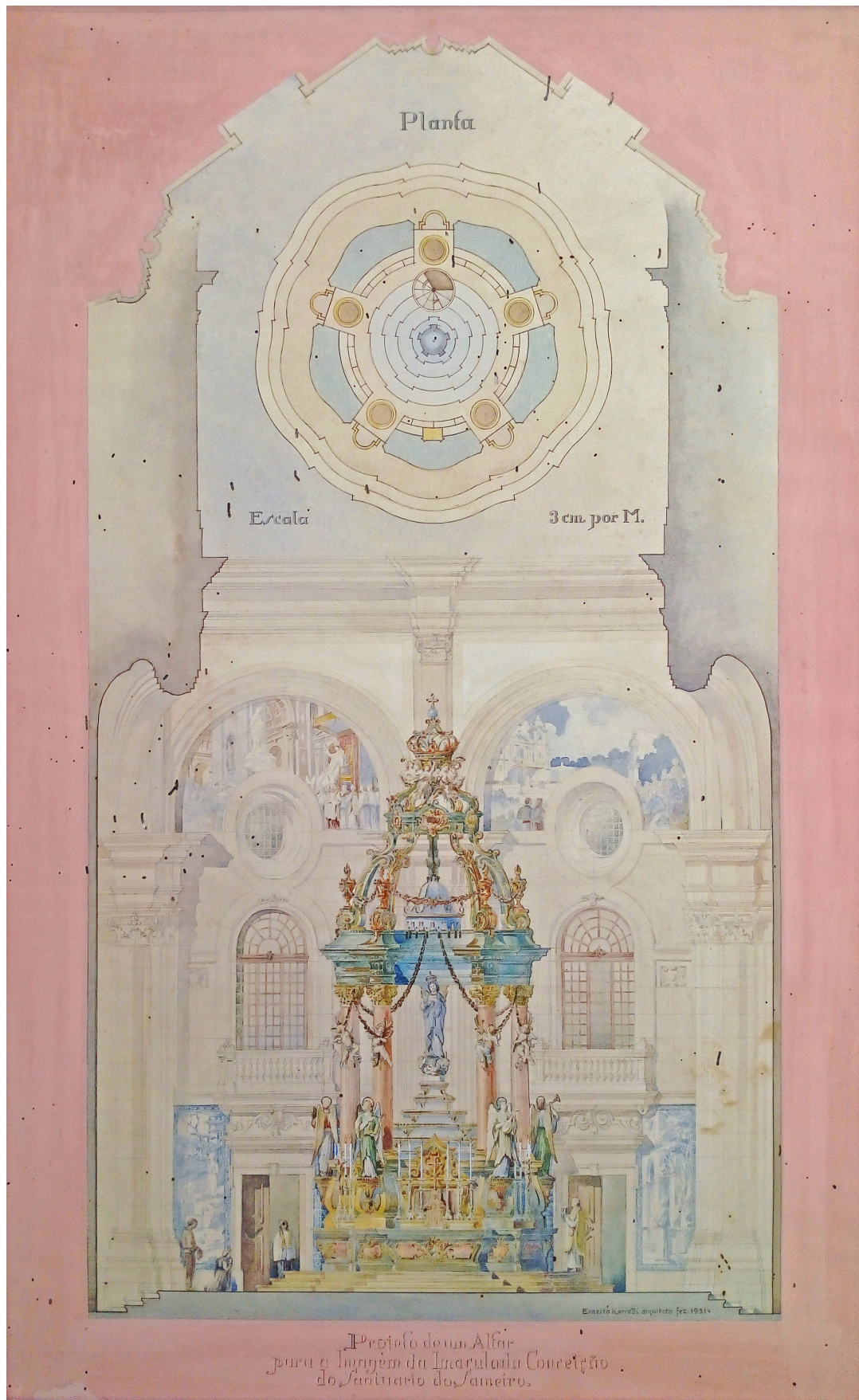
Retábulo colateral do santuário do Bom Jesus do Monte, em Braga. *Amarante fecit*
Carlos Amarante c. 1805
Foto Confraria do Bom Jesus



Retábulo colateral do santuário do Bom Jesus do Monte, em Braga.

Carlos Amarante c. 1805

Foto Confraria do Bom Jesus



*Projeto de um altar para a imagem da Imaculada Conceição do Santuário do Sameiro.
Ernesto Korrodi arquiteto fez. 1931.*

Foto Gerardo Esteves – Confraria de Nossa Senhora do Sameiro

Mapa da localização dos retábulos selecionados



Catálogo dos retábulos selecionados



Braga. Catedral. Frontal da capela do Santíssimo.
Foto Manuel Pitães



Guimarães. Retábulo da Natividade, da colegiada de Nossa Senhora da Oliveira. Prata dourada, montada sobre estrutura de madeira de cedro, com esmaltes policromos.

Finais do século XIV / inícios do XV: execução – desconhece-se a identidade do ourives, seguramente de grande prestígio, mas cuja atividade em Portugal ainda não foi possível comprovar.

Foto: DRCN - Museu Alberto Sampaio



Braga. Retábulo da capela dos Coimbras. Pedra de Ancã.
Cerca de 1528: execução – João de Ruão (Almeida, 1976, p. 146).
Foto: José João Loureiro



Vila Verde. Retábulo principal da igreja paroquial de São Paio. Pintura mural com retábulo *fingido*. Segundo quartel do século XVI; profissionais provavelmente oriundos da cidade de Braga. Fotos: Manuel Brito - Município de Vila Verde e Joaquim Inácio Caetano



Vizela. Retábulo das Almas, na igreja paroquial de Santo Adrião. Madeira entalhada e dourada.

Finais do século XVI, princípios do XVII

Foto: José Bernardo Carvalho



Guimarães. Retábulo da antiga capela de São João Baptista, da colegiada de Nossa Senhora da Oliveira. Madeira entalhada e predominantemente dourada.

1616: risco e entalhe - Francisco Moreira (?), mestre com oficina aberta na cidade do Porto.

Foto: DRCN - Museu Alberto Sampaio



Fermentões (Guimarães). Retábulo da capela da Casa da Covilhã. Madeira entalhada e predominantemente dourada.

Cerca de 1649: entalhe - mestre com oficina aberta em Guimarães (?).

Foto: Luís Ferreira Alves



Antime (Fafe). Retábulo colateral da antiga igreja paroquial de Santa Maria, atualmente na nova igreja. Madeira entalhada e predominantemente dourada. Segundo quartel do século XVII: risco e entalhe - profissionais provavelmente originários de Guimarães.



Esposende. Retábulo da capela do Senhor dos Mareantes, na igreja da Santa Casa da Misericórdia. Madeira entalhada, dourada e policromada.

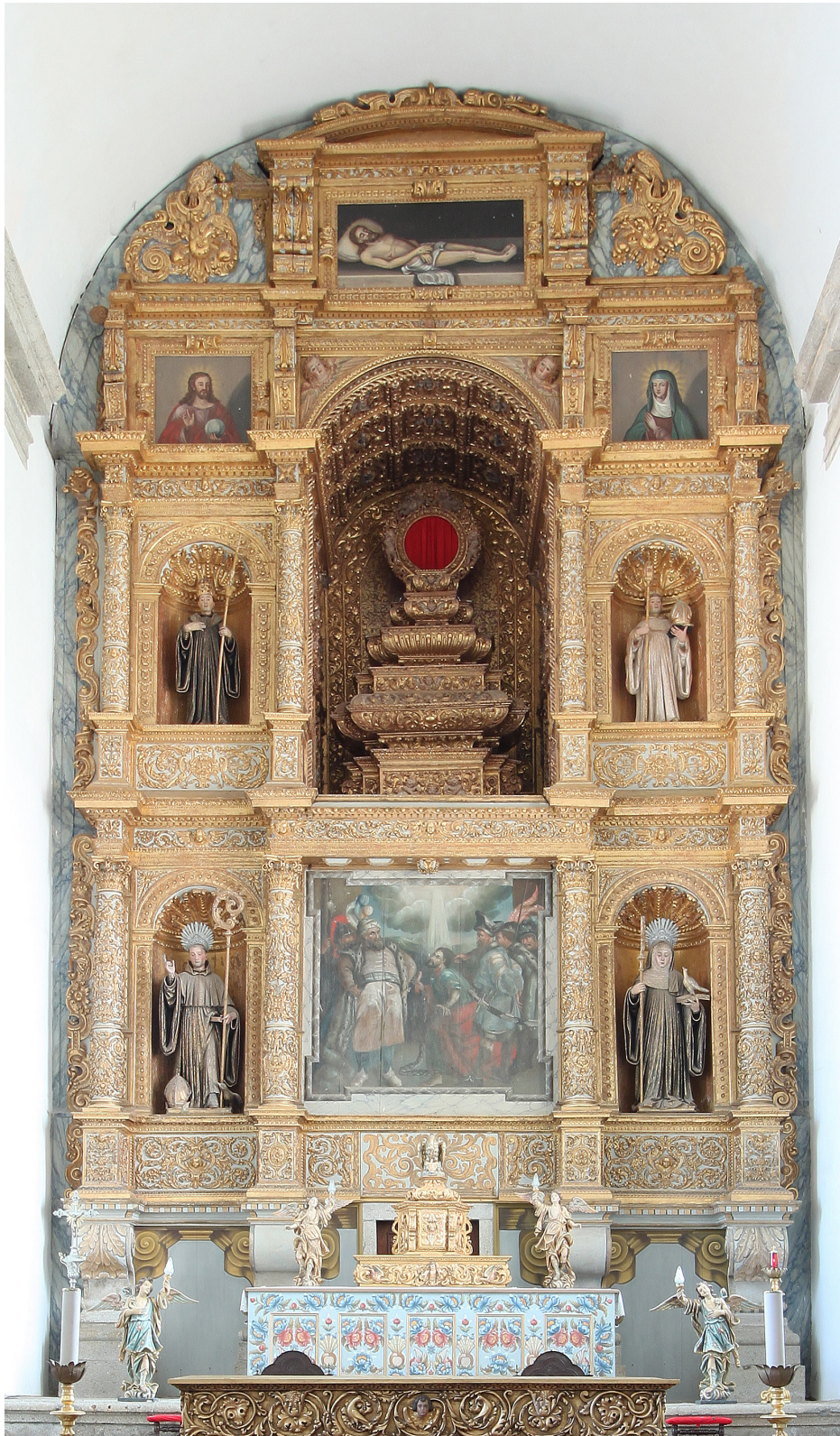
1650: entalhe - profissionais eventualmente originários do Porto.



Guimarães. Retábulo da antiga capela de São Jorge, da casa do cónego Rui Gomes Golias / Navarro de Andrade. Madeira entalhada e predominantemente dourada.

Meados do século XVII: entalhe - mestre com oficina aberta em Guimarães.

Foto: DRCN - Museu Alberto Sampaio



Mire de Tibães (Braga). Primitivo retábulo da capela-mor do mosteiro de São Martinho, transferido em 1755 para a igreja do mosteiro de São Romão do Neiva. Madeira entalhada e predominantemente dourada.

1662: risco - frei Gregório de Magalhães; 1662 a 1665: entalhe - António de Andrade (?), mestre com oficina aberta em Guimarães (A. OLIVEIRA, 1973, p. 254); 1722: abertura do camarim - Luís Vieira da Cruz, mestre originário de Braga (SMITH, 1968, p. 40).

Foto: Paulo Ladeira



Azurém (Guimarães). Retábulo principal da ermida de Nossa Senhora da Conceição. Madeira entalhada e predominantemente dourada.

Terceiro quartel do século XVII: entalhe – profissionais seguramente sediados em Guimarães.

Foto: Arte e Talha – Santa Comba Dão



Braga. Retábulo principal da igreja paroquial de São Vítor. Madeira entalhada e predominantemente dourada.

1689 a 1690: entalhe - Domingos Lopes, prestigiado mestre portuense (BRANDÃO, 1984, 1, pp. 689 a 690); 1691: 1.^a remodelação - Domingos Lopes (SMITH, 1968, p. 41); 1695: 2.^a remodelação - Damião da Costa Figueiredo, com oficina aberta em Braga (E. OLIVEIRA, 1994, p. 100).

Foto: José Bernardo Carvalho



Guimarães. Retábulo principal da igreja do antigo hospital de São Dâmaso. Madeira entalhada e predominantemente dourada.

1692: entalhe – Pedro Coelho, mestre com oficina aberta na freguesia de Gondar, termo de Guimarães (GONÇALVES, 1981, p. 344); 1698: douramento – Manuel de Freitas Padrão, de Guimarães. (A. J. Oliveira, 2011, p. 464).



Arões (Fafe). Retábulo de Nossa Senhora do Rosário, na igreja paroquial de São Romão. Madeira entalhada e predominantemente dourada.

Finais do século XVII: entalhe - profissionais eventualmente originários de Guimarães; segundo quartel de Setecentos: acréscimo do dossel.



Braga. Retábulo da capela de Nossa Senhora da Piedade, no claustro da igreja da sé. Madeira entalhada e predominantemente dourada.

Entre 1697 e 1703: entalhe - Frutuoso de Azevedo (?), mestre com oficina aberta na cidade de Braga.

Foto: José Bernardo Carvalho



Cervães (Vila Verde). Arco triunfal retabular do santuário do Bom Despacho. Madeira entalhada e predominantemente dourada.

Pouco depois de 1704: risco – Manuel Pinto de Vilalobos (?), engenheiro militar e arquiteto, morador em Viana do Castelo, a quem D. Rodrigo de Moura Teles, patrocinador desta obra, recorria com frequência.

Foto: Manuel Brito – Município de Vila Verde



Braga. Retábulo principal da igreja do extinto colégio de São Paulo. Madeira entalhada e predominantemente dourada e policromada.

1709: risco e entalhe - Luís Vieira da Cruz, mestre com oficina aberta na cidade de Braga (MARTINS, 1994, p. 559); 1710: douramento.

Foto: Hélio Ramos



Junqueira (Vila do Conde). Retábulo principal da ermida de Nossa Senhora da Graça. Madeira entalhada e predominantemente dourada.

Pouco depois de 1713

Foto: José Bernardo Carvalho



Gandarela de Basto (Celorico de Basto). Retábulo lateral da ermida de Nossa Senhora da Oliveira. Madeira entalhada e sem qualquer douramento ou policromia
Cerca de 1717: entalhe – Matias Luís de Barros, autodidata, *sem aprender nem tomar lição*.
Foto: Comissão de Festas de Nossa Senhora da Oliveira



Braga. Retábulo da capela das Santas Chagas, na igreja paroquial de Santiago da Cividade. Madeira entalhada e predominantemente dourada.

1720: entalhe – Francisco Pereira de Castro, mestre bracarense (Arquivo da irmandade da Santa Cruz, *Livro único dos termos das suas eleições, juntas e mesas (1658-1774) da irmandade das Santas Chagas*, fls. 124 e 125.

Foto: José João Loureiro



Braga. Retábulo de Santa Quitéria, na igreja de São Paulo. Madeira entalhada, dourada e policromada. A imagem da Santa está colocada no meio de uma árvore e pela mesma árvore a cercam as oito imagens das Santas suas irmãs, naturais todas desta cidade e ao pé do tronco da árvore está deitada a imagem de Santo Ovídio, terceiro Arcebispo desta cidade, que as batizou e doutrinou (Cardoso, 1751, p. 260). Década de 1720: entalhe – mestre com oficina aberta em Braga (?)

Foto: Hélio Ramos



Braga. Retábulo principal da capela do recolhimento das convertidas ou de Santa Maria Madalena. Madeira entalhada e predominantemente dourada.

Cerca de 1722: risco – Manuel Pinto de Vilalobos (?), engenheiro militar e arquiteto, morador em Viana do Castelo, a quem D. Rodrigo de Moura Teles, patrocinador deste retábulo, recorria com frequência.

Foto: José João Loureiro



Mosteiro (Vieira do Minho). Retábulo das Almas, na igreja paroquial de São João Baptista. Madeira entalhada e predominantemente dourada.

1726: risco - Pedro Monteiro de Sousa (?), mestre entalhador bracarense, que emigra posteriormente para Minas Gerais - Brasil; 1736: entalhe - Filipe Vieira (?), mestre que também vai para Minas Gerais (E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 137).



Braga. Retábulo principal da igreja do extinto convento de Nossa Senhora da Conceição. Madeira entalhada e predominantemente dourada.

1733: entalhe - Pedro Salgado, mestre com oficina aberta no Couto de Landim; 1736: douramento - João Fagundes e João Peixoto (SMITH, 1968, p. 41).

Foto: José Bernardo Carvalho



Braga. Retábulo de Santo Elias, na igreja do convento de Nossa Senhora do Carmo. Madeira entalhada e predominantemente dourada.

Segundo quartel de Setecentos: entalhe - mestre com oficina aberta em Braga (?).

Foto: José João Loureiro



Braga. Retábulo do antigo oratório de São Vítor. De pedraria policroma. O *arcebispo frei Agostinho de Castro*, por ocasião de que querendo-se reedificar a ponte se achou uma pedra com sangue fresco, que se conjetura ser sobre que o santo foi degolado e colocou a dita pedra entre grades de pau e sobre ela um quadro com a pintura da degolação do dito santo, que por se corromper com o tempo, o abade *Manuel da Silva de Menezes*, vizinho do oratório, lhe mandou fazer um retábulo de pedra, lavrado, com a degolação do mesmo santo, de meio relevo (CARDOSO, 1751, pp. 263 e 264).

Década de 1730: risco e execução – Diogo Soares (?), mestre pedreiro morador nas imediações.
Foto: José Bernardo Carvalho



Caldas de Vizela. Arco triunfal retabular da igreja paroquial de São Miguel. Madeira entalhada e pintada.

Década de 1730: risco e entalhe - profissionais eventualmente originários de Guimarães.

Foto: José Bernardo Carvalho



Braga. Retábulos da frontaria da igreja da Santa Casa da Misericórdia. Madeira entalhada, dourada e policromada.

Antes de 1734: risco - padre Ricardo da Rocha (?); 1734 a 1740: entalhe - Marceliano de Araújo, prestigiado mestre com oficina aberta em Braga; 1736: pintura figurativa - José Lopes (SMITH, 1974, p. 45); 1743: douramento - Estêvão da Silva e Luís de Sousa.

Foto: Hélio Ramos



Barcelos. Retábulo colateral, no santuário do Senhor da Cruz. Madeira entalhada e dourada. 1735: risco – António Pereira, mestre pedreiro e debuxador de arquitetura, natural da cidade de Lisboa, sediado na cidade do Porto (VINHAS, 2004, p. 98); 1735 a 1737: entalhe – Luís Pereira da Costa, prestigiado mestre com oficina aberta na cidade do Porto; 1740: douramento - Jacinto Azevedo (ALMEIDA, 1990, p. 67).

Foto: Paulo Ladeira



Real (Braga). Retábulo colateral, na igreja do extinto convento de São Francisco. Madeira entalhada e predominantemente dourada.

1737: entalhe - Jacinto da Silva, prestigiado mestre com oficina aberta em Braga (E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 343).

Foto: José Bernardo Carvalho



Mire de Tibães (Braga). Retábulo da capela do Descimento da Cruz, na igreja do extinto mosteiro de São Martinho. Madeira entalhada e predominantemente dourada.

1738: risco – Carlos António Leoni (?), pintor florentino residente em Braga.; 1739 e 1740: entalhe – António Fernandes Palmeira, mestre com oficina aberta nos arredores de Braga (E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 265); 1740: pintura figurativa – Pinto (SMITH, 1972, p. 292).

Foto: José Bernardo Carvalho



Bouro (Amares). Retábulo principal da igreja do extinto mosteiro de Santa Maria. Madeira entalhada e predominantemente dourada.

1741 a 1743: entalhe – Jacinto da Silva, prestigiado mestre com oficina aberta em Braga (OLIVEIRA, 2011, 3, p. 344).

Foto: Espólio Robert Smith / Fundação Calouste Gulbenkian – Biblioteca de Arte e Arquivos



Guimarães. Retábulo principal da igreja do extinto convento de São Francisco. Madeira entalhada e predominantemente dourada.

1743: risco - Miguel Francisco da Silva, originário de Lisboa, mas com oficina na cidade do Porto; 1743 e 1744: entalhe - Manuel da Costa Noronha de Andrade, prestigiado mestre portuense (BRANDÃO, 1986, pp. 452 a 459).



Guimarães. Retábulo colateral, na igreja do extinto convento de Nossa Senhora do Carmo / atual Asilo de Santa Efigénia. Madeira entalhada e dourada.

1746 a 1748: entalhe – José Álvares de Araújo, prestigiado mestre com oficina aberta em Braga (A. J. OLIVEIRA, 2005, pp. 83 e 84); 1754: douramento – António José Pereira, João do Couto Teixeira, João Pereira Cardoso e Luís Pinto Leitão



Braga. Retábulo de Nossa Senhora da Luz, na igreja do extinto colégio de São Paulo. Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.

Cerca de 1747: entalhe – oficiais sediados em Braga (?). Carlos Amarante participa num concurso para a feitura do risco do retábulo-mor da igreja de Santa Cruz, em Braga. Os mesários apercebem-se que a planta apresentada por este artista *não é própria dele, nem nova, mas antes sim extraída da do retábulo que nesta cidade se acha na igreja de São Paulo em o altar de Nossa Senhora da Luz* (SMITH, 1973, p. 42).

Foto: José João Loureiro



Guimarães. Retábulo de Nossa Senhora das Neves, na igreja do extinto convento de São Domingos. Madeira entalhada, dourada e pintada.
Cerca de 1748: entalhe - profissionais originários de Braga (?).



Pico de Regalados (Vila Verde). Retábulo de Nossa Senhora do Rosário, na igreja paroquial de São Paio. Madeira entalhada, dourada e pintada.

Finais da década de 1740: entalhe - profissionais originários de Braga (?); 1754: douramento - Caetano Luís Teixeira e Jerónimo de Almada



Guimarães. Retábulo de Santa Clara, na igreja do extinto convento de São Francisco. Madeira entalhada e predominantemente dourada. Cerca de 1749: entalhe - profissionais com oficina aberta em Braga (?).



Fão (Esposende). Retábulo de Nossa Senhora das Dores, no santuário do Bom Jesus. Madeira entalhada, dourada e pintada.

1750: risco - artista de Coimbra; entalhe - Custódio Araújo Leite, mestre com oficina aberta no termo de Vila Nova de Famalicão (ROCHA, 1996, p. 142).



Taíde (Póvoa de Lanhoso). Retábulo principal do santuário de Nossa Senhora do Porto de Ave. Madeira entalhada e predominantemente dourada.

1753 a 1755: entalhe – José Álvares de Araújo, prestigiado mestre entalhador bracarense (ARAÚJO, 2006, p. 88); 1758: trono.



Mire de Tibães (Braga). Retábulo principal da igreja do extinto mosteiro de São Martinho. Madeira entalhada e predominantemente dourada.

1756: risco – André Soares, conceituado debuxador de arquitetura, morador na cidade de Braga; 1756 a 1758: entalhe – José Álvares de Araújo e José António Ferreira Vilaça, mestres com oficina aberta na cidade de Braga. No final de 1757, Vilaça trespassa a obra de talha que ainda falta fazer ao seu colega (SMITH, 1972, pp. 46, 49, 227 a 229); 1761: douramento – João Gonçalves Ribas.

Foto: José Bernardo Carvalho



Mire de Tibães (Braga). Retábulo de São João Baptista, na igreja do extinto mosteiro de São Martinho. Madeira entalhada e predominantemente dourada.

1756: risco – André Soares, conceituado debuxador de arquitetura, morador na cidade de Braga; 1756 a 1758: entalhe – José Álvares de Araújo e José António Ferreira Vilaça, mestres com oficina aberta na cidade de Braga. No final de 1757, Vilaça trespassa a obra de talha que ainda falta fazer ao seu colega (SMITH, 1972, pp. 46, 49, 227 a 229).

Foto: José Bernardo Carvalho



Guimarães. Retábulo principal da igreja da Santa Casa da Misericórdia. Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.

1759: risco – António da Cunha Correia do Vale (?); 1762 a 1764: entalhe - António da Cunha Correia do Vale e Manuel da Cunha Correia do Vale, mestres com oficina aberta em Guimarães (A. J. OLIVEIRA, 2011, 2, p. 174).

Foto: Hélio Ramos



Caldelas (Amares). Retábulo principal da igreja paroquial de São Tiago. Madeira entalhada, dourada e pintada.

1760: risco - padre António Soares da Silva, irmão do conceituado artista André Soares; 1760 e 1761: entalhe - Teodósio Álvares de Araújo, com oficina aberta na cidade de Braga (ROCHA, 1996 - 1997, p. 289).



Braga. Retábulo principal da ermida de Santa Maria da Madalena do Monte ou da Falperra. Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.

1763: risco – André Soares, conceituado debuxador de arquitetura, morador na cidade de Braga; 1763 a 1764: entalhe – Jacinto da Silva, prestigiado mestre com oficina aberta em Braga (ROCHA, 1990, pp. 257 e 258); 1779: pintura e douramento - Boaventura da Silva (SMITH, 1972, p. 232).

Foto: José Bernardo Carvalho



Vila Nova de Famalicão. Retábulo colateral da antiga igreja de Nossa Senhora da Lapa. Madeira entalhada, dourada e pintada.

Cerca de 1763: entalhe - profissionais originários de Braga (?).

Foto: Município de Vila Nova de Famalicão



Refojos de Basto (Cabeceiras de Basto). Retábulo principal da igreja do extinto mosteiro de São Miguel. Madeira entalhada e predominantemente dourada.

1764 a 1766: risco e entalhe – frei José de Santo António Vilaça, prestigiado debuxador e entalhador beneditino (SMITH, 1972, p. 232); triénio de 1780 a 1783: douramento.



Braga. Retábulo da capela dos monges ou de Nossa Senhora da Aparecida, no extinto convento dos Congregados. Madeira entalhada e predominantemente dourada.

Cerca de 1768: risco – André Soares (?), conceituado debuxador de arquitetura, morador na cidade de Braga (SMITH, 1972, p. 210).

Foto: José João Loureiro



Real (Braga). Retábulo de Nossa Senhora das Dores, na igreja do extinto convento de São Francisco. Madeira entalhada e predominantemente dourada.

Cerca de 1770: risco - Carlos Amarante (?), engenheiro e debuxador de arquitetura (LOPES, 2014, 2, p. 213).

Foto: José Bernardo Carvalho



Barcelos. Arco triunfal retabular da igreja do extinto recolhimento das Escravas do Menino de Deus. Madeira entalhada, dourada e pintada.

Cerca de 1770: entalhe - profissionais oriundos de Braga (?).

Foto: Paulo Ladeira



Póvoa de Lanhoso. Retábulo principal da capela do Senhor do Horto. Madeira de castanho entalhada, dourada e pintada.
1772 e 1773: entalhe - Álvaro José Pereira de Faria, mestre com oficina aberta em Braga (E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 137).



Painzela (Cabeceiras de Basto). Retábulo colateral na igreja paroquial de Santo André. Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria. Década de 1770: risco - frei José de Santo António Vilaça (?), prestigiado debuxador e entalhador beneditino (LOPES, 2014, 2, p. 223).



Barqueiros (Barcelos). Retábulo principal do santuário de Nossa Senhora das Necessidades. Madeira de castanho entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.

1775: risco - Carlos Amarante, engenheiro e debuxador de arquitetura (Araújo, 1990, pp. 14 e 21); 1775 e 1776: entalhe - Álvaro José Pereira Faria, mestre com oficina aberta em Braga (E. OLIVEIRA, 2004, p. 157).



Braga. Retábulo principal da igreja de Santa Cruz. Madeira de castanho entalhada e predominantemente dourada.

1766: risco inicial – frei Vilaça, prestigiado debuxador e entalhador beneditino; 1767 a 1770: entalhe – Luís Manuel da Silva e Manuel Carneiro da Costa, mestres com oficina aberta em Braga; 1775: remodelação do risco – frei Vilaça; 1775 a 1776: entalhe – João Bernardo da Silva, da cidade de Braga (SMITH, 1972, pp. 429 a 448); pintura e douramento originais: 1781 a 1782; 1883 a 1886: acrescento do baldaquino do trono e da cúpula com o *Agnus Dei* do sacrário – Elias Gomes dos Santos; 1883-1888: douramento total.

Foto: José João Loureiro



Braga. retábulo da sacristia, na igreja da Sé. Madeira pintada a fingir pedraria.

1698: *arco* retabular – *risco*: João Antunes, prestigiado arquiteto régio, morador em Lisboa; cerca de 1779: entalhe do retábulo propriamente dito.

Foto: Paulo Ladeira



Guimarães. Retábulo do Senhor Crucificado, na igreja do extinto mosteiro de Santa Marinha da Costa. Madeira entalhada, dourada e policromada.

Entre 1779 e 1784: risco – Carlos Amarante (?), engenheiro e debuxador de arquitetura; cerca de 1784: entalhe – eventualmente José António da Cunha, com oficina em Guimarães (LOPES, 2014, 2, p. 244).



Braga. Retábulo principal da igreja do extinto colégio de Nossa Senhora do Pópulo.
Risco: 1785 – Carlos Amarante (?), engenheiro e debuxador de arquitetura (SMITH, 1970, p. 67); entalhe: João Bernardo da Silva, com oficina aberta na cidade de Braga.
Foto: José João Loureiro



Guimarães. Retábulo principal da igreja de Nossa Senhora da Consolação e dos Santos Passos. Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.

1793: entalhe - José António da Cunha Correia do Vale, com oficina aberta em Guimarães (Braga, 1948, p. 55); 1798: douramento (SMITH, 1972, pp. 296 e 331).



Braga. Retábulo principal do santuário do Bom Jesus do Monte.

1799: risco – Carlos Amarante, engenheiro e debuxador de arquitetura, previamente aprovado por Luís Chiari (MASSARA, 1998, p. 147); entalhe: 1803 – Manuel José Correia, com oficina em Braga; moldes das esculturas do camarim: 1806 – Manuel Joaquim Alves e Sousa, da cidade do Porto; feitura das esculturas: 1806 – José Monteiro da Rocha e Domingos José Vieira (SMTIH, 1970, pp. 63, 67, 68, 71, 80, 82 e 83).

Foto: Confraria do Bom Jesus do Monte



Sameiro (Braga). Retábulo principal do santuário de Nossa Senhora da Conceição. Antes de 1941. O anterior projeto, que ainda subsiste (ver p. 153), concebido em 1933 pelo arquiteto Ernesto Korrodi, não foi aceite.
Foto: Manuel Pitães

Fontes e estudos citados nas notas e nos textos

AAVV, (1950) - “Igreja de São Romão de Arões”, *Boletim da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, n.º 59, Lisboa.

J. ABREU, José Paulo (1997), *Em Braga de 1790 a 1805, D. Frei Caetano Brandão: o reformador contestado*, Braga.

L. ABREU, Leonídio (1958) - *A Falferra*, Braga.

AFONSO, José Ferrão (2011) - “A igreja velha da Misericórdia de Barcelos: arquitetura, pintura, retabulística e artes decorativas”, *Revista de estudos de conservação e restauro*, n.º 3, Porto, pp.

AFONSO, José Ferrão (2013) - “Notícias sobre a igreja velha da Misericórdia de Esposende, entre os finais do século XVI e os finais do século XVIII”, *Revista de estudos de conservação e restauro*, n.º 5, Porto.

ALMEIDA, Frei António-José de (2018) - “O Purgatório e a Santíssima Trindade, durante a Idade Moderna em Portugal”, *Redenção e Escatologia. Estudos de Filosofia, Religião, Literatura e Arte na Cultura Portuguesa*, Vol. II, tomo 2, Lisboa, pp. 260 a 284.

C. ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1990) - *Barcelos*, Lisboa.

C. ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1991) - “Um retábulo de João Antunes”, *I Congresso Internacional do Barroco*, vol.2, Porto.

C. ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira e BARROCA, Mário Jorge (2002) - *História da Arte em Portugal. O Gótico*, Lisboa.

J. ALMEIDA, José António Ferreira de (coord.) (1976) - *Tesouros artísticos de Portugal*, Lisboa.

ALVES, Alexandre (2001) - *Artistas e artífices nas Dioceses de Lamego e Viseu*, 3 vols., Viseu.

ARAÚJO, António Veiga de (1990) - “O santuário de Nossa Senhora das Necessidades: subsídios para a sua monografia”, *Revista Barcelos*, Barcelos, pp. 7 a 56.

ARAÚJO, Maria Marta Lobo (2006) - *A confraria de Nossa Senhora do Ave, um itinerário sobre a religiosidade popular do Baixo Minho, Taíde - Póvoa do Lanhoso, Porto de Ave*.

ARGOTE, Jeronymo Contador de (1734) - *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga, Primaz das Hespanhas, Título I. Da Geografia do Arcebispado Primaz de Braga, e da Geografia antiga da Provincia Bracarense*, Tomo Segundo, Lisboa.

ARGOTE, Jeronymo Contador de (1747) - *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga, Primaz das Hespanhas, Título II: Dos Arcebispos que occuparaõ a Cadeira Primaz de Braga, e Concilios que celebraraõ*, Lisboa.

AZEVEDO, Padre Torquato Peixoto (1845) - *Memórias Ressuscitadas de antiga Guimarães* (1692), Porto.

BANDEIRA, Miguel Sopas de Melo (1993) - “O espaço urbano de Braga em meados do séc. XVIII. A cidade reconstituída a partir do Mappa das Ruas de Braga e dos índices dos Prazos das Casas do Cabido”, *Revista da Faculdade de Letras - Geografia*, I Série, Vol. IX, Porto, pp. 101-223.

BAZIN, Germain (1953) - “Morphologie du rétable portugais”, *Belas Artes*, n.º 5, Lisboa, pp. 3 a 28.

- BESSA, Paula (2011) – “Arquitetura românica e gótica no Minho”, *Arte no Minho*, Braga.
- BORGES, Nelson Correia (1980) – *João de Ruão. Escultor da Renascença Coimbrã*, Lisboa.
- BORGES, Nelson Correia (1986) – *História da Arte em Portugal. Do Barroco ao Rococó*, Lisboa.
- BRAGA, Alberto Vieira (1948) – “Curiosidades de Guimarães. O voto de Santiago”, *Revista de Guimarães*, pp. 17 a 77.
- BRANDÃO, Domingos de Pinho (1984) – *Obra de talha dourada, ensablagem e pintura na cidade e na diocese do Porto. Documentação. Séculos XV a XVII*, Porto.
- BRANDÃO, Domingos de Pinho (1985) – *Obra de talha dourada, ensablagem e pintura na cidade e na diocese do Porto. Documentação. 1700 a 1725*, Porto.
- BRANDÃO, Domingos de Pinho (1986) – *Obra de talha dourada, ensablagem e pintura na cidade e na diocese do Porto. Documentação. 1726 a 1750*, Porto.
- BRANDÃO, Domingos de Pinho (1987) – *Obra de talha dourada, ensablagem e pintura na cidade e na diocese do Porto. Documentação. 1751 a 1775*, Porto.
- CAETANO, Joaquim Inácio (2016) – “Retábulos fingidos na pintura mural portuguesa”, *O Retábulo no espaço ibero-americano: forma, função e iconografia*, Lisboa, vol.1, pp. 353 a 365.
- CAPELA, José Viriato (2003) – *As freguesias do distrito de Braga nas Memórias paroquiais de 1758. A construção do imaginário minhoto setecentista*, Braga.
- CAPELA, José Viriato (2005) – *As freguesias do distrito de Viana do Castelo nas Memórias paroquiais de 1758. Alto Minho: Memória, História e Património*, Braga.
- CARDONA, Paula (2004) – *A atividade mecenática das confrarias nas matrizes do Vale do Lima nos séculos XVII a XIX*, tese de doutoramento, Porto.
- CARDOSO, Padre Luís (1947 e 1751) –, *Dicionário Corográfico (...)*, 2vols., Lisboa.
- CASTRO, Maria de Fátima (2001) – *A irmandade e Santa Casa da Misericórdia de Braga*, Braga.
- CORREIA, José (1830) – *Serie cronológica dos prelados conhecidos da Igreja de Braga desde a fundação da mesma Igreja até o presente tempo, precedida de uma breve notícia de Braga antiga e seguida de um catálogo dos bispos titulares, coadjutores do Arcebispado*, Coimbra.
- COSTA, Avelino Jesus da (1999) – “Notas de Investigação”, in *Lusitânia Sacra*, 2ª série, 11, pp. 353-354.
- CRAESBEECK, Francisco Xavier da Serra – *Memórias Ressuscitadas de Entre Douro e Minho no ano de 1726*, Ponte de Lima, 1992.
- CUNHA, D. Rodrigo da (1634) – *Primeira Parte da História Eclesiástica dos Arcebispos de Braga, e dos Santos, e varões ilustres, que floresceram neste Arcebispado*, Braga.
- CUNHA, D. Rodrigo da (1635) – *Segunda Parte da História Eclesiástica dos Arcebispos de Braga, e dos Santos, e varões ilustres, que floresceram neste Arcebispado*, Braga.
- DIAS, Pedro (1986) – *História da Arte em Portugal. O Gótico*, Lisboa.

DIAS, Pedro (1997) – “A escultura de pedra feita em Portugal por artistas do Norte da Europa”, *Catálogo O Brilho do Norte*, Lisboa.

DINIS, António (1999) – “Capela de Nossa Senhora da Oliveira”, *SIPA, IHRU*, www.monumentos.pt

DUARTE, Eduardo Alves (2000) – *Carlos Amarante (1748 – 1815) e o Final do Classicismo: um arquiteto de Braga e do Porto*, Porto.

FERREIRA, Rui (2017) – “O culto de Nossa Senhora da Conceição na cidade de Braga”, *Bracara Augusta*, vol. 63, Braga, pp. 249 a 284.

FERREIRA-ALVES, Natália Marinho (1983) – “Elementos para o estudo da talha setecentista transmontana”, *Revista Estudos Transmontanos*, Vila Real.

FERREIRA-ALVES, Natália Marinho (1987) – *O Santuário do Senhor de Perafita, aspetos da mentalidade religiosa popular na segunda metade do século XVIII*, Vila Real.

FERREIRA-ALVES, Natália Marinho (1989) – *A arte da talha no Porto na época barroca (artistas e clientela. Materiais e técnica*, 2 vols., Porto.

FERREIRA-ALVES, Natália Marinho (1991) – “Tibães, Igreja”, “Vilaça, Frei José de Santo António Ferreira”, *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, Lisboa, pp. 481, 482, 527 a 530.

FOLGAR LA CALLE, María Carmen (2003) – «La influencia portuguesa en los retablos barrocos de Galicia», *Atas do II Congresso internacional do barroco*, Porto, pp. 488XX

FOLGAR LA CALLE, María Carmen (2006) – «Algunos ejemplos de la influencia portuguesa en el barroco gallego», *Porta da aira: revista de historia del arte orensano*, N^o 11, pp. 381-382.

FREITAS, Eugénio de Andrea de Cunha e (1951) – “Artistas de Braga (1600 – 1730)”, *Bracara Augusta*, Braga, pp. 166 a 175.

FREITAS, Eugénio de Andrea de Cunha e (1999) – *Vila do Conde. 1. Azurara*, Vila do Conde.
GONÇALVES, Flávio (1962) – “Em torno da iconografia das nove irmãs gémeas”, *Boletim da Câmara Municipal do Porto*, vol. XXV, n.º 3 e 4, pp. 476 a 480.

GONÇALVES, Flávio (1978) – *A talha no concelho de Vila do Conde*, Vila do Conde.

GONÇALVES, Flávio (1981) – “A talha na arte religiosa de Guimarães”, *Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada*, Guimarães, pp. 337 a 365.

GONÇALVES, Flávio (1986) – “A árvore de Jessé na arte portuguesa”, *Revista da Faculdade de Letras*, Porto.

HORMIGO, José Joaquim Mendes (1998) – *Artes e artistas na Beira Baixa (Documentos)*, Castelo Branco.

LAMEIRA, Francisco (20006) – *O Retábulo na Companhia de Jesus em Portugal: 1619 - 1759* (Promontoria Monográfica História da Arte 02), Faro.

LAMEIRA, Francisco, *O Retábulo nas Misericórdias Portuguesas* (Promontoria Monográfica História da Arte 04), Faro, 2009.

LAMEIRA, Francisco, **CARDOSO, Pedro Vasconcelos**, **LOUREIRO, José João** (2017) – *Retábulos na Diocese de Lamegos* (Promontoria Monográfica História da Arte 14), Faro.

LAMEIRA, Francisco, EVARISTO, Carlos, LOUREIRO, José João (2016) – *Retábulos Relicários* (Promontoria Monográfica História da Arte 13), Faro.

LAMEIRA, Francisco e FALCÃO, José António (2013) – *Retábulo na diocese de Beja* (Promontoria Monográfica História da Arte 05), Faro.

LAMEIRA, Francisco e LADEIRA, Paulo (2015) – *Retábulos na Diocese de Viana do Castelo* (Promontoria Monográfica História da Arte 10), Faro.

LAMEIRA, Francisco, LOUREIRO, José João, VECHINA, Frei José Carlos (2015) – *Retábulos da Ordem dos Carmelitas Descalços* (Promontoria Monográfica História da Arte 11), Faro.

LAMEIRA, Francisco, PEDROSA, Aziz José de Oliveira, BOHRER, Alex Fernandes, LOUREIRO, José João (2017) – *Retábulos em Minas Gerais* (Promontoria Monográfica História da Arte 16), Faro.

LIMA, Maria Luísa Gonçalves Reis (1998) – “Carlos Amarante e a corrente estética do final do séc. XVIII: a obra de talha”, Sep. da *Revista de Ciências Históricas*, Porto, 1998.

LIMA, Maria Luísa Gonçalves Reis (2002) – “A tipologia do baldaquino na talha neoclássica de Braga”, *Atas del IX Simposio Hispano-Portugués de Historia del Arte*, Santiago de Compostela, pp. 113 a 127.

LIMA, Maria Luísa Gonçalves Reis (2004) –, “A talha bracarense e o restauro oitocentista”, *Atas do II Congresso Internacional de História da Arte*, Coimbra, pp. 1034 a 1046.

LOPES, Raúl Cristóvão Sampaio (2007) – *André Soares et le Rococo Minhoto*, mémoire de master, Paris.

LOPES, Raúl Cristóvão Sampaio (2014) – *Le Rococo Minhoto. L'art dans la province de Braga dans la seconde moitié du XVIIIe siècle*, thèse doctorale, 3 tomes, Paris.

LOPES, Raúl C. Sampaio (no prelo) – “Acheugas para a atividade artística do Padre António Soares da Silva (1716-1770) no âmbito do rococó minhoto”, *Promontoria*, Faro.

MACIEL, M. Justino (1995) – “A arte da Antiguidade Tardia (séculos III-VIII, ano de 711)”, *História da Arte Portuguesa, vol. 1*, Lisboa, pp. 103-149.

MARTINS, Rita Maria Machado (2010) – *João de Moura Coutinho de Almeida d’Eça (1872 – 1954)*, dissertação de mestrado, Porto.

MARIZ, Carlos Domingues (2000) – *A Santa Casa da Misericórdia de Fão*, Fão.

MARTINS, Fausto Sanches (1994) – *A arquitetura dos primeiros colégios jesuítas de Portugal: 1542 – 1759: cronologia, artistas, espaços*, tese de doutoramento, Porto.

MASSARA, Mónica (1998) – *Santuário do Bom Jesus do Monte. Fenómeno Tardo Barroco em Portugal*, Braga.

MECO, José (2001), “Contaminações dos materiais e das formas. Arcos triunfais retabulares”, *V Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*, Faro, p. 311.

MENDONÇA, Isabel Mayer Godinho (2004), “As exéquias de D. Gaspar de Bragança na Sé de Braga”, *Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas do Património*, Porto, 1 série, vol. III, pp. 255 a 270.

MONTEIRO, Patrícia Alexandra Rodrigues (2013) – *A pintura mural no Norte Alentejo (séculos XVI a XVII): núcleos temáticos da serra de São Mamede*, tese de doutoramento, Lisboa.

M. MOREIRA, Manuel António Fernandes (2006) – *O Barroco no Alto-Minho*, Viana do Castelo.

R. MOREIRA, Rafael (1995) – “Arquitetura: Renascimento e classicismo”, *História da Arte Portuguesa*, Lisboa, vol.2, pp. 303 a 364.

R. MOREIRA, Rafael (2003) – “Os autores do retábulo e do cadeiral”, *Monumentos*, n.º 19, Lisboa.

MOURA, Carlos (1986) – *História da Arte em Portugal. O limiar do Barroco*, Lisboa.

A. J. OLIVEIRA, António José (2005) – “A atividade de entalhadores, douradores e pintores do Entre Douro-e-Minho em Guimarães”, *Atas do VII Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*, Porto, pp. 69 a 91.

A. J. OLIVEIRA, António José (2008) – “A atividade de Pedro Coelho, mestre escultor e entalhador, na Colegiada de Guimarães (1687 - 1713)”, *Artistas e artífices no Mundo de Expressão Portuguesa*, Porto, pp. 33 a 42.

A. J. OLIVEIRA, António José (2011) – *Clientelas e artistas em Guimarães nos séculos XVII e XVIII*, tese de doutoramento, 3 volumes, Porto.

A. OLIVEIRA, Aurélio de (1973) – “Elementos para a história do Barroco no Noroeste português”, *Revista da Faculdade de Letras*, Porto, pp. 215 a 318.

A. OLIVEIRA, Aurélio de (1995 - 1996) – “Documentos e Memórias para a história do Barroco Bracarense”, *Bracara Augusta*, vol. 46, Braga, pp. 389 a 430.

A. OLIVEIRA, Aurélio de (1996) – “Artista italiano no barroco bracarense”, *Revista da Faculdade de Letras. História*, série II, vol. 13, pp. 365 a 386.

A. OLIVEIRA, Aurélio de (1997) – “Documentos e Memórias para a história do Barroco Bracarense”, *Bracara Augusta*, vol. 47, Braga, 1997, pp. 421 a 453.

A. OLIVEIRA, Aurélio de (2000) – “Robert Smith. O cantor dos poetas do granito e do castanho dourado em Tibães”, *Robert Smith 1912 - 1975. A investigação em História da Arte*, Lisboa, pp. 209 a 234.

A. OLIVEIRA, Aurélio de Oliveira (2001) – “A Árvore de Jessé do Colégio de S. Paulo de Braga”, *II Congresso Internacional do Barroco. Atas*, Porto, 2001, pp. 141 a 150.

A. OLIVEIRA, Aurélio de (2004) – “Documentos e Memórias para a história do Barroco Bracarense”, *Bracara Augusta*, vol. 52, Braga, pp. 325 a 342.

E. OLIVEIRA, Eduardo Pires de (1993) – *Estudos sobre o século XVIII em Braga*, Braga.

E. OLIVEIRA, Eduardo Pires de (1994) – *O edifício do convento do Salvador. De mosteiro de freiras ao lar Conde de Agrolongo*, Braga.

E. OLIVEIRA, Eduardo Pires de (1996) – *Estudos sobre o século XVII e XVIII no Minho. História e Arte*, Braga.

E. OLIVEIRA, Eduardo Pires de (1999) – *Braga. Percursos e memórias de granito e oiro*, Porto.

E. OLIVEIRA, Eduardo Pires de (2001) – *Riscar em Braga no século XVIII e outros ensaios*, Braga.

E. OLIVEIRA, Eduardo Pires de (2003) – *Os alvares do Rococó em Guimarães e outros estudos sobre o Barroco e Rococó do Minho. História e Arte*, Braga.

- E. OLIVEIRA, Eduardo Pires de (2004) – *Os grandes ciclos de obras na Sé Catedral de Braga e outros estudos de arte minhota*, Braga.
- E. OLIVEIRA, Eduardo Pires de (2005) – *A igreja matriz da freguesia de São Cristóvão de Regalados*. Vila Verde, Junta de Freguesia de Pico (S. Cristóvão).
- E. OLIVEIRA, Eduardo Pires de (2006) – *A capela de São Miguel-o-Anjo*, Braga.
- E. OLIVEIRA, Eduardo Pires de (2005) – “Revisitar Marceliano de Araújo”, *Atas do VII Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*, Porto, pp. 135 a 141.
- E. OLIVEIRA, Eduardo Alberto Pires de (2011) – *André Soares e o Rococó do Minho*, tese de doutoramento, 3 volumes, Porto.
- E. OLIVEIRA, Eduardo Pires de (2014) – *Segredos de Braga*, Vila Nova de Famalicão.
- PALAVRAS, Armando (2013) – “A atividade construtora nos templos de Penaguião no século XVIII”, *Revista Teles, de Cultura Transmontana e Duriense*, n.º 59, Vila Real, pp.
- PEIXOTO, Inácio José (1992) – *Memórias particulares de Inácio José Peixoto*, Braga.
- PEREIRA, Ana Maria M. de Sousa (2001) – *A Capela de S. Geraldo da sé de Braga*, Braga.
- PEREIRA, José Fernandes (1989) – “Antunes, João”, *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, Lisboa, pp. 33 a 36.
- REIS, António Matos (1997) – *A Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Lima*, Ponte de Lima.
- ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (1994) – “Altares e invocações na Sé de Braga: a formação de um espaço Contra-Reformista”, *Museu*, n.º 2, Porto, pp. 37 a 53.
- ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (1990) – “A capela de Santa Maria Madalena do Monte da Falperra, de Braga, à luz da documentação notarial”, *Revista de Ciências Históricas*, n.º 5, Porto, pp. 231 a 269.
- ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (1996) – “As capelas de Santa Maria Madalena do Monte da Falperra – uma abordagem”, *Humanística e Teologia*, Porto, pp. 165 a 187.
- ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (1996a) – *Manuel Fernandes da Silva mestre e arquiteto de Braga (1693 – 1751)*, Porto.
- ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (1996 - 1997) – “A propósito de André Soares e do Rococó – nótulas para a revisão de um processo”, *Portugália*, vols. XVII - XVIII, Porto, pp. 283 a 292.
- ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (1999) – “Obras no convento de Santa Ana de Viana do Castelo (séculos XVII – XVIII) I- Os autores dos projetos de intervenção”, *Carlos Alberto Ferreira de Almeida in memoriam*, 2, Porto, pp. 289 a 301.
- ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (2000 - 2001) – “A adoção do Barroco nas igrejas conventuais femininas de Braga no pontificado de D. Rodrigo de Moura Teles: diálogos artísticos”, *Poligrafia*, n.º 9 – 10, Porto, pp.
- ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (2003) – *Da construção e das reconstruções: a memória de um mosteiro (Santa Maria de Arouca – XVII – XVIII)*, tese de doutoramento, Porto.
- RODRIGUES, Luís Alexandre (2006) – *A arte da talha dourada e policromada no distrito de Bragança. Documentos. Séculos XVII - XVIII*, Mirandela, 2006.

SÁNCHEZ, José Maria (1999) – “Retablistas Portugueses en las poblaciones fronterizas del antiguo reino de Sevilla a finales del siglo XVII y principios del XVIII”, *Laboratorio de Arte*, Sevilla, pp. 181 a 190.

SANTOS, Manuela de Alcântara (1995) – “Para uma biografia do mestre escultor e entalhador Ambrósio Coelho”, *Mínia*, n.º 3, Braga, pp. 133 a 155.

SARAIVA, Cardeal D. Francisco de S. Luiz (1872) – *Obras completas do Cardeal Saraiva (D. Francisco de S. Luiz), Patriarcha de Lisboa, precedidas de uma introdução pelo Marquez de Rezende, publicadas por António Correia Caldeira*, Tomo I, Lisboa.

SERRÃO, Vítor (1992) – *A pintura Proto-Barroca em Portugal, 1612 - 1657*, tese de doutoramento, Coimbra.

SERRÃO, Vítor (1998) – *André de Padilha e a pintura quincentista entre o Minho e a Galiza*, Lisboa.

SERRÃO, Vítor (2012) – *As igrejas do Salvador, São Tiago e São Pedro de Torres Novas. Arquitetura e equipamentos litúrgicos*, Torres Novas.

SERRÃO, Vítor (2003) – *História da Arte em Portugal. O Barroco*, Lisboa, 2003.

A.SILVA, Alberto Júlio (2016) – *Lugares santos de Portugal. História, lenda e devoção*, Lisboa.

H.SILVA, Hilário Oliveira (2002) – *Colocação do sacrário nas igrejas do arciprestado de Guimarães. Confrarias do Santíssimo Sacramento*, Braga.

SILVA-NIGRA, dom Clemente Maria da (1950) – *Construtores e artistas do mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro.

SMITH, Robert C. (1962) – *A Talha em Portugal*, Lisboa, 1962.

SMITH, Robert C. (1968) – “A Casa da Câmara de Braga (1753 - 1756)”, *Bracara Augusta*, vol. XXII, Braga, pp. 283 a 320.

SMITH, Robert C. (1970) – “Três estudos bracarenses”, *Belas Artes*, Lisboa, pp.

SMITH, Robert C. (1970a) – Marceliano de Araújo, escultor bracarense, Porto.

SMITH, Robert C. (1972) – *Frei José de Santo António Ferreira Vilaça. Escultor beneditino*, Lisboa.

SMITH, Robert C. (1973) – *André Soares, arquiteto do Minho*, Lisboa.

SMITH, Robert C. (1973-a) – “Três artistas de Braga (1735 -1775)”, *Bracara Augusta*, vol. XXVII, Braga, pp. 495 a 513.

SMITH, Robert C. (1974) – *Agostinho Marques, “enxambrador da Cónega”*, Porto.

SOALHEIRO, João (2000) – “Retábulo da Natividade”, *Catálogo da Exposição Cristo fonte de esperança*, Porto, pp. 78 e 79.

STOOP, Anne de (2015) – *Arquitetura senhorial do Minho*, Porto.

TEIXEIRA, Maria Emília Amaral (1958) – “Revisão de um problema: O tríptico de prata do Museu Alberto Sampaio”, *Revista de Guimarães*, 68 (3-4) Jul.-Dez., pp. 407-438.

VASSALO e SILVA, Nuno (1995) – “O tríptico da Colegiada”, *História da Arte Portuguesa*, Lisboa, vol.1, pp. 460 e 461.

VASSALO e SILVA, Nuno (1998) – “Tríptico”, *A coleção de ourivesaria do Museu Alberto de Sampaio*, Lisboa, pp. 54 a 58.

VINHAS, Joaquim Alves (1996) – A igreja e o convento de Vilar de Frades. Das origens da Congregação dos Cónegos Regulares de São João Evangelista (Lóios) à extinção do convento: 1425 – 1834, dissertação de mestrado, Porto.

VINHAS, Joaquim Alves (2004) – “O Senhor Bom Jesus de Barcelos: 500 anos de história, Barcelos.

<http://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dvdcpc.html>, consulta 09-07-2019

<http://www.diocesedeviana.pt/diocese/historia/nascimento/>, consulta 09-07-2019

<http://www.diocese-braga.pt/paroquias>, consulta 09-07-2019

<http://www.diocese-braga.pt/arciprestados>, consulta 09-07-2019

<http://www.diocesebm.pt/historiadiocese>, consulta 09-07-2019

Oh! Bela cidade Bracara
(...)

Não há na cidade quem mande
Como a magia do velho altar.
(...)

Oh! Bela cidade clerical (David Almeida, 2001).



